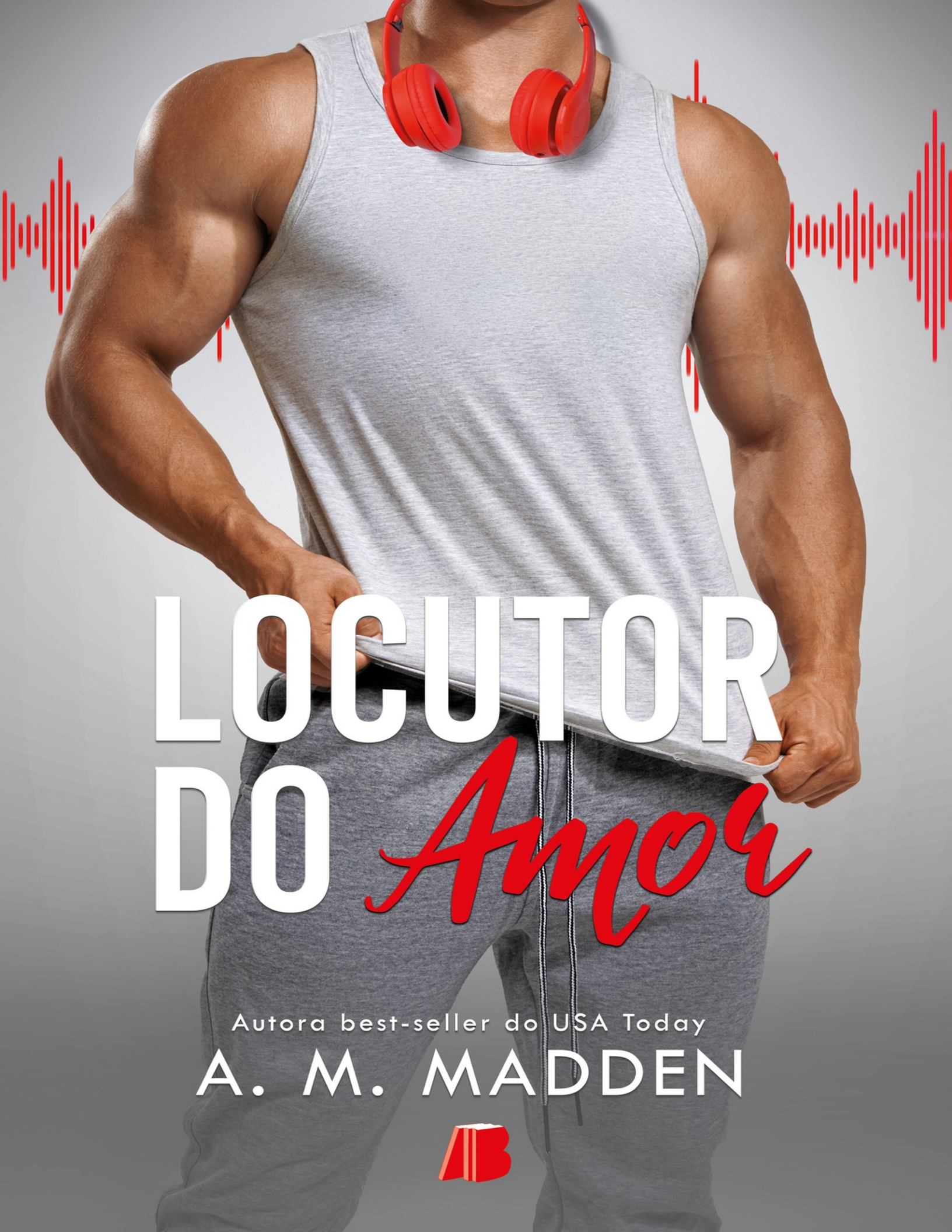




LOCUTOR DO *Amor*

Autora best-seller do USA Today

A. M. MADDEN



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LOCUTOR DO *Amor*

A. M. MADDEN

Tradução: Lorrane Rodrigues

1ª EDIÇÃO - 2024
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

© 2024 AllBook Editoria.
Todos os direitos reservados

Direção Editorial: **Beatriz Soares**

Tradução: **Lorrane Rodrigues**

Preparação e Revisão: **Clara Taveira, Raphael Pellegrini e Allbook Editora**

ISBN do impresso: **978-65-85953-12-2**

ISBN do e-book: **978-65-85953-13-9**

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção digital: **Saavedra Edições**

Capa: **Modesigner.ed**

Imagem de Capa: **Adobe Stock**

Ilustração do Miolo: **Depositphotos**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M151L

Madden, A. M.

Locutor do amor [recurso eletrônico] / A. M. Madden ; tradução Lorrane Rodrigues. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Allbook, 2024.

Recurso digital

Tradução de: Shock jock

Modo de acesso: word wide web

ISBN 978-65-85953-13-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Lorrane. II. Título.

24-92482

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária CRB-7/6643



1ª edição - 2024

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
allbookeditora.com | contato@allbookeditora.com

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[AllBook Editora](#)



Capítulo 1

— **SABE QUANDO VOCÊ ESTÁ** pressionando cada centímetro de si mesmo contra essa pessoa, e enquanto olha nos olhos dela, independentemente de ser pura luxúria ou amor verdadeiro, sente aquela pequena faísca que é forte o suficiente para pausar o tempo? Quando a antecipação do que está por vir faz seu coração bater tão forte, que você consegue escutá-lo em seus ouvidos? E então... vocês juntam seus corpos em câmera lenta, e é pura perfeição.

Meu gemido carnal não deixou que aquilo ficasse apenas na imaginação. Depois de uma pausa dramática, continuei:

— A cada movimento, a pressão aumenta, até que você não aguenta mais. E pela graça do universo, seu orgasmo se libera à força com cada grama de energia sexual do seu corpo, deixando-o drenado. A experiência é ir ao céu e ao inferno ao mesmo tempo. Você não quer que isso acabe, mas, se não acabar logo, você nunca vai se recuperar. Aquela sensação que você tem quando está prestes a gozar — não há nada nesta maldita Terra que chegue perto. Não importa se o sexo foi alucinante, medíocre ou mesmo rotineiro, se feito corretamente, o momento em que você goza é sempre um nirvana.

— Porra, cara... — Hank pausa e completa: — Uau, ficou quente aqui?

— É sempre quente aqui. — Meus olhos se voltaram para o relógio na parede. O tempo voou em velocidade supersônica, e eu ainda tinha tanto a dizer. Mas estava sem tempo, e naquela última hora, eu tinha que apenas ouvir.
— Ok, Los Angeles. Vamos para as linhas telefônicas, já que elas estão se

iluminando que nem fogos de artifício no Quatro de Julho. Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Oi, Vaughn. Meu nome é Susie. Eu só queria te dizer que o som da sua voz sexy foi a última coisa que eu ouvi todas as noites antes de ir para a minha cama.

— Obrigado pelo seu apoio, Susie. Nada precisa mudar. Te vejo na Galaxy no próximo mês. Combinado?

— Eu estarei lá.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Ei, Vaughn. Eu queria te agradecer por me ajudar a passar por um dos piores momentos da minha vida.

— Estou feliz por poder ajudar, e agradeço por me contar isso. Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— O prazer é meu, obrigada. Vaughn, por causa de você eu não sinto mais vergonha de tentar coisas novas e pedir para fazer o que eu quero. Agora eu conheço meu corpo intimamente, e isso transformou minha vida sexual entediante em uma boa para caralho.

— Ah, querida, tenho certeza de que você mandou ver. Agradeço que tenha me contado. Obrigado. Toda mulher merece que suas pernas fiquem tremendo. Seu prazer sempre em primeiro lugar. Você está ao vivo com Vaughn.

— Oi, Vaughn... Antes de você, o sexo oral era sem graça, até que eu percebi que ele apenas não sabia me chupar.

— Querida, se seus dedos dos pés não estão se enrolando, ele não está fazendo certo.

Chamada após chamada era mais do mesmo. Com a forma como o painel se iluminava, não havia tempo suficiente para atender todo mundo. Alguns dos meus ouvintes conseguiam, enquanto milhares de outros esperavam, e esperavam, torcendo para serem atendidos. Alguns com quem eu nunca tinha falado antes fizeram questão de me dizer que estavam me ouvindo há anos, mas eram tímidos demais para ligar. O apoio, os votos de felicidades e os elogios

vieram em peso, e o tempo se esgotou antes que eu pudesse falar com todos eles.

Não eram apenas as mulheres ligando para elogiar meu trabalho, os homens também tinham seus agradecimentos a dar.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Você é um gênio. Depois de ouvir seu programa sobre sedução a prova de idiotas, minha esposa agora quer fazer mais sexo do que eu.

— Certifique-se de continuar a agradando, e ela continuará agradando você. Você está ao vivo com Vaughn.

— Por sua causa, ela finalmente tentou anal e adorou. Obrigado, cara.

— De nada. Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Cara, aquela dica que você deu no ar sobre como chupar um... Hm...

— Ninguém liga para palavreado, não se preocupe. Vá em frente.

— Desculpe, quero dizer chupar um pênis. Minha namorada tentou em mim. Brilhante, cara... simplesmente brilhante.

— Funciona sempre. Você está ao vivo com Vaughn.

— Vaughn, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você tem mais de um metro e oitenta de altura. Com seu corpo incrível, cabelos castanhos escuros, olhos cinza cor de aço, sorriso de matar e a voz mais sexy que eu já ouvi em toda a minha vida, como você ainda está solteiro?

Eu soltei uma risada pela linha telefônica.

— Não sei bem. Acho que ainda não conheci a mulher certa.

— Eu me caso com você. Vou me mudar para Nova York, ter seus filhos, alimentá-lo com uvas e te fazer massagens. Vou até realizar qualquer ato sexual que te faça feliz, incluindo anal.

— Essa é uma oferta e tanto. Mas eu sou rabugento, teimoso e desorganizado, pergunte à minha assistente.

— Não tenho problemas com isso. Seu produtor tem o meu número se você mudar de ideia. Eu faço um oral incrível — disse ela antes de desligar.

Hank, meu produtor, se mexeu em sua cadeira e deu de ombros para o meu sorriso. Como profissional, eu consigo me manter neutro frente ao erotismo discutido em detalhes durante o trabalho. A maioria dos caras com quem trabalhei, e até mesmo algumas das mulheres, não eram tão capazes de esconder sua excitação durante as ligações.

Depois de estar no ar na *WJAR FM Los Angeles* por pouco mais de cinco anos, já ouvi de tudo. Com o tempo, conquistei uma base de fãs e tanto. Alguns dos críticos argumentaram que o conteúdo do meu programa que me tornou popular. Porra, é óbvio. Sexo vende. Mas depende de quem está vendendo. Eu não me lembro de a Doutora Ruth ter sido apelidada de *terapeuta sexual mais sexy que existe*.

Sim, minha voz os envolve. Mas depois que ficam um pouco envolvidos, ouvem meus conselhos, me procuram na internet e veem meu rosto, eles se tornam fãs para a vida toda – especialmente as mulheres. A maioria entre vinte e cinquenta anos no sul da Califórnia já tinha ouvido falar do Dr. Vaughn Lair.

Ganhei o prêmio *Best on the Air* por três anos consecutivos, fui destaque na edição *Hottest Doctors to Watch* da *Hot Button Magazine* e fui apelidado de “terapeuta sexual mais sexy do rádio”. Sim, eu posso não ter sido a primeira pessoa a trazer a terapia sexual para as ondas de rádio, mas deixei minha marca ao fazê-lo.

Sou PhD em psicologia, e foi estudando terapia sexual que encontrei minha paixão. Ajudar os casais a vencer as barreiras que os impediam de ter uma vida sexual saudável é o meu forte... e meu bilhete dourado para ingressar em uma carreira no rádio. Ninguém da minha geração abordou a infinidade de problemas que poderiam atrapalhar uma vida sexual, tanto psicológica quanto fisicamente... até agora. Fiz isso fundindo minha prática sexual clínica com sensualidade e humor.

Adicionei uma voz rouca profunda, que acabou sendo a fórmula mágica para o sucesso no rádio.

Naquela noite, minha incrível jornada no rádio FM terminaria, para que eu me mudasse para o rádio pago por satélite.

Onde a censura não era uma constante pedra no meu sapato.

Onde o dinheiro era abundante.

Onde eu estava prestes a fazer história na radiodifusão.

Cinco minutos antes das onze, Hank balançou a mão abaixo do queixo sinalizando a hora de terminar.

— Bem, Los Angeles... tem sido uma ótima jornada. Vocês tornaram isso tudo possível. Noite após noite, vocês ligaram trazendo suas perguntas, histórias e problemas. Noite após noite, vocês me deram o privilégio absoluto de entrar em suas vidas sexuais e ajudá-los a torná-las melhores. O sexo é um componente muito importante para o nosso bem-estar, um componente necessário. Não é segredo que o sexo aumenta a autoestima e reduz o estresse. Estudos têm demonstrado que a intimidade através de relações sexuais consensuais saudáveis melhora a saúde geral. É, sim, blá, blá, blá... Em suma, o sexo é bom para você. Então continuem fazendo.

“Posso estar me mudando para Nova York, mas meu coração sempre estará em Los Angeles. Este não é um ‘adeus’, e sim um ‘até logo’. Espero ouvir vocês no próximo mês, na primeira vez em que eu virar esse interruptor *NO AR* na Galaxy Satellite Radio. Então, até lá, vou deixar todos vocês com mais um conselho muito importante. Eu já pedi ao meu amigo que controla o microfone para deixar rolar. Eu digo isso sabendo muito bem que vou ser multado, mas dane-se. Eu poderia muito bem sair com um estrondo da porra... Trocadilho intencional. Pela última vez na *WJAR. FM Los Angeles*, este é o Dr. Vaughn Lair. Lembrem-se de trepar com todo o seu coração, e trepar como se sua vida dependesse disso. Boa noite, L.A.”



Cinco minutos depois de chegar em casa ao voltar da estação, minha campainha tocou. Antes de abrir, eu já sabia quem era e por que ela estava lá depois da meia-noite.

— Foi um bom programa — disse ela quando abri a porta.

— Obrigado.

Haven entrou no meu saguão segurando uma garrafa de Dom Pérignon.

— Eu sei que está tarde, e sua festa é sábado, mas devemos brindar agora ou vai dar azar.

— Claro que devemos. Não seria bom se caísse uma tempestade ou algo assim.

— Bate na madeira! — ela gritou.

Com um suspiro, dei algumas batidas no batente da porta antes de levá-la para a cozinha. Haven Castell era minha melhor amiga, assistente pessoal e a pessoa com TOC mais pé-no-saco que eu já conheci. Certas coisas precisavam acontecer em determinados momentos, e, ao longo dos anos, descobri que era mais fácil ir na onda dela do que tentar argumentar.

Ela observou enquanto eu tirava duas taças de cristal do armário. Quando ela tirou a jaqueta, eu ri da sua camiseta velha do Patolino e das calças de ioga.

— Estou vendo que você se arrumou.

Diante do meu comentário, ela olhou para baixo e deu de ombros.

— Por que desperdiçar um look?

Diferente de todas as garotas que eu namorei, ela raramente usava maquiagem, vivia de calças de ioga e camisetas, e sua bagunça de cachos castanhos estava sempre presa em um rabo de cavalo casual. Se ela precisasse se vestir para uma ocasião, calças pretas e uma blusa de seda seriam sua escolha. Engraçado, ela não precisava do ritual de preparação como a maioria das meninas.

Com cabelos naturalmente encaracolados, grandes olhos castanhos e curvas em todos os lugares certos, Haven era dona de uma beleza natural.

Haven nunca foi de seguir a maioria, ela preferia caminhar no seu próprio ritmo. Quando eu estava na UCLA, namorei sua colega de quarto, Chelsea. Haven entrou e viu minha bunda de fora enquanto eu estava em cima de Chelsea na cama. Nossos corações pularam para fora do peito com a invasão. Tranquila, Haven ficou sorrindo para nós por um longo minuto. Ela então balançou a cabeça e foi pegar uma garrafa com água dentro do frigobar.

— Você esqueceu de amarrar um lenço na maçaneta, Chels... e seja lá quem estiver aí, bela bunda — gritou antes de sair do dormitório.

Aquele dia me rendeu o apelido Bundão, e eu passei a chamá-la de Pervertida.

Alguns meses depois, meu relacionamento com Chelsea terminou mal. Haven e eu nos cruzamos várias vezes naquele ano em festas e no campus. Quando a encontrei na época das provas finais no Starbucks do campus brigando com o barista, fiquei por perto no caso de ela precisar de alguém para tirá-la da prisão. No segundo ano, nos tornamos grandes amigos.

Suas habilidades organizacionais loucas foram uma das razões de ela trabalhar para mim. A outra foi porque seu diploma de Artes não conseguiu ajudá-la a encontrar um emprego depois que nós nos formamos.

Um dia, no almoço, ela estava à beira das lágrimas enquanto desabafava sobre o quanto desprezava buscar café para o idiota para quem trabalhava. Na época, eu era novo no rádio e, brincando, disse que a pagaria para ser minha assistente até que algo melhor surgisse. A piada se tornou uma oferta verdadeira quando os meses se transformaram em um ano sem melhores perspectivas para ela. Haven Castell está comigo desde então. Ela manteve minha vida sã e organizada, e eu a paguei bem por isso.

Mais importante ainda, ela era minha melhor amiga, a única pessoa que sabia tudo a meu respeito e nunca mentiu para mim. A honestidade é a base da nossa amizade. Ambos são brutalmente honestos, e é por isso que funcionou tão bem.

— Então, você não resistiu, hein, Bundão? — ela perguntou com um sorriso pretensioso.

Eu sabia exatamente a que se referia a sua pergunta.

— Não — eu disse e dei uma risada curta. — A FCC me multou tantas vezes ao longo dos anos, que eu precisava de algo para botar no rabo deles e rodar. Sem dúvida, eles sentirão falta das minhas contribuições na conta bancária deles.

— Você poderia parar com isso de vez em quando.

— Não. Você sabe que eu sou assim.

— Se com “assim” você quer dizer minha fonte diária de azia, sim... você é assim. Não vou sentir falta de enviar esses cheques.

— Tenho certeza de que encontrarei outra coisa para te dar azia quando chegarmos a Nova York.

— Eba, eu mal posso esperar — ela respondeu com sarcasmo fingido antes que um sorriso enérgico iluminasse seu rosto. Ela observou enquanto eu enchia a taça antes de tirá-la da minha mão e levantá-la em um brinde. — A uma nova e emocionante carreira para nós dois. — Encostamos as taças e tomamos o gole de boa sorte obrigatório. Quando deixássemos as taças de lado, significaria que acabou o Dom Pérignon. Nós não gostamos de champanhe.

— Falando em novas carreiras, você se inscreveu para as aulas?

— Sim, está tudo pronto. O semestre começa no final de janeiro.

A Galaxy veio até mim. Eu não tinha um agente e não queria que ninguém me representasse. Eu tinha sido solicitado por alguns, e acabei tendo um relacionamento baseado em sexo com uma, efetivamente colocando um fim na nossa relação agente-cliente. Lição aprendida.

Senti que, com o meu advogado e Haven, tinha todo o apoio de que precisava. Haven discordou veementemente. Ela achava que quanto maior eu ficasse, mais eu precisaria do sistema de apoio adequado. Então, minha resposta a isso foi que eu queria que ela me representasse. E ela respondeu:

— *Tá bom, então vou voltar para a faculdade para fazer isso da maneira certa.*

Quando chegasse em Nova York, ela faria cursos de marketing e direito do entretenimento na NYU. Enquanto isso, com a ajuda do meu produtor, ela me agendou nos três maiores programas de auditórios noturnos, e alguns durante o dia. Depois das festas de fim de ano, eu me mudaria para o outro lado do país, começaria minha turnê de imprensa e meu novo emprego, tudo organizado com detalhes pela minha melhor amiga.

— Eu ainda acho que você precisa de um profissional.

— Quem se importa com o que você pensa?

— Se você tivesse me escutado anos atrás...

— Cala a boca, Pervertida.

Sua resposta foi me dar o dedo enquanto ostentava um sorriso.

— Ai — ela disse quando eu me inclinei e mordi seu dedo do meio.

— Para de insistir. Já tivemos essa discussão várias vezes. Chega de arrependimentos.

Haven vivia sempre arrependida por causa de alguma coisa. Na última vez, ela passou três anos com seu ex cuzão. O babaca foi de quieto, tímido e reservado para um ator de quinta desagradável, boca grande, cujo ego ficou maior que o próprio corpo. No dia em que ele terminou com ela, fiz de tudo para não aparecer em seu condomínio de riquinho em L.A e espancá-lo. Não porque eu sentisse que eles formavam o par perfeito, mas porque ele partiu o coração dela.

— Tudo bem, chega de arrependimentos. Na verdade, eu fiz uma lista de lugares para irmos. É hora de começar a viver.

— Essa declaração me emociona e assusta para caralho — murmurei.

— Por quê?

— Porque eu prevejo algumas atividades ridículas no meu futuro. Você sabe o quanto eu odeio esses passeios e toda essa merda turística. — Ela deu de ombros com um sorriso torto no rosto. — Saco.

Verdade seja dita, assim como eu faria qualquer coisa pela minha família, eu faria qualquer coisa por Haven. Havia uma vantagem no seu rompimento com o idiota. Quando aceitei a proposta da Galaxy, estava convencido de que a perderia. Suas raízes estavam fixas na Califórnia. Mas uma vez que seu relacionamento terminou, ela disse que precisava de uma mudança, então me surpreendeu dizendo que se eu ainda a quisesse, ela trabalharia para mim em Nova York.

— Você vai para a casa dos meus pais para o jantar de Natal? — perguntei, sabendo que ela não perderia por nada no mundo. Haven adotou meus pais anos atrás. Como sou filho único, eles a acolheram em suas vidas como a filha que nunca tiveram.

Ironicamente, Haven foi realmente adotada. Apesar disso, sua história não foi uma daquelas tragédias em que um bebê acaba com pais abusivos e passa os anos seguintes tentando fugir deles. Os pais adotivos de Haven são pessoas adoráveis. Sua irmã, Ruby, também adotada, é uma menina doce e de bom coração.

Haven amava sua família, mas nunca conseguiu superar o fato de que os pais biológicos desistiram dela. Muitas vezes, ao longo dos anos, ofereci ajuda para encontrar seus pais biológicos. Ela recusou absolutamente. Preferiu acreditar na

história que criou em vez de ouvir a verdade. Em seu coração, ela *precisava acreditar* que sua mãe não teve escolha a não ser abrir mão dela. Mas senti que, sem um fechamento, o não saber a levava a uma luta constante contra a sensação de abandono.

Ao mencionar minha família, outro sorriso iluminou seu rosto.

— Claro que vou. Eu tenho mantido sua mãe atualizada com o seu itinerário. Presumo que você também viu, certo?

— Sim. Obrigado. — Logo após o Ano Novo, eu começaria uma turnê de imprensa, começando em Los Angeles, depois em Chicago, e desembarcando em Nova York no dia cinco de janeiro. — Você tem certeza de que não quer vir?

— Tenho certeza. Eu tenho muito a fazer, e se você precisar de mim, estou a uma ligação de distância. Eu estarei lá no dia 15 de janeiro, alguns dias antes do seu primeiro programa. Você acha que pode ficar sozinho por dez dias?

— Sim — respondi com um revirar de olhos exagerado. — Apesar do que você pensa, eu *posso* sobreviver sem você.

— Vamos ver — disse ela com um sorriso diabólico. — Aposto vinte dólares que você vai ficar maluco.

— Apostado.

Seus olhos desviaram para o telefone e arregalaram. Ela o virou antes de enfiá-lo na minha cara.

— Uma e onze da manhã, rápido, faça um desejo!

Eu revirei os olhos para sua peculiaridade estúpida e murmurei:

— Sim, eu que sou maluco.



Capítulo 2

O MUNDO TINHA UM CASO de amor com a cidade de Nova York, e eu nunca entendi o porquê. Às vezes, eu sentia que era a única pessoa na Terra que pensava que era uma cidade fedorenta, bruta e nojenta. Toda vez que eu voltava, e desde que me tornei adulto podia contar as vezes em uma mão, não me sentia atraído por nada.

Buzinas estridentes e um mar de faróis deixaram pouca esperança de que nos moveríamos no trânsito. Depois de pagar, saí do táxi no meio da Quinta Avenida, forçado a andar os últimos quarteirões. Cada ruído de meus mocassins de couro ridiculamente caros na neve imunda, marrom e coberta de fuligem me causava arrepios. O ar estava tão gelado, que minhas bolas entraram no meu corpo, implorando para que voltássemos para Los Angeles.

Apertei meu casaco, tremendo, e acelerei o passo. Apenas mais um quarteirão, e eu poderia descongelar e comer algo pela primeira vez no dia. Eu não estava acostumado a tomar mais do que um café, a menos que ficasse irritado... como eu estava naquele momento.

Fazia uma semana que eu tinha chegado, mas, caramba, eu sentia falta da Califórnia.

Quando entrei no restaurante, suspirei de alívio. De acordo com o meu relógio, eu estava quinze minutos atrasado. Por causa do tráfego imoral que entope a maioria das ruas, poderia facilmente ter sido um atraso de horas. Minha prima Lizzy entenderia. Ela era uma santa, muito tranquila.

O calor do restaurante foi uma mudança imediata e bem-vinda em comparação à temperatura masoquista lá de fora. O cheiro de dar água na boca, alho e ervas, fez com que meu estômago desse seu próprio suspiro de alívio e minha ira se acalmasse.

Examinei o lugar lotado e vi Lizzy em uma mesa no canto aos fundos. A anfitriã olhou para cima com expectativa quando me aproximei, um sorriso lento se abrindo por seus lábios enquanto ela se concentrava no meu rosto.

Quando eu devolvi um sorriso, ela mordeu o lábio inferior, me olhando por baixo dos cílios.

— Bem-vindo ao Novoli. Como posso ajudá-lo? — perguntou ela com os olhos colados aos meus.

— Minha amiga está em uma mesa nos fundos.

Ao som da minha voz, o sorriso desapareceu de seus lábios, e eles se separaram, deixando escapar um pequeno suspiro. Sua reação foi típica. Eu não estava brincando quando disse que tinha uma ótima voz de rádio. Uma ex minha me disse que eu poderia fazer qualquer coisa soar sexy, e eu gostava de testar essa teoria com frequência... pesquisa de campo.

A recepcionista loira piscou algumas vezes antes de limpar a garganta.

— Posso pegar seu casaco, senhor...?

— Lair. Sim, muito obrigado. — Passei para ela o casaco e o cachecol, com outro sorriso.

Depois de me entregar o bilhete para a devolução do casaco, ela colocou a mão no meu braço e perguntou:

— Lair? — Pela maneira como inclinou a cabeça para o lado, pude ver as peças se encaixando em sua mente.

Antes que ela entrasse naquela conversa que eu odiava ter sobre meu primo estrela do rock, ofereci um sorriso curto.

— Obrigado.

Com uma expressão abatida, ela balançou a cabeça enquanto eu me afastava.

No meio do restaurante, Lizzy me viu e acenou. Ela se levantou quando eu me aproximei de sua mesa, permitindo-me puxá-la para um abraço.

— Ei, Liz. Sinto muito pelo atraso.

— Não se preocupe. Haven me mandou uma mensagem para dizer que acabou a bateria do seu celular — disse ela antes de se sentar. — Ela me pediu para te dar um recado: “Você me deve vinte dólares”.

Sentei-me em frente a ela, meu gemido a fazendo rir. Eu estava ao telefone com minha assistente sempre-eficiente durante a viagem de táxi quando anunciei que estava preso no trânsito e esqueci de carregar o aparelho. Momentos depois, a bateria acabou. Claro, ela avisou à Lizzy que eu estava a caminho sem nenhuma forma de comunicação.

— Eu vejo que você ainda está todo atrapalhado, Vaughn.

— É essa maldita cidade. Estou todo desconcertado.

— Sim, vamos culpar Nova York e ignorar o fato de que você era exatamente igual na Califórnia. Haven merece um aumento.

— Não vou negar. — Era a verdade absoluta. — Ela recebeu um bom bônus de Natal. Só não a encoraje, por favor. Aquela mulher já está se achando porque acha que eu não consigo sobreviver a um dia sem ela.

— E você está provando que ela está certa. Você vai sobreviver até ela chegar aqui semana que vem?

— Me mata admitir, mas, não. — Levantei meu celular sem bateria e sorri, sarcástico. — Isso é óbvio, já que eu nem consigo me lembrar de carregar a droga do meu celular.

— Como alguém tão bonito e bem arrumado como você não consegue nem amarrar os próprios sapatos?

— Muito engraçado, espertinha. — Não era um segredo que eu precisava de alguém para gerenciar minhas coisas.

Lizzy levantou sua água em um brinde simulado.

— Parabéns, você é oficialmente nova-iorquino.

— Eu sei, não é incrível? — perguntei com um sotaque exagerado de Nova York. Minhas palavras contradiziam minha expressão.

Ela riu e fez um gesto com a mão.

— Para com isso. Você vai se acostumar.

— Duvido. Como você suporta o clima, o trânsito, o barulho constante? É melhor que este trabalho valha a pena.

— Você está prestes a ser a voz mais sexy do rádio de uma ponta à outra do país. Seu rosto apareceu em todos os programas noturnos de Jimmy, Johnny ou James que existem. Eu não posso olhar ao redor sem ver sua foto na lateral de um ônibus ou em um outdoor. Acho que nós podemos concordar que já valeu a pena.

— É. Eu não quero parecer ingrato, é só que eu e o inverno não nos damos bem. Com sorte, na primavera meu humor vai melhorar.

— Quando você entrar no ar fazendo o que ama, seu humor vai melhorar. Eu sei que você sabe que o Galaxy Satellite Radio é bem grande, Vaughn, e tenho certeza de que você garantiu que valeria a pena a mudança para Nova York.

O garçom chegou com uma cesta de pães e interrompeu nossa conversa. Esperei que ele anotasse nossos pedidos de bebida e jantar, e quando ele se afastou, continuei.

— Ah, eu garanti. Eles estão me pagando uma fortuna.

— Sim, o apartamento elegante do Upper West Side que você comprou confirma isso.

— Até junho chegar, ele vai me ajudar a superar minha raiva por esta cidade.

— Isso e, sem dúvida, aquele pequeno carro esportivo do ano que você comprou também.

— Sim, isso também — admiti com um sorriso travesso. — Eu amo aquela Beemer.

Um sorriso deslumbrante iluminou seu rosto. Minha prima era linda e casada. Lizzy e seu marido, Evan, eram boas pessoas. Houve um tempo em que eu tive uma queda por ela. Nossos pais são primos, o que nos torna primos de segundo grau, terceiro? Algo assim... Então nós quase não somos parentes. De qualquer forma, seu irmão, Jack, teria chutado minha bunda se eu tivesse feito alguma coisa quanto a isso.

Houve um tempo em que passávamos feriados juntos e férias juntos. Nossos pais eram muito próximos durante nossa infância. Quando eu tinha treze anos, meu pai foi transferido para a costa Oeste, e ver nossos parentes na costa Leste tornou-se uma ocorrência rara. Lizzy e eu nos reaproximamos quando soube

que ela estava se formando em psiquiatria. Eu estava um ano à frente na faculdade, e nossas profissões relacionadas fizeram com que uma amizade de longa distância florescesse.

Enquanto ela montava seu consultório em Nova York, trabalhei para fazer meu nome no rádio em Los Angeles. Quando me ofereceram uma vaga sindicalizada na Galaxy Satellite Radio, depois de contar para Haven, Lizzy foi a próxima pessoa que eu liguei. Ela sabia que me mudar para Nova York era a única coisa que eu odiei na oferta. Ela ouviu minhas queixas patéticas sobre me mudar no inverno e disse: *“Aceita logo a droga do trabalho, Vaughn”*.

E eu aceitei.

Isso foi há três meses. Desde então, Lizzy e Haven têm sido presentes de Deus me ajudando com a mudança. Durante uma viagem de fim de semana, Lizzy me apresentou a um corretor de imóveis. Em apenas um dia, eliminamos todos os lugares que não se encaixavam na minha lista de requisitos. No domingo, encontrei meu novo lar. Antes que eu percebesse, tinha voltado à Califórnia pronto para encaixotar minha vida anterior e começar a nova. Haven então se encarregou de organizar minha mudança para o outro lado país.

— Então, como você está, Liz? Como está o baixinho?

— Michael está ótimo. Ele adorou o trem que você comprou para ele. Nem acredito que ele já tem dois anos.

— Passou rápido mesmo. E a vida de casada está indo bem?

Se possível, seu sorriso se iluminou ainda mais com a menção ao marido.

— É ótima... Está difícil porque ele fica muito tempo longe, mas ainda é ótima. Evan e a banda estão se apresentando no Canadá agora. Voltarão em poucos dias.

— A esposa de uma estrela do rock, a irmã de uma estrela do rock e a prima da maior personalidade do rádio deste país. Você é uma garota de sorte.

— Vocês que são os sortudos por me terem — brincou antes de tomar um gole de sua água.

— Concorde. Eu queria... — Nossos aperitivos chegando me impediram de continuar. Quando estávamos mais uma vez sozinhos, eu adicionei: — Eu

queria te agradecer por todos os seus conselhos, Liz.

— De nada. Estou muito orgulhosa de você, Vaughn. Você não se lembra do que eu lhe disse quando você conseguiu seu horário em Los Angeles depois do doutorado? Nós dois sabíamos que você não era do tipo que ficaria em um consultório ouvindo os problemas de seus pacientes. Eu sabia que este seria um bom caminho para você.

— Obrigado.

— Além disso, sua voz é seu melhor trunfo, e nós dois sabemos que seu rosto é mais adequado para o rádio.

— Cala a boca, pirralha.

Lizzy riu com um encolher de ombros.

— Você sabe que estou brincando. Você é um Lair: beleza e arrogância estão no seu sangue. Você não tem escolha.

— Mais uma vez, é verdade. Embora seu irmão seja bem mais arrogante.

— Você está com inveja porque ele é uma grande estrela do rock.

— Ah, sim. Todas as noites eu vou para a cama desejando ser o Jack Lair.

— Vou dizer a ele que você disse isso.

— Certifique-se também de dizer que ele é meu ídolo — adicionei com um revirar de olhos.

Ela acariciou meu braço e disse:

— Agora que você está aqui em Nova York, você mesmo pode dizer a ele. Quando ele voltar para a cidade, vai querer te ver.

— Eba — eu disse fingindo sarcasmo antes de beber meu vinho.

Jack e eu não nos víamos desde que ele viajou por Los Angeles com sua banda anos atrás. Na época, eu estava terminando meu doutorado. O Devil's Lair ainda não havia sido descoberto e estava tocando no circuito de pequenos bares, participando de qualquer competição de bandas que pudessem encontrar. Foi pouco depois que eles foram convidados a se juntar ao MACE em turnê, e o resto é história.

Eu estava muito orgulhoso do meu primo, mas desde que ele encontrou a fama, minha vida tornou-se muito difícil. Uma vez que as mulheres confirmaram que eu estava de fato relacionado ao Deus do Rock, os gritos

começavam logo antes de perguntas específicas sobre Jack serem arremessadas em mim. Descobri, nos últimos anos, que negar que éramos parentes era muito mais fácil para a minha vida e para os meus ouvidos.

— Estou ansioso para me reconectar com ele.

— Temos todos que nos reunir em breve. Eles fazem um concerto beneficente todos os anos com a banda do Evan em abril. Vou arranjar ingressos para nós dois.

— É uma boa. Não conte a Haven. Vou surpreendê-la. Ela sempre quis vê-los tocar.

— Feito. Então, me diga com qual formato você decidiu seguir — disse Lizzy enquanto se servia de um pedaço de pão. O garçom reapareceu para servir nossas refeições antes que eu pudesse responder. Uma vez que ele saiu, nós comemos enquanto eu a atualizava sobre o esboço do meu novo programa, *The Love Lair*.

Eu mal podia esperar para aparecer ao vivo em poucos dias. Quanto mais eu compartilhava com Lizzy, mais minha animação crescia.

Eu estava prestes a fazer história no rádio, e para isso, eu estava pronto para caralho.



Capítulo 3

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR QUE as opiniões eram como bundas e todo mundo tinha uma? Bem, de todos os bundões por aí, os de terno corporativo que me cercavam não tinham opinião alguma para me oferecer. Quando se tratava de saber como interagir durante um programa ao vivo, era melhor receber conselhos do meu porteiro... pelo menos ele ouvia rádio com frequência.

No entanto, eles se sentaram ao redor de uma enorme mesa de conferência de mogno e saíram cuspindo ideias e opiniões que me davam calafrios.

Meus olhos se conectaram com os da minha produtora do outro lado da mesa. Ela ergueu uma sobrancelha em uma bronca silenciosa... provavelmente devido ao fato de que eu estava constantemente soltando ar pelo nariz, revirando os olhos e bufando.

Que se dane. O que eles iam fazer, me demitir? Meu programa estrearia em dois dias e, graças ao meu advogado, meu contrato estava blindado por um ano.

Com a menção de criar um dia de apreciação do ouvinte, eu não consegui mais me conter.

— Senhores, esta não é a estação pop que atende adolescentes apaixonados por Justin Bieber. Minha educação e minha experiência em terapia sexual falam por si. Eu não preciso de truques para me ajudar a construir uma audiência. Tudo o que eu preciso é do meu primeiro programa sendo orgânico e sem censura.

Eu foquei em cada um deles para reforçar o meu ponto. A censura da rádio regular me impediu de ter a licença criativa necessária ao explicar situações sexuais em detalhes. Vir para a Galaxy Satellite Radio me daria a garantia de falar francamente sem ter de me segurar em nada... desde que os executivos não me atrapalhassem.

Eu não achei que eles apenas me dariam todo o poder. Não era assim que a indústria nos Estados Unidos funcionava. Mesmo assim, eu precisava me firmar agora para fazer o programa do meu jeito.

— Vaughn. — Meu olhar se voltou para o gerente-geral, e esperei que ele falasse. — Você está certo. Este é o primeiro programa desse tipo, e estamos, em essência, indo na cara e coragem. Apesar da maneira conservadora como administramos a Galaxy, vamos deixar você fazer o que quiser. Vamos nos reunir em duas semanas para avaliar o sucesso do programa. Como dizem os anúncios em todo o país, você é o Rei do Romance.

Sem olhar, eu sabia que os seis pares de olhos estavam em mim. Se ele espera de mim sucesso ou o fracasso ficaria claro dali a quatorze dias.

— Sem pressão.

— Nós acreditamos em você, Vaughn.

Não importava se eram palavras vazias, já que meu contrato me dava três milhões por um ano, com renegociações no final desse tempo. Se eu estivesse no ar ou não, eu seria pago. A maioria não se importaria se o último acontecesse, sabendo que estaria garantida por pelo menos um ano. Eu me importava. O fracasso não estava no meu vocabulário.

— Obrigado, Paul — foi tudo o que eu disse em resposta.

Depois de algumas gentilezas serem trocadas, algumas perguntas sobre como eu estava me ajustando em Nova York serem feitas e de me listarem os lugares em que eu precisava jantar, pareciam que horas tinham se passado desde o momento em que Natalie e eu estávamos sozinhos.

Eu a conheci quando o Galaxy me fez uma proposta. Foi ideia de Natalie combinar o formato *locutor irreverente* no rádio via satélite com a terapia sexual e distribuí-lo de costa a costa. Enquanto viajava a negócios por Los Angeles, ela ouviu meu programa. Gostou do que eu tinha a dizer e como eu soava, pegou um voo para Nova York e lançou a ideia para a Galaxy. Eles adoraram, e uma

semana depois, eu estava na sede corporativa deles discutindo minha nova carreira.

Então, acho que devo uma à minha produtora por essa oportunidade. Claro, meu sucesso também a beneficiaria. Natalie receberia um bônus impressionante se o programa decolasse.

Na noite em que assinamos nossos contratos, ela e eu comemoramos no Palm. Infelizmente, Natalie era exatamente o meu tipo – alta, loira, curvilínea e inteligente. *Felizmente*, Natalie estava em um relacionamento, deixando-a fora da jogada.

Ficar com ela complicaria as coisas da pior maneira possível. Principalmente porque minha data de validade nos relacionamentos era em média de três meses, mas meu contrato com a Galaxy seria o triplo disso. Sobrariam nove longos e estranhos meses em que eu teria de trabalhar com Natalie depois que nós terminássemos... porque sempre termina.

Havia muitos peixes no mar, especialmente peixes com os quais eu não precisava trabalhar diariamente.

— Então, isso foi... divertido — disse ela com sarcasmo depois que o último homem de terno fechou a porta atrás de si.

— Eles devem estar acostumados com a incompetência por aqui.

Seus lábios cor de rubi se abriram em um sorriso lento.

— Bem-vindo à Galaxy. Estou nesta empresa há cinco anos. Acredite em mim quando digo que eles devem ter fé no seu talento.

— Por que você acha isso? Porque eles recuaram?

Ela balançou a cabeça, transformando o sorriso comum em um pretensioso.

— Não, porque você está aqui.

Deixei minha exasperação aparecer no meu rosto.

— Vocês me procuraram.

— Sim, nós procuramos, Vaughn, em um golpe de fé. Fé em você, fé em mim e fé de que ninguém tem um programa como esse atualmente. Os outros programas sexuais são clínicos. Você traz sensualidade para a jogada, e os ouvintes adoram essa merda. Mas isso não significa que a Galaxy não esteja

receosa. O sucesso deles veio através de rotas seguras, você sabe... O tradicional é mais seguro.

Eu sabia disso. Ouvi-la novamente fortaleceu ainda mais quão tenaz e persuasiva minha produtora poderia ser.

— Quando lancei a ideia de *The Love Lair*, lembrei a eles que não eram conhecidos por serem inovadores. A Galaxy é muitas vezes chamada de jurássica, mesmo a indústria do rádio por satélite ser conhecida como inovadora. Sim, eles abriram portas no negócio, mas são sempre os últimos a modernizar as coisas. — Natalie balançou a cabeça em exasperação. — Eles são muito teimosos. Mas depois da minha comovente recapitulação do nosso sucesso nos últimos dois anos, eles finalmente me ouviram. Essa foi a verdadeira razão pela qual você recebeu essa oportunidade. Paul reconheceu que as coisas tinham que mudar, e ele está apostando em você para que isso aconteça.

— Está feito.



A planta aberta do meu apartamento não era nada parecida com a casa tradicional que eu tinha em Los Angeles. O fato de que meu carro estava estacionado em uma garagem a meio quarteirão de distância, e não em uma garagem a poucos metros da minha porta da frente, era um saco. O barulho constante do lado de fora das minhas janelas era irritante para diabo. Eu não dormi direito desde que havia chegado a Nova York.

Em Los Angeles, eu tinha um quintal cercado, com uma área de bar ao ar livre e uma jacuzzi, onde eu me divertia com frequência. Aqui em Nova York, preciso olhar pelas minhas janelas e buscar o Central Park para ver um verde.

Apesar de tudo isso, comecei a me acostumar lentamente com meu novo habitat dentro da selva conhecida como Manhattan.

No fim de semana em que Haven e eu viemos ver apartamentos, decidimos comprar o apartamento porque estava vago e disponível. Disseram que a maioria dos jovens profissionais mataria para morar ali, dentre todos os outros apartamentos que olhamos. Também me disseram que os cento e quarenta metros quadrados eram muito respeitáveis, considerando o que estava disponível na cidade. Sem mencionar que a localização era privilegiada, e ter

comodidades como um porteiro, uma academia completa e um deck de piscina na cobertura era raridade.

Tudo isso explicava o motivo de ele me custar uma pequena fortuna.

Eu amava uma coisa sobre o meu apartamento – meu banheiro era magnífico. O grande chuveiro de pedra natural completo, com jatos de chuveiro pulsantes capazes de atingir cada centímetro do seu corpo, tornou-se meu consolo nesta cidade abandonada por Deus.

Por outro lado, minha nova casa parecia um aquário quadrado e barulhento. Haven insistiu que eu precisava cobrir as janelas do chão ao teto da minha sala de estar e quarto. Ela disse que Nova York era uma cidade pervertida e que havia sempre uns tarados de olho nos outros.

Minha resposta provocativa foi:

— *Só uma pessoa pervertida reconhece outros pervertidos. Talvez eu me encaixe em Nova York, afinal, quando estou sozinho, eu prefiro ficar nu.*

E fez com que ela enfiasse um dedo na boca e fingisse um vômito.

Ela ainda não sabia, mas anotei mentalmente que deveria botar persianas eletrônicas para caso eu precisasse de privacidade. Mesmo que o prédio viesse equipado com uma lavanderia de serviço completo, eu tinha minha própria lavadora e secadora instalada em um dos closets. O segundo quarto serviria como meu escritório... em breve. Agora era um enorme armário de tralhas.

Mesmo com todas as melhorias que fiz, ainda sentia falta de casa. Nova York nunca seria meu lar.

Assim que eu paguei o entregador por nossa comida tailandesa, Haven saiu do elevador sorrindo.

— Quer dizer que não cozinhou para mim? — brincou ela.

— Hahá, espertinha. — Eu a abracei com meu braço livre e me afastei para que ela pudesse passar pela porta. — Como você está, Pervertida?

— Bem. Feliz por estar aqui, finalmente. — Ela andou alguns metros dentro do apartamento avaliando as mudanças de móveis e obras de arte que adicionei. — Bom trabalho, Bundão. É muito limpo e muito Não-Vaughn. — Enquanto eu colocava nossa comida na minha ilha da cozinha, ela andava pela sala de estar sorrindo e olhava minha decoração. — Gosto das novas poltronas.

— Obrigado. Eu também.

— Eu sabia que as suas coisas se encaixariam bem. Vejo que você ouviu meus conselhos — acrescentou ela enquanto apontava para as janelas.

— Ouvi, mais ou menos. — Levantei um controle remoto, e, pressionando o botão, as persianas subiram lentamente sobre os vidros.

— Ah, boa alternativa.

— Sim. Agora eu posso andar nu sem me preocupar que minha bunda vai acabar na capa da *Star Magazine*.

— Sua bunda não é nada de mais. Os nova-iorquinos não ficariam impressionados.

— Você disse uma vez que eu tinha uma bela bunda, mentirosa.

— Eu estava chapadíssima naquela noite. — Enquanto ria de seu comentário, ela seguiu até a porta do segundo quarto e foi abri-la.

— Não entre aí!

— Por quê? — A maneira como sua sobrancelha se ergueu em desafio me disse que ela sabia o porquê. Ignorando meu pedido, lentamente abriu a porta e soltou um gemido audível. — Sério, Vaughn?

— Eu não tinha onde colocar essas coisas. — O quarto estava cheio de caixas empilhadas. Meus pesos, uma esteira velha, uma cama e minha mesa estavam socados em algum lugar no caos. Além disso, algumas mobílias que eu não sabia o que fazer estavam lá, o que tornava o ambiente impossível de entrar.

— Eu aluguei uma unidade de armazenamento.

— Fica muito longe. E se eu precisasse de alguma coisa?

— Aí você vai lá e pega. É isso que acontece quando eu te deixo sozinho. — Ela fechou a porta e balançou a cabeça. — Como posso relaxar sabendo o que há atrás daquela porta?

Sem perguntar, servi uma taça de vinho e entreguei a ela.

— Depois de alguns desses, você vai esquecer tudo o que está atrás dessa porta.

Conversamos sobre a mudança dela enquanto eu abria as embalagens de comida. Servimos nossos pratos, e ela me seguiu até a sala, sentando no chão

perto da mesa de centro, como eu fiz.

— Você já se estabeleceu? Precisa de ajuda com alguma coisa? Um cabeleireiro, talvez?

Ela botou a mão no coque bagunçado e alto.

— Vai catar coquinho.

— Não, estou bem com meu rolinho primavera. — Dei uma mordida exagerada e pisquei. — Sério, você precisa da minha ajuda amanhã? — perguntei enquanto mastigava. — Eu deixei minha agenda livre para o caso de você precisar de mim.

— Já desembalei tudo.

— Claro que sim, exibida. — Ela ignorou minha provocação e deu uma mordida em seu frango Pad Thai. — E quanto às suas fotos estúpidas?

— Meu vizinho foi de grande ajuda e pendurou todas, então você está atrasado na oferta.

— Ah, que pena. — Fingi estar desapontado, e ela me mostrou o dedo. Na verdade senti foi alívio. Eu odiava botar fotografias na parede, e Haven tinha muitas. Ela coleciona fotos de praias em todo o mundo, e seu TOC exigia que elas fossem espaçadas com precisão em uma grade simétrica na parede. Ela me atribuiu essa tarefa horrível na faculdade. Como a balança de tudo o que ela fez por mim pesou muito para o meu lado, era o mínimo que eu podia fazer ao longo dos anos sempre que ela se mudava.

— Espere, você disse *meu vizinho*? — Eu provoquei.

— Elliott. Ele mora no prédio há cinco anos. É um cara legal. — O sorriso que ela lutou para esconder me disse tudo o que eu precisava saber. Ela gostou de Elliott.

— Gay?

— Não. Muito hétero.

— Mullet? — perguntei, referindo-me ao seu ex babaca.

— Ai, meu Deus — disse ela, dado uma risada. — Gregg precisou do corte por causa de um papel no cinema.

— É para isso que servem as perucas.

Ela amassou seu guardanapo e jogou na minha cara. Eu ri alto.

— Natalie ligou mais cedo. Ela é muito gentil.

— Ela gosta de você. Eu a encontrei hoje de manhã na empresa. Ela disse que era para você avisar se precisar de alguma coisa.

— Sim, ela me disse a mesma coisa. Fico grata por isso. Lizzy tem me ajudado a me estabelecer, mas com Evan estando sempre longe, ela fica ocupada com o bebê. Espero que você não a incomode muito.

— Eu não a incomodei em nada. Mesmo que eu seja incapaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo, eu não sou tão dependente assim — eu expressei em voz alta com um sorriso.

— Eu só disse isso porque estava chateada com você.

— Tanto faz. — Meu tom irritado contradizia o sorriso no meu rosto. — Nós dois temos nossas cruzes para carregar. A minha é a desorganização, e a sua são seus hábitos irritantes, bem como o seu senso de moda.

— Eu te odeio. — Ela empurrou o prato para longe em um revirar de olhos. — Segunda-feira, eu vou encarar aquele cômodo ali.

— Isso pode esperar. Faremos isso juntos no próximo fim de semana.

— Você está de sacanagem comigo? Você tem sorte de eu não começar agora.



Capítulo 4

NATALIE E EU FIZEMOS CONTATO visual através do vidro que nos separava. Eu observei seus dedos finos contarem regressivamente a partir de cinco, e quando chegou ao um, ela me lançou um sorriso brilhante como a luz *NO AR* que iluminou o estúdio escuro.

— Boa noite, Estados Unidos. Eu sou o Dr. Vaughn Lair vindo ao ar pela primeira vez. Bem-vindos a *The Love Lair*. Se você caiu aqui enquanto mudava de estação, fique com a gente. As coisas estão prestes a ficar quentes. Estou aqui com a minha produtora, Natalie Myles, e esta noite é a nossa estreia na rádio Galaxy. Diga oi, Natalie.

— Oi, Natalie — ela repetiu com uma risada.

— Adorável. — Meus olhos cortaram para a sala de controle à esquerda. — Também tenho aqui comigo o meu diretor, Daryl. Ele é um safado, estejam avisados.

— Safado é eufemismo — brincou ele sobre o microfone.

— Eu o admiro por ser assim. Pelas próximas quatro horas, estarei à sua disposição para discutir tudo sobre sexo. Natalie vai atender as chamadas, então seja gentil com ela, e ela te passará para mim. Você está pronta, Nat?

— Sim, vamos lá. Estou superanimada, Vaughn. Podemos falar sobre sexo e palavrões sem multas da FCC pairando sobre nossas cabeças. Nós dois sabemos o quanto isso é irritante.

— A FCC pode ir se foder.

Natalie riu do meu discurso adolescente enquanto erguia os polegares.

— Porra, é isso aí.

— Eu já corrompi minha produtora — eu disse e soltei uma risada calorosa.

— Oh, não, Sr. Lair. Eu fui corrompida bem antes de você vir para a cidade.

— Isso me parece uma história que todos nós precisamos ouvir um dia.

— Talvez... um dia... depois de muita vodka.

— Nossa, Nat. Agora você realmente me deixou curioso.

— Digamos apenas que eu vivi intensamente na faculdade, até dizer chega.

Porra, eu cometi alguns erros naquela época. Agora, estou chata.

— Sexo nunca é chato.

— Ok, chato é a palavra errada. Seria mais... respeitável?

— Você está me perguntando ou me dizendo? Eu precisaria de detalhes para determinar isso.

— Ugh. Vamos em frente — ela gemeu em seu microfone.

Eu ri da frustração dela.

— Todos nós cometemos erros e, na maioria das vezes, aprendemos com eles. E se não, é para isso que estamos aqui, para compartilhar histórias de sexo, sejam elas eróticas ou clínicas, vulgares ou médicas, lentas ou rápidas, românticas ou primitivas. Eu quero ouvir como todos vocês gostam de foder. Você prefere por cima ou por trás, gentil e doce ou rude e grosseiro? Falaremos sobre o que te excita e o que te brocha. Você gosta de meia-nove, piercings no pau, plugues anais, bocetas raspadas, ménage, suruba, héteros, gays, brinquedos ou fetiches? Seu homem se depila mais do que você? Acredite ou não, há benefícios em ficar sem pelos. Você sabia disso, Nat?

— Ah, sim. É verdade. O Sr. C também concordaria.

— O Sr. C é o homem da Nat, caso alguém esteja se perguntando.

— E, para aqueles que também estejam se perguntando, o nome ou sobrenome dele não começa com um C. Vou deixar vocês descobrirem por que eu o apelidei de Sr. C — brincou ela na rádio. Essa Natalie era muito diferente da mulher profissional que conheci nos últimos meses. Assumi que levaria tempo para ela sair de seu armário... aparentemente não foi o caso.

— Bem, eu sei porque... e eu posso ser comprado.

Ela puxou um gole de ar.

— Você vai foder tudo.

Não pude deixar de sorrir através do vidro que nos separava.

— Bem, então, o Sr. C e eu temos algo em comum.

— As mulheres precisam ter seus segredos — resmungou ela, ignorando meu comentário.

— Não é assim que funciona em *The Love Lair*, Nat. Sem segredos. Ouviram isso, Estados Unidos? Sem. Segredos. Quero saber tudo. Claro, também vamos falar na emoção por trás da foda. Por que funciona para alguns casais e por que *não* está funcionando para outros? Vamos falar de tudo... nada é tabu. O que é uma ótima maneira de abrir o tópico desta noite. Por que S-E-X-O é um assunto tão tabu? Nat, você sabe por quê?

— Muitos são um pau no cu... e não no bom sentido?

— Sim, essa é uma das razões. Remonta a algumas gerações. Eles não sabiam bem das coisas. Sim, ouvimos dizer que há evidências de que uma vida sexual saudável promove o bem-estar e a boa saúde, mas as pessoas não tinham esse conhecimento naquela época. Assim, a cada geração que surgia, a ignorância ia virando uma bola de neve. Foram ensinadas a acreditar que havia uma razão para o sexo: a procriação. Querer regularmente rotularia um homem de pervertido. Não vamos nem entrar no que as mulheres que amavam fazer sexo eram rotuladas. Eu posso continuar dando a vocês uma aula de sexualidade através dos tempos, mas não é sobre isso que eu quero falar esta noite. Minha pergunta para você é: *por que* o sexo é tabu, mesmo nos dias de hoje? É hora de ouvir vocês. Mas, primeiro, algumas palavras dos nossos patrocinadores.

A luz *NO AR* se apagou, e eu desliguei o microfone e aguardei. Meus olhos examinaram a tela iluminada com dezenas de pessoas querendo entrar no ar comigo. Eu tinha talento, mas se os ouvintes não fossem desinibidos, a conversa sobre sexo poderia se tornar entediante muito rápido.

Eu anotei alguns assuntos que queria ter certeza de falar enquanto estava no ar. Uma vez que um tópico é escolhido, eu raramente me apego a ele. Desviamos do assunto muitas vezes, e esses são os melhores momentos do rádio. Mesmo assim, eu ainda gostava de ter um rascunho para me guiar.

Enquanto esperava Natalie passar pelos anúncios que cobririam a primeira hora do programa, minha adrenalina subiu. Esta é, de longe, a melhor parte do meu trabalho.

A luz *NO AR* acendeu, e eu liguei o microfone:

— Vamos tornar as coisas interessantes. Nat, estamos prontos?

— Prontos.

— Parece que as pessoas querem falar conosco.

— Apenas algumas — disse Natalie com um sorriso. Enquanto seus olhos dançavam ao longo de sua tela, eu podia ver a mesma animação em seu rosto. — É com você, Vaughn. Ian está na linha um.

Eu gostava de escolher aqueles com quem eu falava. Eu sentia a vibe apenas pelo nome e pelo pequeno resumo que aparecia na tela. Mas na Galaxy, a política fez com que os produtores examinassem as chamadas. Não controlar o fluxo do meu próprio programa foi um pouco enervante.

— Bem-vindo ao *The Love Lair*. Você está ao vivo com Vaughn...

— O Rei do Sexo — Natalie interrompeu.

— Obrigado, Nat — eu disse em uma risada. — Ian, você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Ei, Vaughn. Sobre tabu, meus futuros sogros são frígidos pra caralho. Estou lidando com um monte de coisas ignorantes. Vou me casar daqui a alguns meses. Minha noiva mora em Pittsburgh, e eu estou em Richmond, Ohio. A maior parte do tempo em que estamos juntos como casal, estamos separados pela distância, e eu a visito nos fins de semana. Ela não tem permissão para vir me visitar, e quando estamos na casa dos pais dela, eu não tenho permissão para dormir na mesma cama que minha noiva. Que porra é essa?

— Quantos anos ela tem?

— Vinte e cinco. Eu aguento porque eu a amo, mas odeio que ela se recuse a confrontá-los.

— Quando é o casamento?

— Em setembro. — Eu gemi alto. — Exatamente. Não aguento mais. A falta de sexo depois de passar semanas sem ver minha noiva está me deixando

louco. Estamos juntos há quase dois anos, e não sei dizer quanto já gastei em quartos de hotel. Mas o que me deixa mais puto é que eles tenham tanto controle sobre ela. Como devo lidar com isso?

Eu queria dizer a esse cara para correr, e correr rápido. Havia questões definitivas à espreita que não melhorariam quando eles se casassem.

— Você precisa falar com eles, vocês dois... como uma equipe. Se ela não concordar com isso, você precisa ser honesto com ela.

— Merda — ele disse e desligou.

A maior parte da noite foi praticamente do mesmo jeito. Tentei guiar a conversa e envolvê-los mais, porém a cada chamada, o programa se arrastava mais e mais. Que porra estava acontecendo? Quatro horas depois, e pela primeira vez na minha carreira, eu mal podia esperar para finalizar.

— Bem, Nat. Chegou a hora. Obrigado, ouvintes, por confiarem em mim. Aqui é o Dr. Vaughn Lair. Lembre-se de trepar com todo o seu coração, e trepar como se sua vida dependesse disso. Boa noite.

A luz *NO AR* se apagou, e eu suspirei de alívio. Eu vi Natalie remover os fones de ouvido com um largo sorriso. Depois, ela entrou no meu estúdio.

— Que estreia incrível! — O sorriso murchou quando ela viu meu rosto. — O quê?

— Foi um horror.

— Você está doido? Eu nem tive tempo de ir ao banheiro. As linhas telefônicas estavam pegando fogo durante todo o programa. — Ela apontou para a tela atrás de mim. — Ainda estão ligando. As pessoas te amam.

— Tem algo faltando — eu disse com um lento balançar de cabeça.

— Você pirou. Foi mágico.

Mágico?

Foi horrível... minha estreia foi broxante.



Minha primeira semana também foi broxante.

Todas as noites, Natalie irradiava orgulho quando eu apertava o interruptor *NO AR* no final do programa, alheia aos meus problemas. Esta noite, a direção

ligou para me parabenizar por uma ótima semana. Todos ao meu redor pensavam que o programa estava a todo vapor... exceto eu.

Eu sabia que esta semana não havia sido a minha melhor, mas não tinha ideia do porquê. As peças do quebra-cabeça se encaixam perfeitamente... As chamadas entupiam as linhas do estúdio, e eu distribuía conselhos com humor e fatos.

Independentemente disso, eu não conseguia me livrar da insatisfação que sentia.

Tinha sido uma semana longa, e eu queria chegar em casa e me organizar. Passei todos os dias desde a minha estreia indo à academia para afogar as minhas frustrações. Enquanto corria na esteira, tentei descobrir o que estava faltando. Mais tarde, naquela noite, eu iria para o trabalho pronto para arrasar, para no final do meu horário novamente sentir que faltava algo. Eu até conversei com alguns dos meus ouvintes antigos, falei com dezenas e dezenas de novas pessoas que começaram a acompanhar o programa, mas foi tudo meio blé.

Depois do programa, liguei para Haven. Eu a ouvi se desculpar antes que sua voz viesse pela linha telefônica novamente.

— Onde você está?

— Elliott chamou alguns vizinhos... Fez tipo uma festa para que a gente se conhecesse. Parece que teve mais engajamento esta noite.

— Não, não teve. Eu não sei de que porra estou sentindo falta, mas essa coisa não está aqui.

— Você quer que eu vá para a sua casa?

— Não, está tarde. Vou para casa e depois quero capotar. Me liga amanhã.

— Tudo bem. Ei, Vaughn?

— O quê?

— Nós vamos descobrir o que é.

— Eu sei. Se cuida. Não deixe sua bebida largada em algum lugar. Você não conhece essas pessoas. Você confia muito fácil nos outros. E tenha certeza de que vai para casa sozinha. Você está se afogando em tesão... e nada de bom vem com você se afogando em tesão.

— Antes de mais nada...

— Tchau — eu a cortei antes que ela respondesse.

Na minha saída do estúdio, meu novo diretor de programa, Daryl, me parou antes de eu entrar no elevador.

— Vaughn. Vamos tomar uma bebida, cara.

— Não, obrigado, eu vou direto para casa.

— Só uma. É algo que fazemos toda sexta-feira à noite. A maioria não fica depois da primeira dose, mas sempre finalizamos a semana com pelo menos uma.

Natalie já havia me convidado, me falado do ritual semanal em que a equipe se envolvia. Não querendo começar com o pé errado com as pessoas nos bastidores responsáveis por garantir que o programa corresse bem, eu sucumbi.

— Tudo bem. Vamos.

— Incrível. Encontre-nos no Old Man Gaffney's, é virando a esquina.

Minutos depois, esperei no bar enquanto meus colegas de trabalho entravam. Natalie foi a primeira a chegar com um sorriso.

— Que bom que você veio.

— Não queria estragar a tradição.

Daryl ordenou a primeira rodada de doses de tequila e as distribuiu para nós seis. Com todos os olhos sobre ele, ele sorriu e disse:

— Foda-se todo mundo! — E todos beberam como robôs seguindo um comando.

E que inferno, sério.

Fiz minha aparição, tomei a dose tradicional e contei os minutos na minha cabeça em que seria aceitável ir embora. Enquanto isso, eu me envolvi na conversa e sorri, mesmo que o tempo todo minha mente vagasse pelas maneiras de consertar o programa.

E depois de uma cerveja e duas doses, Daryl colocou mais dinheiro no bar.

— Mais uma rodada — disse ele à bartender. Ela entregou mais seis doses de tequila, e Daryl novamente as distribuiu uma a uma.

— Não, cara. Acabei por hoje — eu disse quando ele chegou até mim.

— Sério?

— Sim. Obrigado pelo convite. Foi divertido. Vejo vocês segunda-feira.

Deslizei meu braço pela manga do meu casaco, e quando meu punho emergiu do outro lado, dei um soco em alguém bem no...

Envergonhado, eu me virei e vi uma loira pequena fazendo careta enquanto esfregava seu seio esquerdo.

— Puta merda. Peço mil desculpas.

Seus olhos azuis pálidos se encontraram e seguraram os meus, e a expressão de dor em seu rosto se transformou em um sorriso lento.

— Eu deveria prestar atenção por onde ando. A culpa é minha — desenhou com sotaque sulista.

— Você tem certeza de que está bem?

— Sim. Juro que estou. — Uma sobrancelha perfeitamente esculpida se ergueu enquanto estudava o meu rosto. — Eu te conheço?

— Acho que não. Sou novo na cidade.

— Você me parece familiar. — Esperei que ela me reconhecesse, mas, em vez disso, ela balançou a cabeça antes de dar de ombros. — Meu nome é Abby. Você está indo ou vindo?

— Indo.

— Ah... Ok. Bem, é melhor eu voltar para os meus amigos.

— Mais uma vez, sinto muito... por... — Eu fiz um gesto em direção ao peito dela com um aceno de mão.

— Você pode se desculpar de novo na próxima vez. — Ela se esquivou de mim e caminhou em direção a uma mesa cheia de mulheres risonhas. Pouco antes de se sentar, ela se virou mais uma vez para olhar na minha direção.

Parte de mim queria segui-la, comprar uma bebida e talvez até levá-la para casa. Abby era exatamente o meu tipo. Então por que, em vez disso, eu me afastei suspirando? Com meu programa blé e minha falta de interesse em uma loira linda, eu me perguntei, enquanto saía do Old Man Gaffney's, em que tipo de universo alternativo entrei quando me mudei para Nova York.



Capítulo 5

UM ZUMBIDO BAIXO INTERROMPEU UM sonho muito bom. Sonolento, abri um olho para ver Haven ao lado da minha cama apontando o controle remoto das persianas para a janela. Vê-la no meu quarto deveria ter me assustado para caralho, mas isso era típico de Haven.

Eu me virei, e um raio ofuscante de luz solar me atingiu no único olho aberto.

— Sério? — Socando meu travesseiro, tentei voltar para o sonho do qual eu estava gostando tanto. — Estou arrependido de ter te dado uma chave — resmunguei no travesseiro macio em que meu rosto estava enterrado.

— Como se você tivesse escolha. Levanta esse rabo arrependido.

— Vá embora. Estou cansado.

— Escuta, Bundão. Vou fazer café. Você tem até o segundo em que a última gota caia na caneca, antes que eu volte com um copo de água gelada para acordá-lo.

Peguei um dos travesseiros da minha cama quente e muito confortável e o joguei em sua direção, atingindo seus seios.

Ela o pegou antes que ele batesse no chão e o levantou para bater na minha bunda.

— Tic-tac — disse ela ao sair do meu quarto, fechando a porta logo em seguida.

Eu tinha duas escolhas. Ou eu me levantava e a matava, ou me levantava sozinho antes que ela prosseguisse com sua ameaça... e não havia dúvida de que ela o faria.

Uma música começou a tocar fora do quarto. O som de Adam Levine cantando me forçou um gemido enquanto eu me arrastava até o banheiro. Outra razão para matá-la é sua paixão por Adam Levine.

Poucos minutos depois, saí do meu quarto vestindo uma camiseta e uma calça de moletom e fui até a caneca de café que ela prometeu. Eu ignorei o sorriso presunçoso que ela previsivelmente ostentava. Quando me virei com meu café na mão, ela confirmou minhas suspeitas.

— Pare de sorrir para mim.

— Você é tão bonitinho quando está mal-humorado. — Ela empurrou um bagel embrulhado em papel na minha direção. — Seu favorito... gergelim com cream cheese e cebolinha.

— Tudo bem, você está perdoada por invadir minha casa e me acordar. — Abri meu café da manhã e dei uma mordida. Com a boca cheia, perguntei: — Você pode me dizer por que sentiu a necessidade de invadir meu apartamento de madrugada?

Ela tirou um muffin de mirtilo da bolsa e respondeu:

— Primeiro, oito da manhã não se qualifica como madrugada. Segundo, não é invasão se eu tenho a chave. — Eu a vi puxar um pedaço e botar na boca. Enquanto mastigava, enfiou a mão na bolsa e tirou o que parecia ser uma pilha de panfletos envoltos em um elástico. — E terceiro, temos coisas para fazer — brincou, sacudindo os papéis.

— Eu não tenho merda nenhuma para fazer. É meu dia de folga.

— Ah, sim, você tem. Eu estou lhe dando uma escolha, no entanto. — Seu olhar me seguiu no meu caminho da cozinha até o sofá, com meu bagel e café na mão. Sem sair do banquinho do bar, ela se virou o suficiente para me encarar. Levine agora estava cantando sobre animais, e eu liguei a televisão, tentando anular sua voz irritantemente aguda.

— Ok, então, minha escolha é terminar este bagel e voltar para a cama.

— Você é engraçado. — Haven riu de mim antes de se levantar para desligar a música. — Depois que você me contar o que aconteceu com você esta semana, que causou esse seu humor tão maravilhoso, vou te falar as opções que vou te dar. — Ela colocou seu café sobre a mesa, pegou o controle remoto da minha mão para desligar a televisão e sentou-se ao meu lado no sofá. — Ok, vai. O que aconteceu esta semana?

Terminando a última mordida do meu bagel, balancei a cabeça até engolir.

— Não sei. Tudo pareceu se encaixar e o painel de chamadas estava sempre apitando. Mas eu não conseguia me conectar com os ouvintes. Tudo pareceu forçado.

Os olhos cor de chocolate de Haven estudaram minha expressão por um longo momento.

— Não sou forçado. O ouvinte da noite de quarta-feira estava bem envolvido no seu conselho sobre a melhor lubrificação para usar com um preservativo. — Haven ouvia todos os programas. Muitas vezes em Los Angeles, ela ligava para a linha privada do estúdio para dar pitaco quando eu estava no ar.

— *Uma* boa ligação em cinco dias. — Estiquei as pernas sobre a mesa de centro. — Ontem à noite, estava tomando uma bebida com a equipe, mas não consegui nem relaxar o suficiente para me divertir. Não fiquei muito tempo, e na saída, dei um soco no peito de uma loira linda. Final perfeito para uma semana perfeita.

Haven franziu a testa e me deu um sorriso sarcástico.

— Loiras lindas são a sua praia. Por que você deu um soco no peito dela?

— Foi um acidente. Ela foi muito simpática. Com base no sotaque sulista, duvido que ela fosse de Nova York, caso contrário, ela também teria me socado.

— Então por que você não comprou uma bebida para ela?

— Minha cabeça doía, e eu queria vir para casa. O tempo todo eu estava muito preocupado, e tudo o que conseguia fazer era tentar descobrir qual era o problema. Talvez seja porque não estou selecionando as ligações sozinho? Estou acostumado a ver um nome, ler o resumo do problema da pessoa e definir quem atender.

— Talvez seja isso.

— Antes de pressionar a Galaxy a mudar a política, vou ver o que acontece na próxima semana. Nossa reunião de atualização é sexta-feira.

— Você vai descobrir o que é. O público chato da rádio talvez só precise de algum tempo para entrar na onda dos seus... — Ela parou para sorrir amplamente. — Métodos.

— Meus métodos são infalíveis.

— Você fala isso, mas *eu* que sou apelidada de Pervertida.

— Porque você é uma pervertida. Falando nisso, se divertiu ontem à noite?

— Sim. Foi estranho ser a convidada de honra em um local cheio de estranhos. Mas Elliott foi tão doce, se dedicou para que eu me sentisse confortável a noite toda. — Quando ela viu meu sorriso, corou. — O quê?

— Ah, olha isso. Você deu piscadinhas quando disse Elliott. — Ela empurrou meu ombro, mas não negou o que eu disse. — Quando vou conhecer esse cara?

— Não será em breve. Você age como um idiota quando conhece os caras com quem eu saio.

— Ai. — Eu bebi o último gole do meu café, me sentindo um pouco melhor do que antes. Então pensar nos planos dela para hoje me fez lembrar que eu queria matá-la. — Ok, de volta ao motivo de você estar aqui tão cedo.

— Bem... você pode escolher nossa atividade de hoje, e qualquer uma delas vai durar o dia todo, então precisamos começar cedo.

— De jeito nenhum. Minha atividade envolve muito disso — disse apontando com a mão para minha posição relaxada atual.

— Vaughn, você não ficaria assim se estivesse em Los Angeles agora. Você estaria correndo quase dez quilômetros para aliviar suas frustrações.

— Isso porque as coisas eram perfeitas em Los Angeles. Então, não, eu não estaria de mau humor. Além disso, se eu fosse correr lá, não estaria congelando minhas bolas enquanto me deparo com um humano a cada passo que eu dou. Eu odeio isso aqui.

— Você está louco. Eu amo isso aqui!

Eu não pude evitar o olhar atordoado no meu rosto.

— O quê? Como você pode me trair assim?

— Vaughn, eu nunca me encaixei em Los Angeles.

Peguei sua caneca para nos servir de mais café.

— Agora eu sei que você enlouqueceu. Você viveu lá toda a sua vida. — Ela me seguiu até a cozinha, pegando o creme na geladeira. Depois de prepararmos nosso café, ficamos olhando um para o outro. — Haven, do que você está falando... você nunca se encaixou?

— L.A. está cheia de pessoas bonitas e perfeitas... — Ela parou e deu de ombros.

— É? E daí?

— E aí tem eu. — Ela deu um aceno de mão para seu suéter da Hello Kitty e jeans desbotados para provar seu ponto, mas eu não estava entendendo. Claro, eu a provocava com frequência por causa do seu guarda-roupa, ou pelo seu penteado de rabo de cavalo adolescente, mas dizer que ela não se encaixava em Los Angeles era insano. Haven era deslumbrante, em seu próprio jeito peculiar e exótico.

— Aqui em Nova York, eu me misturo. Ninguém me olha de sobrelance erguida porque meus sapatos não combinam com minha bolsa ou porque estou comendo um hambúrguer em vez de capim de trigo. — Ela sorriu, mas seus grandes olhos castanhos me disseram tudo o que eu precisava saber. Eu não tinha ideia de que ela se sentia assim. — Aqui eu sou invisível pelas razões certas... não óbvia pelas erradas.

— Haven, você é linda.

— Obrigada, mas você é suspeito para falar. — Eu a vi levantar sua caneca para tomar um gole de café. Tão rápido quanto a tristeza apareceu em seus olhos, ela se foi. — De qualquer forma, hoje vamos limpar seu quarto da bagunça ou passaremos um dia na cidade.

Minha de boca aberta a fez rir.

— Absolutamente não. — A pilha de panfletos que ela mostrou mais cedo se tornou uma ameaça real ao dia preguiçoso que eu havia planejado. — Eu não vou fazer nenhuma dessas coisas. — Retomei minha posição no sofá, ligando a televisão novamente enquanto ficava confortável.

— Ok, então eu vou escolher para você. — Ela colocou seu café na ilha e correu para o quarto de hóspedes. Fingindo que não me importava, eu me concentrei no guia do canal, mas através da minha visão periférica, podia vê-la arrastando itens da sala para o corredor.

Demorou dois minutos e o som da minha barra caindo no meu chão de madeira para que eu cedesse.

— Tá bom! Você ganhou. — Eu fui até ela. — Eu vou escolher a opção B, se você me prometer que vai parar de ser tão barulhenta.

Eu vi seu rabo de cavalo bagunçado surgir de trás de uma torre de caixas superlotadas.

— Feito.



— Para onde vamos?

— Vamos para o centro da cidade hoje. Amanhã, para o Central Park.

— A... ma... nhã? Não tem amanhã!

— Vamos ver. — Ela parou de andar quando me viu pisar no meio-fio e levantar um braço. — O que você está fazendo?

— Chamando um táxi.

— Oh, querido Vaughn — ela disse antes de fazer ‘tsc, tsc, tsc’ — A gente vai de metrô. — Ela pegou minha mão e me arrastou pela rua. — A única maneira de você se conectar a esta cidade é experienciando esta cidade.

— Eu posso me conectar muito bem no banco de um táxi. — Fechei minha jaqueta Patagônia até que a gola cobrisse minha boca. — Está frio pra caralho.

— Tudo parte da experiência. Confie em mim. Ontem, almocei do lado de fora de um restaurante, no coração da Times Square. Nem senti o frio. Juro por Deus, Vaughn. Havia tanta vida, tanta diversidade espremida em um pequeno espaço, que fiquei hipnotizada

Com o braço dela enfiado no meu, deixei-a me guiar pela rua lotada enquanto tagarelava sobre tudo o que via em um dos maiores pontos turísticos do estado.

— Seu rosto está em um enorme outdoor lá embaixo. Foi engraçado de ver.

— Eu vi. É um pouco exagerado.

— Bem, se faz você se sentir melhor, ninguém estava olhando para ele, exceto eu.

— Nossa, obrigado.

Ela riu enquanto descíamos os degraus em direção ao metrô.

— Sabe todos os personagens estúpidos da Hollywood Boulevard com quem você pode tirar uma foto? — Ela nem me deu a chance de responder. — Bem, eles têm os mesmos personagens aqui. Mas enquanto em Los Angeles eles me fazem revirar os olhos, aqui eles me fazem sorrir. Quão estranho é isso?

— Não é mais estranho do que você.

Ignorando-me, ela divagou:

— Saber que há poucas semanas havia milhões de pessoas naquele espaço, observando uma bola de cristal gigante descer enquanto confetes caíam do céu, me fez sentir como se eu fosse parte disso. Mesmo que eu não fosse. No próximo ano, estarei na Times Square quando a bola descer. — Sua voz determinada não deixou dúvidas.

Não demorou muito para que seu entusiasmo me contagiasse. Era assim que Haven era. Ela poderia me convencer a fazer qualquer coisa. Sim, eu não facilitava para ela, mas por que dar as coisas de mão beijada?

Eu podia imaginar as coisas que ela me obrigaria a fazer se soubesse que na metade das vezes eu não me importava. De qualquer forma, isso afastou a minha mente do programa de rádio.

Pegamos a linha 1–2–3 no Lincoln Center e, vinte minutos depois, paramos na Chambers Street. O calor de estar no subsolo por um período fez com que o ar gelado parecesse ainda mais frio. Depois de alguns quarteirões, eu não conseguia mais sentir meu rosto. O vento chicoteava pelos cantos e me batia forte e sem piedade.

— Caralho, puta merda. — As bochechas rosadas de Haven estavam estufadas por um sorriso. — Acho que nunca vou me acostumar com isso.

— Eu já me acostumei. — Ela respirou de maneira exagerada. — Sente isso?

— Tudo o que sinto é cheiro de peixe podre.

— Pare. É ar fresco... sem poluição, apenas limpo e fresco. Eu adoro!

— Quem é você?

Ela riu enquanto pulava ao meu lado.

— Eu renasci.

— Você está louca. Está com fome? — perguntei, na esperança de atraí-la de volta para dentro de algum lugar. — Olha, há um Buffalo Wild Wing's.

— Você só está querendo sair da rua — ela respondeu, identificando meus motivos. — Vamos pegar algo em um food truck.

— Haven Castell, você está forçando muito a barra. Acho que já saí muito da minha zona de conforto hoje. Podemos almoçar em algum lugar onde minhas bolas possam descongelar?

— Tudo bem, vou escolher minhas batalhas. Vamos achar um restaurante bom e quentinho. Ok, Bundão?

— Obrigado, Pervertida.

Ela parou e me puxou para fora do caminho do tráfego de pedestres.

— Agora olhe para cima. — Fiz o que ela pediu, sem saber que viemos parar logo abaixo da Freedom Tower. Meu suspiro não passou despercebido pela maluca que assumiu o corpo da minha melhor amiga. — Incrível, certo?

— Sim. — Minha resposta pode ter sido simples, mas a maneira como eu estava na base e olhava de boca aberta com admiração falava muito. O céu azul brilhante do inverno e as grandes nuvens brancas e fofas refletindo nas janelas como um quebra-cabeça completo me tiraram o fôlego.

— Eu posso ficar aqui o dia todo olhando para cima, mas isso é chato. — Ela esperou até que eu olhasse para o rosto dela e tirou dois ingressos do bolso. — Por que ficar aqui fora quando podemos ir até lá?

— Sério?

— Sim. Vamos! Você pode descongelar, vamos olhar para a vista, e eu vou comprar o almoço para você no topo.

— Eu já te disse o quanto eu te amo, Pervertida?

— Não desde que saímos de Los Angeles. Você está atrasado.



Capítulo 6

PASSAR O FIM DE SEMANA com Haven acabou sendo exatamente o que eu precisava para esvaziar a cabeça. Ela me arrastou por toda a cidade, passando por todos os destinos importantes que qualquer turista respeitável precisava ver, e isso foi a distração perfeita. O restante do tempo foi gasto comendo comida ruim e bebendo vinho na minha casa. A melhor parte do fim de semana: eu consegui dissuadi-la de encarar a bagunça no meu quarto de hóspedes.

Quando o tema do meu programa surgiu, Haven concordou que eu não era dono do meu horário da maneira que eu fazia em Los Angeles. Sim, era o meu programa aqui na Galaxy. Mas eu estava, em essência, me encaixando em suas políticas, procedimentos e regras estúpidas... palavras dela. Na *WJAR*, era eu quem decidia com quem falar, sobre o que falar.

— *É assim que tem que ser na Galaxy para que funcione* — disse Haven.

Ela estava totalmente certa.

Cheguei ao estúdio algumas horas antes do necessário. Passei um tempo fazendo contas, pedindo todos os dados da Nielsen da semana anterior ao meu início versus a minha semana de estreia. Além disso, eu queria todos os dados demográficos disponíveis para a rádio Galaxy. Quem estava ouvindo? Qual era a idade média? O que eles fazem para ganhar a vida? O que eles comeram no almoço?

Na Califórnia, eu conhecia meu público como um homem conhece sua amante... cada detalhe íntimo, cada segredo lascivo. Aqui, eu não tinha ideia do tipo de ouvinte que a Galaxy atraía, e isso era culpa minha. Toda a beleza

que eles me empurraram durante as negociações parecia ótima no papel, mas foram os números reais que contaram a história.

Foda-se se eles pensam que uma pessoa talentosa não precisaria dessas informações. Eu sou mais do que apenas talento. Eu sou um profissional. Talvez eu tenha passado as últimas semanas olhando meu próprio umbigo, mas não mais.

Eu assumi que vir para a rádio via satélite seria uma melhoria automática para a qualidade do meu programa, por causa das liberdades que me foram permitidas no ar. Haven me lembrou que nada vem fácil. E assim como tudo o mais, *The Love Lair* precisava ser trabalhado da maneira certa ou eu nunca ficaria satisfeito com os resultados.

Uma hora antes de entrar no ar, chamei Natalie e Daryl para o meu escritório. Daryl chegou primeiro e se acomodou muito rápido em uma das cadeiras de frente para a minha mesa.

— Bom fim de semana? — perguntou.

— Sim, foi, apesar da temperatura estar fria para caralho. E você?

— Foi incrível. Depois que você foi embora na sexta-feira à noite, eu encontrei minha ex enquanto ia para casa.

— Isso é bom?

— É ótimo. — Ele assentiu com um enorme sorriso.

Natalie entrou em seguida, sorrindo.

— Como vocês estão nesta bela noite de segunda-feira? — ela perguntou, sentando-se na cadeira ao lado de Daryl.

— Ótimo. Eu estava contando para Vaughn que encontrei com a Carla.

Nat não conseguiu esconder sua surpresa.

— E?

— Eu consegui. Eu a reconquistei. Vamos devagar, mas concordamos que sentimos muita falta um do outro.

— Estou muito feliz por você, Daryl. Me avise quando vocês dois estiverem prontos para fazer um encontro duplo novamente.

Sentei-me para ouvir melhor, curioso sobre a dinâmica por trás daquela história. Fiz uma anotação mental para discutir termos em alguma noite

daquela semana e solicitar que minha equipe compartilhasse suas experiências.

Durante uma pausa em sua conversa, eles se viraram para olhar em minha direção.

— Tenho certeza de que vocês estão se perguntando por que eu chamei vocês aqui em vez de fazer a reunião pré-programa no estúdio.

— Isso passou pela minha cabeça — disse Daryl com um sorriso de lado. Seus olhos correram pelo teto antes que ele se inclinasse para mais perto e baixasse a voz para um sussurro. — Eu acho que você quer testar posições sexuais sob o disfarce de pesquisa para o programa, e você sabe que o Grande Irmão não pode nos ver aqui. — Minhas três piscadas consecutivas fizeram com que ele encolhesse os ombros. — Não? Algo mais ousado?

— Ignore-o — disse Natalie com um revirar de olhos. — O que houve? Ainda está pensando no programa da semana passada?

— Claro que estou. — Eu tirei uma cópia das classificações da semana anterior do topo da minha pilha de papéis e entreguei a ela. — Esses números são horríveis, e é tudo minha culpa. Esta semana vamos fazer as coisas do meu jeito. — Notei por suas expressões que eles estavam céticos. — Quero o trabalho pesado de volta. Esta noite, escolho os ouvintes. Cada nome e resumo vai para a tela, e eu posso escolher quem entra no ar comigo.

O sorriso no rosto de Natalie desapareceu.

— Vaughn, eu preciso...

Levantei a mão para interrompê-la.

— Eu sei o que lhe disseram para fazer, Nat. Eu não me importo.

— Muito nobre de sua parte, Vaughn, mas é o meu que está na reta.

— Não, não é. É o meu. Na sexta-feira, direi à gerência que suas políticas são uma merda. Eu controlo o meu programa. Ponto final. Isso não está em discussão. Disfarcei bem, sorri como eles queriam que eu fizesse e fui um bom integrante da equipe da Galaxy. Isso tudo acaba esta noite.

Parei por tempo suficiente para que eles argumentassem. Quando nenhum dos dois o fez, dei a eles os meus termos.

— Então, esse é o plano. Daryl, você mantém o programa fluindo como sempre e tuíta os principais comentários da noite pela minha conta.

— Tuítar? — ele perguntou com a testa erguida.

— Isso mesmo, tuítar. Não poupe detalhes. Confie em mim. — Quando o vi balançar a cabeça assentindo, me concentrei em Natalie. — Nat, você colocou todo mundo no ar, sem descartar ninguém. Como eu disse, vou decidir quem vou atender. Além disso, eu gostaria que você se envolvesse sempre que achar melhor. Você pode até se sentar comigo no meu estúdio, se quiser. Mas as telas das chamadas são minhas.

O aceno de Natalie não foi tão direto quanto o de Daryl, e seus olhos me disseram que ela não estava feliz com minhas sugestões.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que você acha que isso ajudaria? Vai perder seu tempo passando por todos os resumos. E para deixar registrado, eu ainda sinto que você está sendo ridículo com todo esse discurso de “o programa foi uma merda”. Levei para casa os números neste fim de semana, Vaughn. Cada noite aumentava em pelo menos um ponto. Isso é impressionante.

— Eu também vi os números, Nat. Pode ser impressionante para a Galaxy, mas não para mim. Os números de fim de semana na sexta-feira à noite, o conteúdo da discussão e o interesse das chamadas estavam todos baixos para os meus padrões. Tenho quatro noites para dobrar esses números antes de nos encontrarmos com Paul.

— Dobrar? Você está louco? Isso não vai acontecer.

— Eu posso fazer isso acontecer.

— E se você não fizer?

Ela ergueu a testa para a minha risada sarcástica.

— Você não me conhece muito bem. Há duas coisas que me movem... um desafio e sexo.



Melhor para caralho.

Agora, sim, este foi o *meu* programa.

As brincadeiras, as histórias sexuais e as perguntas atrevidas demais para serem feitas no mundo real que o anonimato do rádio era capaz de fornecer,

quando combinadas, eram o que fazia o programa perfeito.

Através do vidro, sorri de volta para Daryl. Ao meu lado, Natalie discutiu com uma mulher porque respirações rápidas e curtas aumentavam a excitação sexual e levavam a melhores orgasmos.

— Vaughn, você pode entrar aqui?

— É absolutamente verdade. E prender a respiração enquanto você chega ao clímax o prolonga.

— Viu? — Natalie brincou. — Não duvide de mim. Apreendi com os melhores. — Ela inclinou a cabeça e piscou para mim.

— Nossa, eu fui refutada. Obrigada pela dica. Vou tentar isso em cerca de dez minutos — admitiu a mulher na linha antes de desligar.

Olhando para o meu registro de chamadas, um nome anônimo e um resumo afirmando: “Eu tenho um segredo” chamaram minha atenção. Olhei o relógio. Não tinha tempo para mais uma ligação, mas a curiosidade era mais forte do que eu.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação?

— Oi, Vaughn.

— Oi. Com quem estou falando? Sua identificação diz Apple.

— É a minha fruta favorita — disse uma voz abafada capturando minha atenção. Tinha uma pitada de sotaque do sul, com a quantidade certa de rouquidão e de doçura.

— Ok, então, Apple. Sobre o que você gostaria de falar?

— Você.

Por alguma razão inexplicável, meu corpo se acendeu. O olhar de Natalie se voltou em minha direção quando alguns longos momentos se passaram sem uma resposta.

— Seu resumo dizia que você tinha um segredo.

— Bem, eu tenho. Mas antes de te contar o meu segredo, acho justo saber algo sobre você.

— O que você quer saber?

Apple limpou a garganta antes de fazer uma pausa.

— Eu vi vocês todos na sexta-feira à noite. Você parecia assim... preocupado. Você é tudo o que eu tenho pensado, e eu não consigo descobrir o porquê. Então eu precisava ligar, tentar falar com você.

Minha mente pensou na loira baixinha que eu soquei no peito. Qual era o nome dela, Annie, Abby? E ela tinha um sotaque sulista.

— Onde você me viu na sexta-feira? — perguntei.

— Você estava tomando um drinque com os amigos. Eu ouvi tudo sobre o terapeuta sexual gostoso na rádio Galaxy. Eu vi seu rosto em todos os outdoors da cidade. Mas quando ouvi a sua voz, soube que era você.

— Nós conversamos?

— Então, o que você está escondendo, Vaughn? — ela perguntou, ignorando minha pergunta. Tentei lembrar como a voz de Abby soava, mas não conseguia por nada nesse mundo.

— Não estou escondendo nada.

— Todo mundo está escondendo alguma coisa. Todo mundo tem pelo menos um esqueleto em seu armário. Eu lhe direi o meu se você me disser o seu. É justo, não acha?

— Eu revelo muitos dos meus segredos, Apple. É só você ouvir.

— Não, eu quero o segredo de verdade. Aquele que você não conta a ninguém. Aquele que faria você suspirar de alívio depois de pronunciar as palavras e que o faz se perguntar por que o escondeu por tanto tempo. Esse tipo de segredo, como o tipo do que eu tenho.

Natalie fez um gesto como se cortasse a garganta antes de interromper.

— Desculpe, Apple. É hora de encerrar. Você terá que ligar de volta amanhã se quiser pressionar nosso excelente Dr. Lair a revelar seus segredos.

— Salvo pelo gongo — disse ela com humor. — Eu ligo amanhã. Tenha uma boa noite, Vaughn. — Ela desligou antes que eu pudesse responder, me deixando um pouco pensativo sobre sua franqueza e minha reação.

Tinha de ser ela.

— Bem, Estados Unidos, espero que tenham gostado da conversa desta noite. Certifique-se de sintonizar amanhã e nos ligar. O programa não funciona sem que vocês exponham seus podres... ou como a Apple tão

eloquentemente colocou, revelando os esqueletos em seu armário. E talvez ela esteja certa. Talvez para que todos vocês falem, eu também terei que falar. O tópico de amanhã à noite será o seguinte: qual é o único ato sexual em que você se envolveu e sobre o qual você não contou a ninguém? Até lá, aqui é o Dr. Vaughn Lair. Lembre-se de foder com todo o seu coração, e foder como se sua vida dependesse disso. Boa noite.

— Quem diabos era ela? — Natalie perguntou quando a luz *NO AR* escureceu.

— Eu não faço a menor ideia.

Daryl entrou no estúdio sorrindo como um tolo.

— Você disse que estava indo para casa, seu cachorro. Você comeu alguém depois do Old Man Gaffney's?

— Eu fui para casa... sozinho. — E se eu não estivesse preocupado, teria ido para casa com a loira que eu soquei no peito. — Ela deve ter me visto e assumido que eu estava preocupado.

— Não era como se você estivesse escondendo sua preocupação — acrescentou Natalie com um sorriso. — Parecia que seu melhor amigo tinha morrido.

Isso era verdade. Repeti nosso esbarrão em minha mente. Ela perguntou meu nome depois de falar o dela... aquele que eu não conseguia lembrar de jeito nenhum. Abby tocou um sino, e a Apple estava suspeitosamente perto dele. Uma memória fraca da pequena loira com um sotaque sulista apareceu em minha mente enquanto eu embaralhava minhas anotações e papéis em uma pilha antes de empurrá-los para a minha bolsa.

— É melhor você estar preparado para lavar um pouco de roupa suja, Vaughn. Ela te chamou para um duelo.

— Eu não tenho nenhum segredo. — Olhei para Daryl e dei de ombros. — Enfim, vejo vocês no meu escritório no mesmo horário. Nat, traga os números. Foi um bom programa, enorme diferença. Mesmo acordo amanhã.

Eu dei a eles um aceno curto e saí do estúdio antes que eles tivessem a chance de me questionar ainda mais sobre essa misteriosa ouvinte.



Capítulo 7

COMO PROMETIDO, DOBREI MEUS NÚMEROS em quatro dias. Os destaques do meu programa têm sido tendência no Twitter diariamente. E embora *Unnecessary Censorships* de Jimmy Kimmel tenha se concentrado em comerciais de TV, eu fui o primeiro apresentador de rádio a fazer sua recapitulação semanal e ter uma menção honrosa em seu diálogo de abertura.

A única coisa que não aconteceu foi outra chamada da Apple. Todas as noites, quando os últimos minutos do programa se aproximavam, eu me via irritado por ela não ter ligado... e ainda mais irritado porque eu estava irritado por ela não ter ligado.

Haven disse que eu deveria estar animado já que fui *eu* quem elevei meus números. No entanto, parte de mim pensava que, se não tivesse sido a chamada da Apple na noite de segunda-feira, os ouvintes teriam sintonizado todas as noites só para ouvir outra chamada dela? Ou pior ainda, ouvir se ela conseguiria que o locutor admitisse algum segredo lascivo que não existia? Depois, tinha o argumento que me fez uma fraude. Como eu poderia dar conselhos para qualquer situação se minha vida sexual era muito maçante?

Adicione tudo isso ao fato confuso de que eu não conseguia parar de ouvir sua voz, imaginar o que ela usava ou onde ela estava deitada enquanto conversava comigo.

Na quarta-feira, cheguei ao ponto de culpar minha falta de uma vida sexual como a razão pela qual eu estava obcecado por uma completa estranha. Essa poderia ser a única explicação para a minha estupidez. Era óbvio que meu

cérebro não conseguia funcionar adequadamente por causa da falta de sexo, bem como pelas temperaturas geladas que fui forçado a suportar em Nova York.

O último orgasmo que tive com uma mulher foi no dia em que deixei Los Angeles. Joyce Malvern era uma tenaz agente de Hollywood que não tinha interesse em um relacionamento. Nós nos conhecemos em uma premiação, e ela passou a noite tentando me convencer a assinar com ela, ou fodê-la. Se eu decidisse assinar, então fodê-la estaria fora de cogitação. Eu não tinha interesse em um agente, e tomei a opção dois. Deu certo. Foi perfeito para nós dois. A desvantagem era que Haven a odiava. Apesar disso, nosso caso durou quase um ano.

Passamos a noite antes de eu voar para Nova York fazendo todas as coisas sacanas que gostávamos de fazer. Um jantar de sushi levou a um meia-nove em sua cama, uma foda em seu chuveiro e um boquete no estacionamento do aeroporto. Seu objetivo: me mandar embora satisfeito com a promessa de pegar um avião para Nova York se eu precisasse dela por qualquer motivo.

A cada dia que passava, eu odiava Nova York mais e mais. Eu precisava muito de uma foda. Haven me mataria quando descobrisse que eu estava pensando em pedir a Joyce que viesse a Nova York para uma visita de emergência. Mas uma foda familiar me faria bem de várias maneiras. Sem esforço necessário, nada de cantar uma estranha. Mesmo Haven não podia argumentar que havia muito a ser dito sobre a familiaridade em uma cidade estranha.

Depois do programa daquela noite, a equipe iria para o Old Man Gaffney's para o ritual de sexta-feira à noite, e eu os acompanharia. A verdade por trás da minha participação tinha pouco a ver com me enturmar e construir relacionamentos com minha equipe. Parte de mim esperava que a pequena loira estivesse lá, e uma parte maior de mim esperava que eu pudesse conhecê-la em um nível pessoal.

Não havia nada que eu amasse mais do que um desafio. Se eu a visse hoje à noite, não revelaria minha suspeita de que foi ela quem ligou. Não. Em vez disso, eu usaria o acaso de reencontrá-la a meu favor.

Haven foi a única pessoa a quem confidenciei minha teoria de que a Apple era Abby. Ela ouviu a chamada e concordou que eu precisava continuar dando corda e tornar as coisas interessantes. Ela também concordou em não deixar transparecer que eu suspeitava que fosse Abby, para manter o suspense.

— *Se ela achar que é anônima para você, será mais direta.*

Olhei para o meu relógio, entediado por estar nesta reunião. Não era a mesma sala cheia de engravatados com a qual me encontrei antes de começar na Galaxy. Desta vez, apenas Natalie, Daryl, Paul e eu estávamos presentes. Eu tinha algumas horas antes do programa desta noite e queria ter algumas perguntas preparadas para fazer aos ouvintes. As coisas estavam correndo muito bem e, apesar de eu ter andado preocupado, esta reunião foi uma perda de tempo.

Natalie marcou os itens em sua lista que ela queria discutir com Paul, sendo um deles algumas aparições agendadas para mim em uma empresa local, bem como um convite para visitar outra estação Galaxy. Parecia que o ponto de discórdia recente era se eu deveria levar acompanhantes ou não. Paul parecia pensar que ter uma mulher bonita no meu braço ajudaria minha persona no ar. Nat sentiu que isso contrariava minha reputação romântica se eu tivesse uma mulher diferente a cada evento.

Foda-se.

Não importava o que qualquer um deles pensasse, porque eu faço o que quero. Às vezes, eu preferia ir sozinho. Outras vezes, ter uma companhia para ajudar a noite a ser menos chata era obrigatório.

Eu não estava ouvindo nada, até que Paul de repente disse:

— Vaughn, o que há em sua agenda que impressionará esses ouvintes?

— Eu não gosto de debater minhas anotações com ninguém. Desculpe, Paul.

— Eu não consigo nem fazer com que ele compartilhe comigo — brincou Natalie. — Eu tenho que admitir que é mais divertido entrar todas as noites sem ter a menor ideia do que ele vai inventar.

— É assustador pra caramba, mas está funcionando. Continue assim, Vaughn. — Paul me deu um sorriso, e não o sorriso arrogante ou

condescendente que ele normalmente ostentava... pela primeira vez desde que o conheci, seu sorriso era genuíno.

— Vou fazer o meu melhor. Agradeço se você não brigar com Natalie por conta dos meus métodos esta semana.

— Você tem que ter paciência com a gente, Vaughn. Este é um território desconhecido para a Galaxy. Você não pode nos culpar por querer ir com calma. Mas... graças a você, estamos aprendendo a correr riscos. — Ele levantou a mão em uma saudação escoteira. — Chega de brigar.

— Obrigado — eu disse, o tempo todo me perguntando se o avanço que tivemos na segunda semana foi por causa dos meus “métodos”, e não por causa de um telefonema de uma mulher misteriosa chamada Apple.

— Faça o que for necessário para manter os números onde eles estão.

Ah... mas essa era a porra da questão.

Eu conseguiria?

Quando olhei para o rosto de Natalie, seu sorriso se alargou.

— Bem, a outra coisa que precisamos discutir é o Galaxy Ball amanhã à noite.

Ugh.

Porra.

Eu tinha me esquecido daquela coisa, e não me preocupei em esconder minha falta de entusiasmo.

— É uma tradição, Vaughn. Uma da qual você agora faz parte. Seu nome e rosto trarão muito dinheiro para a nossa causa — Natalie me lembrou.

A tal *causa* foi a razão pela qual eu concordei em ser leiloado nessa porra de baile. Tudo bem, não era como se eu tivesse opção, já que a Galaxy fez questão de incluir minha participação no meu contrato. Paul Turner, ele mesmo tendo sido adotado, doou milhões de dólares para a Turner House, uma organização que ele fundou há dez anos para órfãos. Haven ficou muito impressionada com as obras de caridade do meu novo chefe.

Daryl limpou a garganta para interromper.

— Tenho uma ótima ideia para aumentar o valor dele.

Levantei uma sobrancelha diante de sua escolha de palavras.

— Valor?

— Sim — ele disse e balançou a cabeça com força. — Imagine só. O lance deles vai ser por um jantar romântico e uma sessão privada com o terapeuta sexual. E se eles também fossem levados a acreditar que poderiam avançar no jogo, chegar a certas posições com Vaughn Lair? — perguntou ele em uma voz profunda de barítono.

— E como isso aumentará meu valor?

— Nós damos a entender que será mais do que só... — Ele mexeu os dedos em um movimento irritante de enrolar. — Jantar e Terapia.

— Isso é ilegal, Daryl — disse Natalie em um tom exasperado.

— Não, não é.

— Pagar para fazer sexo com Vaughn? Sim, é.

— Sem sexo. Vamos deixar todo mundo achando que tem a ver com sexo, mas na verdade será um encontro em um jogo de beisebol. — Três pares de olhos focados em seu rosto. — É brilhante.

— Mais alguma coisa? — Paul perguntou, ignorando a ideia estúpida.

— Não, isso é tudo o que temos — Natalie respondeu para nós.

— Tudo bem. Tenha um ótimo programa hoje à noite, Vaughn. Vejo vocês no baile amanhã.

Paul saiu da sala de conferências, me deixando com meus dois jogadores principais, um dos quais eu pensei em demitir.

— Sério?

— O quê? A equipe que traz mais dinheiro recebe férias remuneradas. Estou apenas tentando ajudá-lo, cara.

— Sim, sou *eu* que você está tentando ajudar. — Levantei e caminhei em direção à porta. — Te vejo no estúdio.

Meu celular vibrou no bolso assim que cheguei ao meu escritório.

— Oi — eu disse quando atendi à chamada de Haven.

— E aí? Como foi?

— Paul deu permissão.

— Eu disse que daria. Como ele não poderia? Ele não tem ideia de como executar o que você está trazendo para a Galaxy.

— Enquanto eu continuar trazendo isso tudo.

— O que há de errado com você? Você precisa que eu vá aí para bater em você? Você está fazendo tudo. A garota não ligou a semana toda.

Haven sabia que eu sentia que era a chamada da Apple a responsável pelo despertar de emoção que o programa precisava.

— É, vamos ver. Enfim, preciso de um favor.

— Fala.

— Encontre-me no Old Man Gaffney's hoje à noite. Se ela estiver lá, você vai virar a nova melhor-amiga-para-sempre dela. — O silêncio que se se estendeu era esperado. Haven odiava bares lotados e barulhentos. — Olá?

— Eu tenho um encontro hoje à noite.

— Elliott?

— Sim.

— Leve-o. — Eu não esperei que ela terminasse de gemer antes de acrescentar: — Resolvido. Te vejo hoje à noite depois do programa.

Encerrei a chamada enquanto suas últimas palavras, “Vaughn Lair, eu te odeio”, chegavam aos meus ouvidos.



Com dez minutos restantes no relógio, aquele nome misterioso e a descrição apareceram na minha tela de chamadas. Natalie o viu exatamente ao mesmo tempo que eu e apontou para ele com as sobrancelhas levantadas.

— Então, temos tempo para mais uma chamada — disse ela no microfone.

Mesmo que uma pequena emoção tenha me atravessado ao vê-la na minha lista de chamadas, foi a curiosidade que me fez clicar em seu nome.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer de sua ligação, Apple?

— Ah, minha lista é longa — ela respirou no telefone. — Oi, Vaughn. Obrigado por atender a minha chamada.

— O prazer é meu. Eu estava me perguntando se você ia ligar de novo.

— Desculpe, eu estive muito ocupada — ela disse com um suspiro. O silêncio se estendeu entre nós. Silêncio enquanto se estava ao vivo era o pesadelo de um produtor, mas durante os poucos segundos de mudez, dava para ouvir a eletricidade passando pela linha telefônica.

Demorou mais do que o esperado até que Natalie girasse uma mão em um silêncio, sinalizando para eu seguir adiante.

— Como posso ajudá-la esta noite?

— Preciso lembrá-lo de nossa última conversa, Vaughn?

— Não, eu me lembro. Você quer um segredo.

— Você está pronto para compartilhar, se colocar no lugar do ouvinte e se abrir?

Sua voz era suave como seda, e a insinuação por trás da sua pergunta quase me fez deixar escapar que *meu lance é voyeurismo*, mas eu não ia tornar isso tudo tão fácil para ela.

— Acho que estou curioso sobre o porquê de você precisar disso de mim.

— Por alguma razão eu preciso. Isso me lembra um livro que eu li. — Ela fez uma pausa por um momento antes de perguntar: — Estamos sem tempo?

— Não. Temos alguns minutos. Continue.

— Neste livro, uma mulher estava em uma plataforma de metrô indo para o trabalho, tranquilamente cuidando de sua própria vida. Um trem parou, mas estava tão lotado, que ela decidiu esperar pelo próximo. Pouco antes de sair, seus olhos pousaram em um homem olhando para ela de dentro do trem. A maneira como seus olhos cor de chocolate perfuraram diretamente os dela fez com que seus mamilos ficassem rígidos. Ela apertou as coxas por baixo da saia enquanto sua boceta pulsava por aquele único olhar.

Natalie se moveu ao meu lado assim que eu vi Daryl bater uma mão frustrada sobre seus olhos através da janela de vidro.

Apple respirou fundo audivelmente. Porra, isso foi bom.

— E? — perguntei, em um tom logo acima de um sussurro.

— E, com a quantidade de tempo que levou para os passageiros embarcarem, desembarcarem e para o anúncio de que as portas estavam se

fechando soar, essa mulher praticamente gozou vendo um estranho olhando para ela.

— Amor à primeira vista, tesão instantâneo. É isso que você está tentando entender? Você já experimentou essa faísca que está descrevendo comigo?

— Não exatamente. No livro, ele estava tão envolvido nela quanto ela estava nele. Na minha situação, foi unilateral.

— Sim, você mencionou durante sua última ligação que me viu em algum lugar. Você não respondeu à minha pergunta se nós nos falamos ou não.

— Rapidamente. Mesmo assim, durante esse minuto, meu mundo parou de girar.

A expressão confusa de Natalie se transformou em preocupada. Eu a vi rabiscar em um pedaço de papel – *maluca, abortar!*

Merda. Tinha de ser Abby.

E se isso era realmente verdade, em que eu estava me metendo ao encorajá-la? Apesar disso, eu não conseguia encerrar a conversa. Havia uma certa vulnerabilidade na mulher, e isso aumentava a curiosidade.

— Então você disse que na sua situação era unilateral. Você me notou, mas eu não notei você, correto?

— Algo assim.

— Ok, então eu não estou entendendo a conexão entre este livro com nosso breve encontro.

— No livro, esse estranho consumiu todos os pensamentos da mulher por anos. Ela seguiu com a vida da maneira que se esperava: namorou, casou, teve filhos. Mas ela nunca esqueceu aquele homem que viu no metrô naquele dia, até que se deparou com ele novamente. E quando ela fez isso, virou sua vida de cabeça para baixo. Uma conexão súbita e inesperada pode ser poderosa nesse nível?

— Com certeza. Tudo é possível. Mas preciso lembrá-la de que era um livro de ficção.

— Posso garantir que o que experimentei quando vi você pela primeira vez não era fictício, Vaughn.

— Acabou o tempo que tínhamos esta noite. — Natalie cortou nossa conversa sem pedir desculpas.

Apple riu.

— Acho que isso significa que terminei. Vamos conversar de novo. Divirta-se no Galaxy Ball amanhã. Comprei um ingresso, mas não tenho certeza se vou ou não. Seja lá quem der lances em você, essa é uma mulher de sorte.

Antes que eu pudesse responder, ela encerrou a ligação.

Alguns segundos de silêncio fizeram Natalie balançar as mãos, fazendo sinal para que eu continuasse com os comentários finais. Em transe, li os patrocinadores da noite e fechei o programa com minha fala padrão.

— Aqui é o Dr. Vaughn Lair. Lembre-se de foder com todo o seu coração, e foder como se sua vida dependesse disso. Boa noite.

Assim que a luz *NO AR* escureceu, Natalie gritou:

— Vaughn. Você precisa parar de encorajá-la!

— Ah, para. Ela é inofensiva — eu disse, removendo meus fones de ouvido.

— Eles fazem filmes de terror baseados nesse tipo de situação. Hoje ela tem uma paixonite inofensiva; amanhã ela está em pé na frente da sua janela. Você está louco?

— Você está sendo ridícula. Isso faz um ótimo programa.

Daryl entrou enquanto ria.

— Isso está ficando bom pra caralho! O locutor irreverente tem uma stalker. Ignorando-o, Natalie persistiu.

— Vaughn. Ela vai para o baile! Isso é assustador.

Peguei minha pasta e ri dela.

— Não, isso é fascinante — eu retruquei antes de sair do estúdio.



Capítulo 8

O BARULHO DO BAR PODIA ser ouvido a meio quarteirão de distância. Meu ânimo estava muito melhor do que há uma semana. E agora, depois daquela ligação da Apple, eu estava ainda mais ansioso para ver se minha loira misteriosa estava lá dentro.

Uma mensagem de Haven me avisou que ela estaria em uma mesa ao lado do bar. Eu a avistei rapidamente e dei uma olhada ao redor, procurando pela minha suposta stalker. O bar estava mais lotado do que na sexta-feira passada, e ninguém me pareceu familiar entre aquele monte de gente esmagada num espaço pequeno.

— Oi. Eu guardei uma mesa para vocês. — Ela se levantou para me dar um abraço. — Onde está sua equipe?

— Eles estão vindo. — Uma vez que nos separamos, eu reparei em sua linda blusa rosa e jeans escuros. Seu cabelo castanho encaracolado ainda estava puxado para trás, mas não da maneira normal e bagunçada. — Nossa, você se arrumou para a ocasião... saltos também.

— É por isso que estou sentada. Meus pés estão me matando.

— E isso nos seus olhos é maquiagem? Você gosta desse cara. — Sua resposta foi um encolher de ombros. — Onde ele está? Ele te deu um bolo?

— Cala a boca, Bundão. Ele ficou aqui comigo umas horas e acabou de sair. Ele pega no hospital às cinco da manhã.

— Você não me disse que ele era médico. — Seus olhos pousaram na sua bebida quase vazia. — O quê?

— Ele é enfermeiro. — Minha boca se abriu diante da ironia. Um dos nossos filmes favoritos era *Entrando Numa Fria Maior Ainda*, e uma das nossas cenas favoritas era o Robert De Niro criticando Ben Stiller por ser enfermeiro. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela estendeu a mão e cutucou meu peito. — Não.

— Ah, vamos lá, você tem que admitir que é engraçado para caralho.

Eu comecei a rir, e um sorriso preguiçoso apareceu em seu rosto antes que sua falsa raiva se transformasse em riso completo também.

— Foi um esforço imenso para não rir quando ele me disse. E não porque eu ache que a profissão dele não seja extremamente admirável. Mas eu só conseguia pensar em você imitando o Robert De Niro.

Na minha melhor voz de Robert De Niro, eu disse:

— Não há muitos homens em sua profissão... há, Greg?

— Não me envergonhe quando você o conhecer!

— Essa é uma promessa que não posso cumprir. Desculpe, Perversa.

Uma cara feia alterou suas feições.

— Falando em perversos, tenho uma pergunta. — Revirei os olhos, sabendo o que estava por vir. — Por que eu recebi uma série de mensagens da Joyce esta noite?

— Eu disse a ela para pegar meu itinerário.

— Sim, eu sei disso. Por que ela precisa do seu itinerário?

— Porque eu estou com tesão. — Dei de ombros sem pedir desculpas.

Depois de um bufar sarcástico e um revirar de olhos, ela passou a dizer:

— É por isso que você está interagindo com essa ouvinte? Esperando para transar com a Apple? Eu pensei que era sobre o programa.

— Isso depende de quem é a Apple. — Olhei ao redor do bar novamente procurando a loira que eu acreditava que estava brincando comigo.

Haven seguiu meu olhar.

— Há pelo menos cinquenta moças aqui que se encaixam na descrição dela.

— Sim, notei isso. — Ela percebeu minha decepção.

— Você acha que é a garota que você encontrou na última sexta-feira? — Depois do meu aceno de cabeça, ela acrescentou: — Eu perdi o programa hoje à noite, o que ela disse?

Dei-lhe um resumo da nossa conversa, incluindo a parte em que ela comprou um ingresso para o baile.

— Ah, a propósito. Muito obrigado por me lembrar disso — eu disse com sarcasmo. — Até Natalie falar sobre isso em nossa reunião de hoje, eu tinha esquecido sobre essa droga de baile.

Ela mexeu as mãos como se fosse óbvio.

— Está no seu aplicativo de calendário, aquele que você nunca olha.

— Esse aplicativo me odeia.

— De acordo com você, todo aplicativo te odeia. Talvez o fato de você não se lembrar de carregar seu maldito celular na metade do tempo seja o verdadeiro problema. De volta à sua senhorita misteriosa. — Eu podia ver uma preocupação nova nos olhos de Haven. — Como você se sente sobre ela estar lá?

— Deve ser divertido.

— Se ele não acabar sendo morto, cortado em pedaços e jogado no rio — disse Natalie ao se aproximar de nossa mesa.

— Sim, com milhares de outras pessoas no baile, você acha que essa garota vai me amarrar, me arrastar para fora e me matar? Porra, pelo menos isso faria uma noite interessante. Certifiquem-se de escrever um bom discurso para o meu enterro.

— Posso usar vermelho para o seu funeral? — Haven acrescentou.

— E eu vou usar amarelo. — As meninas trocaram sorrisos largos quando Haven se levantou para abraçar Natalie.

— Sente-se.

— Só por um segundo. — Ela olhou para mim e acrescentou: — Precisamos tomar o shot tradicional de Daryl.

— Por que vocês fazem isso? — Haven perguntou.

— Longa história. A estação de rádio em que ele estava antes da Galaxy teve uma demissão em massa assim que Daryl comprou um apartamento caro. Timing ruim. Ele veio aqui naquela noite, tomou um shot e brindou dizendo “foda-se todo mundo”. No dia seguinte, ele se candidatou a Galaxy e agora acha que o shot que ele bebeu foi a razão pela qual conseguiu o emprego.

— Eu entendo ele — admitiu Haven. — Eu sou muito supersticiosa.

— Não diga isso a Daryl, ele já tem uma queda por você.

— Por mim? — Haven disse ao mesmo tempo em que eu dizia:

— O quê?

— Ah, merda. Não diga a ele que eu disse isso! Ele vai me matar.

— Daryl não é o tipo de Haven — eu esclareci. — Ela está caidinha por um enfermeiro chamado Elliott.

— O cara do apartamento? — Natalie perguntou.

— Sim.

— Você precisa me atualizar. A última vez que ouvi, ele estava botando uns quadros na sua parede para você.

Haven corou... *Corou?* Quem era essa mulher?

— Tem sido... interessante. — Seus olhos se voltaram para os meus, mas ela mudou de assunto. — Então, por que você está convencida de que a Apple vai assassinar Vaughn?

Voltando-se para mim, Natalie disse:

— Eu me preocupo que ela seja louca.

Haven assentiu com uma risada.

— Vaughn atrai loucas. Ele te falou sobre a Joyce? — Natalie parecia confusa, forçando Haven a dizer: — Ela está vindo do outro lado do país para ir ao baile amanhã à noite.

— Correção. Ela está vindo do outro lado do país para a gente foder.

— Certo. A bruaca é um contatinho — disse Haven, rejeitando meu comentário com um aceno de mão.

— Eu achei que você não tinha agente, não? — Natalie me perguntou.

— Eu não tenho. Ela queria ser minha agente, mas eu a fodi.

— Que elegante — brincou Natalie.

— Foi ideia dela — respondeu Haven, levantando as sobrancelhas praticamente até a linha do cabelo. — A primeira coisa que ela disse a Vaughn foi “você vai me contratar como sua agente, ou você vai me foder”. — A expressão chocada de Natalie foi recebida com um aceno de cabeça. — Sim. Muito classuda. Acho que ela percebeu que Vaughn tende a pensar muito com a cabeça de baixo.

Natalie bufou.

— Que homem não faz isso?

— Ok, chega de falar de mim como se eu não estivesse aqui.

Haven riu de mim.

— Então, a bruaca vai gostar de saber que você terá uma admiradora secreta esperando por você no baile, Cinderello?

— Que fofa. — Dei de ombros. — Joyce não dará a mínima. Enquanto minha atenção estiver voltada para ela, não será intimidada por outras mulheres.

— Isso é verdade. A primeira vez que a conheci, ela me assustou para caralho. Você tem certeza de que ela não tem um pau balançando entre as pernas?

— Tenho certeza — ofereci com um sorriso.

— Ugh. Mudando de assunto — disse Natalie, e seu olhar pousou em alguém atrás de mim. — Daryl chegou.

— Vamos lá. — Virei-me para Haven. — O que você quer beber?

— Um Malibu Bay Breeze.

— Já volto.

A dois passos da mesa, uma ruiva alta me parou com a mão no braço.

— Você é... Vaughn Lair?

— Eu mesmo

— Eu simplesmente te amo! — ela gritou, fazendo com que todos a menos de dez metros olhassem na nossa direção. Ela agarrou meus braços, e suas longas unhas vermelhas marcaram o couro da minha jaqueta. — Eu só consigo

gozar com estimulação do clitóris, o que significa que acabo fingindo a maior parte do tempo. O que estou fazendo de errado?

— Por que você não liga para o programa na segunda-feira à noite? A gente fala sobre isso.

— Ah, eu não posso fazer isso. Estou muito envergonhada! — *No entanto, gritar no meio de um bar lotado não foi um problema.* Eu me afastei, esperando que ela entendesse a dica, mas sua mão se apertou em meus braços.

Natalie passou o braço pelo meu.

— Amor, eles estão nos esperando no bar. — Sem hesitar, ela me afastou da ruiva. Quando sentiu meu olhar, olhou para cima com uma piscadela.

— Amor?

— De nada.

Quando chegamos, Daryl me deu um shot.

— Que diabos?

— Desculpe, eu me distraí. Haven está aqui.

— Haven está *aqui*? — ele repetiu, olhando ao redor e esquecendo sua tradição estúpida.

— Você não voltou com a Carla?

Seus olhos cortaram para Natalie.

— Bem, não voltamos exatamente. Estamos apenas conversando... e transamos ontem à noite, mas...

— Podemos acabar logo com isso? — eu cortei, levantando o copo e esperando por seu brinde estúpido.

— Ah, desculpe. — Daryl garantiu que todos os olhos estivessem sobre ele e levantou o copo, dizendo: — Foda-se todo mundo!

Todos nós bebemos a tequila e, assim como ele fez na semana passada, pedimos outra rodada.

Acenei para o barman e joguei uma nota de cem dólares no bar.

— Eu preciso de uma Stella, uma Malibu Bay Breeze e outra rodada para eles dois.

Pegando minha cerveja e a bebida de Haven, dei dois passos antes de Daryl dizer:

— Diga a Haven que estarei lá em alguns minutos.

— Eu também — disse Natalie, bebendo outro shot e colocando o copo de volta no balcão. Levantei uma sobrancelha para seu comportamento atípico. — O quê? Foi uma semana cansativa.

Com um balançar de cabeça, me afastei, mas quando cheguei à pequena mesa, meus passos vacilaram ao ver Haven sentada com quatro loiras.

Ela olhou para cima com um sorriso artiloso e tirou seu Malibu Bay Breeze da minha mão.

— Aqui está ele. Vaughn Lair, conheça minhas novas amigas. — Ela apontou para cada mulher, dizendo nomes que eu ignorei.

— Prazer em conhecer todas vocês — eu disse com um sorriso forçado, antes de virar minha cara feia em direção a minha assistente irritante.

Quando Haven perguntou se elas ouviram falar do locutor irreverente na Galaxy Radio, que estava “deixando a rádio quente”, conseguimos ter uma conversa sem palavras, com apenas a expressão em nossos rostos.

Eu: “*Quem diabos são elas?*”

Haven: “*Você queria que eu encontrasse sua Apple.*”

— Você está no rádio? — A loira número três perguntou.

— Eu estou.

— Espere... você disse Lair? — perguntou uma delas a Haven.

— Eu disse. Ele é primo de Jack. — Haven riu do meu olhar quando três das quatro loiras gritaram de uma só vez.

— Porra — murmurei para mim mesmo, ainda estava desajeitadamente de pé perto da mesa. Duas garotas ocuparam as cadeiras mais próximas de Haven, me deixando sem outra escolha a não ser me sentar entre o resto das líderes de torcida.

— Puta merda, você é tão gostoso quanto ele — disse a loira número um, passando seus olhos carregados de rímel para cima e para baixo no meu tronco. Ela se virou para a loira número dois. — Sem covinhas, mas olha esses cabelos castanho-escuros, seus olhos cinza. Poderiam ser irmãos.

Ao meu lado, a loira número três lambia os lábios enquanto olhava para minha pélvis.

— Ele tem olhos? — Seu comentário causou um coro de risos. — Você sabe cantar?

— Não. — Tomei meu gole de cerveja, olhando para Haven, enquanto ela continha um sorriso.

Natalie e Daryl caminharam em direção à nossa mesa. Ele tinha um copo de cerveja em uma mão e a outra estendida em minha direção.

— Então, é aqui a festa?

— Estávamos apenas comparando Vaughn com seu primo Jack — disse a loira número quatro.

— Eu nunca conheci o Jack — Natalie respondeu. — Mas posso garantir que Vaughn dá de dez a zero no departamento de conversas sacanas.

Haven não conseguiu conter sua diversão, pois encorajou as loiras tontas e bêbadas a esquecer a estrela do rock e conhecer o outro Lair sensual. Ela falou do número de telefone da emissora e contou detalhes do meu programa, trazendo as chamadas mais quentes do meu passado em Los Angeles. Natalie e Daryl também entraram para me torturar, mencionando coisas que eu havia discutido no ar desde que cheguei a Galaxy.

E o tempo todo tudo o que eu conseguia pensar era em maneiras de me vingar deles.



Capítulo 9

PELA MINHA JANELA, OBSERVEI COMO os grandes flocos fofos caíam em câmera lenta na 64th Street. Não eram muitos os que saíam para uma tarde de sábado assim, mas aqueles que estavam enfrentando a neve pareciam felizes com a situação climática... Por qual razão, eu não tinha ideia.

O inverno era uma merda.

Não era um fã de neve e nunca gostei do inverno, então o clima era a parte mais difícil de viver aqui. Eu sentia falta de correr, e sempre preferi correr ao ar livre em vez de em uma esteira. Desde que cheguei a Nova York, eu me exercitei na academia do meu prédio, forçado a olhar para televisões montadas nas paredes. Eu mal podia esperar a chegada da primavera para que eu pudesse ir ao Central Park.

Apesar do clima, Haven vinha me ajudando a apreciar algumas das melhores coisas da cidade – a história, a cultura. Ela estava certa, nada daquilo existia em Los Angeles. A cada dia, minha ira por Manhattan diminuía um pouco. Então, como eu vinha imaginando, em abril ou maio, eu ficaria feliz por estar aqui.

Até tinha de admitir que a neve era bonita de se olhar enquanto majestosamente caía do céu, mas uma vez que atinge o chão, não é nada mais do que inconveniente para caralho. Infelizmente, não havia o suficiente para impedir que as coisas acontecessem... como o Galaxy Ball, que eu estava programado para participar em poucas horas.

Acho que seria pedir demais? Uma nevasca para a noite, e tudo já derretido pela manhã? Não. A Mãe Natureza decidiu foder conosco e soltar apenas o

suficiente para causar problemas irritantes. O primeiro foi o voo de Joyce cancelado até amanhã. Como ela encaixou uma viagem a Nova York antes de precisar pegar outro voo amanhã à noite para Londres, não havia razão para ela vir. Isso significava que não havia mais meu contatinho, como Haven mencionou. Isso também significou que minha assistente sempre tão eficiente ganhou a honra de ser minha acompanhante esta noite.

É claro que Haven discutiu, mas depois do tormento que ela me fez passar ontem à noite com sua pequena brincadeira no Old Man Gaffney's, eu disse que ela iria ao baile, mesmo que eu tivesse de arrastá-la para lá em um trenó. Ela cedeu, alegando que a verdadeira razão pela qual participaria era por causa do quanto isso beneficiava o orfanato da Turner House.

Depois, tinha a realidade de enfrentar a neve em um smoking e sapatos de couro brilhante de bico fino. E as mulheres teriam ainda mais dificuldade. Eu me sentia mal por todas que teriam de andar por calçadas pouco limpas enquanto estavam de salto.

Falando nisso, eu não tive notícias Haven o dia todo, o que me causou ainda mais preocupação. Normalmente, minha amiga estaria surtando por ter que participar desse baile, porque exigia se vestir de forma elegante, com maquiagem e penteado. Adicione uma tempestade de neve e isso a deixaria toda empolada.

Dei-lhe tempo suficiente de manhã para digerir a realidade da noite. Mas seu silêncio me deixava nervoso. Quando liguei para o celular dela, ela atendeu no quarto toque.

— Sim? — ela perguntou calmamente.

— Você está bem?

— Claro. Por quê?

Com o telefone na orelha, entrei no meu segundo quarto, agora muito organizado, para pegar meu smoking do armário.

— Ah, não sei. A Haven que eu conheço e amo estaria tentando descobrir como fazer calças de ioga e uma camiseta da Disney funcionarem para o traje desta noite.

— Ha-ha, você é engraçado. Não, eu estou prestes a fazer a minha maquiagem. Está tudo bem.

— Tudo bem. Fiquei nervoso de não ter notícias suas — admiti. — Preciso de um favor.

Ela bufou ao telefone.

— Estou meio que no processo de cumprir o último favor que você me pediu.

— Bem, eu preciso de outro. Durante o leilão, se eu coçar a sobrancelha, dá um lance alto o suficiente para me ganhar. — Sua risada rouca passou pelo telefone. — O quê?

— Ganhar você?

— Você sabe o que quero dizer. Vou cobrir o lance. É só dar o lance.

— Muito bem. Vou dar um jeito de te ganhar, desde que você me leve para praticar snowboard amanhã.

— Nem ferrando! Por que você me odeia tanto?

— Eu não te odeio. Estou tentando te tirar de casa. Você se tornou muito recluso em Nova York.

— Tenho planos para amanhã.

— Não, você não tem. Joyce, a prostituta, não está mais vindo. Sua agenda agora está livre. Encontrei um resort perto da cidade. Por via das dúvidas...

— Eu odeio seus cenários de “por via das dúvidas”...

Ignorando-me, ela repetiu:

— Por via das dúvidas, caso você esteja disponível, eu tenho que nos inscrever para as aulas amanhã de manhã.

Eu resmungava por telefone, mas sabia que iria fazê-la feliz. Mais uma vez, ela fez muito por mim, e em momentos como esse eu poderia retribuir.

— Eu odeio esse seu checklist, Pervertida.

— Bem, Bundão, mal posso esperar para chegar ao próximo item da minha lista.

— Que porra eu tenho que fazer a seguir? Bungee Jump do Empire State Building?

— Você ficará feliz em saber que o próximo item da minha lista é para Elliott.

— É mesmo? — Eu não conseguia esconder a surpresa na minha voz. — E em que você e Elliott estarão envolvidos? Torneio de Scrabble?

— Eu nunca vou contar.

— Uma bebida esta noite, e você vai contar tudinho.

— Você é hilário. Te vejo no baile, Cinderello

— Haven, eu não me importo de te pegar.

— Isso é ridículo. Você está a dez minutos do Plaza. Te encontro lá.

Eu sabia que era melhor.



Chegando elegantemente tarde, verifiquei meus trajes e imediatamente entrei no salão de baile. Os garçons estavam com postura ereta em seus uniformes e luvas brancas, oferecendo champanhe quando os convidados atravessavam a porta. Com uma balançada de cabeça, recusei e fui em direção a um dos bares abertos pedir algo um pouco mais forte para me ajudar a relaxar.

Não reconheci ninguém enquanto examinava as centenas de convidados já presentes. Paul disse que quinhentas pessoas eram esperadas esta noite, e eu podia imaginar com quem da minha vida anterior eu iria esbarrar. Este era o evento do ano em nossa profissão. Estar no Galaxy Ball significava que ou você era importante ou você era rico.

Galaxy não poupou despesas para o evento, que custava dez mil por cabeça. Pelo seu dinheiro, você jantaria quatro pratos da melhor comida que The Plaza tinha a oferecer, tomaria as bebidas alcoólicas de primeira linha e receberia uma cesta de presente de despedida na saída. Além de ser por uma grande causa, ser visto ou, melhor ainda, fotografado enquanto estava lá valia mais do que a dedução fiscal.

Uma orquestra completa tocava uma música de Sinatra, enquanto alguns convidados já foram para a pista de dança. Outros, espalhados pelas mesas e pelos bares, misturando-se e conversando como profissionais. Depois de pedir um Belvedere para mim e o vinho branco favorito de Haven, fui em busca da minha mesa.

Paul tinha colocado todos os funcionários da Galaxy bem no centro, de frente para a orquestra. Eu estaria na mesa número dois com minha equipe

noturna e seus acompanhantes. Na mesa, Natalie e seu namorado, Justin, estavam conversando com Daryl e quem eu supus ser sua ex-namorada, Carla.

— Boa noite a todos — eu disse, escolhendo a cadeira ao lado de Natalie.

— Você tomou banho — brincou ela. — Vaughn, este é Justin, também conhecido no programa como Sr. C.

Justin passou por Natalie oferecendo a mão, que eu aceitei.

— Prazer em conhecê-lo, cara. Parece que eu já te conheço.

— Digo o mesmo.

Fui então apresentado a Carla, enquanto Daryl brincava:

— Sr. Romance está na pista hoje?

— Não, minha acompanhante está a caminho. — Assim que eu disse isso, os olhos de Daryl pousaram sobre o meu ombro e se arregalaram.

Eu me virei o suficiente para ver Haven de pé atrás de mim, incrível em um vestido preto muito ajustado com um decote na frente. Ela sorriu e encolheu os ombros quando levantei as sobrancelhas enquanto acenava com a cabeça. De pé, abracei-a com carinho e sussurrei:

— Muito bom, Pervertida.

Seu cabelo foi alisado e colocado para o lado sobre um ombro. A maquiagem estava impecável, e seu perfume me lembrou do tipo que ela usava na Califórnia, suave e praiano.

— Obrigada. — Ela saiu do meu abraço e deu uma voltinha para mim. — Nada mal, hein? Tudo graças à sua prima, Lizzy. O vestido, a bolsa e os sapatos são dela. — Ela se inclinou, baixando a voz, para acrescentar: — A calcinha é minha, e você ficará feliz em saber que elas são minhas favoritas da Hello Kitty.

— Bem, é uma transformação incrível. Você está linda... irreconhecível, mas linda. Na verdade, você não se parece em nada com você mesma normalmente...

— Ok, eu entendi — ela interrompeu, estendendo a mão na frente do meu rosto. — Caramba.

Eu ri quando ela aceitou a cadeira que eu puxei para ela.

— Oi, pessoal. — Todos os olhos estavam sobre ela quando acenou com seu jeito pateta para o restante da mesa.

— Haven, você está linda — disse Natalie, avaliando a aparência da minha melhor amiga. Ela apresentou Justin, enquanto Daryl e Carla tinha uma discussão que parecia estar bastante acalorada do outro lado da mesa.

— Oi, Daryl — disse Haven do outro lado da mesa.

— Ei. Haven, essa é, hm...

Ele olhou para sua acompanhante e hesitou o suficiente para fazê-la dizer:

— Meu nome é Carla.

— Carla — repetiu Daryl. Ele olhou para mim, e eu me esforcei para não o xingar. O homem estava sendo um idiota, e essa era a garota que ele queria de volta. Eu balancei a cabeça enquanto ele olhava para Haven, atrapalhando-se com as palavras. — Carla e eu voltamos recentemente.

Imperturbável, Haven sorriu para os dois.

— Isso é ótimo. Prazer em conhecê-la.

A orquestra mudou para um ritmo otimista, tornando difícil de ouvir. Nossa mesa se dividiu em conversas menores.

— Hum, o que há com ele?

— Não faço ideia. Eu acho que ele está atordoado por você, sendo que você não se parece em nada com o seu eu normal. — Passei-lhe o vinho que eu tinha pedido, que ela aceitou com as sobrancelhas franzidas.

— Você continua me lembrando disso. — Ela examinou o ambiente enquanto tomava seu vinho. — Algum sinal da sua Apple?

— Ela não é *a minha* Apple. E, não. — Haven levantou uma sobrancelha com um sorriso. — O quê? Ok, eu já procurei. Não quero ser pego de surpresa.

— É, tá, esse é o motivo. Se ela estiver aqui, talvez dê um lance em você.

— Acho que vamos ver.

Quando nosso primeiro prato foi servido, Paul fez o discurso mais chato do mundo, me fazendo querer enfiar a faca de manteiga nos ouvidos. Fiz uma anotação mental para falar com ele sobre como ajudar a animar as coisas para o próximo ano.

— Senhoras e senhores, agradeço a todos por estarem aqui. Temos alguns prêmios fantásticos para os lances esta noite... incluindo uma noite romântica

com a nossa mais nova adição à Galaxy Radio, o dr. Vaughn Lair. — Paul estendeu a mão em minha direção. — Vaughn, por favor, fique de pé.

O salão de baile explodiu com aplausos e assobios enquanto eu me levantava e acenava. Eu não me envergonho facilmente, mas ser escolhido para me levantar em um salão cheio de estranhos não era a minha praia. Voltei ao meu assento assim que Paul encerrou as coisas dizendo:

— Agora que todos vocês sabem para onde suas generosas contribuições irão, é hora de aproveitar a noite. Encorajo todos vocês a coçarem os bolsos para ajudar a Turner House.

A orquestra voltou a tocar a música do jantar, e as conversas reiniciaram.

— Você é um homem desejado — disse Haven com humor. — Você ouviu aqueles assobios e gritos?

— Só lembra de me salvar se eu precisar de você. Caso contrário, quem sabe com quem eu vou acabar?

— Quanto a isso. Quero contribuir com os lances para que eu possa ajudar uma criança a ter uma boa família, como eu, que tive sorte.

Meu coração se aqueceu quando lembrei da boa pessoa que ela era.

— Tudo bem.

Assim que respondi, alguém colocou a mão no meu ombro. Eu me virei para ver uma mulher mais velha sorrindo timidamente. O vestido apertado de estampa de leopardo que ela usava falava muito. Seus amplos seios preenchiam o espaço entre o decote e a linha do pescoço. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, meu olhar pousou na montanha de cabelo loiro-acinzentado preso em um intrincado coque. Ela devia ter mais de sessenta anos de idade.

Sua mão foi à minha nuca e me apertou. Eu podia sentir suas unhas na minha pele nua, e um calafrio que eu não pude controlar percorreu minha coluna e parou nas minhas bolas.

— Você me daria a honra dessa dança? — ela perguntou, lambendo os lábios vermelho-sangue.

Diante da minha hesitação, Haven olhou para mim antes de se virar para ela.

— Sinto muito, acabei de pedir a ele para dançar comigo.

Putá merda, Haven estava sempre um passo à frente. Ela pegou minha mão e se levantou, esticando meu braço atrás de si. A garra que ainda apertava meu pescoço me forçou a removê-la enquanto proferia um pedido de desculpas patético que eu não queria dizer.

Com uma piscadela manhosa, ela disse:

— Sem problemas. Vou te pegar mais tarde.

A mulher pareceu não se incomodar quando passamos por ela para ir em direção à pista de dança.

— Obrigado — eu disse a Haven quando começamos a balançar no ritmo da música.

— De nada. Eu sempre te dou cobertura, Bundão. Você sabe disso.

— Eu sei disso. Assim como você sabe se precisasse de mim por qualquer motivo, eu estaria ao seu lado em um piscar de olhos. — Olhei para a mulher, que ficou nos olhando com um sorriso divertido no rosto. — Porém, eu acho que você acabou de dar a ela um objetivo a cumprir esta noite. — Haven seguiu minha linha de visão e riu. — O que é tão engraçado?

— Acabei de imaginar você em uma prancha de snowboard amanhã.



Capítulo 10

QUANDO PAUL ANUNCIOU QUE UM encontro comigo era o próximo item do leilão, uma agitação se espalhou pelo salão de baile. Mulheres de todas as formas, tamanhos, idades e etnias foram para a pista de dança... inclusive alguns homens estavam no meio. Eu era a quinta pessoa do leilão e a terceira do sexo masculino. Mas, por alguma razão, todos pareciam estar aguardando por mim.

Natalie disse esperar uma alta participação, especialmente das mulheres que participaram do baile nos últimos anos. Eu era sangue novo e tal.

Até agora, nenhum sinal da Sra. Leopardo que me pediu para dançar mais cedo ou da mulher que eu suspeitava ser a Apple. A cada dia que passava, minha teoria de que a loira do bar e a Apple eram a mesma pessoa parecia mais exagerada.

Meus olhos se encontraram com os de Haven. Eu tive de morder o interior da minha bochecha para parar de rir de sua expressão. Éramos tão parecidos de tantas maneiras, que às vezes eu sentia que fomos separados no nascimento. Quando uma ruiva peituda empurrou Haven para o lado, a fim de ficar mais perto do palco, a maneira como minha amiga olhou antes de revirar os olhos quase fez minha postura ir para o caralho.

Nossos olhos mais uma vez se conectaram, e ela falou:

— Que estupidez.

Acenei com a cabeça concordando. Obviamente, não era a causa que me irritava, mas a maneira como Paul arrecadava todo o dinheiro para a Turner

House a cada ano. As pessoas não poderiam simplesmente assinar um cheque sem esse circo?

Foi preciso um esforço consciente para policiar minhas expressões enquanto tentava esconder meus pensamentos de quão estúpido eu achava que toda essa farsa era. Flashes pipocava enquanto a imprensa registrava cada momento do leilão. Essa era a última coisa que eu precisava, meu rosto carrancudo, durante um dos maiores leilões de caridade em Manhattan, estar em todas as redes sociais amanhã.

— Senhoras e senhores, estamos prontos para começar? — Paul perguntou, permitindo que sua fala acalmasse a sala.

De onde eu estava, vi Natalie e Daryl abrirem caminho através da multidão para ficar ao lado de Haven. Daryl se inclinou e disse algo a ela antes de sorrir para mim, assim como Natalie, que me ergueu um polegar.

— Um sortudo vencedor poderá passar uma noite romântica com nosso novo locutor, bem como terá uma sessão de terapia sexual individual com o estimado Dr. Vaughn. — Paul retirou o microfone do apoio e sorriu para a multidão. — Vamos começar com cinco mil dólares.

— Cinco — gritou a ruiva que empurrou Haven.

— Sete — veio de uma mulher de beleza exótica.

— Dez — disse uma loira de costas, levantando o braço.

Paul ficou em silêncio, nem mesmo precisando incitar os lances. Haven observou meu sinal quando uma mulher mais velha e deslumbrante gritou:

— Vinte mil.

— Eu escuto vinte e cinco? — Paul perguntou.

Instantaneamente, um homem que estava fora da pista de dança aceitou a oferta de Paul. Quando nossos olhos se encontraram, ele levantou seu coquetel enquanto ostentava um sorriso lascivo. Olhei em direção a Haven para vê-la contendo um sorriso. Claramente ela gostou um pouco demais desse espetáculo.

— Trinta? — Paul perguntou. Mais uma vez, a proposta foi imediatamente atendida.

De um lado para o outro, com algumas das mulheres repetindo suas tentativas de me conquistar à medida que meu preço subia. Até agora, as mulheres, e até mesmo os homens, que estavam interessados em comprar meu tempo eram inofensivos. Poucos minutos depois, meu preço estagnou em cem mil. A loira que deu o último lance era exatamente o meu tipo, e eu sorri de volta quando nossos olhos se encontraram. Eu bem que poderia conhecê-la.

— Temos cem mil na mesa para Vaughn. Senhoras, isso está indo em direção a uma causa maravilhosa, e o bônus disso é que você pode passar tempo com esse homem arrojado. Ouço cento e vinte e cinco?

Do nada, uma voz abafada nos fundos da pista de dança disse:

— Duzentos e cinquenta mil.

Todos os olhos se voltaram para ela, e lá estava a mulher que me pediu para dançar mais cedo. Em choque, meu corpo enrijeceu quando absorvi aquele valor insano.

Duzentos e cinquenta mil dólares, porra?

Tinha de ser uma piada. A multidão fervilhava, mas muitos não pareciam estar atordoados com a oferta dela. Por acaso, dei uma olhada a tempo de vê-la lambe os lábios. Minha reação de olhos arregalados a fez rir. Essa mulher queria me comer vivo. Havia regras aplicadas para a segurança daqueles que foram leiloados, mas eu não tinha certeza de que isso a impediria de tentar entrar nas minhas calças. Eu não queria ficar preso em nenhum lugar com essa mulher, especialmente em uma sessão de terapia individual.

Porra.

Isso ia me custar uma fortuna. A cada segundo que passava, eu esperava por uma contraproposta que nunca chegava.

— Duzentos e cinquenta mil é o último lance. Temos duzentos cinquenta e cinco? — Sabendo que meu tempo havia acabado, meu polegar voou para minha sobrancelha enquanto eu o corria para frente e para trás, repetidas vezes.

O problema? Daryl distraiu Haven conversando com ela.

Eu tossi.

Nada.

Limpei a garganta em voz alta.

Nada!

Eu não era um homem religioso, mas isso não me impediu de orar para que Haven olhasse para mim enquanto a mulher me olhava como um pedaço de filé mignon.

Meu estômago embrulhou quando Paul disse:

— Duzentos e cinquenta mil dou-lhe uma, dou-lhe duas... vendido!

Na venda, Haven finalmente caiu em si e levantou a mão... mas já era tarde demais.

Porra. Eu vou matá-la.

Aplausos e mais aplausos irromperam no salão.

Meu olhar de que-porra-foi-essa fez com que ela murmurasse um: *“Me desculpa”*.

Minha licitante caminhou até o palco com propósito, esperando que eu a encontrasse no final das escadas. Senti como se estivesse caminhando em direção à minha própria execução, e a gravata-borboleta ao redor do meu pescoço parecia me enforcar.

Procurei a multidão e vi Natalie e Daryl rachando de rir, enquanto Haven estava com os olhos arregalados em choque.

E eu sabia... a maneira como minha produtora e meu diretor estavam rindo à minha custa, eu sabia que estava ferrado.



O barulho baixo das persianas subindo na janela me acordou de um sono agitado. Em um estado de semiconsciência, as imagens que sonhei ainda estavam confusas em minha mente. Eu me revirei a noite toda na cama por causa dos pesadelos que eu tive, eu tinha sido amarrado e torturado na mão de uma mulher mais velha e loira, o que me deixou exausto.

Daryl e Natalie confessaram e explicaram que a sra. Constance Meriwether participava todos os anos e sempre deixava uma tonelada de lances em dinheiro para o homem mais gostoso do leilão. Aqueles dois sabiam o tempo todo que meu destino estava nas mãos daquela mulher mais velha com estampa de leopardo. Daryl usou a Apple como uma maneira de distrair Haven, alegando que ouviu uma mulher dizer que estava lá para me encontrar pessoalmente

depois de algumas ligações. Enquanto Haven discutia com ele, não ouviu Constance fazer o lance.

Quando o leilão terminou, ela se agarrou a mim, pedindo uma dança. Eu tive de lembrá-la de que eu não estava em sua posse ainda. Ela riu enquanto acenava com a mão, descartando minha preocupação. Descaradamente, ela levantou e aproximou os lábios na minha orelha, sussurrando:

— Pelo que eu paguei, você tem sorte de tudo o que eu quero agora ser uma dança.

Ao som de sua voz confiante, o cheiro de seu perfume se misturando com o álcool em seu hálito e a sensação de seus dedos ósseos em minha mão fizeram com que minhas bolas se retraíssem, procurando um lugar para se esconder.

Enquanto eu educadamente dançava com a sra. Constance Meriwether, meus amigos se sentaram à nossa mesa rindo da minha cara... e continuaram a rir pelo resto da noite.

— Levante-se. — A voz de Haven me trouxe de volta à realidade e me lembrou que eu tinha uma assistente para matar.

— Saia — resmunguei no travesseiro.

Ela riu na porta do meu quarto.

Sem levantar a cabeça, peguei o outro travesseiro ao meu lado e joguei nela.

— Eu disse ontem à noite, não vou a lugar nenhum com você... principalmente praticar snowboard. Você desperdiçou essa chance ao não fazer o seu trabalho.

— Eu disse que sinto muito. Além disso, eu lhe economizei uma fortuna. Pelo que Daryl admitiu, ela nunca jogou tão alto em uma oferta antes e teria continuado se eu rebatesse.

— Teria valido cada caralho de centavo.

— Ei, nunca diga nunca. Talvez Connie Panterona vire seu mundo de cabeça para baixo. Você disse que estava com tesão.

Isso me fez pegar mais um travesseiro para jogar nela.

Senti a cama afundar quando Haven se sentou do lado oposto.

— Eu trouxe o café da manhã para você — ela murmurou. — Eu também trouxe o jornal e fui bem longe trazer seus grãos de café favoritos do *Joel's*. Eu sei

que os seus acabaram.

O cheiro celestial do meu blend favorito flutuava ao meu redor, e eu abri um olho para olhar para ela.

— Foi mesmo? — Haven assentiu com a cabeça, movendo uma caneca da bebida quente para frente e para trás ao lado da minha cabeça.

— Fui. Olha, você não tem nenhuma razão para ser malvado comigo, já que não foi minha culpa.

Suas palavras quebraram um pouco minha fúria. Na realidade, não havia nada que eu pudesse fazer a não ser sair com Constance e acabar com isso. Daryl disse que era um ritual de passagem na Galaxy, e eu não deveria me preocupar. Todo mundo que passou um tempo com Connie Panterona saiu vivo. Pelo menos isso foi uma vantagem.

— Muito bem. Você está perdoada.

— Homem inteligente. Agora levante-se — ela exigiu enquanto saía do meu quarto.

Alguns minutos depois, eu estava na minha ilha de cozinha inalando minha bebida favorita e desfrutando do meu sanduíche de bagel favorito. Haven empurrou um pedaço de papel em minha direção sobre o granito.

— O que é isso?

— São os termos do seu encontro com Connie Panterona. Agendamos para sábado à noite e a sessão de terapia para a próxima quarta-feira.

— Porra. Joyce vai chegar neste fim de semana.

— Vou remarcá-la. A menos que você a queira por perto enquanto isso.

— De jeito nenhum. A última coisa que eu preciso é de uma briga entre Joyce e Constance. — Levantei o papel e analisei-o. Ele dizia que para a doação dada tudo o que eu tinha que fazer era levar a Sra. Meriwether para jantar em um restaurante de sua escolha. Em relação à sessão de terapia, ela teria uma hora de duração, também em local de sua escolha. O que não dizia era que eu tinha que levá-la no encontro sozinha.

Hmm.

— Espero que você tenha marcado no seu calendário, já que você vai comigo.

— Eu não vou.

— Sim, você vai. — Segurei o papel em direção a ela com um sorriso diabólico. — Em nenhum lugar diz que eu não posso trazer ninguém junto.

Os olhos de Haven se arregalaram quando ela pegou o papel da minha mão. Depois de alguns segundos, ela balançou a cabeça com veemência.

— De jeito nenhum eu vou com você.

— Você vai — eu disse com um aceno de cabeça duro. — Para me recompensar.

Ela balançou a mão sobre o balcão.

— Isso foi para te recompensar. Paguei minha dívida com um bagel de gergelim e com café.

— É, não. — Com a mão, fiz um gesto para o café da manhã. — Isso é um pedido de desculpas. Você vir comigo é me recompensar. Algumas horas comigo valem um quarto de milhão, e um bagel de três dólares não compensa isso.

Na maneira como seus lábios se torciam para o lado, eu sabia que sua cabecinha bonita estava calculando uma réplica. Depois que um minuto inteiro passou, soube que ela não conseguiu encontrar uma.

Haven finalmente falou:

— Eu tenho um encontro nessa noite.

— Você terá que adiá-lo.

— Eu já cancelei com o Elliott duas vezes. Estou com tesão também.

— Muito bem. Vá transar com seu vizinho estúpido enquanto eu sou atacado até a morte. Espero que você seja capaz de conviver com a culpa. Apenas lembre-se de quem estava lá quando o homem com o mullet terminou com você. — Enfiei um dedo no peito. — Eu.

Eu odiava jogar a carta *você me deve*, mas isso era um caso de vida ou morte. Sabendo que Haven nunca poderia lidar com o sentimento de culpa, terminei meu café da manhã observando sua crise interior.

Decidido a suavizar o acordo, acrescentei:

— Vou comprar uma roupa para você usar. E eu vou até praticar snowboard com você algum dia.

— Antes que o inverno acabe?

— Fechado.

— Muito bem. Eu vou. — Ela bufou de frustração. — Às vezes, eu te odeio.

— Mentirosa.

Meu sorriso fez com que ela me mostrasse o dedo. Seus olhos brilharam quando ela deu uma mordida furiosa em seu muffin de mirtilo. Eu sabia que não estava com raiva de mim, mas sim da sua incapacidade de me dizer não... e a razão pela qual ela nunca pôde fazer isso é porque Haven também sabia que eu levaria um tiro por ela em um piscar de olhos.



Capítulo 11

UM SORRISO LENTO SE ESPALHOU pelo meu rosto ao ver o nome na tela.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer da sua ligação, Apple?

— Oi, Vaughn — ela disse em um suspiro, e o som despreocupado agitou as coisas dentro de mim. Eu não falava com ela há uma semana e, naquela última vez, não foi por mais de dez minutos. No entanto, lá estava eu agindo como um moleque na escola que foi notado pela líder de torcida no corredor. — Minha lista é longa — acrescentou timidamente.

— É? Bem, espero poder ajudar.

— Ninguém com quem estive foi capaz de me fazer gozar. Mas apenas ouvir sua voz faz com que minha libido se agite depois de um longo tempo.

Natalie girou a mão em seu típico sinal de *continue a fazendo falar*.

— Você está ligando mais cedo do que o habitual esta noite. É para que possamos chegar à raiz do seu problema? E, com base no seu último comentário, posso assumir que você está sexualmente frustrada?

— Não estamos todos? Você também está, não é, Vaughn?

— De forma alguma. Por que você acha que eu estou sexualmente frustrado?

— Todas as vezes que eu te vi, você parecia frustrado. A expressão em seu rosto bonito é dura e esculpida pelo estresse, e não sorridente ou despreocupada como em seus anúncios pela cidade.

— Quando você me viu de novo? Pensei que tinha sido apenas uma vez.

— Sábado à noite no baile da Galaxy.

Pela janela do estúdio, observei os olhos de Daryl se arregalarem enquanto ele se inclinava para a frente, cativado pela confissão. Ele encontrou meu olhar e balançou a cabeça para cima e para baixo como um boneco cabeçudo. Inclinando a cabeça, ele rabiscou em seu quadro branco e o ergueu para revelar — *eu sabia que ela estava lá!*

Ignorando-o, Natalie se inclinou para o microfone e disse:

— Então, você *estava* lá. Você se divertiu?

Apple suspirou na linha.

— Sim. Foi muito divertido.

— Se você estava lá, por que você não se apresentou a Vaughn? — Natalie perguntou.

— Eu estava muito tímida. Além disso, fiquei com medo de que a mulher mais velha que o ganhou no leilão me espancasse.

Não pude deixar de rir.

— Ela poderia mesmo — admiti. — Você deveria ter ido falar comigo. Eu estava ansioso para conhecê-la.

— Eu meio que gosto que você não saiba quem eu sou, não veja meu rosto. Ser anônima é uma vantagem inebriante. Me permite falar livremente sem me preocupar se serei julgada por quem me conhece... ou mesmo por você.

— Apple, eu nunca te julgaria. Mas, se você quiser entrar em uma discussão séria sobre sua vida sexual, marcar uma sessão de terapia seria muito mais vantajoso para você.

— Algum dia, talvez, eu o faça. Por enquanto, se você não se importa, prefiro continuar anonimamente.

— De forma alguma. É uma escolha sua. Por que você não me diz como eu posso ajudá-la?

— Bem... Eu nunca tive uma noite de sexo que me deixasse fora do rumo. Ninguém com quem eu já estive consegui me fazer enrolar os dedos dos pés, aumentar minha frequência cardíaca. Ninguém nunca fez com que minha boca

ficasse seca porque estava ofegante. Eu nunca tive meu mundo chacoalhado até o âmago.

— Lamento ouvir isso. Você já esteve em um relacionamento romântico?

— Sim. Patético, né? Que *ele* não conseguia nem me fazer chegar lá?

— Você se sentia atraída por ele?

— Na época. Agora eu penso: no que diabos eu estava pensando? — Eu ri pelo telefone, e ela riu do outro lado. — Eu também não acho que foi amor, afinal. Então, talvez essa seja a peça que faltava? Estar tão apaixonada por alguém que até mesmo um selinho faz com que meu sangue ferva em minhas veias? Estou delirando em pensar que a paixão que te consome inteiro está por aí, no mundo?

— De forma alguma, desde que suas expectativas não sejam irreais. Caso contrário, você estaria indo rumo a uma decepção, e nenhum homem jamais seria capaz de satisfazer essa necessidade que você está tão desesperadamente procurando.

— Ei, eu não estou procurando um príncipe em um cavalo branco para me fazer sair flutuando por aí, e isso não tem nada a ver com nossa ideia do que há nos romances. Eu sei que sexo alucinante existe na vida real. Eu ouvi sobre isso de amigas... e eu quero isso para mim.

— Algumas pessoas podem nunca encontrar isso na vida. Realmente, tem pouco a ver com encontrar por si só. Preparar-se mentalmente para um relacionamento sexual satisfatório pode ser tudo o que você precisa para alcançar esses momentos de enrolar os dedos dos pés.

Ela soltou um sopro sarcástico de ar.

— Preparar-se mentalmente? Eu não fiz nada além disso durante a maior parte da minha vida adulta.

— Mas e você? Você está se perdendo em cada toque, cada beijo?

— Eu pensei que estava. Especialmente se eu gosto do cara.

— Bem, vou te perguntar uma coisa. Quando um homem desliza a mão até a sua coxa, você está sentindo a pele dele se mover sobre cada centímetro da sua? Ou você já está antecipando a mão dele alcançando sua calcinha, movendo-a para o lado para passar a ponta de um dedo sobre seu clitóris?

O estúdio ficou em silêncio, exceto pelo som da respiração da Apple na linha telefônica. Depois de uma pausa muito longa, ela limpou a garganta.

— Estou imaginando como será quando ele tocar meu clitóris.

— Não. Ainda não aconteceu. Pode não acontecer do jeito que você espera, ou pode até não acontecer, isso é ir rumo à decepção, como mencionei. Sua mão quente, grande e calejada na carne lisa da parte superior da coxa é no que você deve se concentrar. O calor gerado da pele dele na sua é no que você deve se concentrar. A maneira como ele está olhando em seus olhos, ou talvez beijando seus lábios, ou mesmo a maneira como ele está chupando a pele do seu pescoço, é nisso no que você deve se concentrar. Cada movimento que ele faz deve ser tudo o que você pensa... até que seja substituído pelo próximo movimento. — Ao seu silêncio, perguntei: — Apple, você se masturba antes dos seus encontros?

— Sim. — Sua resposta confiante veio através da linha.

— Por quê?

— Para aliviar a tensão, para relaxar.

— Também está matando o tesão que mais tarde pode vir para você. — Esperei uma pausa para que ela digerisse o que eu disse. — Estar em um estado de excitação aumentada indo para um encontro melhoraria a experiência. Na verdade, da próxima vez que você sair com um homem, eu quero que você se abstenha por vários dias. Você pode fazer isso?

— Sim.

— Bom. Quando é o seu próximo encontro?

— Sábado.

— Primeiro encontro?

— Não, mas nada aconteceu ainda.

— Por que você não é sexualmente atraída por ele?

— Não, esse não é o problema. — Ela gemeu pelo telefone, e, porra, aquele som fez meu pau se contorcer. — Porque ele não começou nada.

— Por que esperar que ele comece? Se ele está te levando para sair, ele gosta de você. Fazer o primeiro movimento também pode ser um afrodisíaco instantâneo. — Natalie passou a mão no pescoço, me forçando a olhar para o

relógio. — Vou deixá-la com essa tarefa de casa, e espero que você escreva tudo o que sentiu durante qualquer momento íntimo. Se ele pegar na sua mão, beijar sua bochecha ou foder você, eu quero que você se lembre de cada detalhe. Tudo bem?

— Tudo bem.

— Bem, nosso tempo acabou. Mas, Apple, por favor, fique na linha. Gostaria de lhe fazer mais uma pergunta.

Eu observei Natalie tirar a chamada da Apple do ar para que eu pudesse terminar o programa.

— Obrigado a todos que ligaram esta noite. Aqui é o Dr. Vaughn Lair. Lembre-se de foder com todo o seu coração, e foder como se sua vida dependesse disso. Boa noite.

Daryl atravessou a porta no exato momento em que a luz *NO AR* se apagou.

— Puta merda!

— Sim, foi um bom programa.

— E como. Cacete. Eu estava prestes a ligar para o FBI para tentar negociar um acordo para rastrearem o número dela.

— Você precisa transar, cara.

— Eu transo — disse ele com um aceno firme.

— O que você precisa perguntar a ela? — Natalie perguntou enquanto girava os interruptores para desligar o painel de controle.

— Ela tem algumas inseguranças sexuais graves. Quero ver se ela gostaria de conversar fora do ar. — Levantei o telefone do estúdio e, antes de pressionar o botão para conectar a chamada de Apple, perguntei: — Posso ter um pouco de privacidade?

Natalie e Daryl assentiram e deixaram o estúdio, fechando a porta.

— Olá?

— Oi.

— Eu queria te perguntar fora do ar se você gostaria de conversar sobre qualquer coisa, não precisa ser cara a cara. Eu ficaria feliz em falar com você por telefone para tentar ajudar da maneira que puder.

Ouvi um pequeno suspiro sobre a linha.

— Você faria isso por mim?

— Claro.

— Eu gostaria, sim, Vaughn. Obrigado. Devo ligar para a linha do estúdio?

— Não, anota o número do meu escritório. Estou lá todas as noites antes do programa para preparar minhas anotações. — Eu ditei minha linha direta do escritório para ela. — Você pode me ligar nesse número em qualquer dia da semana, entre 19h e 20h.

— Eu agradeço. Você não quer mais que eu ligue para o programa?

Parei para pensar nisso. Por um lado, sua chamada tem sido um bom choque de energia do qual outros ouvintes têm se alimentado. No entanto, por outro lado, parte de mim queria conhecer essa garota, e se fora do ar era como eu poderia conseguir isso, então que assim fosse.

— Isso depende inteiramente de você. Eu só queria que você soubesse que estou aqui para lhe dar conselhos, de qualquer forma.



Daryl me seguiu até um estande nos fundos do pub. Pudemos escolher as mesas, já que o lugar estava vazio. A maior parte da multidão da hora do almoço tinha ido embora, e era muito cedo para a multidão do jantar. Uma vez sentados, cada um pediu uma Heineken e um hambúrguer com todos os acompanhamentos.

— O que tá pegando? — perguntei.

— Por que acha que tem algo pegando?

Ele e eu ainda não tínhamos socializado apenas um com o outro. Ontem à noite, quando ele sugeriu que fôssemos tomar uma cerveja antes do programa de hoje, achei que precisava de conselhos. Eu estava acostumado com meus amigos me pedindo opinião, e nunca me importei. Na maioria das vezes, eles tinham vergonha de fazer isso e tentavam botar o assunto no meio da conversa, em vez de sair falando do problema logo de cara.

— Ok, então. Tem novidades? — tentei.

— Então, a Carla sabe.

Eu tive de rir em voz alta pela forma como ele cedeu tão rapidamente.

— O que ela sabe?

— Que eu dormi com a amiga dela enquanto estávamos separados.

— A amiga contou a ela?

— Sim. Ela estava se sentindo tão culpada, que abriu o bico. Porra, e a Carla perdoou a Ellie, mas me culpa. Eu nunca vou entender as mulheres.

Tive que rir de novo. Daryl era alguns anos mais jovens que eu e tinha muito a aprender sobre mulheres.

— O que é tão engraçado?

— Você está esquecendo de uma coisa.

— Que eu deveria ter colocado as cartas na mesa quando conversamos sobre voltar a ficar juntos, porque agora ela me odeia de novo?

— Sim, para começar. E talvez você não devesse ter dormido com alguém tão próximo a ela tão logo após o término?

— Homens têm suas necessidades, cara. — O garçom entregou nossos hambúrgueres e cervejas antes de perguntar se precisávamos de mais alguma coisa. Uma vez que ele recuou, Daryl enfiou algumas batatas na boca e começou a falar novamente. — Depois que terminamos, eu estava me acostumando a ficar longe dela quando nos reencontramos. Não me interprete mal, mas foi um inferno durante esses longos meses.

— Por que vocês terminaram?

— Ela sentiu que precisávamos de um tempo.

— E você não concordou?

— Bem, não.

— No entanto, você uma vez fodeu a melhor amiga dela? — Ele revirou os olhos enquanto segurava sua cerveja. — Você não acha que ela tem o direito de ficar chateada com isso?

— Não. Não estávamos juntos. E Ellie veio até mim! Sério, que porra é essa? Que ela fique com raiva de nós dois. Estou cansado das mudanças de humor dela.

— Você está perdendo a paciência com ela — afirmei em vez de perguntar.

— Ela está me enlouquecendo! De repente, ela precisa de tempo e não sente que devemos foder até que organizemos as coisas, tudo devagar. Que se dane. Eu deveria ter convidado Haven para sair como eu queria.

— Cai fora. Ela é boa demais para você.

Ele mastigou a enorme bocada que deu no hambúrguer enquanto olhava para mim como se a sua falta de fôlego fosse minha culpa.

— Você é o extraordinário especialista do sexo. O que eu faço?

— Você a ama?

— Sim, mas...

— Sem mas. Se você a ama, fica. Se você não a ama, segue em frente.

Ele deu outra bicada na cerveja.

— Não é tão simples assim.

— Na verdade, você está certo. O amor não é a única coisa que deve mantê-lo lá. Deixe-me fazer outra pergunta. Você consegue imaginar sua vida sem ela? Quando você se vê cinco ou até dez anos depois, ela faz parte da sua vida? — Seus olhos arregalaram, e ele me olhou como se um pau tivesse brotado na minha testa. — Não é uma pegadinha.

— Como diabos eu deveria saber?

— Você acabou de responder. Você precisa seguir em frente. — Levantei o hambúrguer e parei no meio do caminho até a boca ao ver uma loira pequena entrando no pub.

— Cara, você parece que viu um fantasma. — Daryl se contorceu em sua cadeira e se virou para trás, sorrindo. — Você a conhece?

— Não — menti, sem condições de compartilhar com Daryl que a loira vindo em nossa direção era a mesma que eu tinha socado no peito, e quem eu também suspeitava ser a Apple.

Meu coração doeu no peito quando ela e sua amiga se aproximaram da nossa mesa. Ela parou de falar para nos olhar, sorriu calorosamente e depois continuou andando.

— Ela é gostosa. Vá pegar o número dela — pediu Daryl antes de enfiar o último pedaço de hambúrguer na boca.

Ignorando-o, continuei a observar as meninas sentadas a uma mesa a poucos metros de distância. A garota que eu suspeitava ser a Apple olhou na minha direção. Seus olhos se arregalaram um pouco enquanto nossos olhares se

encontraram. Alguns longos segundos se passaram antes que ela controlasse suas feições e fingisse que não me conhecia.

Vendo sua expressão e me lembrando do som de sua voz, meu pau inchou sem uma explicação razoável. Eu nem sabia quem era essa mulher, mas naquele momento tive uma experiência extracorpórea.

Este jogo entre nós ficou um pouco mais interessante.



Capítulo 12

— **DESCULPE O ATRASO. EU** deveria ter te encontrado no restaurante — resmungou ela enquanto tirava o casaco. — Eu esqueço quanto tempo leva para fazer cabelo e maquiagem — continuou a divagar, mas eu não ouvi nenhuma outra palavra que disse. Porque quando ela tirou o casaco eu vi o vestido de festa rosa que a cobria perfeitamente, logo acima dos joelhos, mostrando suas pernas em forma...

Pernas eram a minha praia.

Eu já tinha visto Haven de short antes, e até mesmo de roupa de banho. Mas eu nunca vi as pernas nuas de Haven enquanto usava saltos.

Bom, caralho.

Isso mexeu com a minha libido.

Do jeito que estava, havia em mim um estado constante de excitação. Na maioria das vezes, o conteúdo das chamadas que eu recebia nunca me afetava, mas por algum motivo agora eu me via excitado com mais frequência do que antes. Pense em quão ridículo é que meus pensamentos sejam consumidos por uma estranha que continuou ligando para meu programa. Depois, houve a decepção que senti quando ela não ligou pelo resto da semana. E agora eu estava cobiçando minha melhor amiga.

Eu precisava transar, e logo.

Distraidamente, Haven jogou o casaco sobre um dos bancos do bar e parou quando viu meu rosto.

— O quê? Você odiou.

— Haven, você está linda.

Um rubor tingiu suas bochechas antes que ela botasse as mãos nos quadris em uma postura defensiva.

— Sabe, Bundão, eu deveria me sentir insultada toda vez que você fica tão em choque com como eu posso parecer uma garota às vezes — disse ela com um revirar de olhos antes de se sentar no banquinho. Quando ela se inclinou para a frente, com os cotovelos no granito, o decote de seu vestido se afastou apenas o suficiente para mostrar a sugestão de um sutiã de renda rosa.

Impulsivamente, eu me esquivei até que eu estivesse atrás da ilha para esconder mais um não planejado pau duro surgindo em minhas calças.

Sério, que caralhos há de errado comigo?

— Você está me deixando complexada, Bundão.

— Sinto muito. Não leve para o lado pessoal. Sou eu. Morando em Nova York, com tesão pra caralho, e essa garota Apple me deixou meio desorientado.

— Eu contei a ela o que havia acontecido depois que a chamada saiu do ar, além de ver Abby no pub.

Haven inclinou a cabeça com compaixão.

— Ela disse que não queria que você visse o rosto dela, o que é meu palpite para ser a razão pela qual ela fingiu não o conhecer.

— Provavelmente. É mais do que isso, na verdade. Eu não consigo descobrir por que uma estranha está mexendo com a minha cabeça tanto quanto ela.

— Você está atraído por ela? A loira?

Considerarei a questão.

— Acho que sim. Mas essa não é a principal razão. Pode parecer loucura, eu senti que nos conectamos quando ela ligou pela primeira vez. Ouvi tristeza em sua voz e uma vulnerabilidade que me tocou.

— É o seu complexo de Super-Homem. Você tem essa necessidade inata de ajudar as pessoas. Adicione o mistério do desconhecido, o desafio que ela representa, e é por isso que você está de quatro por ela.

— Ótimo — eu disse, não me preocupando em negar sua avaliação, uma vez que foi na mosca. — Eu simplesmente odeio que eu passe tanto tempo me

perguntando quando ela vai ligar novamente.

Haven estreitou os olhos profundamente em uma feição pensativa.

— Você tem o número dela, ligue para ela. — Sua solução simples e óbvia fez eu me sentir estúpido.

— Você está certa. Eu vou.

Ela me deu um sorriso genuíno.

— Você está pronto para ir? Você está usando uma coquilha para, você sabe, no caso de Connie Panterona agarrar seu pau?

— Muito engraçado. É para isso que você vai estar lá, para desviar qualquer possível garra. Paul disse que o cheque foi liberado, para que ela não possa cancelar a doação. Vamos apenas esperar que ela não ataque porque *você* estará lá.

— Spray de pimenta — brincou Haven, acariciando sua pequena bolsa rosa.

— Por que estou aqui, afinal? Eu sou sua namorada esta noite? Isso poderia detoná-la.

— Ou impedi-la de tentar me levar para cama.

Haven bateu as pontas dos dedos no granito.

— Siga os meus comandos. Eu sou boa em julgar as pessoas. — Ao ver minha boca aberta, ela perguntou: — O quê?

Comecei a citar uma a uma todas as pessoas em nosso passado que Haven não foi boa em julgar.

— Ok, bom ponto. Que tal eu estar lá como testemunha para a estação de rádio porque você foi acusado de assédio sexual? — Me vendo novamente embasbacado, ela acrescentou: — Não?

— Por que eu sinto que um de nós vai para a cadeia esta noite? — Alcancei seu casaco e o segurei aberto para ela, que deu de ombros enquanto vestia. — Vamos logo acabar com isso.



Surpreendentemente, Constance instruiu a estação que ela iria me encontrar no restaurante que escolheu, deixando o endereço onde deveríamos ir. Quando saímos do táxi em frente a um lugar movimentado chamado Meriwether's, Haven e eu nos olhamos e rimos. No interior, a decoração fazia com que o

restaurante fosse mais adequado para uma casa de strip de Las Vegas. Iluminação fraca, tecidos de estampa animal e muito couro preto me fizeram pensar como seria a casa daquela mulher.

— A comida deve ser boa — eu disse. — Por que mais estaria tão lotado?

O olhar de Haven examinou o lugar de canto a canto.

— Vamos torcer para que não seja um clube de sexo disfarçado — disse ela, dando uma risada.

— Não é engraçado.

A anfitriã anotou nossos nomes, acenando com a cabeça.

— A sra. Meriwether está em sua mesa esperando por você. Posso recolher seus casacos?

Aceitando sua oferta, um minuto depois, ela voltou com senhas para que pudéssemos pegar os casacos no final, pegou dois menus do pódio de entrada e disse:

— Por favor, sigam-me.

O barulho no restaurante beirava o ensurdecedor. Cada mesa acomodava duas ou quatro pessoas, e todas estavam ocupadas. Todos os garçons estavam vestidos com smokings pretos, e não tinha nenhuma garçonete. Uma parede de vidro separava a área de jantar da cozinha, onde os chefs corriam freneticamente preparando refeições.

Era tudo muito caótico, e eu estava odiando tudo.

Constance estava sentada na melhor mesa do local, que estava preparada para dois. Ao ver Haven e eu, seu sorriso pintado de carmesim vacilou.

— Olá, sra. Meriwether — eu disse alegremente.

— O que é isso? — ela perguntou, apontando uma longa unha vermelha na direção de Haven.

— Esta é minha amiga, Haven. Espero que você não se importe que ela se junte a nós. Ela é publicitária — menti.

Constance olhou em direção a Haven, estudando-a da cabeça aos pés. Eu quase ri quando Haven sorriu e acenou. Deus, eu amo minha amiga.

O contraste entre as duas mulheres era cômico.

Haven em seu vestido rosa sexy. E depois havia Constance, usando um vestido similar ao que ela usou no baile, com a diferença de que o tecido de leopardo que se moldava sobre seus amplos seios não estava incrustado com lantejoulas. De resto, o cabelo, a maquiagem e o decote foram todos replicados.

Nossa anfitriã estalou os dedos e um garçom apareceu do nada.

— Arranje uma cadeira para ela.

Sob seu comando, ele pegou uma de uma mesa vizinha e colocou-a em frente à Constance, ao lado da que já estava na mesa. Puxei-a para Haven e depois sentei ao lado dela, enquanto ignorava o olhar penetrante de Connie Panterona.

O garçom apareceu e alcançou o merlot na mesa.

— Vinho, senhora, senhor?

Assentimos, e ele começou a servir. Constance pegou o dela e tomou um enorme gole. Botei um braço pelas costas da cadeira de Haven, e ela observou o movimento sobre a borda do seu copo de vidro. A tensão entre nós pairava tão pesada quanto seu perfume avassalador.

— Então, de quem foi a ideia de trazer a vela? — Ela colocou seu vinho para baixo, e meus olhos se concentraram no batom vermelho-sangue manchado na lateral do copo, combinando com a cor do líquido dentro dele. Isso me distraiu o suficiente para que Haven apertasse minha coxa.

— Ah, hum. Eu pensei que seria ótimo para Haven estar aqui. Foi uma doação tão grande, e ela quer levar para a imprensa quão generosa você tem sido com a Turner House ao longo dos anos.

Constance avaliou Haven com um sorriso condescendente.

— Para qual empresa você trabalha?

— Sou autônoma e estou tentando fazer meu nome. Neste momento, Vaughn é o meu único cliente. Espero que você não se importe de eu estar aqui. Vaughn está sendo gentil, porque eu insisti em vir. — Ela olhou para mim e sorriu, forçando-me a morder o interior da minha bochecha para não explodir em gargalhadas.

— Espere. — Connie apontou uma unha que também poderia funcionar como uma lâmina. — Eu me lembro de você. Você estava na gala com aquele vestido preto. Vocês dois são um casal?

— Não — nós dois dissemos ao mesmo tempo. Meu *não* veio com uma risada, enquanto o de Haven veio com um guincho.

— Só grandes amigos — eu adicionei.

Connie não estava convencida e continuou a observar Haven com um olhar crítico.

— Posso pegar seus pedidos, sra. Meriwether? — perguntou o garçom que buscou a cadeira.

— Agora não — ela o afastou com um aceno de mão com garras. Nós o vimos correr para fora, e eu não ousaria olhar para Haven. Se eu fizesse, sem dúvida o olhar em seu rosto me faria perder a postura.

— Você pode ser honesto. Se vocês são um casal, isso torna as coisas um pouco mais interessantes. Adoro assistir — disse ela despreocupada, levantando o vinho para tomar outro gole. — Meu falecido marido me ensinou isso. Você deve admitir, Dr. Lair, que é muito erótico ver os outros em suas intimidades.

— Sim, muitos gostam de voyeurismo. — O pensamento de ter Constance me vendo durante qualquer coisa sexual quase me deu um nó na garganta. — Mas...

Ela levantou a mão, parando o meu mas.

— Eu tenho uma sensação de que, com vocês dois, os detectores de fumaça acionariam.

Ignorando Haven engasgando com o gole de vinho que acabou de tomar, eu abri um sorriso tenso.

Ok, essa maluca está me irritando.

— Constance. Embora por mais lisonjeiro que seja, me ver envolvido em um ato sexual de qualquer tipo não foi incluído nos termos de sua doação considerável. — Fiz sinal para o garçom e acrescentei: — Vamos pedir?

Sua gargalhada deixou o garçom envergonhado no final da mesa. Juro que o homem começou a suar.

— Vou fazer um acordo com você, Dr. Lair. Vocês dois se beijam para mim... — Ela fez uma pausa e tirou o talão de cheques e uma caneta da bolsa. — E eu vou doar mais dez mil porque eu quero muito ver isso.

— Hum... Vou dar a todos vocês mais alguns minutos para decidir — murmurou o garçom antes de fugir.

— Constance...

— Oh, querido — Haven murmurou, colocando a mão na minha coxa. — Ela já descobriu a gente.

Haven se inclinou, colocou a mão na minha nuca e olhou nos meus olhos. Ignorando o meu olhar de *que porra é essa*, ela pressionou os lábios nos meus.

O beijo começou lento e hesitante, com seus lábios praticamente apenas descansando contra os meus.

Mas isso não durou muito.

A sensação de seus dedos frios em minha carne superaquecida deu início a uma batida acelerada no meu coração. O sabor do vinho se fundiu deliciosamente com a doçura de seus lábios. Do nada, minha mão se levantou para cobrir sua bochecha. No contato, Haven separou os lábios apenas o suficiente para que minha língua ansiosa escorregasse em sua boca. O gemido que ela soltou em minha boca me estimulou a aprofundar o beijo.

Parecia natural e errado ao mesmo tempo. Essa mulher era como uma irmã para mim. Que porra eu estava fazendo lambendo-a daquele jeito? No entanto, eu não parei ou me afastei.

... E ela também não.

Não nos importando que estávamos em um restaurante lotado, ou que uma pantera insana com um fetiche sexual estava nos observando. Segurei a cabeça dela na minha, aprofundando o beijo e passando minha língua na dela. Prová-la pela primeira vez me fez pensar como era o gosto do restante dela. Esse pensamento me assustou para caralho, o suficiente para eu me afastar dela, incapaz de recuperar o fôlego.

Depois de nos separarmos, Haven olhou para mim de olhos arregalados e tão confusa quanto eu.

— Sinto muito — sussurrei tão baixo, que nem tinha certeza de que ela me ouviu.

— Muito bem-feito — disse Constance. Olhei em sua direção para ver um enorme sorriso em seu rosto que mostrava seus dentes manchados de batom. — Isso valeu cada centavo. — Ela rabiscou um cheque e o destacou, entregando-o a mim. — Vou manter isso fora da bolsa — acrescentou ela com uma piscadela enquanto acariciava o talão de cheques. — Apenas no caso de eu poder subornar vocês dois para fazerem outras coisas esta noite. Uau, crianças. Aquilo foi quente pra caramba. Vocês dois deviam considerar fazer um filme pornô.

Haven e eu não estávamos prestando atenção às bobagens que Constance divagava. Em vez disso, ficamos em um silêncio constrangedor enquanto ainda evitávamos o contato ou até mesmo a chance de um olhar para o outro.

Depois de todo um minuto, em transe, nós dois pegamos nossas taças de vinho ao mesmo tempo e as bebemos inteiras.



Capítulo 13

O RESTO DA REFEIÇÃO SE arrastou como um pesadelo ruim do qual eu não conseguia acordar. A mulher não parava com as insinuações. E o tempo todo minha melhor amiga estava sentada ao meu lado de forma rígida, forçando sorrisos e risadas quando necessário, mas, por outro lado, agindo como uma pessoa diferente.

Depois de ter bebido uma garrafa inteira de vinho, Constance pediu licença para usar o banheiro.

Eu pulei de lado na minha cadeira e esbravejei:

— Haven, por que diabos você cedeu às exigências estúpidas dela?

Ao ouvir o tom da minha voz, sua expressão facial passou de indiferente a cabisbaixa.

— Eu pensei que seria engraçado.

— *Engraçado?* — Passei mão no rosto, não encontrando nada engraçado no frio que sentia na barriga. — Porra. Esta noite foi uma má ideia.

— Sim, foi — ela concordou, pegando sua taça para beber o restante de seu vinho. Não havia muito mais nela, e então Haven foi para a garrafa ao lado, descobrindo que estava vazia também.

— Você quer que eu peça mais?

Ela se contorceu em sua cadeira.

— Posso ir embora?

— Hum... é claro.

Constance voltou quando Haven empurrou a cadeira para trás.

— Banheiro?

— Não, eu vou embora. Sinto muito, não sou uma bebedora de vinho tinto e subiu direto para minha cabeça. — Ela pegou a bolsa da mesa e disse: — Vocês dois aproveitem o restante da noite.

Antes que ela pudesse se afastar, segurei seu cotovelo, parando-a. Haven estava pronta para ir embora daquela palhaçada, mas eu também. Cumpri o meu dever. Era hora de acabar com essa farsa estúpida.

— Constance, eu também estou indo embora. Obrigado pela refeição. Te vejo na quarta-feira na estação de rádio.

A velha bruxa não estava feliz, visto que eu não lhe dei a chance de responder ou mesmo discutir, mas puta que pariu.

Ainda segurando o cotovelo de Haven, eu a levei para pegar o casaco e a ajudei a colocar o seu antes de colocar o meu. Saímos daquela porra de restaurante nos sentindo tensos e desajeitados. O ar gelado do inverno parecia um bálsamo para minha pele superaquecida.

Haven caminhou em direção ao meio-fio tentando chamar um táxi. Todos que passaram estavam ocupados, e depois de um minuto ou mais ela bufou de frustração.

Eu temia que, a cada minuto que passasse, nosso relacionamento sofresse com o intenso constrangimento que se construiu entre a gente. Eu sabia o suficiente sobre sexualidade para compreender que algo tão simples como um momento íntimo entre amigos poderia alterar para sempre a dinâmica do vínculo. Se seria de uma maneira boa ou ruim, dependeria de como os amigos lidariam com a intimidade depois do que aconteceu.

Em toda a minha vida adulta, eu separei amigas de amantes. Elas não se misturam bem, nunca. Em todos os meus anos como terapeuta, eu ainda não tinha encontrado um caso em que funcionou para o casal, depois que eles cruzaram essa linha.

Se eu perdesse minha melhor amiga por causa daquela bruxa desagradável, eu nunca mais seria o mesmo. Eu precisava de Haven. Sempre minha rocha, minha constante, nunca pensei nela de outra maneira a não ser como família. Perdê-la porque a porra de um beijo aconteceu não ia acontecer. Eu poderia

argumentar comigo mesmo que era muito cedo para saber se isso mudaria nosso relacionamento. No entanto, no meu íntimo, eu tinha uma sensação horrível que não ia embora.

Finalmente, um taxista a avistou e desviou para a esquerda, parando centímetros antes de nós. Ajudei Haven a entrar e deslizei atrás dela, dizendo seu endereço para o motorista.

— O que você está fazendo?

— Levando você para casa — eu disse como se fosse óbvio.

— Que burrice. Sua casa está mais perto.

Ignorando-a, encontrei o olhar do taxista pelo espelho retrovisor e repeti o discurso.

— Você é tão teimoso — resmungou ela. A irritação substituiu a expressão confusa que Haven ostentava desde o beijo.

— Sim, *eu* que sou o teimoso aqui.

Normalmente, nossas discussões eram divertidas. Essa briga era nova. Nós não éramos do tipo que brigava, e eu já estava vendo os sinais. Precisávamos conversar sobre o que aconteceu entre a gente. Depois de dez minutos torturantes com Haven olhando pela janela lateral, eu estava ficando mais irritado com ela e comigo mesmo.

— Ugh... Eu me sinto tão nojento. — Esperei que ela olhasse na minha direção. — Que maluca, hein? E eu ainda tenho que ver essa mulher na quarta-feira para uma sessão de terapia. Alguém me dá um tiro — eu disse em uma tentativa de aliviar o clima.

Haven soltou uma risada sem humor.

— Acredite em mim, acho que o pior já passou.

— Sim, vamos esperar.

Nossos olhares se mantiveram até que ela interrompeu nossa conexão.

Mais silêncio.

O táxi parou em frente ao seu prédio. Como um morcego, ela voou para fora do carro e se inclinou para dizer:

— Falo com você amanhã.

— Espera. — Deslizei meu cartão pelo scanner e digitei a quantidade da gorjeta, enquanto ela continuava a me olhar da porta aberta. Eu me juntei a Haven no meio-fio, batendo a porta, e vi o táxi se afastar.

— Por que você o deixou ir?

— Precisamos conversar, Haven.

— Vaughn, não há o que falar. Sério, isso é estúpido.

— Não, não é. Você passou de quieta e triste para desconfortável e irritada, e eu tenho o direito de saber o porquê.

Ela olhou para mim e piscou algumas vezes antes de entrar em seu prédio. A porta principal estava destrancada, e eu estava logo atrás dela quando ela subiu as escadas para o segundo andar.

— Por que essa porta estava aberta?

— Eu não sei — disse ela, exasperada.

Um minuto depois, estávamos em seu minúsculo e bem cuidado apartamento olhando um para o outro. Ela não se ofereceu para pegar meu casaco, mesmo depois de ter tirado o seu. Ela nem sequer me convidou para entrar, mas ficou na sala esperando que eu falasse.

Quando ficou claro que eu não iria falar nada, ela disse e balançou a mão:

— Então vá em frente, fale.

— Ok, hum... — Eu cocei a nuca, ganhando tempo. Nunca em nosso relacionamento eu fiquei sem saber o que dizer. Eu podia dizer qualquer coisa para essa mulher. Nenhum tópico estava fora dos limites, e em nenhum outro momento eu tive de pensar com cuidado nas minhas palavras. Então por que eu estava parado lá como um idiota sem querer compartilhar um único pensamento da minha mente, esperando que ela não adivinhasse como eles eram?

Ela cruzou os braços, levantando as sobrancelhas com expectativa. Estava claro que Haven não ia tornar isso fácil para mim.

Decidido a começar com uma tática de deflexão, perguntei:

— Por que você está brava comigo?

— Estou com raiva de mim mesma por fazer algo tão estúpido.

— Nós dois somos responsáveis. Constance pode ter começado, mas...

— Eu comecei. Eu poderia ter ignorado aquela bruxa.

— Independentemente disso, o que eu fiz, uma vez que você agiu, foi muito pior. Haven, quero pedir desculpas por... — Parei no meio da frase.

Porra. Pedir desculpas por que, por enfiar minha língua na sua boca? Ou talvez eu devesse me desculpar por não querer que isso terminasse?

— Por? — ela perguntou.

— Por levar aquele beijo longe demais. Eu não sei por que eu fiz isso. Foi um grande erro.

Ela soltou uma risada sarcástica.

— Ok, eu entendi. Já falou o suficiente.

O tom de sua voz e a maneira como ela revirava os olhos significava que não entendia meu ponto.

— Você entendeu o quê?

— Me beijar foi um erro. Anotado. Vamos seguir em frente e esquecer que aconteceu. Tudo bem?

Eu deveria ter esclarecido que não foi o beijo dela que foi o erro, mais sim a parte em que eu perdi a calma quando seus lábios tocaram os meus. Mas sua rispidez me deu nos nervos.

— Para com isso, Haven. Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso.

— Vaughn, foi apenas um beijo estúpido. Você se arrependeu, e eu também.

— Eu me aproximei, e ela recuou com um firme balançar de cabeça.

Que porra está acontecendo?

— Olha, está ficando tarde. Eu falo com você amanhã.

Mais uma vez ficamos olhando um para o outro em uma batalha de vontades. Eu a conhecia melhor do que ninguém, e sabia que suas inseguranças estavam acabando com ela. Mas eu não podia apaziguá-las sem abrir uma caixa de pandora que eu não estava preparado para abrir.

O terapeuta em mim fez a festa com essa série de eventos fodidos. Ele queria sentar com ela e ler seus pensamentos até entender como Haven estava se sentindo. Foi o homem em mim que tomou atitudes com a mesma intensidade. Ele evitou relacionamentos porque sabia muito bem quão frágeis

eles eram, quão facilmente eles poderiam ser fodidos para sempre. Esse mesmo homem não queria nada além de sair correndo, se esconder e negar tudo.

Esse homem venceu a batalha.

— Boa noite, Haven. — Eu me virei e abri a porta, seguindo pelo corredor. Antes que eu pudesse voltar para dizer outra coisa, a porta se fechou atrás de mim.

Eu voei pelas escadas pulando dois degraus a cada passo, amaldiçoando Connie Panterona por colocar seus olhos em mim.



Ao meio-dia de domingo, Haven não tinha ligado ou invadido meu apartamento com seu jeito irritante normal.

Para ser justo, eu também não tinha ligado para ela.

À uma da tarde, eu estava no saguão da minha prima Lizzy esperando que ela liberasse minha visita ao porteiro.

— Você pode subir. Apartamento 12F.

— Obrigado — eu disse, balançando brevemente a cabeça, e me dirigi para o elevador.

O caminho foi curto, e eu encontrei Lizzy esperando com a porta aberta quando cheguei no corredor.

— Então, a que devo esta visita surpresa?

— Preciso de conselhos.

Ela se afastou da porta para que eu entrasse.

— Estou lisonjeada por você ter vindo até mim.

Beijei sua bochecha e passei por ela ao entrar no apartamento. O marido de Lizzy, Evan, estava no sofá assistindo ao jogo dos Giants contra os Cowboys.

— Solta a porra da bola, Manning!

Lizzy disse:

— Evan, você vai acordar o bebê.

— Desculpe, baby. — Ele se levantou, parecendo frustrado. — Oi, cara. — Trocamos um abraço de homem antes que ele ficasse ao lado de Lizzy e

colocasse um braço em volta de seus ombros. — Eu não sei por que eu assisto, eles me deixam puto para caralho. Como você está?

— Estou bem. Parabéns pelo disco de platina. Isso é incrível.

— Obrigado. Tem sido uma loucura e difícil de entender. Seu primo Jack tem muito a ver com isso.

— Baby, meu irmão pode ter cafetinado vocês, mas a música é o que as pessoas estão amando.

Evan sorriu para ela e plantou um beijo doce nos lábios da esposa.

— Ela é a minha maior apoiadora.

— Como eu deveria ser — brincou. — Sente-se. Vou pegar uma cerveja para vocês.

— Eu estava esperando ver Michael. Quanto tempo ele vai cochilar?

— Ele vai acordar em breve. Esse garoto corre de um lado para o outro até desmaiar. — Peguei a poltrona de frente para a TV, e Evan retomou seu assento no sofá. — Nova York tem te tratado bem? — Evan perguntou, levantando o controle remoto para silenciar o jogo.

— Com certeza.

Ele olhou para mim e riu.

— Isso não soou muito convincente.

— Eu desprezo o clima.

Lizzy apareceu com uma cerveja para Evan e uma para mim e se sentou ao lado dele no sofá.

— Você tem sorte de ainda não termos tido um inverno horrível.

Eu gemi antes de tomar um gole da Heineken que ela me deu.

— Já me avisaram. Talvez a Mãe Natureza tenha pena de mim. — O casal sentou junto, fazendo com que eu me sentisse um intruso atrapalhando um momento de descanso.

Sentindo meu desconforto, Lizzy disse:

— Querido, Vaughn precisa conversar. Você pode nos dar privacidade?

— Claro. — Evan se levantou e beijou os lábios de Lizzy castamente, depois desapareceu pelo apartamento.

— Sinto muito por ter vindo assim. Eu posso aparecer amanhã em seu escritório, Liz.

— Não seja ridículo. Só espero poder ajudar. É a rádio?

— Não. O programa está indo muito bem. — Esfreguei o rosto, sem palavras. — Ugh. Agora que estou aqui, meu problema parece estúpido.

— Vaughn, você está me deixando nervosa. Fala comigo.

Atualizei Lizzy sobre o leilão no baile e detalhei a mulher que gastou uma fortuna em um jantar e uma sessão de terapia. Uma vez que ela estava por dentro das coisas, eu então disse:

— Eu pedi a Haven para ir comigo.

— Ela me disse.

— O quê? Quando?

— Eu a ajudei a se preparar para o baile no sábado passado, ela me ligou ontem, pedindo conselhos sobre qual vestido usar.

Lembrei de Haven mencionando que era Lizzy quem a tinha deixado tão deslumbrante... aquele vestido preto realçando suas curvas... o cabelo, o perfume. *Aí está meu problema*, pensei comigo mesmo. Eu não deveria me lembrar de quão linda ela estava. Amigos não prestam atenção nisso.

— Eu disse que o vestido rosa ficou incrível nela — acrescentou Lizzy.

— Ficou mesmo. — Meus pensamentos foram para suas pernas nuas... Porra.

— Aconteceu alguma coisa no jantar? — Lizzy perguntou, preocupação mascarando sua expressão jovial costumeira.

— Eu beijei Haven — eu desabafei.

— Isso é uma coisa ruim? — A expressão tipo *dã* que eu dei a ela a fez acrescentar: — Ok, por que você não me diz como e por que isso aconteceu?

Eu divaguei por cerca de quinze minutos sem parar nem uma vez. Durante todo o tempo, minha prima, a psiquiatra, ouviu atentamente, profissionalmente. Isso até que um sorriso lento, caloroso e elétrico se espalhou por seu rosto.

Eu não esperava a reação dela. Sim, eu esperava surpresa ou choque, mas não... Exaltação.

— Por que você está sorrindo?

— Negação 101.

— De que diabos você está falando, Lizzy? — Bebi o restante da minha cerveja, colocando a garrafa vazia na mesa ao meu lado.

— Vaughn. Como você não consegue ver? — Meu encolher de ombros sem noção a fez rir. — Vocês dois estão lutando contra o inevitável.



Capítulo 14

LUTANDO CONTRA O INEVITÁVEL?

Como assim?

Eu repeti as palavras de Lizzy várias vezes na cabeça. Como ela saberia o que era inevitável?

Eu sabia que pedir conselhos era caçar problemas. Sim, eu estava bem ciente de que isso contradizia o que eu fazia para ganhar a vida. Se todos que eu tratei tivessem sentido o mesmo que eu, não estaria onde estou hoje. Mas agora eu entendi. Entendi o que impedia as pessoas de procurarem e pedirem ajuda. A guerra entre o cérebro e o coração é suficiente para causar uma grande confusão. Adicione a opinião de um terceiro, e isso é o suficiente para tornar uma pessoa estúpida.

Não era culpa de Lizzy o estado de espírito fodido em que eu estava. Pela primeira vez desde que cheguei a Nova York, não fui consumido pela temperatura gelada. Eu mal a senti enquanto caminhava, e caminhava por horas. Eu não tinha ideia para onde estava indo ou por que estava relutante em ir para casa.

As buzinas incessantes e multidões correndo para seus destinos deveriam ter sido uma distração bem-vinda. No entanto, eu não vi nem ouvi nada disso. Tudo o que eu tinha em mente era o olhar de Haven quando eu disse que beijá-la foi um grande erro.

Em algum momento entre deixar o apartamento de Lizzy e agora, o tempo passou. A única indicação disso que eu tinha era o meu relógio de pulso e as

luzes da rua que começaram a piscar enquanto uma leve neve caía.

Sem pensar conscientemente, eu me vi de pé na frente de seu prédio. Haven tinha ficado em silêncio o dia todo. Foi por essa razão que eu precisava vê-la e consertar o que quer que fosse que seu cérebro tivesse criado. Ela nunca sentiu que era suficiente para ninguém. Suas inseguranças e problemas de abandono eram antigos, resultados de seus pais biológicos terem desistido dela.

Depois que o babaca que ela estava namorando em Los Angeles terminou com ela, Haven passou dias convencida de que era sua culpa que o relacionamento deles havia terminado. Não havia dúvida de que ela estava remoendo aquele comentário que eu fiz por engano. Por causa da minha boca grande, aposto que a machuquei mais do que aquele imbecil... o que me fez um imbecil ainda maior.

Olhei para o segundo andar e vi a luz do quarto dela acesa. Antes que eu amarelasse, entrei no prédio usando a chave de emergência que ela me deu e subi as escadas.

A música de dentro de seu apartamento preenchia o corredor. O som de Adam Levine cantando *Lost Stars* significava que ela não estava em um bom estado de espírito. Era a música que ela escutava sempre que seu coração doía. O fato de que desta vez *fui eu* quem causou sua dor quase fez com que eu virasse e saísse correndo como um covarde.

Depois de me repreender mentalmente, bati na porta rigidamente. A porta se abriu, e um cara sorridente vestindo nada além de uma toalha olhou para mim com expectativa.

O reconhecimento fez com que sua testa se dobrasse.

— Você é Vaughn, certo?

— Quem é você, caralho?

— Vaughn Lair! — Haven repreendeu por trás desse idiota com quem eu me envolvi em uma briga de olhares.

— Cara, calma. — A maneira como ele levantou as duas mãos e o som de sua voz condescendente fizeram meu sangue esquentar. Não usar nada além de uma toalha quando ele estava me dizendo para me acalmar fez com que o sangue fervesse.

— Elliott, melhor você ir embora.

Elliott?

Ele olhou para trás com um sorriso presunçoso estampado em seu rosto estúpido. Nada parecido com o que eu imaginava. Ele era tão alto quanto eu. Como o meu, seu corpo estava em forma. A bagunça loira de cachos em sua cabeça e sua mandíbula gritavam surfista, o que era estranho, já que o tipo de Haven era nerd e intelectual.

— A gente se fala mais tarde, Haive — disse ele, acrescentando: — Com licença.

Haive?

Esse idiota era arrogante demais para o seu próprio bem. Eu me afastei e o observei descendo pelo corredor e entrando em um apartamento a algumas portas de distância.

Eu a nivelei com um olhar penetrante.

— Você trepou com ele?

Sua boca se abriu em um círculo perfeito antes de fechá-la e empurrar meu peito com as duas mãos.

— Antes de mais nada, isso não é da sua conta! — Ela virou as costas para mim e entrou em seu apartamento, me forçando a seguir atrás como um cachorrinho patético. Quando se virou para trás, seus olhos brilharam de fúria. A minúscula camiseta das Tartarugas Ninja que ela usava se estendia sobre os seios. Meus olhos se concentraram neles como se eu fosse um perverso.

— Em segundo lugar — ela continuou com as mãos nos quadris, alheia a como meus olhos agora estudavam o contorno de seu corpo em suas calças de ioga favoritas. — Não, eu não trepei com ele! Ao contrário de você, eu não saio transando por aí ou uso o sexo como uma distração.

— Quando eu usei o sexo como uma distração? — perguntei, pulando a parte de transar por aí.

— Kim.

— Ah. — Claro que ela falaria na garota que eu realmente usei para superar outra garota. — Bem, eu não faço mais isso. Mas isso está fora de questão. Por que ele estava no seu apartamento só de toalha?

— Por que você está aqui, Vaughn? — Ela ignorou minha pergunta, agora cruzando os braços sob seus seios perfeitos.

Merda.

— Você sabe por quê. — Ela gemeu, jogando-se no sofá. Eu a segui e me sentei ao lado dela. Meus olhos se concentraram nas imagens simétricas da praia que Elliott a ajudou a pendurar em sua parede. Combinado com Adam Levine choramingando sobre seu relacionamento, me irritei ainda mais. — Precisamos conversar sobre isso.

Eu a vi enfiar as mãos em seus cabelos, frustrada.

— Você pode simplesmente parar com essa coisa de terapia? Nem tudo na vida precisa ser investigado até o fim com sua vara freudiana. Quero esquecer isso. Vamos apenas atribuir tudo a mim tendo um dia ruim, fim da história.

— Por minha causa?

— Sim, por sua causa. — Seu rolar de olhos exagerado e o balançar de cabeça me mostrou um pequeno vislumbre da minha Haven. Era isso que eu estava sentindo falta nela. Mas, tão rapidamente quanto apareceu, desapareceu, substituído pelo bico inseguro que eu odiava ver. — Olha, você me conhece melhor do que ninguém. Você sabe que eu fico remoendo um pouco, percebo que estava sendo estúpida e então eu sigo em frente. Você não pode me dar espaço para fazer isso?

— Não. Porque eu também sei que quando você segue em frente, você corta a fonte da sua angústia de sua vida sem nem olhar para trás.

Seus grandes olhos castanhos se arregalaram.

— Você pensa tão pouco de mim que acha que eu te cortaria da minha vida? Você está louco? — Percebi que ela estava certa e ri do quanto essa possibilidade era ridícula. A raiva sumiu de sua expressão e logo ela riu comigo. — Que diabos é isso? Estamos em Mercúrio retrógrado ou algo assim, Bundão? Você está agindo como louco.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você.

— Como louco? Estou agindo do mesmo jeito de sempre.

Merda, mais uma vez ela estava certa. Fui eu que agi de forma atípica — a questão que ficou é... por quê?

— Ok, sinto muito. Você pode só responder a uma pergunta para mim?

Ela me olhou apreensiva.

— O quê?

— Você estava prestes a dormir com ele?

— Ugh! O chuveiro dele está vazando para o apartamento do vizinho do andar de baixo, então ele usou o meu.

— Ele não tem outros amigos no prédio que poderia seduzir com essa desculpa esfarrapada? — Sua expressão se tornou incrédula, e foi então que percebi que cometi o erro de expressar isso em voz alta. Ela voou do sofá, pegou um travesseiro e me bateu com ele. — Ai.

— Você é um cuzão, Vaughn! — Peguei o travesseiro de seus braços levantados e joguei no chão. Com um balançar de cabeça, ela foi para a cozinha pegar uma cerveja.

— Posso pegar uma?

— Não. — Depois de tomar um longo gole, ela bateu a garrafa no balcão ao lado dela e acenou com a cabeça com um sorriso sardônico no rosto. — Eu sei o que está acontecendo aqui. Você não me quer, mas também não quer que ninguém mais me queira.

Bingo... bem, exceto pela parte do “você não me quer”. Antes de ontem, eu teria de admitir que isso era verdade. Eu nunca olhei para Haven dessa maneira. Mas agora parecia que beijá-la havia levantado uma névoa, e de repente a estrada à frente estava clara como o dia.

— O gato comeu sua língua, Bundão?

Até que eu pudesse entender essa merda toda, eu tinha de desviar do assunto.

— Estou morrendo de fome. Podemos pedir alguma coisa?

— Você é uma obra de arte. — Ela vasculhou uma gaveta e puxou um menu com um floreio. — Vamos pedir comida indiana — ela exigiu, levantando uma sobranceira com seu jeito irritante. — E você vai pagar.

— Tudo bem. — Ela sabia que eu odiava comida indiana. Mas esta visita não ia ser em vão. Antes de sair do apartamento dela, eu me certificaria de que estávamos de volta à base sólida de antes.

Sentei-me no sofá e ouvi-a pedir seus pratos favoritos. Pelo menos a inclusão do único prato indiano que eu tolerava significava que ela não me odiava.

— Obrigada — disse ela antes de colocar o telefone perto da orelha para novamente: — Olá. — Seus olhos se ergueram para os meus e focaram. — Não, estou bem. Eu sei lidar com ele. Obrigada... sem problema nenhum, quando você precisar... me fala se você precisar usá-lo amanhã, eu estarei em casa até o meio-dia. Ok, pode ser.

Assim que seu dedo apertou o botão final da chamada, perguntei:

— Quem era?

— Elliott, certificando-se de que você não estava me perturbando.

Que caralhos?

— Você sabe lidar comigo? — eu resmunguei.

— Sim. Especialmente quando você age como um idiota.

— Eu sou um idiota porque eu não gosto desse cara?

— Não, você é um idiota por uma razão totalmente diferente. Você é um otário porque não gosta dele.

— Ele quer entrar nas suas calças. — Eu sabia quando um cara queria entrar nas calças de uma garota. Se eu não tivesse aparecido, aquele idiota já estaria com o pau dentro da minha melhor amiga.

— É? Bem, se for esse o caso, eu provavelmente o deixarei entrar nas minhas calças.

O caralho que vai.

Que porra é essa? Outra bandeira vermelha se agitou descontroladamente na minha mente. Nunca tinha pensado muito na vida sexual de Haven... então por que agora?

Um breve sopro de ar precedeu algo murmurado, mas o som dos talheres que ela estava tirando da gaveta abafou suas palavras. Eu queria pedir para ela repetir o que tinha dito, mas pensei melhor. Se eu continuasse incitando-a, questionando-a, eu teria de me explicar.

Isso seria difícil, já que eu nem sabia que porra estava acontecendo.

O jantar chegou... o jantar acabou... a tensão continuou a irradiar entre nós.

Eu esperava voltar ao nosso eu normal depois do delivery indiano que ela tanto amava, mas não tive essa sorte.



— Isso foi terrível — eu disse, empurrando meu prato. — A única razão pela qual eu comi essa porcaria foi porque eu estava morrendo de fome. Você pedir isso significa que ainda está brava comigo.

— Homem inteligente. — Ela levantou com nossos pratos nas mãos e um sorriso no rosto e os levou para sua pequena cozinha. Fui atrás com os restos do jantar.

— Você vai guardar isso? — perguntei, levantando o que restava.

— Claro.

— Seu gosto gastronômico é horrível. — Enfiando o recipiente de plástico em sua geladeira, e notei como ele estava vazia. — O que você come? Não tem nada aqui?

— Eu administro a comida — disse ela enquanto limpava o prato que estava segurando. Um silêncio confortável e bem-vindo se estendia entre nós enquanto ela lavava e eu secava. Isso até que ela me entregou o último prato e perguntou: — Bundão?

— Oi? — Em vez de responder, ela fez uma pausa enquanto baixava a cabeça. — Haven, o que há de errado?

— Posso te perguntar uma coisa? — Ela desligou a água e se virou para olhar nos meus olhos. — O que há de errado comigo?

— Além de você ser um pé no saco? — Soltei uma risada curta, mas ela não estava sorrindo.

— Estou falando sério.

— Por que a pergunta? — Um encolher de ombros casual contradizia a mesma expressão desamparada que havia aparecido na noite passada. Ela secou as mãos e caminhou até o sofá. — Haven? Não há nada de errado com você.

— Sério? Convenhamos... meu histórico com homens é um desastre. Elliott, que sabe que eu gosto dele, não tomou nenhuma atitude. Nenhuma.

— Foda-se o Elliott. Ele é um cuzão... ou gay.

— Ele não é gay. Acabei passando uma vibe de amiga? Existe uma placa piscando sobre a minha cabeça que diz “platônico”?

Em um instante ela estava em meus braços. Ela permaneceu quieta e rígida, mesmo depois que eu a apertei com mais força. Quando eu recuei para olhar para o rosto dela, Haven evitou meus olhos.

— Olhe para mim. — Esperei até que ela o fizesse e segurei seu queixo para garantir que mantivesse seu olhar em mim. — Não há nada de errado com você. Você é um ser humano lindo. — Uma revirada de olhos de Haven me deixou com raiva. — Eu estou falando sério. Ninguém é digno de você, Haven. Seu coração, seu espírito e sua beleza são bons demais para esse babaca.

— Bem, também tem você.

— Eu? — Meu coração parou no peito.

— Você surtou com um beijo estúpido. — Seus olhos molharam apenas o suficiente para fazê-los brilhar na sala mal iluminada, e apenas o suficiente para eu saber o quão difícil era para ela falar.

— Eu não surtei.

— Surtou, sim. Você surtou muito. E tudo o que eu queria... — Seus grandes olhos castanhos procuraram os meus.

— O quê? — Minha pergunta saiu baixinho. Ela olhou para as mãos, forçando-me perguntar. — Haven? O que você queria?

— Eu queria que você continuasse me beijando.



Capítulo 15

ELA OLHOU PARA CIMA E, ao ver meu rosto, presumiu que sabia o que passava pela minha mente. E, baseado no fato de que se afastou do sofá rapidamente, desligou a música e ligou a televisão, ela presumiu errado.

Eu a observei apontar o controle remoto e passar os canais enquanto divagava.

— Eu sei que você odeia minhas escolhas de programas tanto quanto você odeia meu gosto para comida, mas eu preciso assistir *The Royals* esta noite. Jasper partiu o coração de Len na semana passada. O *plot twist*, ela não sabe que ele fez isso para proteger...

— Haven. — Ignorando-me, ela jogou o controle remoto sobre a mesa e começou a endireitar almofadas que não precisavam ser endireitadas. — Haven!

— O quê? — Ela olhou por cima do ombro casualmente. — Esquece o que eu falei, Bundão — disse ela com um aceno de mão. — Esqueci de avisar que a *New Yorker* precisou adiar a sua entrevista para a próxima semana. Eu não achei que seria um problema. Eu marquei logo após a sessão de terapia da Constance. Isso te dá uma ótima desculpa para terminar na hora certa e fugir. — Ela parou para sorrir antes de continuar. — Ah, e Natalie disse que eles precisam de novas fotos promocionais por causa dos números fantásticos. Eles querem refazer todos os anúncios para incluir...

— Eu não me importo, Haven. — Puxei seu pulso até ela cair sentada no sofá ao meu lado. — Pare de evitar o assunto. — A julgar pela sua expressão,

ela achou minhas palavras hilárias. — O quê?

— Sou *eu* quem está evitando? — Ela sempre teve um talento especial para me mostrar que fiz merda.

— Muito bem. Eu estou evitando. Mas agora quero falar sobre isso.

Ela levantou a palma da mão para cima.

— Tudo bem. Fale.

Sim, bem, o problema — eu não costumava falar. Pela minha profissão, eu era o ouvinte. Ao notar meu silêncio, ela começou a ficar de pé, forçando minha mão. Eu a parei com um forte aperto em seus ombros.

— Eu sei que não foi fácil para você admitir. O fato de você ter feito isso me diz que eu preciso crescer e admitir também.

— Admitir o quê?

— Ah, pelo amor de Deus. Você precisa que eu diga isso em voz alta?

— Sim, Vaughn — ela sussurrou. — Eu preciso que você diga o que você está sentindo em voz alta.

Estudamos um ao outro, tentando ler a mente alheia. Não tinha como ela saber o que eu estava pensando, a menos que eu dissesse a ela. Esse problema não terminaria se não fôssemos honestos. Ao admitir que queria que o beijo continuasse, ela deu o primeiro passo. Como eu sentia o mesmo, eu precisava botar para fora.

Ser honesto nunca tinha sido um problema com Haven, mesmo quando ela me irritava. Eu sempre podia verbalizar o que precisava. Até agora... Eu sabia o que tinha a dizer, o que eu queria dizer, mas as palavras não saiam.

Enquanto isso, ela observava e esperava que eu falasse. Seus olhos caíram na minha garganta quando eu engoli em seco de forma audível antes de respirar fundo.

— Haven, eu me senti da mesma maneira ontem à noite. Essa foi a razão pela qual eu surtei. Essa foi a razão pela qual eu disse que era um erro. Não porque eu não tenha aproveitado cada maldito minuto dos seus lábios nos meus. Porque, porra, tudo o que eu queria era deitar você naquela mesa e realmente dar a Connie Panterona algo para assistir. — Sua boca ficou aberta em choque, mas eu continuei. — Meu surto foi porque, bem, você é minha

Perversa. Você é minha melhor amiga. Eu não deveria estar imaginando como você estava por baixo daquele vestido rosa sexy ou se seu sutiã e calcinha combinavam.

Seu peito subia e descia a cada respiração. Minhas palavras a afetaram tanto quanto a mim.

— Haven, eu não sei como lidar com o que estou sentindo.

— O que você está sentindo?

— Desejo?

— Você me deseja?

— Sim.

Segurando meus pulsos, ela puxou minhas mãos de seus ombros.

— Por que você está agindo como se isso fosse uma coisa ruim?

Agora era a minha vez de olhar para ela incrédulo.

— Pelo amor de Deus, você é minha *melhor amiga* — repeti. — Você trabalha para mim. Você... — Suspirei novamente, lutando com meus problemas. — Porque eu te perderia quando terminasse — eu finalmente cuspi.

— Quando terminasse?

— Bem, sim. Sempre acaba.

Sua expressão impaciente se transformou em uma de tristeza.

Nos três segundos depois que falei, eu a observei se retrair, era nítido na maneira como ela se abraçou e olhou para o nada, distraída e distante.

Normalmente, eu poderia ler sua mente, não importava o que ela estivesse pensando. No entanto, eu não tinha ideia do que parecia ocupar seus pensamentos. Eu queria tocá-la. Mais uma vez, isso era novo. O desejo de envolvê-la em meus braços, passar minhas mãos sobre sua pele e beijar seus lábios cheios tornou-se uma vontade forte dentro de mim. Em vez disso, arrastei uma mão pelo meu cabelo na tentativa de quebrar os impulsos que sentia em relação a ela.

— Eu disse algo errado?

— Não, você não disse. — Ela virou a cabeça e sorriu com pesar. — Estou apenas confusa e não gosto do sentimento.

— Confusa sobre o que mudou entre nós?

— Bem, sim, isso... mas também... — Dava para ver que era ela quem debatia com suas palavras. Seus lábios cheios se separaram algumas vezes antes que ela os fechasse. Finalmente, ela suspirou com um lento encolher de ombros.

— Haven. Sinto que eu vou explodir. Você precisa falar comigo.

Sorrindo, ela disse:

— Sempre o terapeuta. — Uma determinação recém-descoberta a atingiu. Ela se virou para me encarar, dobrando suas pernas. — Acho que ambos concordamos que algo mudou entre nós ontem à noite.

— Mudou.

— Claramente, você não é melhor em lidar com isso do que eu. Você provou isso mais cedo com Elliott.

— Esse era apenas o seu melhor amigo protegendo sua virtude.

Ela riu mansamente.

— Sério? — Eu acenei com a cabeça como um idiota. — Você nunca se importou com quem eu fodi antes, Vaughn.

— É verdade. Mas eu nunca entrei em uma situação em que isso poderia estar acontecendo. Você e eu não sabemos como eu teria agido no passado se eu tivesse entrado em uma situação dessas. Por que você está revirando os olhos para mim?

— Porque você é um pé no saco — disse ela com um empurrão brincalhão.
— Esqueça Elliott...

— Babaca.

— De qualquer... forma... então, como vamos seguir a partir daqui, Vaughn? — Ela podia muito bem ter me pedido para prever os números vencedores da loteria de amanhã. Em meu silêncio, ela acrescentou: — Você é o terapeuta. Digamos que eu sou uma ouvinte e admiti que beijei meu melhor amigo e agora ele estava agindo de forma estranha.

— Você também está agindo de forma estranha — eu disse com um tom defensivo.

— Você mais. O que você diria a ela?

— Eu diria que parecia que emoções profundas foram trazidas à tona por causa dessa intimidade, e antes de levarem a amizade para o próximo nível, eles precisariam ter certeza de que não era puramente físico. — Suas sobrancelhas se levantaram em desafio. — O quê?

— Você precisa ouvir seu próprio conselho. — Ela pegou o controle remoto da mesa e aumentou o som da televisão.

— Espera. A conversa acabou? Por que tudo é culpa minha?

— Eu não disse que era tudo sua culpa. Tudo o que podemos fazer agora é tentar descobrir o que esse beijo significou para cada um antes que possamos descobrir o que isso significa para nós.



Eu virei e soquei o travesseiro debaixo da minha cabeça, frustrado. Uma olhada na minha mesa de cabeceira mostrou que o relógio marcava 4:45 da manhã, mas o sono era a última coisa que havia em mim.

Eu me sentia melhor em relação à situação com Haven?

Não, porra.

Claro, nós dois admitimos coisas. Mas agora que as cartas estavam na mesa, seria difícil voltar ao nosso normal. E ela estava certa. Precisávamos nos descobrir primeiro antes que pudéssemos descobrir nosso relacionamento.

Eu me vi de pé em um precipício entre dois vínculos muito diferentes. A conexão platônica de melhores amigos que compartilhamos nos últimos dez anos versus a necessidade de possuir cada centímetro dela. A possibilidade de que poderíamos ter o melhor dos dois mundos se abraçássemos o chamado inevitável, como disse minha prima Lizzy, era tentadora. Sim, uma grande parte de mim sentiu que se sucumbíssemos ao nosso desejo, o que poderia acontecer seria perfeito. Mas a outra parte de mim sentia que, ao cruzar essa linha, sem dúvidas eu perderia minha melhor amiga.

Porra.

Não mais do que um minuto depois, eu me contorci novamente, acabando deitado de barriga para cima.

Nas sombras do meu teto, eu podia ver o rosto dela olhando para mim enquanto eu dizia coisas que nunca tinha sentido antes. Fechei os olhos, e o

beijo que compartilhamos passou em cores vivas na minha cabeça. Mas na minha mente não estávamos naquele restaurante horrível com aquela mulher horrorosa. Em vez disso, estávamos na cama de Haven, e minhas mãos percorriam todo o seu corpo quente. Nossas bocas se fundiam. Suas mãos se enterraram em meus cabelos. E a parte mais perturbadora, meu pau inchou por conta própria.

Um vórtice de confusão tomou conta de mim. Fechei os olhos, mas a cena ficou mais vívida. Os efeitos disso para o meu corpo foram imediatos através do meu pau duro. Deslizando minha mão pelo peito e sob o cóc elástico da boxer, agarrei minha carne superaquecida. A cada movimento, minha ansiedade com a situação piorava, assim como a culpa por ter na cabeça imagens lascivas em que minha melhor amiga estrelava a cena. Eu precisava me aliviar. Eu raciocinei que se eu simplesmente gozasse, talvez fosse capaz de acalmar minha cabeça e ir dormir.

Imaginei como seriam seus seios nus quando eu tirasse sua camiseta boba. Eu antecipei a sensação deles quando eu segurasse um em cada mão. Eu imaginei seu olhar quando eu puxasse seu mamilo enrijecido e o abocanhasse. Fiquei imaginando como seria seu gemido quando minha mão percorresse sua pele lisa em direção à sua boceta. Presumi que ela estaria molhada e pronta quando eu arrastasse um dedo através de seus lábios antes de mergulhar dentro dela. Ela seria natural ou depilada?

Na porra da minha fantasia, eu me movi sobre seu corpo nu perfeito e deslizei todo o meu comprimento para dentro dela em um ritmo lento. Camisinha não teria utilidade porque ela era Haven, e eu confiava nela. Eu podia sentir seu calor cercado cada centímetro meu. Eu podia ouvir seus gemidos no meu ouvido. Eu podia sentir o cheiro de seu xampu de coco quando afundei meu nariz em seu cabelo.

Não demorou muito para que eu gozasse com força e rapidez enquanto mergulhava nela repetidamente, mas não era seu corpo aceitando cada gota que eu liberava. Não... era a minha mão que tinha essa honra.

O sentimento inquietante de que eu apenas me contorcia enquanto imaginava foder minha melhor amiga me consumiu. Enquanto meu peito pesava pelo esforço, eu apenas suportava ambas as sensações, tanto em minha

mente quanto em meu pau. Sabia que a última coisa que eu queria naquele momento era dormir. Se eu tivesse coragem, apareceria na casa dela para tornar meu sonho realidade. Já que estava sendo honesto, admitir que queria foder minha melhor amiga já seria um bom começo.

Arrastei meu corpo para o banheiro em busca de consolo no chuveiro. Era o único lugar em que eu podia eliminar todo o estresse. Mas, sob o fluxo constante do chuveiro, a água morna que normalmente me acalmava teve o efeito oposto.

Decidindo começar o meu dia, eu me vesti para a academia, esperando que um treino punitivo fosse capaz de me distrair. Uma hora depois, sem essa sorte, eu estava de volta ao meu apartamento andando como um animal enjaulado.

Eu culpei a insanidade temporária quando peguei meu telefone, toquei no contato chamado Apple e digitei uma mensagem dizendo:

É Vaughn. Espero que você esteja bem. Eu estive pensando em você, e queria lembrá-la de que estou aqui se você precisar conversar.

Eram apenas seis da manhã. Eu não estava esperando uma resposta. Mas quando uma imediatamente apareceu, eu não conseguia parar de olhar para as palavras:

Eu estive pensando em você também.

Ela não entendeu o meu ponto. Eu deveria ter explicado que não estava pensando nela em um sentido pessoal, mais ainda em um sentido profissional. Dar conselhos era meu forte e a forma como eu era capaz de me distrair dos meus próprios problemas. Mas quando, acompanhando aquela mensagem, uma mensagem de Apple admitindo que não conseguiu dormir ultimamente surgiu, perdi a oportunidade de esclarecer minhas intenções. Desnecessário dizer que a troca de mensagens continuou por mais de uma hora.

Nossa conversa por mensagem foi fácil e confortável. Não havia qualquer menção à sexualidade, e não conversamos sobre nada importante... Porém, conseguiu diminuir a tensão do meu corpo apenas o suficiente para resolver minha confusão sobre Haven.



Capítulo 16

O TEMPO PASSOU, E NO programa de rádio, houve algumas chamadas incríveis. Falei com a Apple algumas vezes pelo telefone antes do programa, mas novamente ela manteve a conversa leve e não se aprofundou em nada sexual ou solicitou qualquer conselho. Eu até mencionei a tarefa de casa que dei a ela, mas Apple admitiu que cancelou o encontro.

No começo, eu achei que ela queria conversar comigo por causa da solidão. Mas a cada conversa, tornava-se mais óbvio que seu contato não tinha nada a ver com receber meus conselhos. Quando a conversa se tornou mais pessoal, suspeitei que a razão de ligar para o programa era para começar a me conhecer.

Então, eu a chamei para sair... e isso a afastou.

Essa foi a nossa última conversa, há mais de uma semana.

Enquanto isso, a maior parte das coisas com Haven eram bem diretas. Ela lidava com meus assuntos, agendava minhas reuniões, respondia a e-mails e nunca mais mencionou nosso beijo ou as consequências.

Eu deveria ter mencionado?

Sim.

Eu mencionei?

Não.

Principalmente porque eu não tinha certeza de que a conversa não seria profissionalmente desafiante para mim. Não era segredo que eu amava um desafio. E da minha maneira típica, eu me distanciei da circunstância real com

Haven e assumi uma abordagem psicanalítica para a coisa toda. Isso até eu me forçar a voltar à situação para realmente considerar o que eu sentia por ela.

Depois de horas e horas de autoanálise, cheguei a uma conclusão. Resumindo, eu precisava dela na minha vida. O risco de perdê-la superava o desejo feroz que de repente senti em relação a ela. Esse mesmo desejo poderia arruinar tudo entre nós.

Durante a maior parte da minha semana, eu estava atordoado. Mesmo sentado com minha equipe a uma mesa no Old Man Gaffney's, eu mal estava presente. Não era a nossa saída normal de sexta-feira à noite após o programa. Desta vez, Daryl nos arrastou para lá em um sábado para comemorar seu quase aniversário. O quase aniversariante estava no bar nos dando mais uma rodada. Quando olhei na sua direção, vi uma ruiva peituda com quem ele estava conversando profundamente, o que significava que ele não voltaria tão cedo.

— Terra para Vaughn — disse Natalie, balançando a mão na frente do meu rosto.

— Ah, desculpa. O que você disse?

— Eu perguntei: Haven mudou de ideia sobre vir hoje à noite?

— A última mensagem dizia que ela me encontraria aqui. — Levantei meu celular para ter certeza de que outra ligação ou mensagem não haviam chegado. Um número que eu não reconheci foi a única chamada que perdi. — Ela já deveria estar aqui. Está muito barulhento. Vou sair para ligar para ela.

Natalie assentiu com um sorriso e um polegar para cima. Arrancando minha jaqueta do encosto da cadeira, vesti-a enquanto abria caminho através da multidão e passava pela porta. Quando disquei o número de Haven, ele foi direto para o correio de voz.

— Oi, sou eu, queria saber onde você está. Me liga.

Observei mais e mais clientes entrando no bar já lotado. O ar frio trazia uma sensação boa na minha pele quente, o suficiente para atrasar o meu retorno. Meu coração não estava interessado em socializar, e uma vez que Haven chegasse, eu sugeriria que fôssemos ver um filme ou algo que exigisse menos interação.

Depois de esperar mais alguns minutos, tentei ligar para Haven novamente. Antes que eu pudesse clicar em seu contato, meu telefone tocou com o mesmo

número desconhecido que eu tinha perdido dentro do bar.

— Vaughn Lair — eu disse, curioso com quem estava me ligando.

— Vaughn.

O medo em sua voz era inconfundível, fazendo com que minha nuca se arrepiasse.

— Haven, o que houve?

— Alguém invadiu meu apartamento. Eles devem ter arrombado a fechadura. Cheguei em casa e encontrei a porta bem aberta e...

— Onde você está agora? — interrompi, correndo para a esquina para chamar um táxi.

— Estou no Elliott. A polícia acabou de sair.

— Por favor, diz que eles tinham ido embora quando você entrou.

— Tinham. Estou bem. — Um soluço lhe escapou, e cada músculo do meu corpo se contraiu. — Mas minha casa está uma bagunça. Eles destruíram cada centímetro dela. Deve ter sido mais de uma pessoa, eu fiquei fora por cerca de vinte minutos.

O pensamento dela entrar em casa enquanto aqueles filhos da puta ainda estavam lá gelou meu sangue.

— Eles pegaram tudo que conseguiam carregar — acrescentou ela entre fungadas.

— Eu não reconheci esse número. Eles pegaram seu telefone também?

— Não, meu telefone estava comigo, graças a Deus. Só está sem bateria. Mas eles levaram meu laptop, as pequenas joias que eu tinha. Levaram o anel da minha avó.

— São só objetos, meu bem. Graças a Deus você está bem. Seus vizinhos não ouviram nada?

— Até agora, não. A polícia ainda está interrogando alguns deles. Acha que tem gente de olho no prédio. Esta é a segunda vez em seis meses.

— Estou entrando em um táxi agora. Não saia daí.

— Tudo bem — ela sussurrou por telefone.

Eu disse o endereço para o motorista e esperei pelo que parecia uma eternidade antes de finalmente pararmos em seu prédio, quinze minutos depois. Sem me incomodar com a maquininha de cartão de crédito, joguei uma nota de vinte no taxista. Fiquei irritado ao ver a porta principal bem aberta, permitindo-me entrar direto para o prédio dela. Eu sabia que essa porra de lugar não era seguro, mas ela ignorou minhas preocupações porque amou a singularidade e o charme da construção.

Deixei a porta de entrada fechada, subi dois degraus de cada vez para o segundo andar e bati na porta do apartamento 6. Elliott abriu a porta com uma cara feia. Pelo menos, desta vez, esse merda estava com roupas. Caso o contrário, teria me deixado puto, sem dúvidas.

— Vaughn — disse ele com um aceno de cabeça.

— Onde ela está?

— Lá dentro. — Em vez de abrir ainda mais a porta para me permitir o acesso, ele saiu do apartamento e fechou a porta atrás de si.

— Estou aqui para levá-la para a minha casa.

— Claro que sim.

— Qual a porra do seu problema?

Ele levantou as mãos com um olhar condescendente no rosto, um que eu precisava apagar.

— Olha. Eu me importo com a Haven.

— Eu também.

— Certo. Então você sabe que não deve a magoar.

— Magoar?

— Sim. Você é tudo para ela, Vaughn. Eu gosto dela, mas eu sei quando uma mulher está presa a outro homem.

Ele se afastou, me deixando entrar e sem me dar chance de responder. Mas eu não acho que conseguiria, mesmo se quisesse.

Presa a mim?

Haven estava sentada em seu sofá, enrolada em um cobertor enquanto bebia uma xícara de chá. Ela olhou para cima atordoada, e ao me ver, seus olhos se encheram de lágrimas.

Sentei ao lado dela, tirando o copo de sua mão antes de envolvê-la em meus braços. A maneira como seu corpo tremeu quando ela começou a chorar fez meu coração doer, pois eu não era capaz de ajudá-la naquele momento.

— Ei, pare. Temos que ser gratos por eles não terem te machucado.

— Eu sei. Eu me sinto tão violada — ela murmurou contra minha jaqueta de couro. — Eles mexeram nas minhas coisas. Eles estavam no meu quarto. Eu não posso entrar lá.

— Você não precisa. Vou mandar alguém lá amanhã para limpar tudo. — Eu me afastei, forçando-a a olhar para mim. — Você vai para casa comigo. Vou entrar e arrumar algumas de suas coisas.

— Ok — ela concordou com a cabeça, sem discutir. Essa era toda a confirmação que eu precisava sobre quão abalada ela estava. Em um dia normal, Haven teria zombado da minha oferta alegando que eu estava exagerando. Pior ainda, ela estaria em seu apartamento limpando a bagunça sozinha.



Ela saiu do meu quarto descalça, vestindo seu roupão rosa-chiclete, com o cabelo preso em um rabo de cavalo bagunçado.

— Sente-se melhor?

Um aceno de cabeça e um pequeno sorriso foram a minha resposta. Acariciei o lugar ao meu lado no sofá, e ela se sentou antes de colocar a cabeça no meu ombro.

— Você tinha razão, Bundão. Esse chuveiro é incrível.

— Eu te disse para não discutir comigo.

Quando chegamos à minha casa, Haven se organizou no quarto de hóspedes e se recusou a usar meu chuveiro. Eu quase tive que colocá-la à força nele. Eu sabia que ela iria adorar. A discussão foi a seguinte: ela não queria ser tentada a ter que usar meu banheiro enquanto ficasse comigo.

— Obrigada.

— Não precisa me agradecer.

— Eu sei. Mas eu quero. — Ela olhou para cima e sorriu. — Eu só preciso dessa noite, amanhã vou para casa enfrentar tudo.

Eu me contorci tão violentamente, que sua cabeça caiu do meu ombro e bateu no sofá com um golpe.

— Você não vai lá amanhã ou em qualquer dia depois disso.

Meus olhos se concentraram em suas mãos reunindo o tecido felpudo rosado entre seus seios antes de notar sua expressão incrédula.

— Do que você está falando? Eu *tenho* que ir para casa.

— De jeito nenhum. Eu te disse que o lugar não era seguro. Você se recusou a me ouvir.

— Arrombamentos acontecem em todos os lugares.

— Aqui, não.

— Você espera que eu more aqui com você? — Uma risada sarcástica escapou, e ela se levantou para caminhar em direção à minha cozinha.

— Por enquanto. Até encontrarmos algo mais seguro para você.

Com uma mão na porta da geladeira, ela olhou em minha direção.

— Mais seguro significa caro. E eu não posso pagar.

— Eu vou te dar um aumento.

— Vaughn! Que droga é essa? — A jarra de vidro sacudiu com a força dela batendo a porta.

— O quê? Você poderia ter sido seriamente ferida hoje, Haven.

Sua carranca se transformou no que eu pensei ser descrença, até que vi lágrimas brotando em seus olhos. Caminhei até onde ela estava com uma mão ainda apoiada na porta da geladeira. Passando o polegar sobre uma bochecha, ignorei seu recuo quando enxuguei a lágrima que escapou. Imaginei que aquela fosse a nova Haven que de repente se sentiu desconfortável perto de mim. Eu odiava que ela se sentisse assim, e esperava que, eventualmente, voltássemos à nossa relação de antes. Mas a cada dia que passava, as coisas ficavam ainda mais tensas entre a gente.

Determinado a não permitir que nosso distanciamento piorasse, eu a puxei para os meus braços. Antes do nosso beijo, isso era algo que eu faria sem questionar. A maneira como seu corpo endureceu não foi como ela normalmente reagiria ao meu abraço.

— Você sempre tenta agir com coragem, mas eu te conheço muito bem. Isso te abalou. Quero você aqui comigo até descobirmos uma solução melhor.

Ela se afastou com as sobrancelhas franzidas.

— Vaughn, essa não é uma solução melhor. Essa é a sua necessidade de se sentir bem a respeito de algo que você não pode controlar.

— Não é verdade.

Um sorriso triste passou por seus lábios.

— É verdade. Sua necessidade de ajudar pessoas, consertar situações, é quem você é. Eu te amo por isso, mas esse não é um problema seu. Eu não sou problema seu.

— Claro que é. — O tom da minha voz tornou óbvias as minhas frustrações com ela. — Você é minha melhor amiga, a pessoa mais importante da minha vida. Tudo o que acontece com você, cada problema que você tem, eu tenho. Você diria o mesmo para mim.

Seus grandes olhos castanhos se concentraram no meu rosto. Esperei um momento muito longo antes de me aproximar dela novamente. Colocando suas bochechas entre minhas mãos, me curvei e beijei seus lábios suavemente. Ela ofegou contra a minha boca, mas eu me recusei a me afastar, pressionando com mais firmeza, até que seus lábios relaxassem contra os meus. Uma vez que eles relaxaram, eu quebrei nosso contato.

— Por favor, não — ela sussurrou com os olhos fechados.

— Olhe para mim. — Esperei que ela fizesse o que eu pedi. — Por que não? — Novamente seus olhos brilharam de lágrimas. Eu me perguntava o que ela estava pensando, e precisando saber, eu repeti: — Por que, Haven?

— Porque eu acho que isso significa coisas diferentes para mim e para você.

— Você não sabe.

— Ok, o que isso significa, Vaughn?

— Isso significa que eu quero confortá-la. — Avancei beijando um olho, depois o outro. — Isso significa que eu quero tirar sua dor. — Eu então pressionei meus lábios em sua testa. — Isso significa que eu não consigo parar de pensar no nosso beijo e eu quero mais de você. — Foi quando rocei meus

lábios contra os dela castamente. — Isso é o que significa. Agora você me diz o que isso significou para você.

Eu a vi engolir em seco e respirar antes que seu olhar se encontrasse com o meu.

— Significa abrir uma porta para o meu coração que eu não serei capaz de fechar. — Ao ver minha expressão confusa, ela acrescentou: — Sou apaixonada por você desde o dia em que entrei no quarto que eu dividia com a Chelsea e te vi transando com ela na UCLA.

Suas palavras me surpreenderam em silêncio, e a primeira coisa em que pensei foi no que Elliott disse. Ele percebeu isso e mal a conhecia.

Quão cego eu consegui ser?

Não tenho certeza se foi minha reação ou sua confissão que a levou a se afastar e a defensivamente e se abraçar.

— Você está apaixonada por mim? — Eu não conseguia esconder o choque na minha voz. — Por que você não me disse?

— Porque você não sente o mesmo, e eu sabia que se contasse, eu te perderia. Eu não posso te perder, Vaughn. Eu prefiro ter você na minha vida como meu melhor amigo do que não ter. Passei anos aprendendo a conviver com essa situação. E agora... — Ela parou abruptamente, deixando suas palavras no ar, pendendo como a realidade de nossa situação, uma corrente perto de se romper com o peso de seu segredo.

Eu não podia acreditar nas palavras que vinham de sua boca. Eu não estava surpreso, estava mais era perplexo.

Como eu não notei?

Como eu não soube?

Ela permaneceu quieta enquanto eu arrastava minha mão pelo cabelo, tentando amparar meu cérebro depois de sua confissão.

— Haven.

— Não diga nada — disse ela com a palma da mão levantada. — Porra, eu não posso acreditar que eu te disse isso. É só que... eu não posso fingir que toda vez que você me beija eu... — Ela olhou para mim com uma expressão de

completa desorientação. Havia uma óbvia batalha acontecendo dentro dela, e tudo o que eu podia fazer era ficar lá e olhá-la em choque.

— Olha, eu sinto muito por ter jogado isso em você assim. Vamos chamar de insanidade temporária. Muita coisa aconteceu na semana passada, e o que aconteceu essa noite não ajudou. Mas já deu, acabou, e nunca mais precisamos falar disso de novo. É por isso que eu não posso ficar. Seria muito difícil agora. E eu me culpo, Vaughn. Se eu não tivesse te beijado na semana passada, nada disso estaria acontecendo agora. — Ela se aproximou de mim e se inclinou para beijar minha bochecha. — Estou exausta. Obrigada por cuidar tão bem de mim.

Silenciosamente, eu a observei caminhar pelo meu apartamento em direção ao quarto de hóspedes.

Eu sabia que precisava dar espaço a ela. Mais uma vez Haven admitiu algo que provavelmente a estava comendo viva. Eu também sabia que dar espaço a ela era a coisa errada a fazer quando se tratava de Haven. Sem dúvida, suas inseguranças também a estavam comendo viva.

De uma forma ou de outra, eu ia machucá-la. Decidir qual caminho seria menos devastador para o nosso relacionamento era a verdadeira questão.



Capítulo 17

BATI NA PORTA E ESPEREI.

Quando Haven a abriu, vi linhas de trilhas de lágrimas de seu rosto.

— Vaughn — ela disse em um suspiro enquanto balançava a cabeça.

— Você não pode simplesmente dizer isso e ir embora. — Eu me aproximei, forçando-a a olhar para mim. Com uma mão trêmula, agarrei seu queixo para garantir que ela encontrasse meu olhar.

Eu estava prestes a falar, mas ela me atropelou dizendo:

— Estou com medo.

A confissão não foi uma surpresa. Eu sentia o mesmo. Era a maneira como ela dizia, a expressão em seu rosto. A maneira como isso fez meu coração bater freneticamente no peito foi o que tornou o momento tão íntimo. Mais do que um beijo ou um toque, aquelas três palavras evocavam tanta emoção... especialmente porque agora eu sabia que ela me amava.

Demorou alguns momentos para eu responder.

— Eu também estou, Haven. — Pegando sua mão, eu a levei de volta à minha sala de estar, para o sofá. Ela não relutou e se sentou ao meu lado enquanto se concentrava na maneira como sua mão descansava na minha.

Esperei que ela olhasse para cima antes de dizer:

— Haven, eu amo...

— Não — ela interrompeu. — Eu sei que você me ama. Você não precisa se sentir obrigado a dizer isso.

— Não estou dizendo isso por obrigação. Eu te amo. Eu sempre te amei.

— Sim, como amigo. Eu entendo isso, e estou bem com isso. Não espero mais do que isso. Eu não deveria ter...

— Mas eu também desejo você — foi a minha vez de interromper. — Mais do que um amigo deveria.

— Na semana passada, eu perguntei que conselho você daria se uma estranha ligasse para o programa. Você disse que, antes de levarem a amizade para o próximo nível, eles precisariam ter certeza de que não era puramente físico. O que você está sentindo, Vaughn, é puramente físico.

Levei uma parte de seu cabelo para atrás da orelha dela. Ao meu toque, Haven fechou os olhos e franziu a testa como se estivesse com dor.

— Haven. Desejo sem amor é o que diferencia um relacionamento puramente físico de um amoroso. No nosso caso, já tínhamos a base. O desejo pode ser novo, mas existe mesmo assim.

— Eu entendo isso. Mas se eu não tivesse aberto essa caixa de pandora, você não estaria sentindo nenhuma confusão, luxúria, tesão ou mesmo desejo por mim.

— Talvez, não. Ou talvez isso aconteceria eventualmente de qualquer maneira. Por que as pessoas se apaixonam? Por que elas se desapaionam? Na maioria das vezes não pode ser explicado. Será que realmente importa o motivo?

— Acho que não. — Ela colocou a outra mão sobre as nossas que já estavam entrelaçadas e suspirou. — Ok, e agora?

— Não sei.

Apesar de suas lágrimas, um sorriso doce iluminou seu rosto, me fazendo sorrir também.

— Você é o profissional aqui.

— Isso não significa que eu tenha todas as respostas. — O silêncio caiu entre nós, mas algo elétrico chiou enquanto olhávamos nos olhos um do outro. Quanto mais tempo ficávamos ali, mais eu podia sentir cada parte de mim ganhar vida, como uma chama que se acende aos poucos. Eu precisava beijá-la.

Eu pensei que era curiosidade, mas no fundo eu sabia que era mais do que isso.
— Você confia em mim?

— Claro — ela sussurrou.

Não pedi permissão. Em vez disso, me inclinei em direção a ela e a beijei. Seu aperto na minha mão intensificou. Com a mão livre, segurei sua nuca e inclinei-a, pouco antes de aprofundar o beijo. Um gemido minúsculo escapou de seus lábios, passando por mim. Ao ouvi-lo, as portas se abriram. O que começou como lento e instável se transformou em uma explosão de desejo que não podia mais ser contida.

Assim como havíamos perdido o controle no restaurante, a mesma coisa ocorreu quando minha língua passou por entre seus lábios separados e deslizou para dentro, encostando na dela. A diferença entre o nosso primeiro beijo e esse era que não havia plateia. Assim como da outra vez, eu não queria que ele terminasse, e não o deixei acabar.

Antes que qualquer um de nós pudesse entender o que estava acontecendo, ela estava embaixo de mim no meu sofá. Cada parte do nosso corpo estava alinhada da maneira mais perfeita possível. De nossas bocas unidas aos seios dela apertados contra meu peito, assim como meus quadris se acomodando entre os dela, tudo parecia tão natural. Era como se tivéssemos feito isso um milhão de vezes antes. Seu roupão se abriu em torno de suas coxas apenas o suficiente para que eu soubesse que havia somente uma fina camada de algodão e minha calça jeans nos separando. Aquela pressão contra o calor de seu corpo me fez flexionar meus quadris na tentativa de obter algum alívio.

Não hesitei em nenhum momento sobre dar uns amassos com a minha melhor amiga. Nenhum escrúpulo abriu caminho em minha mente enquanto minha mão deslizava pelo quadril dela para se acomodar em sua cintura. Nenhuma voz minúscula gritou para parar antes que fosse tarde demais.

Eu a queria, e não tinha nenhuma razão que dissesse que eu não deveria tê-la. Qual deveria ser seu gosto, a sensação, como ela soaria uma vez que eu a possuísse de todas as maneiras que pudessem me consumir. O fato de eu não estar tentando me parar deveria ter sido um alarme vermelho. Tudo isso estava acontecendo cedo demais, e impulsivamente. No entanto, eu não conseguia me afastar.

Haven fez isso por mim.

Suas mãos empurraram o meu peito enquanto ela me olhava com os olhos arregalados.

Seus lábios tingidos de vermelho pelo meu ataque.

Seu peito se agitou enquanto ela tentava recuperar o fôlego.

— Sinto muito — deixei escapar enquanto recuava apressadamente para o outro lado do sofá para colocar distância entre nós. — Haven, sinto muito. Não há desculpa para o que eu fiz.

— Vaughn, a culpa não é sua. — Suas palavras estavam logo acima de um sussurro. Ela apertou seu roupão em torno de si mesma com um sorriso tímido. — Eu estava tão envolvida quanto você, mas precisávamos parar.

— Eu sei — concordei enquanto nós dois tentávamos recuperar o fôlego, embora o que eu realmente quisesse dizer fosse que eu não desejava parar. — Acho que temos algumas coisas sérias para discutir.

— Eu sei. Nós dois sabemos que fico caótica quando admito certas coisas pesadas e acabo agindo de forma estranha. Somando isso ao arrombamento desta noite, minhas emoções ficaram ainda mais intensas. E com você não é diferente. Na semana passada, você estava falando sobre essa pessoa, a Apple. Você admitiu que não consegue parar de pensar nela.

— Não é o que você está pensando, Haven. Ela é um mistério, só isso.

— Mas ela ainda está na sua cabeça. E depois tem a Joyce, que ainda está ligando e esperando que você remarque a foda planejada. E finalmente, não vamos esquecer, você soube, não mais que dez minutos atrás, que sua melhor amiga está apaixonada por você. Não é preciso um diploma para saber que agora você também está um caos. — Ela balançou a mão entre nós, acrescentando: — Então, isso não está ajudando.

— Você está certa, como sempre. — Quando levantei um braço, ela se aconchegou contra mim. Foi um movimento muito clássico de Haven, e instantaneamente diminuiu minha ansiedade.

— Eu só preciso do meu Bundão esta noite, ok? — Ela olhou para mim com seus olhos castanhos quentes e sorriu. — Sinto sua falta.

Eu a apertei mais, aproximando seu corpo quente.

— Estou bem aqui, Pervertida. Eu não vou a lugar nenhum — eu disse, antes de beijar sua cabeça.

Era verdade... ela estava presa comigo. Eu só esperava que conseguisse ser o que ela precisava que eu fosse, enquanto me perguntava o que era aquilo.



Meu pescoço estalou, e abri um olho para tentar descobrir onde eu estava. Estava esticado no meu sofá, Haven dormiu bem ao meu lado. Ela suspirou durante o sono, parecendo em paz.

Não demorou muito para me lembrar da forma que ataquei seus lábios e depois a forma com que ela adormeceu em meus braços. Eu olhei para seu lindo rosto, meu coração apertando pelo fato de que eu continuava sem querer machucá-la.

O sol estava nascendo, e depois do que aconteceu ontem à noite, eu queria que ela dormisse mais. Se eu soubesse que ela não acordaria no meio da noite, eu a teria levado para a cama para deixá-la mais confortável. Eu me afastei dela, mas o movimento fez com que Haven se mexesse antes de virar de lado. Peguei o cobertor peludo que ela comprou quando me ajudou a decorar a casa e gentilmente o coloquei sobre seu corpo.

Minhas costas pareciam ainda mais rígidas do que meu pescoço, e decidi tomar um banho antes de sair para comprar o café da manhã. Era domingo, e se ela não se sentisse constrangida com o que aconteceu ontem à noite, eu esperava passar o dia com a gente agindo como sempre... e talvez pudéssemos ter uma conversa sincera em algum momento.

Durante a maior parte da noite eu tinha ficado acordado, observando-a dormir e pensando em nossa amizade. Todos aqueles flertes inocentes que tivemos ao longo dos anos pareceram assumir um significado diferente. Quanto minhas provocações e meus toques inocentes a torturaram? Como ela conseguiu carregar esse segredo, mas agir tão normalmente na minha presença?

Em algum momento no meio da noite, eu listei mentalmente todas as coisas que eu não poderia viver sem. Sua risada, seu sorriso, sua maneira estranha de saber o que eu pensava antes mesmo de eu falar. Até mesmo a maneira como seus olhos castanhos se assemelhavam a um pudim de chocolate, fazendo com que toda vez que eu olhava para eles, uma calma esmagadora imediatamente se

instalava. Nas raras ocasiões em que discutíamos, minha raiva desaparecia quando eu olhava para seus grandes olhos castanhos.

Eu nunca liguei os pontos antes. Todas as pequenas coisas que eu sempre sentia quando estava perto dela eram bobagens, mas agora pareciam ser meu coração tentando me dizer algo.

Se a minha vida era um tornado de caos, então Haven foi o meu centro.

Mas como ela me amava, isso tornava muito maior a probabilidade de tudo acabar em desastre.

Entendi como a possibilidade de me perder era o que motivava seu silêncio. Essa mesma possibilidade foi o que fez com que minha hesitação sucumbisse aos meus desejos na semana passada. Embora nossos motivos fossem muito diferentes, o resultado temido era o mesmo. Precisávamos um do outro.

E sua confissão de me amar deve ter sido assustadora pra caralho. Eu não conseguia identificar, mas o medo não era o que tinha feito meu corpo arder por dentro. Era algo mais profundo. Parecia certo, fosse o que fosse. Eu tinha minhas suspeitas, e acho que o tempo diria se eu estava certo. Eu tinha uma sensação muito forte de que era muito, muito mais do que isso. Talvez não fosse apenas desejo físico. Talvez eu também estivesse apaixonado por ela.

Eu disfarcei bem, no entanto. Infelizmente, minha libido não concordava comigo. Enquanto eu estava no chuveiro, sem aviso prévio, as lembranças de seus lábios nos meus se infiltraram na minha mente. Lembrar de como minha língua traçava a dela e de como seus seios se empurravam contra mim tornava impossível pensar em qualquer outra coisa.

Eu não tinha como pensar em beijá-la sem que isso me deixasse duro como uma rocha. Apesar da guerra dentro de mim, minha mão percorreu meu corpo por conta própria, indo direto para o meu pau. Porra, isso estava se tornando um problema. Parecia estar acontecendo cada vez mais desde o último sábado, e sempre pensando em Haven.

Não foi Joyce ou qualquer outra mulher com quem eu trepava que eu imaginava claramente. Era o rosto de Haven que eu via, e seu corpo nu que eu imaginava, enquanto me contorcia como um adolescente.

Quanto mais eu bombeava meu punho sobre a ereção, mais agitado eu ficava. Ela estava bem em frente à minha porta, com seu corpo lindo quente e

macio. Sério, que porra eu estava fazendo?

Frustrado, esfreguei uma mão sobre o rosto enquanto a água caía sobre mim, levando minha confiança pelo ralo. Girando a torneira para o frio, mostrei os dentes quando as gotas geladas se chocaram contra a pele, até que todas as evidências da minha ereção desaparecessem.

Porra, o que foi que me fez de repente querer tanto ela? Era a porra da Haven, pelo amor de Deus! Como um beijo bobo poderia causar o furacão de confusão que nos atormentava tanto?

Temos um sério problema.

Eu tenho um sério problema.



Capítulo 18

ADAM LEVINE ME RECEBEU QUANDO entrei no meu apartamento. Pelo menos, ela não estava tocando aquela música deprimente que costuma colocar quando está triste. Foi um bom sinal. As almofadas no sofá estavam organizadas e o lençol estava bem dobrado, mas não vi sinal de Haven.

Chamei por Haven enquanto caminhava até a ilha da cozinha. Deixei o café da manhã ali, tirei meu casaco e ouvi um “estou indo” vindo do quarto de hóspedes.

Ela apareceu alguns minutos depois com o cabelo úmido caindo em torno dos ombros em cachos sensuais. Junto ao jeans desbotado, o moletom oversized da UCLA escondia o contorno de seus quadris e a plenitude de seus seios, mas pouco apagou da minha memória seu corpo naquele vestido rosa da semana passada. Assim como naquela noite, minha excitação começou a crescer ao lembrar da maneira como o tecido deslizava sobre suas curvas sensuais. Isso me levou a pensamentos de seu roupão se abrindo quando nos agarramos ontem à noite no sofá.

Forçando as lembranças para longe, me ocupei pegando leite, açúcar e pratos. Até que olhei para cima e meus olhos me traíram, quando eles se focaram em sua bunda enquanto Haven se inclinava para pegar sua bolsa na mesa de centro. Sua bunda sempre ficou tão boa em um jeans? Eu já tinha olhado para a bunda da minha melhor amiga para perceber isso?

Merda.

A música parou, e ela se endireitou, me fazendo murmurar:

— Ah, graças a Deus.

— Você finge que não gosta dele, mas você não me engana, Bundão. — Ela interpretou mal minhas palavras. Meu suspiro de alívio não tinha nada a ver com a porra do Adam Levine.

— Ele é uma merda — brinquei.

— Você está apenas com ciúmes do incrível talento e da aparência impressionante. Você sabe o quanto eu amo covinhas.

— Sim, eu sei — resmunguei. A lembrança de quando Haven confessou bêbada as coisas que permitiria que meu primo, Jack, fizesse com ela simplesmente por causa de suas covinhas me veio à mente.

— É um afrodisíaco instantâneo para mim. — Ela me lançou um sorriso deslumbrante e se sentou de frente para mim na ilha. Coloquei seu muffin de mirtilo em um prato antes de passá-lo para ela. — Obrigada. Você não precisava que sair neste clima. Um café teria sido suficiente.

— Nós dois sabemos quão irritada você fica sem um café da manhã decente. — Eu ergui uma sobrancelha e acrescentei: — Só por você que eu enfrentaria chuva gelada e vento, a propósito.

— Me sinto muito especial. — Ela sorriu provocativamente, mas agora que estava sentada a poucos centímetros de distância, eu podia ver tristeza em seus olhos.

— Você deveria — respondi com toda a seriedade. Ela aceitou o café que eu estendi, mas não fez contato visual nem respondeu. — Você está bem?

— Sim. — Seu pequeno sorriso e aceno de cabeça não me convenceram. — Ei, sinto muito por ter desmaiado em você ontem à noite. Não deve ter sido confortável ficar naquela posição.

— Eu estava muito confortável. — *Até me forçar a tomar um banho frio.* — Eu ia te colocar na cama, mas não queria te acordar.

— Dormi muito bem.

Acenei com a cabeça, caindo em um silêncio desconfortável. Pegamos nossos cafés, tomamos um longo gole e colocamos nossas xícaras de volta no granito. Nossos movimentos eram tão sincronizados, que eram cômicos.

Apontei para seus cabelos úmidos e perguntei:

— Você usou meu chuveiro?

— Não.

— Você é muito teimosa.

— Eu tomei um banho rápido. Teria sido uma tentação se eu tivesse usado o seu.

Ela recebeu outro aceno de cabeça meu e depois mais silêncio.

— Hum... então, quer fazer algo preguiçoso hoje, talvez uma maratona de Dexter? — Haven amava Dexter.

Um sorriso genuíno se abriu em seus lábios.

— Por mais que eu odeie perder *isso*, não posso. Vou para a minha casa.

Instantaneamente, meu bom humor desapareceu.

— Haven, eu disse que não queria que você voltasse para lá.

— Eu tenho que voltar. Sabe a bagunça que está esperando por mim? Eu preciso arrumar aquelas coisas. Quero trocar as fechaduras e...

— Vou mandar uma equipe de limpeza lá amanhã.

— Eu não quero que mais ninguém mexa nas minhas coisas. Eu preciso fazer isso sozinha.

Seus olhos se focaram nos meus por um momento, como se duelassem.

— Ok, então eu vou com você. Assim que terminarmos de comer — retruquei.

— Não.

— Sim.

— Não.

Mais uma vez, nos envolvemos em uma competição de olhares. Sua teimosia me enfureceu. Eu agressivamente tentei rasgar o embrulho do meu bagel. Olhando para cima, vi um pequeno sorriso levantar o canto de seus lábios.

— Quem embrulha um bagel com fita? — Eu joguei o bagel no balcão, frustrado porque ela conseguia me frustrar. Haven o pegou e, com mãos ágeis, libertou meu bagel do papel, me entregou e balançou a cabeça enquanto ria.
— Fico feliz por te divertir.

— Diariamente. — Presunçosa, ela colocou um pedaço de muffin na boca.
— Então, como eu estava dizendo, não precisa ir comigo. Lizzy vai me encontrar lá, e Elliott disse que também ajudará.

— Você *ligou* para ele?

— Ele tem me mandado mensagens para ver como eu estou — ela respondeu defensivamente.

Os ciúmes me consumiram de uma forma irracional. Apesar disso, eu disse:

— Por que você pode aceitar a ajuda dele e não a minha?

— Ele é meu amigo.

— Eu também sou seu amigo... mais do que um amigo.

Sua expressão amoleceu.

— Eu sei que você é. Eu só preciso de espaço, ok?

E assim eu me senti um babaca. Como eu poderia culpá-la? Passei a mão pelos cabelos e acenei petulantemente.

— Sinto muito — pronunciei. Ela atravessou a ilha e pegou minha outra mão na dela. O calor de seu toque enviou um arrepio pelo meu braço.

— Não vamos pensar demais nas coisas — disse ela, enquanto eu tentava entender por que minha frequência cardíaca começou a aumentar só porque ela me tocou. Quando Haven me soltou, eu quase coloquei a mão livre sobre a dela para manter sua pele na minha.

Sério, que porra?

— Sinto que estamos pisando em ovos — disse ela. — Realmente não somos assim. Podemos só tentar agir normalmente?

Ela estava falando sério?

Normal?

Mais uma vez, eu tive a porra de uma ereção que precisei esconder atrás da ilha da cozinha. Fora que me masturbei pensando nela duas vezes em uma semana, e eu tive de me segurar para não contornar a ilha e jogá-la por cima do meu ombro... Nenhum desses comportamentos era *normal*.

No entanto, eu disse “sim” como resposta à sua pergunta.

— Ok, que bom. — Ela pegou um pedaço de muffin e eroticamente o colocou na boca. Ok, eu inventei isso... mas parecia erótico para mim. — Você tem uma semana agitada. Quer rever sua agenda agora? — perguntou ela, novamente agindo *normalmente*.

Eu estava começando a odiar essa palavra – normal.

— Claro — respondi rapidamente.

Ela estreitou os olhos antes de pegar o celular. Minha mente disparou com todas essas novas emoções que surgiram do nada. Haven recapitulou minha próxima semana, mas foi a menção de Joyce que trouxe minha atenção de volta para a conversa.

— Que tem ela?

— Ela enviou três e-mails para o endereço de trabalho e mais um para o pessoal. Ela deve pensar que eu não monitoro esse, porque ela disse... — Haven olhou para o celular com um olhar sarcástico. — Onde está? Ah, aqui está. “Essa sua assistente é muito irritante. É mais difícil chegar em você do que no presidente. Me liga, Vaughn. Estou ficando irritada”. — Dois grandes olhos castanhos me lançavam um olhar penetrante. — Você pode cuidar disso, por favor?

— Eu vou lidar com isso.

— Obrigada. — O banquinho do bar em que ela se sentou girou para a direita, e ela desceu. — Eu tenho que ir. A gente se fala mais tarde.

— Você vai voltar, certo? — O pânico na minha voz era inconfundível.

— Estou bem para ficar na minha casa esta noite, Vaughn. Agora que o choque passou...

— Por favor, não seja tão difícil. Eu não quero você lá. Fique aqui até conversarmos, ok?

Ela soltou um suspiro audível.

— Tudo bem, eu volto mais tarde. Aí a gente conversa.

— Tudo bem — eu disse. Assim que colocou seu casaco e pegou a bolsa, suavizei meu tom. — Haven, tenha cuidado.

Seus passos pararam antes que ela assentisse com um sorriso.

— Eu vou. Prometo.

Dois segundos depois, ela estava fora da minha casa, e eu instantaneamente senti falta dela.



Depois de passar a maior parte da manhã na academia tentando punir meu corpo para aliviar um pouco da confusão, percebi que não estava funcionando.

No caminho de volta para o apartamento, meu porteiro, Victor, me parou.

— Dr. Vaughn. Você tem uma encomenda.

Esprei enquanto ele ia buscar. Alguns segundos depois, ele trouxe uma enorme cesta de presentes com maçãs de todos os tipos.

— Ela as deixou há cerca de uma hora.

— Ela? Não era um serviço de entrega?

— Ah, não, senhor. Ela disse que ela mesma as trouxe do mercado — disse ele com seu forte sotaque russo. — Está muito pesado. Ela era tão pequena, me surpreendeu que conseguisse carregar. Menina muito bonita. Gosto de loiras.

— Hum... obrigado, Victor. Quer algumas? Eu não consigo comer tudo isso sozinho.

— Ah, obrigado — disse ele com um enorme sorriso. Antes que eu pudesse fazê-lo, ele cortou o celofane e escolheu meia dúzia, colocando-as uma por uma na recepção de mármore. — Obrigado, obrigado — repetiu.

— De nada.

Um pouco enervado, peguei meu presente e fui até o meu apartamento. Para ser honesto, eu estava assustado por ela saber onde eu morava. Uma vez lá dentro, mandei uma mensagem de agradecimento impessoal. Eu não podia encorajá-la. Tudo o que ela pensava que queria de mim tinha de ser desencorajado... imediatamente. Houve um tempo em que a ideia de um encontro com ela, talvez até mesmo começar algo entre nós, me intrigou. Agora que as coisas com Haven tomaram um rumo estranho, eu não poderia dedicar atenção a uma pessoa que poderia ser instável.

Apesar da minha preocupação, houve algumas coisas que consegui fazer. Como enviar um e-mail para Joyce, para que ela soubesse que não era um bom momento para uma visita. O fato de eu não ter recebido uma resposta de volta significava que ela ainda estava viajando. Graças a Deus.

Sempre gostei da companhia dela, mas não tinha energia para lidar com seu comportamento persistente. Nada poderia parar Joyce quando ela estava com tesão... e adivinhando pelo e-mail que Haven viu e leu, ela estava com muito tesão em mim.

Haven me poupou dos detalhes – da conversa safada, das coisas que Joyce alegou que faria quando colocasse as mãos em mim. Especificamente, o que ela esperava que eu fizesse com ela. Eu podia imaginar o rosto de Haven quando leu a frase *eu quero que meu corpo nu seja pressionado contra aquelas janelas que você me contou enquanto me come por trás*.

Sim, era hora de acabar com meu *relafodamento* com Joyce. Não ia ser fácil, mas eu precisava conversar com ela mais cedo ou mais tarde.

Ao meio-dia, consegui planejar meus programas para a semana. Isso não levou muito tempo, e logo me deparei com horas e horas de nada para fazer além de pensar. O clima me impediu de sair para caminhar. Sujeitar-me a uma chuva congelante pioraria meu humor.

Então, passei o resto do dia assistindo futebol sem ver nada do jogo. Minha mente viajou, analisando a última semana da minha vida. Uma estranha ficou obcecada por mim, e agora estava me enviando presentes. O fato de ela estar aqui, na minha casa, era assustador. Ela me seguiu até em casa? A coisa toda era uma bagunça.

Além disso, havia a Haven. Mesmo eu não poderia ter previsto que isso tudo aconteceria entre nós. E como eu disse, agora que rolou, sei que teria acontecido eventualmente. Podemos não estar totalmente íntimos nesse sentido, mas me pergunto se não estamos indo por esse caminho, mesmo lentamente. Pensando no que passou, me pareceu muito claro que sim, e os sinais de que um dia acabaríamos nesta situação pareciam óbvios agora. Depois de muitas horas de análise, cheguei à conclusão de que precisava dela, e eu a queria, mas sua felicidade era mais importante para mim.

Haven ligou uma vez e parecia de bom humor. A voz masculina ao fundo significava que ela tinha companhia. Elliott.

Tinha algo sobre o cara que me irritava. Ele a conhecia há dez minutos, e nas duas vezes que o encontrei, havia nele uma aura de possessividade rolando.

Nem fodendo.

Ninguém pode fazer isso com ela além de mim.

Essa era apenas outra coisa que eu precisava falar com Haven... sua relação com aquele idiota. Apesar de ter admitido que estava apaixonada por mim, eu sabia que ela estava a fim dele. Estar com ele não traria junto toda a bagagem emocional que eu traria.

Devo encorajá-la porque ele seria melhor para ela?

Eu era um terapeuta sexual que não conseguia ver além dos próprios medos. Sim, a possibilidade de isso arruinar nosso relacionamento era muito real. No entanto, a possibilidade de que poderia torná-lo incrível em todos os sentidos não fazia valer a pena o risco? Eu tinha de confiar que nossa base era sólida. Se as coisas terminassem, e essa foi a primeira vez que usei a palavra *se* e não *quando*, simplesmente teríamos de encontrar um caminho de volta para a amizade. As pessoas faziam isso o tempo todo, e Haven e eu éramos mais próximos do que a maioria.

Algum tempo que pareceu horas depois, a porta do meu apartamento se abriu e Haven entrou.

— Oi — disse ela, deixando um pequeno saco no chão. Seu cabelo estava preso em seu rabo de cavalo bagunçado usual. Seu olhar se moveu para a ilha, e seus olhos se arregalaram para a cesta de maçãs.

— De quem é isso?

— Apple.

Ela voltou a me olhar na sala.

— Ela te mandou maçãs?

— Assustador, né? — Quando ela se aproximou, notei pela primeira vez quão cansada ela estava. — Você parece exausta.

— Eu estou. Foi uma bagunça. Mas me sinto melhor — disse ela, sentando ao meu lado e soltando um suspiro.

— Eu deveria ter ajudado.

— Quer ouvir a verdade?

— Claro.

— Você nunca é uma grande ajuda.

Fingi estar chocado e depois assenti.

— Verdade. — Sem pedir, agarrei seus tornozelos e ajeitei suas pernas no meu colo. Tirei suas botas e quando comecei a massagear seu pé, ela gemeu de prazer.

— Isso é incrível. Agora, sim, você está ajudando — disse antes de fechar os olhos e inclinar a cabeça para trás no sofá. A pele lisa de seu pescoço parecia tão convidativa. Uma longa mecha de cabelo escapou do elástico e se enrolou em sua orelha antes de se estabelecer na base da sua garganta. O contraste entre a mecha encaracolada castanha e sua pele pálida e impecável parecia uma obra de arte.

Com os olhos ainda fechados, ela gemeu novamente e disse:

— O que você fez hoje?

— Não muita coisa. — Notei a pequena bolsa deixada perto da porta. — Você não trouxe muita coisa. — Seus olhos se abriram assim que ela virou a cabeça. — Antes de qualquer coisa, quero dizer que fiquei treinando o dia todo.

— Você ficou treinando? — ela perguntou, afastando as pernas de mim e sentando sobre elas.

— Mais ou menos. — A maneira como sua respiração acelerou significava que ela estava ansiosa, mas, por outro lado, seu rosto permanecia sem expressão. Eu me aproximei e peguei a mão que ela nervosamente torcia o moletom. — Primeiro, você gosta de Elliott? — Ela foi falar, e eu acrescentei: — Tipo *gosta mesmo* dele?

— Não sei. Ele é muito doce. Eu disse que ele ainda não tomou nenhuma atitude romântica, mas aí ele faz coisas que são tão atenciosas, que acho que ele deve gostar de mim.

— Não foi isso que eu perguntei, Haven. Você gosta dele?

— Se eu não estivesse... — Ela olhou para as mãos e deu de ombros. — Eu acho que sim. Por quê?

— Bem, uma parte minha teme que seus sentimentos por mim a impeçam de ter algo que poderia ser ótimo com outra pessoa... alguém como Elliott. — Minha confissão fez com que seus ombros murchassem.

— Entendi.

— Mas é uma parte muito pequena. A maior parte, a parte idiota que é egoísta, acha que devemos sair juntos. Mas se ele é quem você quer...

— Sair juntos? — interrompeu.

— Sim.

Uma pequena risada escapou... e depois outra... e depois uma terceira... até que se transformou em histeria completa.

— Sério? — perguntei, sem me preocupar em esconder meu aborrecimento. Lá estava eu, me abrindo, e ela rindo de mim.

— Sinto muito. É só que... — Ela limpou os olhos com a mão livre e deu uma olhada em mim antes de afastar o olhar novamente.

— O que é?

— É chato! — ela conseguiu gritar.

Chato?

Quando ela olhou para mim, a maneira como sorria, a maneira como seus olhos se iluminavam e a maneira como estava linda para caralho virou uma chave dentro de mim que não podia ser desvirada.



Capítulo 19

ELA NÃO SABIA DE ONDE VEIO.

Em um minuto Haven estava rindo muito, no próximo estava por cima do meu ombro com sua bunda linda segurada pela minha mão enquanto eu a carregava em direção ao banheiro principal.

— Vaughn! Me bota no chão!

— De jeito nenhum, Perversa. Vou te mostrar o que é chato.

— Eu retiro o que disse! — Quanto mais ela se contorcia, mais eu intensificava meu aperto.

— Tarde demais.

Entrei direto no chuveiro e abri a torneira. No instante em que a água fria disparou contra nós, vinda de todas as direções, seus gritos se tornaram ensurdecedores.

— Vaughn! O que você está fazendo?

Não me preocupei em explicar. Deixei seu corpo deslizar pelo meu e então segurei sua cabeça em minhas mãos, forçando-a a olhar para mim. A água lentamente ficou mais quente, mas não era isso que estava nos aquecendo. Era o que nós dois sabíamos que estava por vir. Isso seria um grande erro ou apenas o que precisávamos. Só tinha uma maneira de descobrir.

A tampa da nossa caixa de pandora tinha um buraco. Com o beijo que ela iniciou no restaurante daquela mulher horrível, algo saiu. Meus beijos seguintes permitiram que mais algumas coisas saíssem, e sua confissão de me

amar libertou mais ainda. A cada situação confusa que acontecia entre a gente, outra parte da caixa se abria livremente.

O que finalmente estourou aquela tampa de vez foi quando percebi há poucos instantes que queria cada pedaço dela. Não apenas sua amizade, seu apoio ou até mesmo sua lealdade – eu queria cada centímetro do seu corpo. Eu queria seus gemidos, seus suspiros, seu desejo e, acima de tudo, eu queria seu coração.

Foi quando cada parte daquela caixa começou a ficar descontrolada. E agora que tudo estava para fora, não havia como colocar de volta.

— Vaughn — ela sussurrou. — Você tem certeza?

— Nunca estive tão certo de nada. Eu quero, Haven. Este não é apenas um caso de prazer dominando a lógica. Quero que sejamos tudo um para o outro... a menos que você não queira. Se você não quiser isso, se você não puder fazer isso comigo, eu vou entender. Eu estarei em sua vida da maneira que você quiser que eu esteja. Apenas amigos, ou mais.

Quando ela fechou os olhos, a água presa nos seus longos cílios me hipnotizou. Beije seus olhos antes de beijar sua testa.

Suas pálpebras se ergueram lentamente para revelar seus olhos quentes de chocolate.

— Eu sempre quis mais, mas e se...

— Não. Sem perder tempo com coisas que não podemos prever. Se você me quer, e eu quero você, é nisso que vamos nos concentrar. Tudo bem?

O silêncio significava que ela estava processando tudo – minhas palavras, seus sentimentos e, independentemente do que eu dissesse, os “e se” também.

— Ok — ela finalmente disse antes ficar na ponta dos pés e me beijar suavemente nos lábios. — Posso te fazer uma pergunta?

— Qualquer coisa.

— Por que diabos estamos neste chuveiro totalmente vestidos?

— Era vir aqui para esfriar as coisas ou te jogar na minha cama. E se eu fizesse o último, não teria como voltar atrás. Fui de zero a cem em uma semana. Não quero apressar as coisas agora que estamos aqui.

— Então, vamos realmente fazer isso? — Ela sorriu à sua maneira Haven, e isso confirmou o que eu já sabia.

— Sim, vamos fazer isso.

Ficamos no meu chuveiro até que nossa pele enrugasse. O tempo todo, eu me forcei a beijá-la suavemente. Eu me fiz saborear esse único ato, e nada mais. Não havia nenhum toque além dos meus braços em torno dela e dos dela ao meu redor. Depois de compartilhar alguns beijos lentos, ternos e tentadores, ela se afastou da minha boca e, pelo seu olhar, sabia que ela precisava de mais... e eu também.

Tirar nossas roupas encharcadas não foi fácil. Com muita dificuldade, primeiro tirei a camiseta e o moletom. Então, como se estivesse desembulhando um presente, tirei seu moletom e calça jeans. Cada parte do seu corpo que eu revelava fazia com que o fio fino de sanidade que eu tinha se afinasse um pouco mais.

Quando ela estava só de sutiã de renda azul encharcado e uma calcinha do Bob Esponja, meus olhos se deliciaram com sua pele lisa arrepiada da cabeça aos pés.

Seus olhos percorreram meu corpo, parando no contorno visível do meu pau duro, e voltaram para os meus com uma expressão de quem estava faminta por mim. Foi, de longe, a coisa mais sexy que eu já tinha visto.

Foi isso que fez com que aquele fio fino que segurava minha sanidade se rompesse.

Depois de desligar a água, peguei uma toalha das prateleiras ao lado do chuveiro, envolvi nela e a levei para o meu quarto. Eu não me importava se ainda estivesse pingando ou que ainda estávamos de roupa de baixo.

Seus olhos se inclinaram sobre o meu rosto. Do chuveiro para o meu quarto, uma mudança ocorreu dentro dela. Havia uma nova incerteza gravada profundamente em linhas ao redor de seus olhos.

— Isso é tão estranho, Vaughn. Estou com medo.

— Eu sei, eu também — concordei. Foi muito, muito estranho... e muito, muito assustador. Mas, de uma maneira ainda mais estranha, parecia certo. Era a razão pelo qual meu corpo havia despertado: Haven.

Eu não parei até colocá-la no centro da minha cama antes de me deitar ao lado dela.

— Nós vamos... — Ela parou e olhou para mim timidamente.

— Não, meu bem. Ainda não. — Sua postura instantaneamente relaxou.

A mulher confiante que estava me deixando louco com seus beijos no chuveiro agora não estava mais lá. Eu precisava desacelerar as coisas novamente, não importava o que meu pau e meu cérebro quisessem.

Avaliei que tinha duas velocidades quando se tratava de Haven.

Havia o ritmo de tartaruga que descrevia nosso relacionamento ao longo dos anos... e o supersônico, que começou com nosso primeiro beijo.

Eu tinha um milhão de razões para levar as coisas adiante. Meu pau pedia por isso, ela sendo minha melhor amiga ou não. Ele estava pronto e capacitado para fazer o trabalho. Minha mente argumentava que uma mulher linda estava na minha cama pela primeira vez desde que cheguei a Nova York e que eu não fazia sexo há semanas. Nada disso importava agora. Porque precisávamos ir devagar.

— Embora provavelmente me mate dizer isso, acho que precisamos ir com calma. — Dei um beijo em seus lábios e perguntei: — Você concorda?

— Sim.

— Sabemos tudo um sobre o outro em todas as outras partes da vida. Mas eu não tenho ideia se você gosta de ser beijada aqui... — Inclinei a cabeça e passei os lábios ao longo da base do seu pescoço. Ela arqueou as costas, e eu pude sentir sua garganta vibrar sob minha boca por conta do seu gemido. — É para assumir que você gosta assim?

— Sim.

— Bom. Eu também não tenho ideia se você prefere isso... — Passei a ponta de um dedo pelo corpo dela, sobre a curva do seio antes de chegar à renda que cobria seu mamilo. — Ou isso... — Passei o dedo pela bainha da renda até a puxar para baixo e libertar um seio perfeito. Com os olhos presos aos dela, abaixei a cabeça e chupei seu mamilo. — Você gosta?

— Sim.

— Você vai dizer alguma coisa além de “sim”?

— Mais.

Ao ver meu sorriso, sua expressão se transformou em puro desejo. Brinquei com seu mamilo, chupando e lambendo-o, enquanto minha mão acariciava suas costas, memorizando a sensação. Minha mão percorreu seu quadril, descendo por sua coxa, de volta até sua bunda, antes de parar na umidade entre suas pernas.

Ela segurou minha nuca, deixando claro que queria que eu continuasse chupando seu mamilo. Sua outra mão torceu o edredom com força. Levantei a cabeça e esperei que ela olhasse para mim.

— Mais? — perguntei, com a mão acariciando-a por cima da calcinha.

Uma ligeira pausa me preocupou, até que ela disse:

— Você está me torturando, Bundão.

— Que bom.

Ela de repente se moveu para que ficássemos alinhados lado a lado. Minha mão continuou na calcinha, mas meu pau estremeceu quando ela me acariciou da mesma maneira.

— É justo — disse ela, passando a palma da mão pelo meu comprimento.

Com nossos olhares presos, ela me acariciou por cima da cueca enquanto eu a acariciava por cima da calcinha. Seus olhos se arregalaram com apenas um toque, quando eu deslizei minha mão para dentro. Eu praticamente gozei quando senti uma tira fina de cachos sobre a pele quente.

— Porra, Haven. — Sua resposta foi deslizar a mão para dentro da minha cueca e segurar meu pau enquanto passava o polegar sobre a cabeça. — Porra — repeti. Se ela continuasse assim, eu não ia durar. Sem dúvida, aquilo certamente me mataria.

Passei a ponta dos dedos da entrada dela, até o clitóris.

Ela correu a mão das minhas bolas até a cabeça.

Cada movimento que eu fazia produzia um movimento em resposta dela. Até que estávamos simultaneamente nos contorcendo pelo toque do outro. Eu não aguentei mais e enfiei dois dedos dentro dela enquanto meu polegar circulava seu clitóris.

Sua mão se aquietou, mas permaneceu agarrada em mim.

— Vaughn — disse ela, meu nome soando como um apelo. — Por favor. — Eu podia senti-la se apertando em torno dos meus dedos. Ela estremeceu por alguns momentos, me segurando com força, antes de relaxar contra mim. Fiquei admirado pela forma como ela gozou. Havia pouco barulho, pouco movimento de sua parte, mas a maneira como seu rosto se contraía, assim como sua boceta, foi uma beleza.

Tirei meus dedos de sua calcinha e os deslizei para dentro da minha boca. Haven encontrou meu olhar com um brilho determinado em seus olhos.

— Sua vez. — Ela ficou de lado e chupou meu pescoço, enquanto sua mão bombeava meu pau. Eu podia sentir cada músculo contrair a cada movimento que ela fazia. Parecia que ela sabia exatamente do que eu gostava e era capaz de imitar os movimentos que eu aperfeiçoava em mim mesmo. Eu estava tão perto, e quando seus lábios encontraram meu lóbulo da orelha, eu gozei como um adolescente recebendo sua primeira punheta de uma garota.

— Puta merda, Haven — eu disse, caindo de costas, exausto.

— Digo o mesmo — disse ela, recuando da mesma maneira. — Bundão?

— O quê?

— Isso foi muito estranho.

— Eu sei... e eu não me importo.

— Bundão?

— Mmm?

— Eu preciso trocar esses lençóis molhados, eles estão me enlouquecendo.



Depois que nos limpamos, e ela refez minha cama com lençóis limpos, Haven colocou uma das minhas camisetas. Da minha cama, observei a bainha levantar e parar bem na curva da sua bunda nua quando ela puxou a bagunça de cachos para um rabo de cavalo. Seus olhos encontraram os meus no espelho.

— O quê? — ela perguntou com um sorriso.

— Nada — menti. A verdade era que olhar para suas pernas tonificadas e a maneira como a camisa de algodão acariciava suas curvas estava me deixando duro novamente. Eu não queria que ela pensasse que era puramente físico. Podemos não ter feito muito, mas para a gente o que ocorreu foi monumental.

Cruzamos uma linha. Beijar, provocar e tocar era estranho o suficiente com Haven. Dar um ao outro um orgasmo incrível pela primeira vez era difícil de entender em meu cérebro.

Imagine o que eu estaria sentindo se fodêssemos.

— Você está me olhando de forma engraçada. — Ela se virou e encostou a bunda na minha cômoda, cruzando os braços com um sorriso.

— Vem cá.

Ela esperou um pouco antes de subir de volta na cama e se deitar ao meu lado. Esperei que ela se acomodasse na curva do meu braço. Olhei para ela, mas seu olhar estava fixo no teto.

— Olhe para mim. — Em câmera lenta, ela virou a cabeça, até que seus olhos pousassem nos meus. — Você está com fome?

Uma risada curta a precedeu.

— O quê?

— Você. Está. Com. Fome? — repeti ainda mais devagar.

— Hm... Sim. Estou.

— Tudo bem. Estou morrendo de fome. Vamos pedir pizza e depois eu gostaria que você dormisse comigo esta noite.

— Aqui no quarto?

— Não, eu pensei que ficaríamos confortáveis na ilha da cozinha. Sim, aqui. Por que você está me olhando assim?

Ela revirou os olhos com outra risada.

— Eu pensei que você ia ficar todo *analizante* pra cima mim e começar a dar uma de psicólogo. E tudo o que você quer é pizza e dormir?

— *Analizante?*

— Sim, *analizante*.

— Isso não existe, Perversa. — Segurei seu rosto em minha mão e a beijei castamente.

— Agora existe. Por que você quer que eu durma aqui com você?

— Porque, sim. Você vai?

— Eu poderia negar, Bundão?

Eu nos rolei até que ela estava embaixo de mim tão rápido, que achou graça do movimento.

— Não. E planejo usar isso a meu favor.

O sorriso desapareceu quando fundi meus lábios com os dela em um beijo profundo e erótico.



Capítulo 20

O ALARME TOCANDO NO MEU telefone me fez pegá-lo e silenciá-lo. Eu não queria acordá-la, até porque nenhum dos dois dormiu muito na noite passada, com todas as coisas que fizemos e conversas que tivemos... Ok, houve muito mais coisas do que conversas.

Com um olho aberto, virei para o outro lado e não vi nada além de uma cama vazia. Olhei para o meu banheiro, estava escuro e desocupado. Sem me preocupar em colocar calças, pulei da cama só de cueca boxer em busca dela. Encontrei-a no quarto de hóspedes dormindo profundamente.

Sua bagunça de cachos estava espalhada em todas as direções. Ela ainda usava minha camiseta, e eu me perguntei se caso eu levantasse o edredom, eu a veria amontoada em torno de sua cintura, expondo sua bunda. Uma mistura de aborrecimento, por ela ter saído da minha cama, e luxúria, por ela estar deitada a poucos metros de distância praticamente nua, criou em mim um vórtice de desejo.

Nós não tínhamos feito muito até então, além de nos aliviarmos. A necessidade de agarrá-la naquele momento tornou-se avassaladora. Eu deveria tê-la deixado dormir, mas provei que eu era de fato o idiota egoísta que eu admiti ser quando escorreguei para o lado dela na cama.

Ela se mexeu e se virou para mim. Tive o cuidado de não a tocar e continuei a observá-la dormir do meu lado. Como se ela sentisse minha presença, seus olhos se abriram antes que piscasse algumas vezes para se concentrar no meu

rosto. Apoiado no meu braço, meu olhar não deixou dúvidas de que eu estava puto.

— Oi — disse ela com um rubor que não conseguiu esconder seu constrangimento. — Você me achou.

— Sim, eu te achei. Por que você está aqui?

Ela encolheu os ombros enquanto esticava os braços acima da cabeça.

— Não sei. Para evitar o constrangimento, eu acho.

— É assim que vai ser, Haven? Você prevendo a maneira como as coisas vão ser e agindo antes que elas aconteçam?

— Não. — Vendo minha cara feia, ela emendou: — Sim.

— Você pode não fazer isso? Está nos sabotando antes mesmo de começarmos. — O fato de ela não ter respondido significava que eu estava certo. Eu me aproximei e coloquei uma parte de seu cabelo atrás da orelha. — Olha, no âmbito dos relacionamentos, há muita coisa rolando. Já passamos da parte confortável de melhores amigos. Estamos muito além da novidade de começar um relacionamento. O que precisamos trabalhar é a parte da sexualidade. Se não deixarmos isso ficar estranho e aproveitarmos como está acontecendo, então estamos muito à frente no jogo. — Ela contorceu os lábios para o lado antes de me mostrar a língua. — Guarde isso ou vou fazer um bom uso dela.

— Deus, eu odeio quando você está certo.

— O que é frequente. — Eu a peguei em meus braços e a puxei para mim. — Eu gosto que você esteja aqui.

— Gosto de estar aqui, mas precisamos conversar. Ontem percebi que não me sinto mais confortável no meu apartamento. Está contaminado, não é mais a minha casa. Concordo que preciso me mudar, mas não para cá. Temporariamente, vou ficar alguns dias até que eu possa encontrar outra coisa. Eu não acho que seja uma boa ideia começar nosso relacionamento vivendo juntos.

— Por que diabos não?

— É muito cedo, Vaughn.

Contemplei suas palavras.

— Você se sentiria melhor se ficasse aqui, mas não no meu quarto?

— Talvez. — Tracei círculos em seu braço com as pontas dos dedos, esperando que ela organizasse os pensamentos. Sabia que havia muita coisa na sua cabeça, a julgar pela pequena linha que se formava entre as sobrancelhas. Assim que passei o polegar nela, Haven disse: — Algumas semanas atrás, eu não hesitaria em ficar aqui com você. As coisas estão diferentes agora, e a maioria das pessoas não vai dividir casa antes mesmo de ter feito sexo.

— Poderíamos resolver isso agora e fazer sexo — brinquei, passando o polegar sobre sua sobrancelha, em seguida descendo por sua bochecha.

Ela me empurrou brincando.

— Fala sério.

— Falei. — Beijei-a enquanto sorria. — Haven, não somos como a maioria das pessoas. Você precisa esquecer tudo o que acha que sabe sobre estar em um relacionamento sério. Nada disso vem explicado em um livro didático. Uma coisa que eu prego na minha terapia é que não há regras quando se trata de relacionamentos. O que funciona para alguns não funcionará para outros. Se você e eu estamos bem com isso, então é assim que vai ser. Se não, conversaremos sobre maneiras de consertar.

Enquanto esperava que ela digerisse o que eu havia dito, puxei-a para mais perto para beijar sua cabeça.

— A verdade é que, se você e eu não tivéssemos dado esse passo, você não teria argumentos sobre o fato de eu te querer aqui, certo?

Ela acenou com a cabeça contra meu peito nu.

— Então, é isso. Você está simplesmente fazendo seu melhor amigo feliz e nada mais... pelo menos por hoje. Vamos um dia de cada vez. Tudo bem?

— Tudo bem.

Eu precisava tomar as rédeas do relacionamento no começo, porque eu não acreditava que ela confiaria em um relacionamento nosso por enquanto. Uma coisa era ter medo, e eu também tinha. O que eu não permitiria era que suas inseguranças mexessem com sua cabeça e arruinassem o que poderia ser uma coisa boa.

Quando ela se inclinou e me beijou, eu tomei isso como um bom sinal. Quando Haven se soltou e pulou da cama, meu otimismo diminuiu.

— Para onde você vai?

— Tenho aula cedo às segundas-feiras. Preciso me preparar.

— Eu sabia disso?

— Não, eu só te conto o que você precisa saber. — Ela abriu a bolsa, que estava em uma cadeira, pegando um jeans e sua camiseta boba da Hello Kitty.

— Você não me conta tudo? Estou magoado.

— Você *me* conta tudo?

— Sim. — Ela cruzou os braços em um desafio. — Ok, não. Mas eu vou. Aqui, vou começar. Você sabia que eu me masturbei com uma fantasia de você em duas ocasiões distintas desde o nosso primeiro beijo?

Sua testa franziu por uma fração de segundo antes de alisar.

— Você se masturbou?

— Sim. Você tem que admitir que foi uma confissão e tanto. Então, agora você vai me contar tudo?

Ela levantou dois dedos em uma saudação de escoteira e disse:

— Prometo que te direi tudo o que você *precisa* saber a partir de agora.

— Essa é uma das famosas brechas de Haven Castell. — Assim que vi seu encolher de ombros indiferente, saí da cama e fui em direção a ela. Previsivelmente, ela correu para o corredor e entrou no banheiro antes que eu pudesse agarrá-la. — Você vai ter que sair daí em algum momento — eu disse contra a porta de madeira que nos separava.

Uma risada despreocupada foi tudo o que recebi como resposta... e o caralho que aquilo não me fez querer arrombar a porta e fodê-la contra os azulejos, dando vida a uma das minhas fantasias.



Enquanto Haven assistia à aula, providenciei que suas fechaduras fossem trocadas antes de correr para a Apple Store para pegar um novo laptop. Deixei-o na minha ilha de cozinha com seu chaveiro novo e um bilhete que dizia simplesmente: *Não fique brava. Bjs, Vaughn.*

Quando cheguei ao meu escritório, liguei para minha prima, Lizzy, para agradecê-la por ajudar Haven ontem.

— Olá, meu bem. Como está a Haven?

— Ela está bem. Eu finalmente a convenci de que aquele lugar não é seguro. Ela vai ficar aqui comigo.

— Boa. Concordo.

Não tivemos a chance de discutir se manteríamos as coisas em segredo por enquanto. A curiosidade me fez perguntar a Lizzy:

— Ela mencionou alguma coisa sobre nós?

Um silêncio se fez presente, confirmando que Lizzy sabia um pouco do que estava acontecendo.

— Como você já sabe dessa parte, admito que sei que ela é apaixonada por você há anos. O resto eu vou guardar para mim. Mas, na minha opinião profissional, sinto que ela está tão confusa quanto você.

— Eu sei que ela está. Estou tentando aliviar isso para ela. É difícil quando eu não estou muito melhor, no entanto.

— Vaughn, você precisa tomar as rédeas do relacionamento no começo.

— Somos muito parecidos — eu disse com uma risada, frente a analogia exata que eu tinha usado em minha mente no início da manhã. — Eu sei. Mas me preocupo de não ser o cara certo para ela. E se ela ficar melhor com outra pessoa? Estou sendo egoísta por querer tentar?

— Claro que não. Você se importa com ela. Caramba, eu vou até dizer isso em voz alta... você a ama.

— Eu amo, Lizzy. Isso nunca foi um problema. Eu só não sei se o amor que sinto é diferente do amor que ela sente.

— Você pode imaginar sua vida sem ela?

Um imediato “não” voou da minha boca. Era a mesma pergunta que eu fazia com frequência aos casais durante o curso da terapia. Essa pergunta poderia falar muito e revelar muita coisa.

— Vaughn, você quer que ela seja feliz?

— Sim.

— Você se sente atraído por ela?

— Muito mesmo. Mas nem sempre fui. Eu realmente nunca a vi dessa maneira.

— E daí? Agora você vê, correto?

— Sim.

— Então você está sentindo o mesmo amor.

— Não é tão simples assim.

Foi a vez de ela rir ao telefone.

— Vaughn, você e eu sabemos que pode ser simples assim. Haven está com medo, você também. Ela se preocupa de perder você, e você se preocupa com a mesma coisa. Vocês dois têm os mesmos objetivos. Vão ter de se esforçar nisso, assim como a maioria dos casais que estão apaixonados. A recompensa disso vale mais do que a parte ruim, e uma comunicação aberta e paciente levará vocês ao ponto em que desejam chegar.

Ela estava certa.

— Obrigado, Lizzy.

— Eu que agradeço. Acredito em vocês dois. Eu disse a ela a mesma coisa. Estou aqui se você precisar de mim — disse ela antes de encerrar a ligação.

Tendo alguns minutos antes de precisar chegar ao estúdio, disquei o número de Haven.

— Vaughn — ela me repreendeu.

Eu sabia que ela ficaria com raiva.

— É uma despesa comercial. Você trabalha para mim. Se o seu escritório fosse arrombado e seu computador fosse roubado, eu substituiria.

— Não com o MacBook Pro top de linha!

— Sinto sua falta — desviei. Seu suspiro significava que funcionou. — Mal posso esperar para vê-la mais tarde.

— Eu também. Bom programa, vou ouvir todo.

— Obrigado, meu bem.

Estava claro que a presunção no meu passo, enquanto eu me dirigia para o estúdio, tinha tudo a ver com Haven. Fazia muito tempo que eu não sentia... o que era que eu estava sentindo? Felicidade, claro, mas foi mais do que isso.

Otimismo?

Exaltação?

Satisfação?

Sim a todos os itens acima.

— O que diabos aconteceu com você sábado à noite? — Daryl perguntou quando invadiu o estúdio minutos antes do horário do programa.

— O apartamento de Haven foi arrombado. Ela estava muito abalada.

— Ah, caralho. Ela está bem?

— Ela está bem. Eles destruíram a casa toda. Trocamos as fechaduras, mas ela vai ficar comigo alguns dias.

Natalie sentou-se ao meu lado com um sorriso triste.

— Falei com ela ontem, coitada. Ela me ligou para perguntar se eu não me importaria de encaminhar seu calendário Galaxy para o e-mail dela, já que ela não tinha mais laptop. Aqueles escrotos levaram tudo que ela amava. Ainda bem que ela não estava lá.

O pensamento fez com que um calafrio renovado percorresse minha espinha. Eu me recusei a me permitir pensar no que poderia ter acontecido se Haven estivesse em casa.

O restante da nossa preparação para o programa foi em silêncio. Minutos depois, a placa *NO AR* piscou e eu recitei:

— Boa noite, Estados Unidos. Eu sou o Dr. Vaughn Lair. Bem-vindo ao *The Love Lair*. Vamos falar de sexo. O tópico desta noite, a importância de comunicar suas necessidades ao seu amante.

O primeiro nome que apareceu na tela de chamada foi Apple. Eu não tinha notícias dela desde que fui direto e perguntei se seus motivos para ligar para o programa não tinham nada a ver com solicitar conselhos, mas sim me conhecer. Depois de negar que fosse o último, a conversa tomou um rumo estranho e aquela foi a última vez que conversamos.

Natalie encontrou meus olhos, levantando as sobrancelhas enquanto murmurava:

— Pode?

Acenei com a cabeça, mais uma vez a curiosidade me fazendo conectar a chamada.

— Olá, Apple.

— Ei, Vaughn — ela disse com seu sotaque sulista. — Obrigada por atender a minha chamada.

— Obrigado por ligar. — Ela não respondera minha mensagem agradecendo pelas maçãs, mas eu não ia falar sobre isso agora. Em vez disso, perguntei: — Você está interessada em discutir o tópico desta noite ou tem um problema específico sobre o qual gostaria de falar?

— Estou ligando para responder sua última pergunta. Você me perguntou, fora do ar, se eu realmente tinha um problema que eu queria discutir ou se eu só queria conhecê-lo.

— Eu me lembro.

— Bem, meu problema é você.

— Por que eu sou seu problema?

— Você ainda é tudo o que eu penso. Eu te conheci uma vez antes de você começar seu programa na Galaxy. E embora eu quisesse me manter anônima, agora estou pensando se essa foi a decisão certa.

Ela com certeza era a Abby.

Mesmo que não estivéssemos nem perto da hora de um comercial, o silêncio forçou Natalie a dizer:

— Segure essa dúvida, Apple. Precisamos entrar com uma palavra do nosso patrocinador. Aguardem aí, ouvintes curiosos, estaremos de volta em alguns instantes. — Natalie apagou a placa *NO AR* e me disse: — Ela quer você.



Capítulo 21

MEU APARTAMENTO ESTAVA ESCURO, EXCETO pela luz que vinha da televisão. Haven olhou para cima quando me viu entrar.

— Oi — disse ela com um sorriso.

— Eu não achei que você estaria acordada. — Joguei minhas chaves na mesa do hall de entrada e tirei o casaco.

— Não estou cansada. — Suas palavras diziam uma coisa, mas sua expressão dizia outra. Algo estava errado, e meu palpite era que ela ouviu o programa.

Depois que Natalie cortou para um comercial, a segunda parte da minha conversa com a Apple foi fora do ar. Eu imediatamente mencionei a cesta de presentes, agradei a ela e depois perguntei como ela sabia onde eu morava. Ela alegou que não era difícil descobrir procurando um pouco na internet.

Precisando traçar um limite, informei-a de que ficaria feliz em ajudar de qualquer maneira profissional que ela precisasse, mas em relação a um relacionamento pessoal, eu estava saindo com uma pessoa e achava melhor que ela não me contatasse mais. Ela concordou, alegando que estava chateada por ter perdido a chance e pedindo para informá-la se as coisas não dessem certo.

Então o resto do programa parecia robótico e forçado. É claro que, para a minha equipe, só eu que me senti assim. Imaginei que saberia a verdade quando os resultados semanais de audiência chegassem. Engraçado, mas na verdade eu não me importava.

Na volta de táxi para casa, percebi que algo havia mudado dentro de mim em relação à minha carreira. No final do meu contrato, se a Galaxy não estivesse interessada em renovar meu programa, meu instinto disse que eu ficaria bem com isso.

Eu deveria ter dissecado o motivo de me sentir assim, descobrir a razão de um enorme objetivo profissional de repente não ser mais minha prioridade. A única coisa que eu pensei foi que tinha de ser por causa da minha recém-descoberta satisfação. Eu tinha usado meu próprio programa para canalizar problemas que eu nem sabia que tinha?

Talvez.

Caminhei até Haven, que estava sentada no sofá.

— Oi — eu disse antes de me inclinar para beijá-la. Quando ela sorriu contra meus lábios, perguntei:

— Qual é a graça?

— Eu gosto desse cumprimento.

Eu me abaixei ao lado dela, exausto do meu dia.

— Estou apenas beijando minha namorada.

— Namorada, é?

— Mesmo que você tenha rido de mim quando eu falei em nós dois sairmos e alegado que a forma como eu disse era entediante, eu ainda acho que estamos juntos. Está tudo bem por você? — Com uma expressão divertida, ela assentiu com um sorriso. — O que você fez esta noite?

Ela apontou para o novo laptop.

— Recriei seu calendário, minhas listas de tarefas e tudo o que perdi. Graças a Deus, eu subi meus trabalhos feitos para a nuvem, ou eu seria uma estudante muito infeliz agora. — Estendendo a mão, ela passou os dedos pelos meus cabelos. O gesto carinhoso inesperado fez com que meu pau se contorcesse.

— Mmm, isso é bom — eu disse, fechando os olhos e apreciando seu toque.

— Você parece cansado.

— Estou exausto.

— Programa difícil. — Foi mais uma declaração do que uma pergunta.

— Você ouviu?

— Sim.

— Meio que saiu do controle. Aquele cara que precisava de conselhos sobre como dizer à esposa que queria fazer sexo a três com outro homem redimiou o programa.

— Sim, foi muito sexy.

Fiquei boquiaberto com ela.

— Não vai se animando.

— Droga — disse ela com um sorriso. — Estou brincando — acrescentou ela quando viu minha boca aberta. Ela continuou massageando meu couro cabeludo, e se continuasse assim, eu estaria dormindo em breve.

— Vaughn?

— Hm — murmurei com os olhos fechados.

— Você quer conhecê-la? — Virei o pescoço para olhar para o rosto dela. — Aquela Apple. Você pode ser honesto.

— Algumas semanas atrás, eu queria, mas isso mudou por sua causa.

— Mas se você não fizer isso, você não vai sempre se perguntar “e se...”?

— Não tem nenhum “e se”. Eu não a conheço. Ela é uma estranha que, quanto mais eu conheço, mais acho que é um pouco instável. — A julgar pela sua expressão, as inseguranças de Haven estavam bagunçando sua cabeça. — Ei — eu disse, puxando-a para o meu colo. Lembrando-me da minha conversa com Lizzy, segurei seu rosto e olhei em seus olhos. — Há uma coisa que você nunca precisa duvidar. Eu *quero* ficar com você.

— Você quer?

— Sem dúvida.

Apertei seu quadril quando ela se inclinou e me beijou profundamente.

Como sempre, nosso beijo passou de doce a ardente em segundos. Sem interromper o beijo, fiquei com ela em meus braços e a levei direto para o meu quarto.

Colocando-a na minha cama, tirei meus sapatos antes de cobrir seu corpo com o meu. Suas pernas se abriram, fazendo com que nos alinhássemos perfeitamente. Deslizei minhas mãos por baixo da sua camiseta e a levantei. A

sensação de sua pele quente sob o meu toque me fez querer provar todas as partes de seu corpo.

Eu precisava mais de Haven do que necessitava da minha próxima respiração. Avançar quebraria minha promessa de ir devagar, mas a maneira como ela respondia aos meus beijos fez com que ir devagar fosse a coisa mais difícil que eu já havia enfrentado na vida.

Como se estivesse lendo minha mente, ela se afastou dos meus lábios e disse:

— Eu não quero parar, Vaughn.

— Haven, você não está tornando a situação fácil para mim.

— Quero continuar. — Seus olhos brilharam no quarto pouco iluminado antes que uma única lágrima rolasse por sua bochecha.

— Ei, por que você está chorando? — perguntei e peguei uma segunda lágrima com o polegar. — Haven, fala comigo.

— Eu preciso saber que isso entre nós é real.

— É real.

— Então me mostra. — Eu não podia negar isso a ela. No entanto, não conseguia me mover. Eu apenas continuei a olhar em seus olhos com uma guerra furiosa dentro de mim. Ela sentiu minha hesitação e continuou: — Eu preciso que você me faça sentir você por inteiro. Não quero nada entre nós. Eu estou tomando pílula, e você sabe que eu não faço sexo há muito tempo. Eu confio em você. Por favor?

O tecido macio da minha camiseta se amontoava entre seus dedos enquanto eles se apertavam de um jeito desesperado.

Eu raciocinei que nunca foi uma questão de *se* faríamos sexo, mas sim de *quando*. Mas eu não pude evitar que a incerteza aumentasse a cada momento que passava. E eu sabia, quanto mais eu deixasse o tempo passar, mais ela pensaria pior. Foi isso que me obrigou a dizer:

— Eu quero você por inteiro também... cada parte de você. Tem certeza de que quer isso agora? Podemos ir devagar, tomar o nosso tempo, não vou a lugar nenhum.

— Tenho certeza. Eu preciso disso. — Ela procurava validação, e eu não podia culpá-la. Não adiantava discutir, Haven tinha entendido errado. Mesmo

que minhas palavras fossem tão transparentes quanto vidro, se eu a recusasse agora, ela assumiria que eu tinha dúvidas.

— Eu preciso disso também. Mais do que você jamais saberá, Haven. Mas antes de fazermos isso, eu preciso que você entenda uma coisa. Eu posso não ter tido tais esperanças ou desejos desde o momento em que você começou a ter, mas isso não significa que eu não os sinta agora tão intensamente quanto você.

Ela piscou como se estivesse processando minhas palavras.

— Obrigada por me dizer isso.

— Você estava duvidando de mim? — Ela desviou o olhar por uma fração de segundo antes que um aceno lento confirmasse minha pergunta. — Eu sei que você estava. Te conheço, Haven. Nós nos conhecemos mais do que a nós mesmos. E o resto, vamos aprendendo à medida que avançamos. Tenho certeza de que você já sabia disso, mas vou dizer em voz alta só para ter certeza. Eu nunca vou mentir para você, ok?

Em seu segundo aceno de cabeça, beijei-a suavemente. Eu podia sentir as pontas de seus dedos apertarem mais uma vez, mas foi a maneira como seu corpo se pressionou no meu que me fez deslizar minhas mãos pelas costas dela enquanto levava sua camiseta junto. Ela levantou os braços, recolocando-os no meu peito uma vez que eu joguei a blusa no chão. Seus seios inchados me imploravam por beijos. Continuei beijando sua pele quente enquanto soltava o sutiã e o puxava de seus braços. Ele logo foi parar onde a camiseta pousou.

Uma bagunça de cachos castanhos emoldurou seu rosto. Seus olhos se concentraram nos meus. Ela é tão bonita. Como eu não tinha percebido isso antes? Eu sempre soube que era, não estava morto. Mas pensando bem, tentei lembrar se houve algum momento em que eu a quis. Ainda me confundia que um beijo pudesse virar uma chave dentro de mim, como tinha de fato acontecido. Um beijo mudou tudo entre nós... tudo.

Não resisti a admirá-la, a curva de seus lábios, a pele lisa do seu pescoço. Com seus seios agora nus, me inclinei para lambe-los. A sensação de primeiro um e depois o outro em minha boca fez com que a parte de baixo do meu corpo pulsasse de necessidade. Não havia muito mais que eu pudesse aguentar. Segurei um seio enquanto continuava a chupá-la e mordiscá-la.

Minha outra mão percorreu seu corpo e encontrou o cós de sua calça jeans antes de soltar o botão.

Um gemido minúsculo escapou assim que eu baixei seu zíper. Precisando me afastar, tirei sua calça jeans e sua calcinha de uma só vez, jogando as peças no chão junto das outras coisas. Em seguida, calça jeans e cueca boxer se foram, e a maneira como seus olhos se inclinavam sobre cada centímetro meu fazia meu pau já duro latejar.

Foi a primeira vez que estávamos completamente nus, a realidade da situação nos atingiu ao mesmo tempo. Um blush adorável tingiu suas bochechas em um tom perfeito de rosa enquanto seus olhos continuavam a me absorver.

Nossos olhos se fecharam quando me ajoelhei na ponta da cama. Sem palavras, agarrei seus tornozelos e os empurrei para cima, até que seus joelhos se dobrassem e suas pernas se abrissem. Quando me inclinei e a beijei entre as pernas, Haven se curvou pelo impacto. Querendo saboreá-la, passei a língua em lentos e longos movimentos.

Apesar de seus gemidos, ela disse:

— Vaughn, mais tarde. Eu quero você primeiro.

O gostinho que tive não foi suficiente. Eu precisava de mais, mas entendi o que ela exigia de mim. Concordei com a cabeça e me acomodei entre suas pernas abertas com meu pau na sua entrada. Um pequeno sorriso surgiu em sua boca, e isso fez com que meu coração inchasse de emoção.

Passando o braço em suas costas, peguei em sua mão. Entrar sem proteção nunca tinha sido algo que eu tinha feito, e a antecipação pelo que eu estava prestes a sentir me sobrecarregou.

Eu foquei em seus olhos castanhos, no seu olhar intenso, e seus músculos internos me apertaram quando deslizei para dentro dela em câmera lenta. Uma vez enterrado profundamente, parei, esperando que nós dois saboreássemos essa conexão. Eu não tinha como me preparar para a enxurrada de sensações, tanto físicas quanto emocionais, que tomavam conta do meu corpo e da minha cabeça. Com base no brilho que apareceu novamente em seus olhos, assumi que Haven experimentou exatamente as mesmas emoções.

— Você é uma delícia. — Eu expressei em voz alta o que eu estava pensando.

Seus dedos apertaram os meus.

— Me beija, Vaughn.

Obedeci com um beijo acalorado e, enquanto nossas línguas se entrelaçavam, comecei a mexer meus quadris em movimentos medidos.

Tantos os pensamentos correram pela minha mente, o maior de todos me dizendo que aquilo tudo parecia certo. Estar lá, meu corpo conectado ao dela da maneira mais íntima, parecia o cenário mais natural do mundo.

Mesmo que esta fosse a nossa primeira vez, vi que ela estava muito perto. Eu sabia pela maneira como ela se afastou do meu beijo para olhar nos meus olhos, na maneira como sua testa franziu em concentração e, o mais importante, na maneira como ela sussurrou meu nome.

O som, combinado com ela vibrando ao meu redor, impulsionou meu corpo a se mover mais rápido, empurrando com mais força, até que me libertei dentro dela de uma forma que consumiu tudo.

Eu acabei de fazer amor com a minha melhor amiga, e a primeira coisa que me veio à mente foi o quanto eu queria fazer isso de novo.



Capítulo 22

DA MINHA CAMA, OUVI O chuveiro sendo aberto. Ela amava tanto o meu banheiro, que eu me perguntava se ela o escolheria em vez de mim. A razão pela qual eu não estava invadindo seu espaço, e entrando lá com ela, era para que Haven pudesse apreciá-lo em paz.

Ok, mentira. Havia duas razões. Em poucas horas, estaríamos envolvidos em todos os tipos de perversão sexual, e esse banho poderia ser um dos últimos momentos de privacidade que ela teria até segunda-feira.

Era sábado, dia quatorze de fevereiro. Ela não tinha ideia de que eu a estava levando para um fim de semana só nosso na tentativa de compensar cada Dia dos Namorados que perdemos.

Conhecendo minha garota, ela provavelmente pensou que eu não fazia ideia de que dia era. Não tocar no assunto foi a maneira de Haven proteger seu coração da decepção. Eu deveria ter ficado irritado com a falta de confiança dela comigo, mas eu tinha de continuar me lembrando das coisas que sabia sobre Haven. A mulher era obstinada, brilhante, organizada e segura em todos os aspectos da vida – exceto quando se tratava de relacionamentos. Essa questão profundamente enraizada levaria tempo para ser desfeita.

Fazia quase uma semana desde que ela saiu do apartamento para ficar comigo. Depois da noite em que fizemos amor pela primeira vez, caímos em uma rotina. Ela passava os dias dividida entre as aulas na NYU e o trabalho com os meus assuntos. E eu passava meus dias na emissora me preparando para o meu programa. Todas as noites, eu chegava em casa e a encontrava esperando

por mim. Conversávamos um pouco, comentando nosso dia, antes que alguns beijos inocentes se transformassem em fazer amor na minha cama.

Um sorriso se abriu diante das lembranças. Em algumas noites, era lento e doce, e outras era rápido e forte. Durante a nossa primeira semana como casal, fizemos no meu chuveiro, no sofá e até no quarto de hóspedes. Não importa como ou onde fôsemos, a realidade de que eu estava fazendo sexo com minha melhora amiga deveria ter me assustado... mas não assustou.

Quão estranho era em tão pouco tempo eu me encaixar nesse papel de amante de Haven tão perfeitamente? Será que minha formação profissional havia me preparado para que isso acontecesse de maneira tão fácil? Claro, por causa da minha profissão, eu dissequei todas as mudanças entre nós. Mas de nós dois, eu era quem lidava melhor com as coisas e muitas vezes tinha que *convencê-la* a se abrir.

Mais uma vez, entendia por que ela estava nervosa. Haven tinha vivido com emoções represadas dentro de si por anos. À medida que nossa amizade se desenvolveu e que construímos uma relação de respeito mútuo e compreensão, ela também teve de encontrar uma maneira de suprimir o amor que sentia por mim enquanto observava minhas façanhas sexuais com mulheres aleatórias.

Então eu entendia, mas isso não significava que gostasse disso. Eu não pude deixar de sentir que ela estava apenas esperando que eu acordasse uma manhã e admitisse que não estava mais dando certo. Meu ego sentiu que ela deveria me dar mais crédito do que isso, mesmo que minha lógica entendesse.

Ela admitiu acreditar que não estaríamos onde estávamos se ela não tivesse dado aquele beijo. Como eu não tinha como convencê-la do contrário, meu argumento ficou aquém. Tudo o que eu podia fazer era repetir várias vezes que, desde que fôssemos honestos um com o outro e nos comunicássemos abertamente, estaríamos bem. Além disso, eu continuava a mostrar a Haven, a cada dia que passava, o quanto eu me importava com ela.

No modo melhores amigos, nossos momentos juntos eram fáceis. Discutíamos, brigávamos, ríamos e ainda tínhamos a estranha capacidade de ler os pensamentos um do outro sem trocar uma palavra. Por exemplo, um simples levantar de uma sobancelha dizia claramente que não tinha como ela assistir *O Gângster* de novo. Depois que ela pegou o controle remoto, minha

sobrelha recíproca significava que eu também não ia assistir *A Proposta* ... então estabelecemos um terreno neutro, *Se Beber, Não Case*.

Nem tudo eram flores, no entanto.

Enquanto estávamos no modo novos amantes, tivemos muitos constrangimentos. Demorou alguns dias até que ela parasse de fugir no meio da noite para o quarto de hóspedes. Demorou o mesmo tempo para que Haven parasse de discutir sobre ficar na minha casa. Eu tive de prometer a ela que procuraríamos um novo apartamento juntos, mas até então ela precisaria parar de falar no assunto por enquanto.

Um convite de Natalie para um jantar de casais que ela estava organizando em poucas semanas causou outro surto de vergonha. No e-mail, Natalie disse que estava me avisando previamente para que eu encontrasse uma acompanhante. Eu disse a Haven para marcar em seu calendário e a vi se afastar de mim. Quando eu a forcei a falar comigo, ela admitiu querer manter nosso relacionamento em segredo por enquanto. Eu disse que entendia, mas que se eu não fosse com ela, então eu não iria. Esse foi o argumento número um. O argumento número dois veio quando uma mensagem de Elliott a chamando para jantar me fez perder a cabeça.

Haven precisava mandar que ele seguisse em frente. Eu tinha minhas teorias sobre o babaca e suspeitava que ele sabia em que pé estávamos, por isso decidiu marcar território. Que se foda, por semanas ele a enrolou, e agora ela é minha. Achei que tinha de agradecer ao cuzão. Nada disso teria acontecido se ele tivesse mostrado a Haven algum interesse no sentido romântico.

Outro ponto de discórdia entre nós foi quando eu mencionei os próximos planos... especificamente tirar férias no Caribe durante o verão. Eu estaria mentindo se não admitisse que sua recusa em discutir o futuro me irritou um pouco. Quer se tratasse de alguns dias ou de anos, sua resposta era sempre a mesma: "*Vamos viver um dia de cada vez*", o que levava a outra discussão.

A cada desentendimento que tínhamos, conversávamos antes de acabar fazendo um sexo fantástico de reconciliação. Depois, fui rápido em compartilhar que achava que estávamos lidando com nossos problemas com muita maturidade – nisso, ela concordou.

A porta do meu banheiro se abriu, e Haven entrou no meu quarto.

— Porra, eu podia morar lá — disse ela com um sorriso descontraído no rosto. Seus cachos castanhos caíam em ondas úmidas sobre os ombros. Eu podia sentir o cheiro do meu xampu nela e, caralho, como isso me excitava.

Quando ela notou a bandeja de café da manhã na minha cama, seu sorriso se alargou.

— O que é isso?

Eu acariciei os lençóis e disse:

— Vem aqui. — Uma vez que ela se sentou ao meu lado, eu peguei a rosa da bandeja e entreguei a ela. — Feliz Dia dos Namorados. — A maneira como seus lábios se contorciam para os lados significava que ela sabia exatamente que dia era. — Você achou que eu não tinha lembrado?

— Considerando que se eu não te lembrar, você geralmente não lembra de nenhuma data importante, eu teria apostado que não. — Ela segurou meu rosto, o botão da rosa descansando contra minha bochecha, e olhou em meus olhos com uma expressão travessa no rosto. Depois de um beijo casto em meus lábios, ela perguntou: — Por que você é tão perfeito nisso?

— Eu realmente sou — brinquei com um sorriso malicioso. — Por que eu ser perfeito te surpreende?

Ela soltou meu rosto com um suspiro.

— Estou falando sério, Vaughn. Deixando de lado sua profissão, você não tem ideia de como tocar um relacionamento na vida real. Quer dizer, sério... Joyce?

— Primeiro, isso acabou. Leia o e-mail enviado, se você não acredita em mim.

— Ah, eu li — ela respondeu sem constrangimento.

— Eu imaginei.

— Como ela ficou, a propósito? Não houve resposta.

— Você honestamente quer saber como foi a ligação?

Ela desviou o olhar e balançou a cabeça.

— Definitivamente não.

— Sim, imaginei. De qualquer forma, não era um relacionamento.

— Exatamente. Você *não tem experiência* que valha a pena citar. Não é justo como você está fazendo tudo isso parecer tão fácil.

— Haven, você é a única pessoa na minha vida que eu conheço da cabeça aos pés. — Dei de ombros com naturalidade. — Acho que prefiro me concentrar em quão sortudos nós somos do que em todos os “e ses” que não podemos controlar e que parecem estar te atormentando.

O remorso alterou sua expressão provocativa.

— Sinto muito.

— Não sinta. Eu fico feliz que você me diga como se sente. Mas, como você mencionou, eu sou o profissional, o que significa que você tem que me ouvir. Contanto que sejamos sempre honestos, ficaremos bem. Essa é a única coisa que sempre tivemos entre nós... honestidade brutal. Ok? — Depois que ela assentiu, eu a puxei para mais perto. — Citando minha linda e sexy pra caralho, *às vezes*, brilhante namorada...

— Às vezes?

— Sim. Seu brilhantismo definitivamente vem em ondas. De qualquer forma, acredito no que ela sempre diz: “vamos viver um dia de cada vez”. Então, vamos fazer isso... feito?

— Feito.

— Que bom. — Eu me aproximei e arranquei um pedaço de muffin de mirtilo, colocando-o em seus lábios. — Abra. — Ela obedeceu ao meu comando, mastigando lentamente sua escolha favorita de café da manhã com um sorriso. — Você quer saber o que eu tenho na agenda de hoje?

Ela acenou sobre a bandeja que estava ao nosso lado.

— Além de tomar café da manhã na cama?

— Sim, tem isso, e então eu vou comer você... — Sem me intimidar com seus olhos arregalados, eu adicionei: — E então vamos entrar na minha BMW, que eu não consigo dirigir com frequência suficiente, para eu te levar a uma viagem surpresa para comemorar nosso primeiro Dia dos Namorados como um casal.

— Para onde vamos?

— Você vai ver.



— Isso é realmente necessário? — Ela encostou na venda que eu insisti que colocasse na última parada que fizemos. Em seu rosto, uma cara feia cômica.

— Pare de ser tão difícil.

— Snowboard? Você está me levando para uma estação de esqui? — A cada poucos minutos, ela tentava me fazer falar para onde eu a estava levando. Tudo o que ela sabia era que estávamos indo para o norte.

— Não.

— Canadá? Eu não estou com meu passaporte.

— Não.

— Rochester?

— Sim, estou levando você para Rochester. Estou doido para comer um dos Garbage Plates de lá. — Desviei o olhar da estrada a tempo de ver Haven dando língua. — Mais uns minutos, e essa sua língua estará em outro lugar.

— Tentador — ela disse enquanto apertava as coxas vestidas de jeans. Meus olhos a observaram em antecipação ao que estava por vir. — Degustação de sorvete?

— Não. Não é isso que sua língua vai lamber, nem a minha.

Ela cruzou os braços em frustração.

— Uma cabana isolada na floresta onde você vai me cortar em pedaços?

— Continue fazendo tantas perguntas, e eu posso considerar isso.

Sua cabeça se virou na minha direção quando parei o carro.

— Chegamos? Posso tirar essa coisa estúpida agora?

— Não.

Eu ri de seu suspiro audível. Isso estava enlouquecendo-a, e eu aproveitei cada minuto. Haven raramente abria mão do controle, mas neste fim de semana estaria rendida às minhas travessuras.

— Não se mova. — Saí do carro, abri o porta-malas e peguei nossa mala. Quando abri a porta, sua mão voou para a venda. — Continue com ela, Pervertida.

— Sim, eu que sou a pervertida. — Outro suspiro precedeu um murmúrio:
— Ridículo.

Puxando nossa bagagem compartilhada, peguei sua mão e a levei para o saguão. A maneira como sua cabeça continuava virando de um lado para o outro a fazia parecer um poodle curioso. Minha risada a levou a murmurar:

— Idiota. Tenho certeza de que todos estão olhando para mim.

— Eles com certeza estão. — Nós nos aproximamos do balcão de cortesia, e eu coloquei um dedo sobre meus lábios. O representante de atendimento ao cliente assentiu com a cabeça, entendendo o que eu precisava. Entreguei meu cartão de crédito, e ele fez o check-in antes de me entregar a chave do quarto.

— Ok, vamos lá.

Por algum milagre, ela me permitiu levá-la até o elevador sem discussão. A maneira como mordia o lábio inferior significava que sua mente se agitava com as possibilidades. Só quando chegamos à nossa suíte, ela finalmente falou.

— Que cheiro é esse? — Sua cabeça virou para a direita. — Rosas? — Ela cheirou novamente, acrescentando: — Cloro? Onde diabos estamos?

Eu me posicionei atrás dela, abraçando sua cintura. Com meus lábios em sua orelha, perguntei:

— Pronta para comemorar nosso primeiro Dia dos Namorados?

Suas mãos seguravam meus antebraços quando ela concordou com a cabeça lentamente.

— Sim.

— Ok, espero que goste.



Capítulo 23

UM PEQUENO SUSPIRO ESCAPOU QUANDO tirei a venda de seus olhos. Eu a vi piscar algumas vezes e depois observar o local. Pétalas de rosas vermelhas estavam espalhadas por toda parte. O barítono profundo de Barry White dizendo que ele não conseguia ter o suficiente estourou através do alto-falante Bose.

Sem aviso, ela explodiu em um ataque de risos.

— Que diabos é este lugar?

— Chama-se The Love Haven, Haven. Não é perfeito?

— Perfeito? Consegue imaginar o que a luz negra do Dexter revelaria aqui?

— Ela começou a rir tanto, que mal conseguia falar. Continuou a apontar para várias coisas, seu riso aumentando a cada uma. Fiquei inexpressivo, esperando que ela se acalmasse. Quando finalmente me olhou, vendo minha cara feia, instantaneamente voltou ao normal. — Espera, você está falando sério?

— Sim, estou falando sério.

Sua mão voou para a boca escancarada enquanto o remorso alterava sua expressão.

— Oh, não, sinto muito. Eu pensei que era uma piada, Vaughn. — Ela se aproximou e me abraçou. Eu tive de usar todas as fibras do meu ser para manter o olhar impassível no meu rosto. — Hum... é lindo — ela se atrapalhou, um sorriso fraco levantando os cantos da boca.

— Pesquisei os lugares mais românticos de Nova York. Achei que você iria adorar — eu fiz beicinho por garantia.

— Eu adorei — disse ela com um aceno de cabeça ansioso. Engoliu em seco de forma audível antes de acrescentar: — É muito doce.

— Você está mentindo. Seja honesta, você odiou.

— Eu não odiei, eu juro. Mal posso esperar até que... nós... hm... — Ela apontou para a hidromassagem em forma de taça champanhe de sete metros de altura, cheia de algum tipo de líquido borbulhante rosa. — Até escalarmos isso? — A expressão em seu rosto combinada com seu comentário me fez finalmente cair na risada. Depois de um momento de confusão, ela me empurrou com as duas mãos. — Ugh. Ah, meu Deus, você não estava falando sério, estava?

— Claro que não! Olha para esse lugar — eu disse, agitando a mão em torno da atrocidade em que passaríamos os próximos dois dias. — É ridiculamente romântico da maneira mais horrível... Portanto, é o lugar perfeito para compensar todos os Dias dos Namorados que perdemos. — Pegando sua mão, puxei-a pelo restante do lugar. — Além do gigantesco champanhe, tem uma piscina privada e uma cama em forma de coração que vibra!

— Nunca vi veludo mais vermelho na minha vida.

— Eu sei. Não é incrível? Elvis adoraria isso aqui. — Apontei para cima. — Teto espelhado para o nosso prazer visual. — Levando-a para o conjunto de mesa vermelha com cadeiras de encosto em forma de coração, levantei uma framboesa rechonchuda da bandeja de frutas e queijo e ofereci a ela. Ela deu uma mordida e eu coloquei o resto na boca antes de me curvar para beijá-la. — Teremos uma variedade erótica de afrodisíacos culinários, incluindo champanhe e chocolate. Espere até ver o banheiro. — Puxei-a junto, permitindo que minha animação aparecesse através da expressão no meu rosto. Uma vez lá dentro, eu adicionei: — Uma banheira de hidromassagem em forma de coração, robes de veludo vermelho, uma variedade de espuma de banho e óleos de massagem. Todas as ferramentas que precisamos para um fim de semana romântico repugnante.

Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e me beijou com força nos lábios.

— Agora que eu sei que você acha que é tão horrível quanto eu, estou amando. Cada parte brega disso tudo. — O olhar de alegria em seu rosto me aqueceu de dentro para fora.

— O que você quer fazer primeiro? — perguntei com um abanar de sobancelhas. — Acho que é hora de colocar *minha* língua pra jogo.

— Só depois de eu praticar minhas incríveis habilidades de sucção.

— Bem, se você insiste. Elas são incríveis. Você é muito talentosa.

— Eu sei. — Um sorriso lascivo se espalhou por seus lábios enquanto ela empurrava meu peito com as duas mãos, me forçando a andar para trás. Quando minhas pernas bateram na cama, ela pressionou um pouco mais forte até que eu me sentei na borda.

Eu a vi cair de joelhos, e, porra, nunca ia me acostumar com essa bela vista. Primeiro, ela tirou do meu pé um sapato de cada vez e depois as meias. Ela mordeu o lábio, observando-me vê-la desabotoar minha calça jeans antes de abrir o zíper.

— Levante — ela disse com os dedos dentro do cós. Segui seu comando para permitir que ela deslizasse minhas calças e cueca para fora de minhas pernas em um único movimento. De uma maneira provocantemente lenta, ela arrastou a palma da mão por cada centímetro do meu pau duro antes de segurar na base. A sensação de sua pele na minha fez com que todos os músculos abaixo do umbigo se contraíssem em antecipação.

Com uma inclinação de cabeça, seus lábios macios circulando frouxamente em torno de mim fizeram um gemido escapar da minha boca. Uma leve lambida e um toque leve me deixavam cada vez mais perto de implorar. Depois de alguns minutos de provocação, eu não consegui conter meus pedidos. Enfiei a mão em suas madeixas encaracoladas e sedosas, segurando sua cabeça até que ela fosse forçada a encontrar meu olhar.

— Haven, eu não vou durar muito mais tempo. Ou você para de provocar e chupa ou senta no meu colo e trepa comigo... porque eu preciso estar dentro de você de uma forma ou de outra.

Seus grandes olhos castanhos brilhavam de desejo.

— Que tal eu chupar primeiro, depois trepar? — Antes que eu pudesse responder, ela abriu a boca e me chupou como se sua vida dependesse disso.

Abaixei o rosto, observando como eu deslizava para dentro e para fora da sua boca.

Um gemido após o outro saiu dos meus lábios pelas sensações da sua língua quente e macia acariciando meu membro. Combinado com ela me aguentando até o fundo da garganta, quase desmaiei de prazer.

— Porra — eu sibilei com os dentes cerrados. — Vou gozar, meu bem. — Ela aumentou seu esforço, mas não demorou muito mais. Uma... Duas... três chupadas depois e cada grama de energia me deixou enquanto eu gozava com um grunhido primitivo. As palavras falharam. Eu não conseguia formular uma frase completa. Ela passou as mãos pelo meu abdômen, subiu, até a apoiar atrás em meu pescoço, e esperou pacientemente que eu falasse.

Demorou dois minutos até que ela finalmente perguntasse:

— Você está bem?

— Merda, Haven. Você me destruiu — eu disse entre minhas respirações laboriosas. — Espero poder me recuperar disso.

— Eu tenho fé em você. — Nariz a nariz, ela olhou diretamente para a minha alma e pressionou seus lábios nos meus. Nossas línguas se entrelaçavam em uma dança erótica. Logo depois, deslizei minhas mãos por baixo de sua camisa, para sentir a pele quente das suas costas. Ela gemeu na minha boca, e a insinuação do que eu poderia fazer com ela com apenas um beijo instantaneamente me trouxe de volta, como uma chama ao toque de um fósforo.

E assim, eu estava pronto para mais sem questionar.



Deixei a BeeMer em um estacionamento perto do prédio de apartamentos de Lizzy. Ela era a única que sabia dos meus planos bregas de fim de semana, e seu entusiasmo foi o que me fez seguir em frente com a coisa ridícula que encontrei no The Love Haven. Não deveria ter me surpreendido que Lizzy tenha previsto que Haven adoraria aquela palhaçada... e ela adorou.

Em apenas dois dias, notei uma mudança em Haven. Esta manhã, enquanto ela e eu mergulhávamos em nossa banheira em forma de coração pela última vez, dei a notícia de que Lizzy nos convidou para jantar quando voltássemos

para a cidade. A apreensão que eu esperava não veio, e em vez disso, ela aceitou entusiasticamente o convite.

Pela primeira vez desde que começamos essa jornada louca, eu finalmente senti que nós éramos um casal. Eu não queria me esconder e manter nosso relacionamento em segredo. Sem dúvida, Haven argumentaria que acabamos de começar. Mas eu sabia que se eu não nos guiasse em direção ao progresso, ela não iria.

Ver Lizzy e Evan hoje foi o primeiro passo. Jantares, filmes, até mesmo funções de trabalho na Galaxy logo chegariam. Haven não tinha contado a ninguém, e isso incluía sua irmã. E com exceção de Lizzy, eu também não. Em breve, eu planejava abordar o assunto e insistir que não era saudável esconder o que tínhamos. Esconder insinuava vergonha, o que era o oposto do que eu sentia em relação a Haven.

Durante o nosso encontro amoroso, pudemos fundir a nossa amizade e vida sexual à nossa própria e única maneira, combinando o melhor dos dois mundos. Sexualmente, não poderíamos ser mais compatíveis. Além do sexo incrível, a melhor parte do nosso fim de semana foi a montanha de risadas que demos. Foi o cenário perfeito para quebrar os muros de constrangimento ao nosso redor e fortalecer nosso relacionamento.

Eu senti que Haven era agora minha melhor amiga e amante, combinadas em uma mulher perfeita.

Parte de mim odiava deixar aquele covil de amor de veludo vermelho, como Haven carinhosamente o chamava. Em algum momento ao longo do fim de semana tentamos dormir um pouco, mas meu pau não queria. Porra, o filho da puta não se cansava dela. Mas eu entendia que tinha um tempo que ele não se divertia e portanto não estava feliz com esse fato. Haven não estava reclamando que ele era um caralho de um carente... literalmente.

Por mais estúpido que parecesse, nossa toca sexual parecia mágica. Ela transformou Haven em uma foga que poderia acabar com minhas bolas e massageá-las eroticamente em poucos minutos. Gostei muito desta Haven... muito.

Nós realmente nos divertimos de todas as maneiras possíveis. Fisicamente, durante todas as vezes em que fizemos amor, e emocionalmente, enquanto

compartilhávamos partes de nós mesmos que não tínhamos motivos para compartilhar até agora. Aprendi o quanto ela amava quando nos beijávamos, quase tanto quanto quando transávamos. De acordo com Haven, me beijar foi a perfeição. E agora que eu sabia disso, previ que nossas fudas se tornariam mais quentes do que nunca.

Confessei que adorava quando ela adormecia em meus braços. Dormir juntos na minha cama era a minha coisa favorita.

Depois, tinha o sexo incrível... Afinal, sou homem. Nunca me cansava das coisas que ela fazia, e a maioria tinha a ver com a boca dela. Coincidentemente, ela sentiu o mesmo em relação à minha língua.

Claro, deslizar para dentro dela sem nada entre nós estava no topo da minha lista, mas eu comparei minha lista com a carta de uma criança de cinco anos ao Papai Noel – cada item era uma necessidade obrigatória.

Haven dormiu na maior parte da viagem para casa. Entrei no estacionamento e dei uma pausa, observando-a descansando pacificamente ao meu lado no assento de couro macio.

Meus olhos estudaram a maneira como um de seus cachos castanhos estava contra sua bochecha. Estendendo a mão, levantei e girei a mecha entre os dedos. Ela se mexeu, virando a cabeça na minha direção e abrindo os olhos.

— Ei, chegamos.

— Chegamos? — Ela olhou pelas janelas e bocejou. — Nossa, acho que desmaiei. Desculpa. Eu disse que ia te render para você descansar na viagem.

— Você estava exausta.

— Você também não dormiu.

— Eu tenho uma resistência incrível.

— Sim, você tem. Aparentemente, eu, não — disse ela com um sorriso. Eu a vi levantar os braços e esticar as pernas enquanto o sorriso se alargava. — Estou muito dolorida.

— Você não está acostumada com tanto esforço físico. Outra razão pela qual eu tenho resistência.

— Você com certeza exigiu muito bem do meu físico, Bundão. — Sua pele parecia quente e macia enquanto eu acariciava a curva da sua bochecha. Nossos

olhos se conectaram, e meu coração deu cambalhotas quando vi o olhar de amor em seu rosto. — Vaughn, obrigada por este fim de semana, eu me diverti muito.

— Que bom. Eu só quero que você seja feliz, meu bem.

— Estou muito feliz. Você me faz feliz.

— Sinto o mesmo. Eu gosto de estar com você, Haven. Eu gostei de jantar no restaurante como um casal e fazer compras na cidade. Eu gosto do fato de que é mais do que apenas sexo quente, embora isso seja muito fantástico. Estes últimos dias me fizeram desejar algo que nunca tive na minha vida... intimidade.

Nós nos aproximamos ao mesmo tempo, nossas bocas se fundindo em uma espécie de contrato tácito, uma promessa. Eu fui o primeiro a quebrá-lo por razões óbvias, e o olhar em seu rosto significava que ela sabia quais eram.

— Temos um jantar para ir. Vamos lá comer a comida da minha prima para que possamos ir para casa e recuperar o sono antes de eu te foder no meu chuveiro.

Ela olhou para mim com os olhos arregalados e um sorriso.

— Sério? Dormir primeiro?

— Você está certa... depois que a gente foder você pode dormir.

— Você é insaciável.

— Culpado. — Minha expressão ficou séria quando me forcei a perguntar o que eu estava pensando desde que saímos do resort. — Haven, você está pronta para isso? Porque eu tenho que admitir, depois deste fim de semana, eu não quero me esconder.

— Eu estou porque é a Lizzy — ela respondeu, sorrindo. A expressão serena em seu rosto acalmou meus nervos.

— Você tem certeza? Minha prima pode ser um pouco insistente, e eu quero ter certeza de que você está pronta para uma possível inquisição.

Haven sentiu minha preocupação e segurou minha mão entre as dela.

— Vaughn, Lizzy tem sido ótima comigo. Eu a considero uma boa amiga e confio nela. Ela me disse para seguir meu coração. É provavelmente a razão pela qual eu finalmente admiti meus sentimentos por você.

— Fico feliz que você a tenha ouvido. — Eu me inclinei e a beijei suavemente.

Um sorriso preguiçoso apareceu antes que ela dissesse:

— Eu também.



Capítulo 24

DE MÃOS DADAS, ANDAMOS POR um quarteirão até o prédio de Lizzy e Evan. Depois de sermos anunciados pelo porteiro, vimos que Evan estava nos esperando com a porta aberta quando saímos do elevador.

— Ei, chegaram bem na hora — disse ele com Michael nos braços.

— Haven, esse é...

— Nós nos conhecemos — disse Haven, sorrindo. — Oi, Evan. Oi, Michael. — Michael sorriu para minha namorada, abrindo os braços para alcançá-la. O rosto de Haven se iluminou; havia uma outra pessoa no mundo que causava esse olhar. O garoto tinha covinhas, assim como o tio Jack. Ele tem sorte de eu ter vinte e oito anos a mais que ele.

Suas mãozinhas gordinhas cobriram o rosto de Haven, fazendo-a rir.

— Posso ganhar um beijo? — Ele se inclinou e plantou um bem molhado em sua bochecha. — Oh, muito obrigada — disse ela antes de fazer cócegas em sua barriga.

— Devo me preocupar? — perguntei quando Evan se afastou para nos deixar entrar.

— Sim, você deve — ela respondeu com uma piscadela.

Quando entramos, Lizzy apareceu com um sorriso que imitava o do filho.

Ela foi direto para Haven, e as duas se abraçaram. Essas pessoas eram o mais próximo de família que eu tinha, pelo menos em Nova York. Eu não pude deixar de ser grato por elas genuinamente gostarem uma da outra.

Seguimos Lizzy e Evan até a sala de estar.

— O jantar estará pronto em poucos minutos. Vamos relaxar um pouco.

— Posso ajudar? — Haven perguntou, ainda segurando Michael, que estava brincando com seu cabelo.

— Não. Já está tudo pronto.

Haven e eu nos sentamos lado a lado no sofá, enquanto Evan pegou a cadeira em frente a nós e puxou a esposa para seu colo. Michael apontou para a pilha de brinquedos no canto, fazendo Haven colocá-lo no chão para permitir que ele chegasse ao seu esconderijo. Quando ela se inclinou de volta para o sofá, meu braço se moveu por conta própria, envolvendo seus ombros. Ao ver, um sorriso caloroso se espalhou pelo rosto de Lizzy.

— Por que você está sorrindo?

— Estou adorando isso — ela admitiu, apontando para nós dois. — Não me olhe assim, Vaughn. Eu nunca te vi desse jeito antes.

Eu enrijei um pouco até que Haven devolveu seu sorriso genuíno.

— É muito bom — disse ela, olhando para mim com uma piscadela carinhosa.

Desde o nosso beijo no carro, meu pau estava em estado semiflácido pela primeira vez em dois dias. Porra, sua expressão nesse momento começou a despertar o safado novamente.

Fiz o meu melhor para pensar em algo além das lembranças do seu corpo molhado pressionado contra o meu na gigantesca banheira em forma de taça de champanhe. Tentei com mais força ainda não lembrar de como seus dedos agarravam a borda transparente enquanto eu bombeava meu pau nela por trás.

— É melhor do que ótimo. Vocês dois são perfeitos um para o outro. Vaughn, você disse a ela o que eu achava isso?

— Disse.

— Você também disse a ela que eu estava te incentivando a seguir seu coração? A comunicação é fundamental, você sabe disso, Vaughn.

Quando ouviu meu gemido, Evan deu um tapinha na bunda de Lizzy e disse:

— Ok, vamos parar com a sessão de terapia, Liz.

Quando Lizzy se virou em sua direção, ele beijou o biquinho em seu rosto. Haven sorriu, observando a interação deles, e depois me olhou quando enfiei meus dedos sob seus cabelos e apertei suavemente seu pescoço.

— Vocês querem beber alguma coisa?

— Estou bem — disse Haven enquanto Michael lhe entregava um caminhão de brinquedo. — Obrigada, Michael.

— Vaughn, uma cerveja?

— Parece bom.

Evan acariciou o quadril de Lizzy, e ela se levantou para permitir que ele fosse para a cozinha.

— O que está cheirando tão bem? — Eu sabia que minha prima não era a melhor das cozinheiras. Ela passou a maior parte da vida adulta estudando e construindo sua prática em vez de aperfeiçoar tarefas domésticas.

— Evan fez lasanha, mas eu ajudei. — Minha expressão fez com que ela emendasse: — Ok, tudo o que fiz foi botar a mesa. Eu não posso fazer nada se ele gosta de cozinhar. A irmã dele o forçou a ser ajudante na cozinha mais vezes do que ele consegue lembrar. Os dois são cozinheiros incríveis. Eu não estou reclamando, e Jack também não.

A expressão confusa de Haven fez Lizzy explicar.

— A irmã de Evan, Leila, é casada com meu irmão, Jack.

— Eu não sabia que Evan e Leila eram irmãos.

— É, longa história — disse Evan enquanto me entregava uma cerveja. — Descobrimos há alguns anos.

— Eu nunca te disse isso?

Haven virou a cabeça na minha direção.

— Acho que não. Eu teria me lembrado. A maioria das conversas que tivemos sobre Leila foram sobre Jack se casar.

Lizzy riu, e Haven se juntou a ela.

— Cala a boca — eu disse com um abanar de cabeça. Apesar do que pensavam, eu não tinha ciúmes do meu primo, o astro do rock. — E ele acabou se casando.

— Ele concorda com você — disse Lizzy, encolhendo os ombros de uma maneira óbvia.

— Nós dois nos casamos — brincou Evan com um beijo firme nos lábios da esposa. — O jantar está pronto.

Ao mencionar a comida, Michael voltou para Haven e ofereceu sua mão.

— Hum... hum?

— Sim, homenzinho. Você quer se sentar ao meu lado?

Seu aceno vigoroso fez Haven rir. Ela o levantou e o carregou para a sala de jantar, comigo logo atrás.

Durante a refeição, enquanto nos deliciávamos com lasanha caseira e ríamos das conversas, percebi que estava apaixonado por Haven... e não era o amor amigo, mas o amor-amor.

Observar a maneira como ela interagia com Michael fez com que um desejo beliscasse meu coração. Eu queria isso um dia. Nunca soube que queria, sempre assumi que se fosse para acontecer, aconteceria. Mas se encontrar o amor e ter uma família não estivesse nos planos, estava bem com isso também.

De uma forma irracional, pela primeira vez na minha vida de repente tive inveja de todos os casais que conhecia que eram felizes, casados e com filhos. Uma coisa mudou na minha equação – eu agora tinha Haven. Vê-la tão confortável, tão carinhosa, tão amorosa me fez perceber que eu queria todas essas coisas.

Voltar de um fim de semana fenomenal com ela me fez querer isso agora. Eu queria tudo – o que Lizzy e Evan tinham, meu primo Jack e Leila, até mesmo meus pais e o relacionamento que eles compartilhavam.

Eu queria cada pedacinho disso com Haven.



— Lar, doce lar — disse ela quando entramos no meu apartamento. Quando Haven se virou para mim para tirar o casaco, o olhar no meu rosto levou-a a perguntar: — O quê?

— Eu gosto de ouvir você falar que está em seu lar. — Peguei o casaco dela e pendurei junto do meu. Mais uma vez, eu estava com um tesão sem explicação. A verdade era que eu não podia dar certeza se uma simples declaração foi o que

causou o início da agitação na minha calça jeans ou se fazia muito tempo que eu não ficava com Haven. De qualquer forma, isso estava se tornando um problema.

Puxei a solução para os meus braços e a segurei com força.

— Eu preciso de você.

— É? O que exatamente você precisa?

— Não sou exigente. Eu vou aceitar qualquer parte que você me der. — Inclinado a cabeça para beijar abaixo de sua orelha, murmurei contra sua pele: — Mas precisa ser agora.

— Por quê? Você vai se transformar em uma abóbora? — perguntou ela, inclinando o pescoço contra meus lábios.

Com um movimento não tão sutil dos meus quadris, eu disse:

— Não, na verdade, mais como uma abobrinha. Eu sou um escroto egoísta, e você me fez esperar o suficiente. — Continuei a viagem em torno de seu pescoço até sua outra orelha.

Uma risada curta se transformou em um gemido suave quando mordi seu lóbulo.

— Você é quem fez planos para o jantar com sua prima.

Ela me pegou. E embora nossa noite com Lizzy e Evan tenha sido agradável, vê-la tão relaxada, tão parecida com a velha Haven, enquanto recebia piscadelas sensuais e toques aleatórios, deixava minha libido em polvorosa.

Levantei em linha reta e segurei seu rosto com ambas as mãos.

— Você está certa. Então nunca mais sairemos deste apartamento.

O pouco espaço que havia entre nossos rostos pareceu acender uma chama, e quanto mais tempo olhávamos um para o outro, mais ela queimava dentro de mim.

— É difícil negociar com você, Bundão — disse ela, empurrando sua boceta coberta contra o meu pau duro. Seus lábios então se moldaram sobre os meus, e suas mãos se afundaram em meus cabelos.

Um sibilo lento escapou da minha boca quando ela mordeu meu lábio inferior. Sem aviso, a levantei e a fiz enlaçar minha cintura antes de carregá-la para o meu quarto. A primeira coisa foi a minha camisa, que ela

apressadamente tirou do meu corpo e jogou longe. Enquanto nossas bocas estavam mais uma vez presas como ímãs, ouvi um de seus sapatos bater no chão e depois o outro. Sustentei seu peso sem esforço com minhas mãos em sua bunda enquanto ela começava a desabotoar a blusa, até revelar um sexy sutiã de renda rosa.

Meus dedos puxaram o tecido para baixo, para liberar um seio perfeito. Passei a mão sobre ele, a sensação de seu mamilo na minha palma me levou a empurrá-la contra a parede, para que eu pudesse agarrar e chupar com força.

Enquanto minha boca devorava seu seio nu, suas mãos andavam sobre mim. Eu encostei meus quadris nos dela, não deixando dúvidas do que Haven estava fazendo comigo. Seu gemido fez meu pau já duro se mexer contra o zíper da calça jeans.

Eu não conseguia me cansar dela.

Sua acusação estava certa. Eu era insaciável por ela. Nunca precisei tanto de uma mulher quanto precisava de Haven. Como eu tinha passado todos esses anos perdendo essa conexão tão alucinante? Agora, tendo isso com ela, senti como se tivesse desperdiçado dez anos da minha vida.

As preliminares em que nos envolvemos já não seriam suficientes.

— Cama ou chuveiro? — perguntei a ela entre chupadas e mordiscadas em seu pescoço.

— Chuveiro.

Eu me afastei com um sorriso.

— Por que não estou surpreso?

— Estou apenas combinando duas das minhas coisas favoritas, sexo com você e aquele chuveiro magnífico — ela respondeu com um óbvio encolher de ombros. — A única coisa que o tornaria ainda melhor é se você me fodesse com força e me fizesse ver estrelas, Vaughn.

— Jesus Cristo, Haven. — A maneira como eu olhava em seus olhos poderia parecer que eu estava com raiva, quando na verdade eu nunca tinha estado tão excitado na minha vida. — Que ser é esse que existe dentro de você?

— Você não sabe? — Ela colocou os lábios no meu ouvido e sussurrou: — Você... em todos os sentidos.

Botando os pés no chão, ela pegou minha mão e me levou direto para o meu banheiro.

Era a vez dela de me chupar e morder. Entre nossos beijos acalorados e nossas carícias pesadas, tiramos o restante das nossas roupas rapidamente. Suas unhas sobre a pele das minhas costas me deixaram ainda mais louco.

— Não se mova. — Entrei no chuveiro e girei as torneiras. Em apenas alguns segundos, a água ficaria em uma temperatura perfeita. Quando me virei para ela, a visão de Haven se tocando com os dedos praticamente me fez gozar naquele momento, ali mesmo. — Esse é o meu trabalho. — Invadi seu espaço pessoal, segurando seu pulso para afastar sua mão da sua boceta.

Sem se intimidar, ela levantou o braço e deslizou os dois dedos na minha boca. O gosto dela me deixou louco. Ela ofegou enquanto eu a levantava, a carregava para o chuveiro e a empurrava contra a parede de pedra. Levantando uma de suas pernas, parei para olhar em seus olhos enquanto sua boceta beijava a cabeça do meu pau – quente e macia, ardente e dura. Esperando deliberadamente, em uma pausa longa, deslizei lentamente até que eu estivesse o mais fundo possível.

— Vaughn — ela gemeu contra o meu pescoço. Com seus braços e pernas ao meu redor, e meu pau enterrado nela, nos tornamos um só, com um único objetivo. Eu estava louco por ela, e uma onda de desejo controlava cada centímetro meu, da cabeça aos pés. Nossos gemidos abafavam o som constante da água em cascata.

Sua bunda flexionava nas palmas das mãos a cada entrada profunda. A sensação perfeita de entrar e sair dela, de estar tão fundo, e de seu calor em torno do meu pau fizeram com que meu orgasmo viesse forte e rápido. Eu movi uma mão entre nós, aplicando pressão suficiente em seu clitóris para impulsioná-la a se juntar a mim em um gozo explosivo.

Eu avidamente peguei tudo o que ela me deu, os gemidos, os espasmos da sua boceta e, o mais importante, a declaração de amor que escapou de seus lábios; não perdi também o modo como cada músculo de seu corpo se contraiu contra ou ao redor de cada um dos meus.

Depois da primeira vez que admitiu que me amava, Haven não tinha dito isso em voz alta novamente. Estar perdida na luxúria fez com que a verdade

saísse novamente da sua boca. Eu precisava dizer a ela que sentia o mesmo, mas não enquanto a fodia no meu chuveiro. Ela merecia mais do que isso.

— Haven, eu não consigo me cansar de você — eu disse em vez disso, sem fôlego e completamente sem fôlego.

Ela olhou nos meus olhos e sorriu.

— Isso significa que você está pronto para outra?

— E eu sou o insaciável? — perguntei, surpreso, mas animado com seu apetite.

— Culpa sua. — Ela se virou colocando as duas mãos contra a pedra natural e levantando a bunda apenas o suficiente para me provocar. — Vamos, Bundão... porque estou pronta para o segundo round.



Capítulo 25

ENQUANTO EU ME BARBEAVA, OLHEI para seu corpo nu no meu chuveiro a poucos metros de distância. O horário da sua aula me impediu de entrar lá com ela. Ela me passou um sermão ontem quando o “só mais um beijo” me levou a fodê-la contra a porta do meu apartamento, o que a fez se atrasar para a faculdade, mais uma vez.

Um sorriso lento se abriu quando a ouvi cantando *Cake by the Ocean*. Eu não pude deixar de rir quando, nas partes em que não sabia as palavras, ela preenchia com algumas de sua cabeça.

— Pare de rir de mim! — ela gritou no chuveiro.

— De jeito nenhum. É uma meta constante na minha vida.

— Idiota. — Sem se afetar, ela retomou sua serenata desafinada. Ninguém conseguia me fazer rir como ela, e na maioria das vezes Haven nem estava tentando. Apenas a maneira como lidava com a vida com humor e humildade me fazia invejá-la. Por outro lado, ninguém conseguia me dar nos nervos como ela. Mesmo antes de começarmos nosso relacionamento romântico, essa mulher sabia como me irritar como nenhuma outra.

Desde que voltamos do nosso retiro de namorados há algumas semanas, as coisas têm sido fantásticas quando conseguimos estar no mesmo lugar. Com os dias preenchidos pelas aulas, além do trabalho de manter meus assuntos em ordem e minha agenda ocupada, o que me fazia trabalhar até tarde da noite, Haven e eu tínhamos pouco tempo juntos durante a semana.

Era finalmente sexta-feira, e eu estava ansioso para mais um fim de semana relaxante. Sábado completaria um mês desde que havíamos nos tornado um casal. Eu planejei levá-la para um encontro real com direito a um bom jantar e dança, e então eu poderia dizer a ela que a amava. Eu estava nervoso e não tinha ideia do motivo.

Hoje à noite, depois do programa, minha equipe iria ao Old Man Gaffney's para sua saída semanal. Eu não saía com eles há algum tempo, e queria que Haven se juntasse a mim. Eu não insisti, mas um mês vivendo em segredo era o suficiente.

Decidindo abordar o assunto, arrastei a navalha sobre a última linha de creme de barbear e gritei:

— Meu bem?

— Oi?

— Eu quero que você saia com a gente hoje à noite. — O som da água caindo no chão de azulejos preenchia meu banheiro cheio de vapor. No espelho, meus olhos se concentraram em sua parte traseira nua enquanto eu esperava por uma resposta. Quando nenhuma veio, perguntei: — Do que você tem medo, Haven?

Eu a observei abaixar a cabeça antes de dizer:

— Eu não sei.

Pegando uma toalha de mão, limpei o creme de barbear do meu rosto e soltei a toalha que envolvia meus quadris. Quando me aproximei por trás dela, Haven se inclinou de volta para o meu peito.

— Fala comigo — eu disse, circulando seu corpo com meus braços. Como sempre, o cheiro do meu xampu nela me excitou para caralho. Sua pele quente sob o meu toque se encheu de arrepios, apesar da água morna que caía em cascata ao nosso redor. Eu a fiz a se virar, meus olhos procurando os dela, uma vez que ficamos cara a cara. Ela abriu a boca, mas hesitou. — O quê?

— É cedo demais.

— Estamos juntos há um mês. Não é cedo demais. E, além disso, é apenas uma bebida, Haven, em um bar público, barulhento e lotado.

— Certo, em um bar público, barulhento e lotado.

— Qual é a porra do problema?

— Ser um casal na frente de Lizzy e Evan é diferente de tomar uma bebida com todos os seus colegas de trabalho.

— Eu não estou pedindo que você publique um anúncio no *New York Times*.

Nossos olhos se conectaram. Ela se afastou e começou a lavar o cabelo.

— Preciso me arrumar. Podemos falar sobre isso mais tarde?

Insistir, sem dúvida, resultaria em uma discussão, e não estava no clima.

— Está bem — eu disse, me aproximando e dando um beijo em seus lábios. Na minha saída, peguei outra toalha e a enrolei em volta da cintura enquanto entrava no meu quarto. Em um instante, a confiança que senti durante toda a semana foi pelo ralo. Eu me esforcei para ver as coisas pelo lado dela, mas ainda era difícil entender sua hesitação.

Se fosse o contrário, e eu tivesse sido secretamente apaixonado por ela por todos esses anos, eu gostaria de gritar isso pelos quatro cantos do mundo. Engraçado como eu estava pensando com o coração, e ela assumiu o papel de terapeuta, pensando com a cabeça. Eu só esperava que ela não pensasse demais a ponto de permitir que suas inseguranças arruinassem uma coisa tão boa.

Nós não conversamos muito enquanto nos preparávamos para o nosso dia. Eu dei um beijo de despedida, e ela foi para a aula. Mas pelo olhar em seu rosto, eu não a veria mais tarde no Old Man Gaffney's.

Com doutorado ou não, às vezes eu não entendia as mulheres.

Quando cheguei ao estúdio, passei a tarde no escritório vasculhando a pilha de revistas de psicologia e publicações que eu ainda não tinha tido a chance de ler. Quando estava imerso em um artigo que detalhava o estudo de padrões de sexualidade em localizações geográficas específicas, meu celular vibrou. Tateando a montanha de periódicos e relatórios dispersos, finalmente o localizei. Na tela piscava o rosto sorridente de Haven.

— Oi, meu bem — eu disse cautelosamente, sem saber se ela ainda estava brava comigo depois de nossa discussão anterior.

— Oi. Então, você ainda vai para o Old Man Gaffney's depois do programa?

— Sim. Vou só tomar uma cerveja. Eu devo voltar para casa antes das...

— Eu quero ir — ela interrompeu.

Não era isso que eu esperava ouvir.

— Você tem certeza?

— Sim. Sinto muito por esta manhã. Fui uma escrota. Mas preciso me explicar. Vaughn, minha vida está muito moldada em torno da sua e isso me aterroriza. Você sabe que eu me preocupo se as coisas não derem certo.

— Haven...

— Me deixa terminar. Eu sei que você toda hora me diz para parar com a negatividade. Mas você tem sido meu melhor amigo há muito tempo, eu sei que perder você seria como perder um membro, um pedaço de mim. Estas poucas semanas foram as melhores da minha vida.

— Isso significa o melhor sexo? — cutuquei.

— O melhor de todos.

— O melhor de todos, hein?

— Você pode se concentrar, por favor? Então, meu ponto é, agora que eu tenho você, eu não quero perdê-lo.

— Não vai acontecer. Nos vemos mais tarde, e vamos ficar só para uma bebida. Eu preciso te dar mais do melhor que você já teve.

— Ugh, eu me arrependi de te contar.

A ligação finalizou durante a minha risada.



Eu vi pelo menos seis punheteiros seguindo-a com os olhos. Ela não fazia ideia de quanto era atraente. Mesmo quando éramos apenas amigos, me deixava louco como ela não via a fila de idiotas babando em seu rastro. Mas isso aumentava seu encanto. Haven não tinha uma célula pretensiosa ou presunçosa em seu corpo.

Seus olhos correram ao redor do bar lotado. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios quando ela me viu e acelerou o passo. Quanto mais perto ela chegava, mais eu a devorava com os olhos.

Ela era minha.

Mesmo que ela tivesse mudado de ideia e decidido se juntar a nós, eu não tinha certeza se ela queria sair do nosso armário. Minha confiança aumentou quando ela se aproximou e seu sorriso se alargou.

— Oi — eu disse hesitante.

— Oi. — Ainda sem saber o que planejava, ela se virou para a equipe e disse: — Oi, todo mundo.

O *radar Haven* de Daryl entrou em ação, e ele girou, sorrindo como um imbecil do caralho.

— Você chegou! — Ele entregou a ela o Malibu Bay Breeze que eu havia pedido, sem falar nada, tomando crédito pelo coquetel.

— Obrigada, Daryl. Como você sabia que eu ia pedir isso?

O idiota encolheu os ombros.

— Chutei.

— Haven! — Natalie, que já tinha bebido duas doses e estava no meio de seu Chardonnay, jogou os braços em torno da minha garota em um abraço esmagador. — Eu fiquei tão animada quando Vaughn disse que você vinha. Preciso de outra mulher aqui.

Haven riu de seu entusiasmo, seus olhos se conectando com os meus sobre o ombro de Natalie.

— Semana difícil? — ela perguntou quando Natalie finalmente a libertou.

— Horrível. — Minha produtora bateu no meu braço e rosnou. — Eu não sei como você lida com ele. Ele escraviza a gente.

— Sim, ele é assim mesmo. — Haven se aproximou de mim, colocando o braço em volta da minha cintura e esfregando meu abdômen por cima da camisa. Sem pensar conscientemente, meu braço circulou seus ombros, e foi quando percebi o que estava acontecendo.

Haven estava anunciando.

— Ele tem sorte de eu ser tão tranquila. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios. Com base na maneira como todos os olhos se arregalaram e todas as bocas se abriram, eu não tinha certeza se alguém a ouviu. Essa reação fez Haven rir novamente. — Eu acho que você não contou a eles, certo, pão de mel?

— Eu não tive a chance ainda, docinho.

Se a afeição física não os tivesse atordoado, então o melosidade doentia foi o que fez isso.

— Sério? — Natalie perguntou, apontando o dedo para nós dois.

— Sim. Aparentemente, ele está apaixonado por mim há anos — disse ela, invertendo a história. — No começo, eu pensei que era assustador, mas depois lembrei que ele é psicólogo e não consegui resistir ao lado nerd dele. — Haven olhou para mim e piscou, fazendo com que um sorriso automático surgisse em meu rosto.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Natalie a puxou para fora do meu abraço.

— Eu sabia! Eu sabia desde a primeira vez que eu vi vocês juntos, a química era fora do normal.

Natalie arrastou Haven para o bar, sentando nos banquinhos de maneira confortável. Elas baixaram a voz, tornando difícil ouvir a conversa.

Levantei minha cerveja, e meus olhos se conectaram com os de Daryl enquanto ele balançava a cabeça com uma cara feia.

— O quê?

— Carla me deixou de novo, e eu ia convidá-la para sair.

— Ah, bem. Você devia ter tentado mais rápido. Agora ela está fora do mercado.

— Você é um babaca.

Antes que eu pudesse responder, uma pequena loira passando me fez esquecer minha linha de raciocínio. Confuso com a maneira como meu coração se contraiu dentro do peito, meus olhos se voltaram para Haven, que estava envolvida em uma conversa com Natalie.

— Cara, parece que você viu um fantasma.

— Eu já volto. — Eu precisava acabar com a minha curiosidade de uma vez por todas. Se essa foi a garota que me ligava usando o pseudônimo ridículo de Apple, era hora de botar as cartas na mesa.

Minhas longas pernas aceleraram até que eu consegui alcançar seu cotovelo.

— Com licença.

Ela parou e virou a cabeça. Não havia como fingir o olhar confuso que surgiu em seu rosto, já que ela não tinha ideia de que eu estava me aproximando. Levou apenas alguns segundos para que sua testa ficasse lisa e um sorriso se abrisse em seus lábios.

— Sim?

— Você é Abby, certo?

— Isso mesmo. Eu te conheço? — Eu queria responder, mas ela foi mais rápida. — Ah, espera. Eu vi você aqui semanas atrás. Você é o cara que deu um soco no peito.

— Sim, sou eu. Você pode parar de fingir. Eu sei quem você é, Apple.

— Apple? Não, é Abby.

Seus amigos assistiram enquanto esse jogo continuava. Caso ela não reconhecesse meu rosto, baixei a voz e disse:

— Eu sou Vaughn Lair. Eu faço o programa de sexo na Galaxy Satellite Radio.

Mais uma vez, o olhar confuso em seu rosto não poderia ter sido fingido.

— Hum... Legal? Parece algo que eu adoraria ouvir algum dia.

— Então, você não é a Apple? Você não tem ligado para o meu programa pedindo conselhos?

— Não. Eu. Sou. A. Abby — ela repetiu como se eu fosse um imbecil. — Sinto muito, mas nunca ouvi seu programa. Mas lembro de ver as propagandas pela cidade. — Ela se aproximou e colocou a mão no meu braço. — Eu também me lembro que você me devia uma bebida por me socar.

Eu mal ouvi uma palavra que ela disse. Minha cabeça estava completamente bagunçada. Eu teria apostado que esta era a mulher que me ligava todas essas semanas.

— Me desculpa. Eu pensei que você era outra pessoa. Sinto muito por ter te incomodado.

Ela mexeu no cabelo, aproximando-se ainda mais.

— Você está aqui sozinho? Eu posso dispensar meus amigos.

— Hum... não, não estou.

— Ah, que pena. — Ela pegou sua bolsa e me deu um cartão de visita. — Se as coisas não derem certo, me liga. — Eu distraidamente olhei para o cartão com um aceno lento. Sua mão permaneceu no meu braço enquanto ela se afastava.

Que diabos?

Fiquei de pé e vi Abby desaparecer no bar lotado. Quando finalmente voltei para meus amigos, o olhar preocupado de Haven estava fixo em mim. Ela disse algo a Natalie e caminhou em minha direção.

— Você está bem? Quem era aquela? — questionou. Percebendo o cartão de visita que eu ainda segurava entre os dedos, ela inclinou a cabeça e leu o nome. — Ah.

Foi um *ah* que dizia tudo. Um *ah* – você ainda está pensando nela, o que deve significar que você não tem sentimentos por mim.

— Não é ela. Ela não tinha ideia do que eu estava falando.

Ela estudou meu rosto com uma expressão ilegível.

— É por isso que você parece tão chateado?

— Não, acho que estou surpreso. Eu estava convencido de que era Abby ligando para o programa.

Em um instante, vi que ela não acreditou em mim. Ela presumiu o pior, eu me senti culpado por reagir dessa forma, e a combinação não foi boa.

Na verdade, foi ruim – ruim pra caralho.

Ela interpretou mal o meu silêncio. Tudo o que eu tinha de fazer era negar suas suposições, mas eu não tinha ideia de como apaziguar suas dúvidas. Enquanto isso, o ar entre nós pulsava com um novo tipo constrangimento que eu nunca tinha experimentado com Haven ou com qualquer outra pessoa. E depois que eu deixei um minuto inteiro passar, não havia nenhuma maneira de eu convencê-la de que ela estava enganada.

Eu finalmente consegui que meu cérebro funcionasse e coloquei uma mão em seu cabelo para segurar seu olhar no meu.

— Haven. Eu sei o que você está pensando. Não tem nada a ver com estar atraído por ela. Estou confuso. Se não era ela, então quem poderia ser?

— Talvez alguém na estação?

— Talvez. Isso vai me enlouquecer, mas, por favor, não interprete mal o motivo. Tudo bem?

Ela se inclinou e me deu um beijo rápido.

— Eu sei que você disse só uma bebida, mas podemos pedir outra?

Minhas sobrancelhas levantaram. Ou meu julgamento estava muito errado ou eu a subestimei.

— Claro que podemos, depois que você me disser que está bem.

— Eu estou. — Sua resposta veio rapidamente. Ela se aproximou e passou os braços ao redor do meu pescoço. — E sinto muito.

Ela ficou na ponta dos pés e me beijou. Rapidamente passou de casto para definitivamente não apropriado. Lá estávamos nós, no meio do do Old Man Gaffney's, e minha namorada estava fodendo minha boca com a língua enquanto meu pau descaradamente chamava a atenção.

— Haven — murmurei em sua boca e empurrei meus quadris contra os dela. — Talvez devêssemos esquecer a segunda bebida e ir para casa. Afinal, está vendo os caras atrás de você?

Sua cabeça se virou antes de encontrar meu olhar intenso com um tímido aceno de cabeça.

— Bem, em cerca de três segundos, eu vou tirar as garrafas de cerveja da mesa deles, deitar você sobre ela e acabar fazendo certas coisas enquanto esses malditos ficam olhando. Este pode ser um bom momento para admitir que eu curto voyeurismo.

Minhas palavras devem tê-la trazido de volta à realidade, ou meu pau duro o fez. Ela olhou ao nosso redor e sua respiração se agitou.

— Ok, talvez você esteja certo. Vamos para casa.



Capítulo 26

EU TINHA GRANDES PLANOS PARA nós esta noite. Fazer um mês para a maioria dos casais não seria motivo para comemorar; seis meses ou um ano, sim. Mas, para nós, um mês foi monumental. Em quatro semanas curtas, a transformação que ocorreu em nosso relacionamento precisava ser valorizada.

Por causa da nossa história, pulamos a fase de conhecer a pessoa com quem se namora. Como ela estava morando comigo, também passamos por cima da fase de ajuste para vivermos juntos. Alguns poderiam argumentar que tínhamos muito mais facilidade, já que somos melhores amigos há dez anos. Todo esse aprendizado estranho sobre o outro não aconteceu.

No entanto, o que tivemos de superar foi muito mais difícil do que a coisa do namoro *normal*. Aquela preocupação constante de não dar certo pairava sobre nossas cabeças a cada segundo de cada dia do nosso primeiro mês, e tínhamos muito mais a perder.

Acho que era isso que eu sentia, e decidi compartilhar meus sentimentos com ela mais tarde: se fizemos isso por um mês, o resto seria mamão com açúcar.

Parecia que ela finalmente tinha superado suas inseguranças. Haven agora acreditava que eu gostava dela no sentido romântico. Mais importante ainda, ela não queria mais esconder nosso relacionamento. No que me dizia respeito, o pior já tinha passado, e nós sobrevivemos. A partir daí, pudemos gastar nosso tempo listando coisas que ela sempre quis fazer.

A lista de pontos turísticos de Haven não era tão longa. A maioria das pessoas tinha Paris, Londres, Roma e talvez até o Havaí em suas listas de lugares que queria visitar... Mas não a minha namorada. Depois que nos mudamos da Califórnia, ela fez uma nova lista, e todos os seus lugares estavam convenientemente escondidos dentro da área de três estados.

Com o tempo, planejei ticar cada um em sua lista – Cataratas do Niagara, Atlantic City, Times Square na véspera de Ano Novo, The Hamptons, e até mesmo Mystic, Connecticut. Ela não tinha ideia de que eu também planejava levá-la para a Europa, Caribe e talvez até para o Extremo Oriente algum dia. Eu queria fazer tanta coisa com ela. Mas neste fim de semana, eu manteria tudo simples e romântico, de bom gosto e elegante. Basicamente, exatamente o oposto de como celebramos o Dia dos Namorados no The Love Haven.

Pela primeira vez desde que cheguei a Nova York, consegui um favor do meu chefe, Paul. Graças a ele, Haven e eu jantaríamos no The Club. A lista de espera era de dois anos, mas é claro que o proprietário da Galaxy Satellite Radio tinha sua própria mesa privada para ele ao seu dispor.

Esta noite, aquela mesa seria nossa enquanto saboreávamos as delícias culinárias de um dos chefs mais requisitados de Nova York. Estaríamos olhando para uma espetacular vista panorâmica e dançando lentamente em um local de excelência para o romance.

Pode ter sido um pouco demais para um aniversário de um mês... ok, definitivamente foi exagerado e seria difícil de superar, mas esse era um desafio que eu estava pronto para enfrentar.

Haven não tinha ideia do que eu tinha planejado para a noite. Tudo o que revelei foi o tipo de roupa que ela deveria usar. Ela insistiu em se arrumar no quarto de hóspedes. Uma rápida olhada no meu relógio significava que deveria estar pronta em breve. Eu não estava preocupado que nos atrasássemos, já que Haven não sabia o significado da palavra tarde. A ansiedade para vê-la era o que me fazia andar de um lado para o outro na minha sala de estar.

Enquanto eu olhava pelas minhas janelas, observando a agitação do Upper West Side, uma sensação esmagadora de satisfação tomou conta de mim. Eu estava morando na melhor cidade do mundo – sim, Haven tinha conseguido

me fazer virar fã de Nova York – fazendo algo que eu amava enquanto estava apaixonado pela minha melhor amiga. Eu era um filho da puta de um sortudo.

Mal podia esperar para contar a ela.

O som de seus saltos no piso de madeira me forçou a me virar.

— Puta merda, Haven.

Um sorriso tímido ergueu os cantos de seus lábios perfeitamente cor-de-rosa. Seus cachos indisciplinados foram alisados e puxados para longe do seu rosto. Ondas castanhas sexy desciam em cascata sobre seus ombros, que estavam nus. O vestido de coquetel preto sem alças abraçava todas as curvas que ela tinha e terminava logo acima dos joelhos.

Ela estendeu os braços e girou para mim.

— Está bom? Exagerei?

Em três longos passos, acabei com a distância e a puxei para perto do meu corpo.

— Tem uma coisa errada com este vestido.

— O quê?

— Eu não quero mais sair. — Passei uma mão sobre seu quadril e descí por sua coxa. Quando o tecido sedoso terminou e eu senti sua pele quente, comecei o caminho de volta sob o vestido até alcançá-la... — Nua? Você está nua por baixo? — perguntei, apertando com mais força sua bunda.

— Não exatamente, mas o fio-dental que está atualmente encravado na minha bunda realmente não se classifica como uma roupa íntima. — Ela deu de ombros quando ouviu a minha risada.

— Você está usando fio-dental para mim?

— Só por você, Bundão, eu andaria por aí com um fio-dental constantemente.

Passei minha outra mão para o outro lado de sua bunda e puxei.

— Imagina só eu tirando ele para você mais tarde... — Seus olhos castanhos se arregalaram quando um adorável blush tingiu suas bochechas. — Com os dentes.

— Ah.

Mesmo que meus instintos mandassem que eu a provasse, a beijei suavemente e me afastei. A maneira como ela levantou uma sobrancelha significava que também estava surpresa com meu comportamento atípico.

Sentindo necessidade de explicar, eu disse:

— Neste momento, meu coração tem planos para nós. Temos um jantar, uma noite inteira de romance. Meus lábios, minhas mãos e meu pau terão que esperar até mais tarde para fazer esse programa.

— Assim como *meus lábios, minhas mãos e minha boceta* — brincou ela. Diante de suas palavras, minha cabeça se virou por conta própria para olhar para o meu quarto. — Ah, de jeito nenhum, Bundão — ela acrescentou, sabendo exatamente o que eu estava pensando. — Você vai me levar para sair esta noite. Eu me depilei *por completo* por isso.

— Porra. Por completo?

— Por completo. — Com isso, ela pegou minha mão e me arrastou em direção à porta.

— Espera — eu disse, querendo fazer o que eu planejei antes de chegarmos ao restaurante. Puxei-a na direção oposta em direção ao meu sofá.

— Não vamos nos atrasar?

— Não, eu menti, a reserva é às oito, não às sete e meia.

— Sorrateiro, mas eu nunca me atraso, Bundão.

— Eu sei. — Levantei sua mão e dei um beijo suave em sua palma. — Haven, este último mês foi o melhor da minha vida. Quando se tem o tipo de base que temos, passar de amar alguém para estar apaixonado por essa pessoa não exige muito. Para mim, foi aquele beijo que abriu minha mente, meu coração, meus olhos para o que eu tinha bem na minha frente. Uma vez que isso aconteceu, eu comecei a perceber que eu estava definitivamente apaixonado por você. Você é tudo o que eu quero, Haven. — Enfiei a mão no bolso do terno e puxei uma caixa fina. — Feliz aniversário de um mês, querida. Obrigado por ser corajosa e me dizer como você se sentia, e obrigado por me dar tempo para perceber que eu sentia o mesmo. Eu te amo, Haven.

Um sorriso lento se abriu por seus lábios. Seus olhos focaram na minha boca quando ela viu um sorriso igual ao dela. Ela passou a ponta do polegar sobre o

meu lábio inferior e levantou o olhar para o meu.

— Eu nunca imaginei ouvir você dizer isso para mim.

A sinceridade em sua voz e a ânsia em seus olhos fizeram com que meu coração batesse forte dentro do peito.

— Acostume-se. Vou dizer isso com frequência.

Abri a caixa para ela e seus olhos se arregalaram.

— Oh, Vaughn. — Seus dedos levantaram a delicada pulseira da almofadinha de veludo. Os corações prateados que se conectavam brilhavam na luz, enquanto os diamantes em seus centros reluziam. — É linda.

— Você é linda. — Depois que eu prendi a pulseira em seu pulso, eu a beijei e adicionei: — Isso é para lembrá-la de que você agora possui meu coração. — Pegando em seu rosto, segurei firmemente e me certifiquei de que ela olhasse nos meus olhos. — Eu te amo, Haven — repeti.

Uma lágrima deslizou por seu rosto assim como outro sorriso lento e caloroso se abriu por seus lábios.

— Eu também te amo, Vaughn.



A noite tinha sido o céu e o inferno, um longo trecho de preliminares torturantes. A cada olhar e toque durante o nosso jantar romântico, meu corpo se agitava mais. E agora, finalmente tendo um momento de privacidade no banco da nossa limusine, eu estava me segurando há tanto tempo, que minha determinação estava prestes a estourar. Nunca tinha tido que... vou parar, por falta de uma palavra melhor. Quando estava com uma mulher, eu aproveitava as oportunidades à medida que elas vinham. Este seria o maior desafio para mim.

— Dirija até que eu lhe diga para parar.

— Sim, senhor — ele disse com um aceno de cabeça e fechou a porta do carro. Me acomodei no assento de frente para ela, ignorando sua expressão questionadora.

— Para onde vamos?

— A lugar nenhum.

— Vamos fazer sexo nesta limusine?

— Eventualmente.

— É por isso que você está sentado aí?

— Sim.

Ela concordou com a cabeça enquanto trabalhava suas emoções. Eu tinha planos para ela, e a maior parte envolvia ditar um jogo, mantendo alguma distância entre nós. Se eu me sentasse ao lado dela, meu jogo terminaria antes de começar.

O ar quente dentro do carro se misturava com o cheiro de couro e a sugestão do seu perfume.

— Tire o casaco. — Seu olhar se prendeu ao meu quando ela primeiro desabotoou e depois removeu seu casaco de lã preta. Sem dizer nada, esperou pela minha próxima instrução.

— Puxe seu vestido. — Ela agarrou a bainha e arrastou o tecido sedoso para cima, até que ele se amontoou em torno de sua cintura. Sua pele lisa e cremosa contrastava deliciosamente com o tecido. — Abra as pernas. — Com meus olhos ainda presos nos dela, eu podia ver seus joelhos se afastando enquanto ela apoiava as mãos na parte superior das coxas. Só então olhei para baixo para observar o menor pedaço de renda preta que eu já tinha visto. Ela se mexeu desconfortavelmente enquanto eu continuava a olhar.

Uma vez que eu me satisfiz dessa visão, eu ordenei:

— Eu sei que eu disse que iria removê-la com os dentes, mas eu quero que você tire sua calcinha. — Ela agarrou o elástico e juntou os joelhos para arrastá-la até os tornozelos. Passando-a sobre um sapato de cada vez, ela a jogou no meu colo com um sorriso picante.

Ao ver sua boceta lisa e depilada, minhas pernas se contraíram de um desejo irresistível de mergulhar em sua direção.

— Porra, Haven. Você está completamente depilada. — Sua resposta foi um aceno de cabeça lento. Mesmo no carro mal iluminado eu podia ver sua boceta brilhando de excitação. — O que fez você fazer isso?

— Você. Eu sempre quis, mas nunca para ninguém antes de você.

Porra.

— Toque-se. — Sem hesitação, ela levou a mão direita diretamente ao clitóris e repetidamente circulou o dedo do meio sobre ele.

Eu estava jogando um jogo muito perigoso com meu pau, e quando ela levou aquele dedo à boca e o lambeu, eu explodi.

O rosnado primitivo que soltei antes de me ajoelhar entre suas pernas abertas fez com que ela se assustasse. Quando eu a arrastei para a borda do assento e passei minha mandíbula com barba por fazer sobre ela, de um lado para o outro, a sensação a fez gemer.

Sua pele era lisa como seda. Eu desejava sentir seu gosto, e quando minha língua encostou nela, todas as apostas estavam perdidas. O violento tornado de luxúria e desejo que nos assombrou por toda a noite culminou na maneira como eu a devorei. Os gemidos ecoaram, apagando o barulho da rua enquanto passávamos pelo Central Park.

Ela segurou minha cabeça, garantindo que eu não parasse, e eu não pararia nem fodendo, até ela gozar no meu rosto.

Cada volta, cada lambida e cada chupada a fazia chegar mais perto e me deixava mais duro de uma forma inexplicável. Como eu poderia endurecer ainda mais? No entanto, nas minhas calças, meu pau conseguiu desafiar as leis da física. Usando minha outra mão, abri o zíper das minhas calças, puxei-o para fora e me acariciei em uma tentativa patética de acalmá-lo.

— Vaughn, eu preciso de você dentro de mim — ela implorou.

Haven adorava gozar enquanto eu estava enterrado dentro dela, mas isso teria de esperar. Primeiro, deslizei dois dedos para dentro dela, torcendo-os até encontrar seu ponto G. Assim que eu passei por cima dele, ela se apertou em torno dos dedos e pulsou sob a minha língua.

Só quando seu corpo se acalmou é que eu me ajeitei, colocando meu pau alinhado com sua boceta. Sem aviso, a beijei na boca e entrei ao máximo. Os tremores secundários de sua libertação fizeram com que Haven me apertasse intensamente. Como um homem possuído, eu a fodi com força e grosseiramente. E ela amou cada minuto disso... assim como eu.

Poucos minutos depois, a tortura a que me submeti a noite toda me fez gozar loucamente. Eu estava tão duro há tanto tempo, que mesmo depois que eu gozei, meu pau permanecia duro como uma vara. Provando ser um jogador

de linha de frente, ele manteve o ritmo até que o segundo orgasmo dela veio de uma maneira espetacular. Quando nós dois voltamos à terra, estávamos suados, exaustos e satisfeitos... pelo menos pelos próximos minutos.

Ajudei-a a se recompor, a abracei e instruí nosso motorista a ir para casa.

— Eu te amo, Vaughn — ela disse suavemente.

— Eu também te amo, Haven.



Capítulo 27

UM LEVE TOQUE, COMO UMA pluma flutuando, fez com que eu me mexesse de diversas maneiras. Meus olhos se abriram, e eu vi sua cabeça apoiada em um braço dobrado e um sorriso perverso em seu rosto.

— Oi.

— Eu acordei você? — ela perguntou assim que sua mão escorregou por baixo do lençol para continuar traçando a linha de pelos direto para minha ereção matinal. Não parou por aí, ela passou a ponta dos dedos por toda a extensão do meu pau, da cabeça à base.

— Sinta-se livre para me acordar desta forma todas as manhãs. — Minha voz saiu grossa e áspera pela falta de sono.

— Não *todas as manhãs*. — Sua mão me agarrou e apertou. — Às vezes, eu uso minha língua para fazer esse caminho sexy para caralho antes de levá-lo à boca.

— Porra, mulher. — Dei-lhe um olhar duro, que dizia “tenha cuidado com o que você oferece”.

Sem se intimidar, ela continuou a me bombear devagar e com força. Porra, eu amo essa Haven... destemida, ousada, confiante no que ela quer e sem medo. Normalmente, ela vivia abertamente suas emoções. É no quarto, sem influências externas, que surge a versão desinibida de Haven.

Eu me perguntava se era eu quem extraía isso dela ou se era o desejo? Ela era uma puta com os cuzões que namorava? Cuzão pode ser duro, mas todo cara

com quem ela esteve era de fato um idiota. Tinha medo de perguntar e ela ficar insegura. De forma egoísta, eu não queria perder esse lado dela.

— Continue fazendo isso e eu vou gozar. Eu prefiro entrar em você.

— Isso pode ser arranjado. — Ela me soltou com um sorriso e se aconchegou contra mim. — Ontem à noite foi incrível, Vaughn. Do jantar e à dança, ao sexo alucinante, foi a melhor noite da minha vida.

— A melhor, hein? — Repeti minha pergunta de quando ela admitiu que eu era o melhor sexo que ela já teve.

— Não deixa seu ego inflar muito. Você não tem nenhum humano com quem competir.

— Humano? — perguntei, divertido. — Você já teve casos com alienígenas que eu não esteja ciente?

— Não, bobo... máquinas.

Minha boca se abriu.

— É mesmo? Que tipo de máquinas?

— Do tipo portátil, operada por bateria. Toda mulher tem suas necessidades e, às vezes, os brinquedos são tudo o que há disponível. — Sua admissão produziu uma imagem fantástica.

— Você tem um brinquedo... favorito?

— Meu coelho.

— Onde está esse coelho?

— Nas minhas caixas no quarto de hóspedes. Por quê?

Dei-lhe um empurrão suave e disse:

— Vá buscá-lo.



Ela estava nua e esparramada ao meu lado no tapete da minha sala de estar. O mindinho de sua mão direita se ligava ao da minha esquerda, caso contrário, não nos tocaríamos. Em parte, porque qualquer contato maior do que isso teria começado o ciclo vicioso novamente.

Ontem à noite, mal passamos dez minutos em nosso apartamento, quando começamos a nos beijar, o que levou à foda. Depois, ela admitiu que estávamos

fora de controle e precisávamos parar. Ela sugeriu fazer sexo apenas nos fins de semana. Naturalmente, eu não concordaria com essa ideia insana. Sim, nosso vício era feroz, mas a abstinência durante a semana era uma forma irrealista de terapia.

Haven concluiu que a culpa era minha. Ela tinha passado meses sem sexo e, graças ao seu coelho, estava perfeitamente satisfeita com seus métodos. Mas então eu surgi, junto com a minha profissão envolvendo amor, minha personalidade encantadora, olhares lindos e pau mágico. A combinação efetivamente quebrou seu lacre, e agora ela estava fora de controle.

Nós não nos mexíamos há muito tempo, e eu pensei que ela tinha apagado, até que ela disse:

— Nós somos viciados em sexo.

— Não seja tão dramática.

— Nós dois estamos deitados aqui, mortos para o mundo. Não acho que estou sendo dramática. Que horas são?

A exaustão me impediu de levantar a cabeça para ver as horas ou pegar meu celular na mesa de centro.

— Não deve passar das onze. — A janela coberta tornava difícil dizer se ainda era manhã ou noite. Haven não queria fazer sexo no meu apartamento com as persianas abertas, algo que eu estava trabalhando. A imagem de suas mãos pressionadas contra a janela enquanto eu a pegava por trás era quente para caralho.

Merda, talvez fôssemos viciados em sexo.

— Dá para morrer por fazer muito sexo? — ela perguntou ao meu lado.

— Não. O pior que pode acontecer é desidratação e fadiga. Enquanto comermos e bebermos, ficaremos bem.

— Bem, isso é um problema. Estou morrendo de fome e precisando urgentemente de café, mas não consigo me mexer.

— Deixa comigo. — Todos os músculos do meu corpo protestaram quando me sentei. Sua cabeça se virou em minha direção, mas, de resto, ela permaneceu completamente imóvel. Peguei meu telefone e anunciei: — É quase meio-dia.

— Tarde assim? Eu tinha muito o que fazer hoje.

Em algum momento no meio da noite, enquanto conversávamos abraçados, Haven disse que queria limpar o restante do seu apartamento. Ela admitiu que não tinha desistido de tentar encontrar outro lugar para morar, mas era tolice pagar aluguel por um que se recusava a voltar.

Concordei com a parte de pagar o aluguel sem discutir, mas não concordei com o “encontrar outro lugar para morar”. Eu pensei: por quê? Nós provamos com sucesso até agora que somos grandes colegas de casa. Não havia razão para retroceder. Eu gostava de morar com ela.

Mas insistir com Haven não era o certo a se fazer. Aprendi que cada obstáculo que ela criava precisava ser superado à sua maneira. Se eu ficasse só esperando que ela comprovasse minhas teorias passo a passo, eventualmente ela chegaria à conclusão lógica por conta própria.

Levantei e ofereci as mãos a ela.

— Levante-se. Hora de comer, e então vamos para o seu apartamento e embalamos o resto de suas coisas para trazer para cá.

Ela pegou minhas mãos e gemeu enquanto eu a içava. Uma vez levantada, puxei-a contra o meu corpo e envolvi-a nos meus braços. Minhas mãos pousaram em sua bunda nua, seus seios pressionados contra meu peito, e, porra, isso fez meu pau dar uma risada zombeteira.

— Ele tem uma mente própria, não é? — Haven perguntou em resposta ao endurecimento contra sua barriga.

— Sim. E, geralmente, ele ganha as discussões.

Ela deu um pequeno passo para trás e olhou para baixo.

— Há uma nova xerife na cidade, amigo. Até que eu seja alimentada e cafeinada, você não vai receber mais nada. — Depois de um tapinha condescendente na cabeça, ela entrou na minha cozinha sem olhar para trás.

Meu pau sacudiu em protesto e enviou um doloroso solavanco de excitação direto para suas cúmplices, minhas bolas.

— Você pode, por favor, vestir alguma coisa? — perguntei quando entrei na cozinha atrás dela. Haven estava pegando ovos e manteiga na geladeira para

fazer o café da manhã. — Você está antagonizando com ele, e ele está tornando as coisas difíceis para *mim*.

Ela se virou e sorriu, embora eu não achasse engraçado.

— Ok, tudo bem. — Eu a vi entrar no meu quarto e voltar alguns segundos depois vestindo minha camiseta, e nada mais. Infelizmente isso desafiou meu pau duro, e uma dor latejante me acometeu imediatamente.

Naquele momento, eu sabia que de alguma forma eu me tornaria uma vítima na batalha entre Haven e meu pau.



Somando a maratona de sexo e o trabalho braçal de arrumar o apartamento dela, eu ia precisar de descanso depois deste fim de semana. Droga, eu estava em ótima forma. Malhava de segunda a sexta-feira, mas lá estava eu me sentindo como um homem velho. Estávamos cuidando disso há algumas horas, e a falta de comida e sexo estava me deixando irritado.

Ela saiu de seu quarto com outra caixa cheia e parou ao me ver reclinado em seu sofá.

— Sêrio?

— Você me escraviza.

— Vou ignorar esse comentário.

Depois que eu a vi voltar para o quarto, meus olhos se fecharam. O baque alto de uma caixa se chocando contra o chão ao meu lado me acordou de novo.

— Merda, Haven.

— Desculpa — disse ela, embora o sorriso em seu rosto contradissesse seu pedido de desculpas.

— Quando você está no meio de uma tarefa, fica malvada.

Ela se sentou na mesa de centro diante de mim e passou os dedos pelos meus cabelos.

— Vou fazer um acordo com você.

— É? Você vai pedir uma pizza e nós vamos foder enquanto esperamos por ela? — sugeri.

— Não. — Pegando uma pequena caixa, ela a jogou na minha barriga. — Basta arrumar minha mesa para mim e você pode descansar depois disso.

Olhei o móvel a que ela se referia. Uma gaveta para lápis, duas gavetas laterais médias e acessórios de papelaria em cima da mesa – ok, eu poderia fazer isso em pouco tempo.

— Beleza.

Ela se inclinou para mais perto e me beijou castamente.

— Você é o máximo. Eu tenho que fechar mais algumas caixas, e aí terminamos por hoje. Voltarei amanhã depois da aula.

— Tudo bem.

Sorrindo, ela desapareceu em seu quarto, me deixando no sofá com a minha pequena caixa. Saltei para a cadeira da mesa dela, sentei e comecei por uma das gavetas laterais. Como ela era muito arrumada e organizada, sua mesa foi esvaziada em pouco tempo. Havia uma mesa ao lado do sofá com uma pequena gaveta. Por conta própria, decidi embalá-la junto com as coisas da mesa dela.

Puxando alguns controles remotos, eu a fechei, quando um objeto no fundo da gaveta fez um som desajeitado.

Botei a mão e encontrei um pequeno modelo antigo de celular flip. Dei risada, abri e apertei o botão liga/desliga. Surpreso ao vê-lo ligar, gritei:

— Haven, por que você ainda tem essa coisa? — Aquilo devia ter pelo menos dez anos de idade.

— Que coisa? — ela respondeu do outro quarto.

Cliquei na seta para a direita até que seus contatos aparecessem na telinha. Meus olhos pousaram em dois números listados – o número do meu escritório na Galaxy e meu celular.

Assim que entrou na sala, Haven repetiu:

— Que coisa?

Vi sua última mensagem recebida. Na tela estavam os votos de felicidades que eu havia enviado para a Apple.

Confuso, olhei para ela, que estava imóvel na porta.

— O que é isso?

Minha mente tentou processar por que um celular antigo no apartamento da minha namorada mostrava evidências de uma conversa que tive com uma estranha. Ainda mais difícil foi tentar entender por que minha namorada empalideceu quando nossos olhos se encontraram novamente.

— Vaughn.

— É você?

— Eu posso explicar.

— Você é a Apple? — Ela se aproximou, e eu instintivamente dei um passo para trás.

Minha reação a fez parar onde estava. Eu odiei ver a tristeza em seus olhos, mas eu não conseguia ir até ela. Tudo o que senti quando me sentei, olhando para ela enquanto as peças do quebra-cabeça se encaixavam, foi aversão.



Capítulo 28

ELA MENTIU.

Não apenas uma vez, mas várias.

A única pessoa nesta maldita terra que nunca tinha mentido para mim, mentiu.

Mesmo que a raiva borbulhasse no meu peito, essa não era a emoção que me dominava. Ironicamente, foi a pequena semente de desconfiança que tomou conta e me consumiu. A única pessoa em quem eu confiava incondicionalmente, que estava diante de mim enquanto seus grandes olhos castanhos se enchiam de lágrimas, poderia muito bem ser uma estranha.

Como tudo o que você achava conhecer sobre alguém pode mudar em um instante?

Apertando a ponte do meu nariz, fechei os olhos por um breve momento, disposto a retroceder os últimos três minutos. Voltar para a Haven que *nunca mentiria para mim*.

Pela visão periférica, eu a vi limpar as lágrimas que finalmente caíram. De resto, ela não tinha se movido... Eu não tinha me movido. Suspensos no tempo, ficamos a poucos metros de distância, mas poderia muito bem ser quilômetros.

— Vaughn, por favor, eu posso explicar.

— Está bem claro, Haven.

Sua cabeça se movia da esquerda para a direita antes que suas palavras seguissem.

— Não, não está. Começou de uma forma, mas ficou muito complicado.

Com um bufo sarcástico que deveria soar como uma risada, joguei o estúpido celular em sua mesa de centro. Ele pousou com um golpe sólido que imitou o soco que recebi no estômago, me deixando enjoado. O suficiente para que eu não quisesse mais estar lá.

Um pequeno suspiro escapou dela quando eu caminhei determinado em direção à sua porta.

— Vaughn.

— O quê? — A raiva em minha voz surpreendeu até a mim mesmo.

— É exatamente por isso que eu não podia te contar. Tantas vezes eu quis, e eu sabia que você reagiria exatamente dessa maneira.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de mentir para mim. — Peguei meu casaco de seu cabide. — Preciso sair daqui.

— Você não vai sair daqui até que eu explique! — No mais perfeito estilo Haven, ela endireitou os ombros com raiva.

— Você quer explicar? — Jogando meu casaco em seu balcão, refiz meus passos para sua pequena sala de estar. Seus olhos me acompanharam enquanto eu me apoiava na parede oposta a que ela estava e acenava com a mão. — Explique.

Com os dedos trêmulos, ela enxugou a umidade em suas bochechas antes de respirar fundo.

— Eu pensei que se eu pudesse...

— Assumir o controle e ser a heroína, eu seria eternamente grato? — Terminei a frase para ela.

— Você está errado. Você odiava Nova York e se ressentia com a dinâmica que eles queriam te impor. Eu pensei que se os executivos ouvissem você em sua verdadeira forma, do jeito que eu sabia que você poderia ser, sem roteiro, seu talento poderia brilhar.

— Sem roteiro? Ah, eu entendi... sem roteiro, exceto pela parte em que você inventou uma pessoa para me enganar.

— Foi apenas uma ideia que eu tive para dar o pontapé inicial nos seus processos criativos.

— Que proatividade. Haven ao resgate, sempre a salvadora do meu mundo fodido e desorganizado.

— Você me contratou para manter seu mundo fodido e desorganizado sob controle! — Olhamos um para o outro enquanto a tensão se tornava mais espessa entre nós. Ela se aproximou, agarrando os quadris, ganhando confiança. — Na verdade, você gosta quando eu mantenho suas merdas organizadas. E sabe de uma coisa? Eu também. É o que eu faço. Sabe o que mais eu faço? Eu presto atenção em todas as pequenas merdas que acontecem na sua vida, Vaughn. Não há nada que aconteça com você que não me afete de alguma forma. Então, sim, eu gosto de vir em seu socorro. Porque em todos os anos em que fomos melhores amigos, isso me fez sentir como se você me quisesse. Do meu jeito fodido, eu gostava de te resgatar, porque isso significava que você precisava de mim. Não é essa a verdadeira razão pela qual levamos nossa amizade para outro nível? Você estava sentindo falta de algo em sua vida, eu estava lá, e problema resolvido?

— É isso que você realmente pensa? — O tom da minha voz fez com que ela se encolhesse um pouco.

— Eu nunca senti que era suficiente para você naquela época, e eu não sinto agora. — Seus olhos procuraram os meus antes que ela continuasse. — Vaughn, eu sempre fui a amizade confortável para você, alguém em quem se apoiar, depender. Era o meu papel. E eu me pergunto: caso eu não tivesse te beijado, esse ainda seria o meu papel? Sobre essa parte eu tenho sido honesta. Na verdade, eu tenho sido honesta sobre tudo entre nós. Essa coisa da Apple não era nada, foi uma ideia estúpida que morreu.

— Se eu não tivesse encontrado esse telefone... — Apontei para a antiguidade que estava sobre sua mesa. — Você teria me dito? — Fui recebido com silêncio. — Uau.

— Foi um erro. Eu deveria ter te contado depois daquela primeira ligação, e sinto muito por não ter dito. Eu realmente sinto. Mas eu nunca tive a intenção de enganá-lo. Eu queria que isso tudo acabasse, me arrependi de cada segundo.

— Eu entendo o que pode ter levado você a inventar essa pessoa fictícia, mas você continuou ligando como ela. Você ligou para a linha do meu escritório fora do ar, enviou uma cesta de frutas para a minha casa! Quem você mandou entregá-la? O porteiro disse que era uma loira.

— Paguei uma menina que faz uma matéria comigo. Eu sabia que isso faria com que você não quisesse mais nada com ela. Sem realmente revelar quem ela era, eu sabia que o gesto iria te assustar.

— Quão fodido é isso? Você manteve o fingimento mesmo enquanto me ouvia desabafando sobre essa garota que conseguiu chegar até mim.

— Exatamente! — A frustração marcava todas as partes de seu rosto. — Ela chegou até você. Você não acha que doeu te ver obcecado por essa estranha? Quanto mais você ficava obcecado, mais difícil era para mim lhe dizer. E então, começamos a... — Ela parou, incapaz de dizer as palavras.

— Foder? — O olhar em seu rosto fez com que um lampejo de arrependimento me atingisse.

Ignorando meu comentário grosseiro, ela engoliu seco e disse:

— Minhas inseguranças entraram em ação. Eu me perguntava por que você ainda estava interagindo com ela, ainda mais depois de você estar professando seu amor por mim.

— Caralho, Haven. Você não pode estar falando sério. Não havia nada acontecendo entre ela e eu... ou com você sendo ela... seja o que for. Eu nunca propus nada à Apple.

— Não, mas você continuou a atender as ligações dela, frustrado por ela não se revelar. Eu estava convenientemente lá. Porra, na noite depois que nos beijamos pela primeira vez, você mandou uma mensagem para ela dizendo que estava pensando nela.

— E depois que nos beijamos pela primeira vez, você se envolveu comigo fingindo ser outra pessoa? Você estava tentando me enganar, me testar?

— Não, eu estava tentando descobrir o quanto você estava a fim dela. O que eu deveria pensar? Aqui estava eu, confusa sobre a nossa intimidade, querendo desesperadamente te dizer tudo, e você entrando em contato com uma pessoa que era uma completa estranha para você.

— Você está dizendo que eu te fodi porque você estava lá e ela, não? Um corpo quente, uma boceta disposta a satisfazer minhas necessidades? — Ela não respondeu, mas o olhar em seu rosto falou muito.

A raiva que senti anteriormente não era nada em comparação a essa. Ao mesmo tempo, seus olhos brilharam ardentemente enquanto eu caminhava lentamente em direção a ela, até ficarmos nariz a nariz.

Esperando uma pausa para que minha boca dissesse o que minha mente queria, eu me abaixei e nivelei nossos olhares.

— Sabe de uma coisa, talvez eu tenha feito isso mesmo. Talvez sua boceta fosse exatamente o que eu precisava naquele exato momento da minha vida. Mais uma vez, você me salvou. Muito obrigado por salvar meu pau.

Senti o tapa antes de saber o que aconteceu. A mesma mão que deixou dor em minha pele voou para tapar a boca aberta.

— Desculpa, Vaughn.

O olhar em seu rosto me esmagou. Reflexivamente, meu corpo queria puxá-la para meus braços para confortá-la, mas meu cérebro e coração não permitiram.

Que porra está acontecendo?

Não éramos assim. As emoções enfurecidas entre nós, e cada uma delas era desconhecida – raiva, despeito, dúvida, ressentimento. Não tínhamos ideia de como proceder. Minha experiência profissional estava falhando comigo. Eu sabia que quando a paixão e o calor se misturavam com a raiva, a melhor atitude era permitir que as coisas se acalmassem, ou palavras que não seríamos capazes de retirar seriam ditas. Já estava acontecendo. Eu era parcialmente culpado pela situação sair do controle como saiu, e eu deveria entender isso.

Movendo-me um passo para trás, encontrei seu olhar e assenti.

— Está tudo bem. Eu mereci.

— Não, você não mereceu. Eu não falei a sério. Não quis bater em você. Não quis mentir para você.

— Mas você mentiu. Você é diferente para mim agora. — *Você não é mais especial, a única pessoa que eu moralmente mantinha acima de todas as outras.*

— Ainda sou eu. Eu juro, Vaughn. Ainda sou eu. Eu faria qualquer coisa por você. Eu me mudei para Nova York por você. Cometi um erro e gostaria de poder desfazê-lo.

— Eu também — foi tudo o que eu consegui falar. Eu poderia ter dito uma tonelada de merdas que entupiam minha garganta. A maior parte era tóxica, e se eu botasse para fora, isso nos mudaria para sempre. Apenas com o que eu tinha dito até agora, eu já podia ver o dano em seus olhos, sua postura, a maneira como seu lábio inferior tremia.

Sim, eu poderia ter sido *brutalmente honesto* com ela, lembrando-a de que era tudo o que eu sempre quis em troca. Mesmo quando começamos nosso relacionamento sexual, eu a fazia falar comigo, me dizer a verdade. E esse tempo todo, ela estava mentindo. Eu nunca menti uma vez na minha vida, ainda mais para alguém com quem eu me importava e amava.

Mas o meu comportamento não era tão ruim quanto o dela? Eu prometi que nunca a machucaria e era exatamente isso que eu estava fazendo.

Piorar as coisas não era o meu estilo, e machucá-la mais ainda também não. Em vez disso, dei um sorriso triste e escolhi o caminho responsável, aquele que poderia nos dar uma saída dessa bagunça. No entanto, eu temia que pudesse ser tarde demais para reparar essas novas rachaduras em nossa relação.

Agarrei a nuca e suspirei.

— Acho que nós dois precisamos nos acalmar. Pode ser uma boa ideia para você ficar aqui esta noite.

— Tudo bem. — A queda de seus ombros e o tom da sua voz revelaram quão derrotada ela se sentia.

— Liga se precisar de mim — acrescentei por hábito. Eu quis dizer isso, no entanto. Ela não dormia lá desde o arrombamento.

— Vou ficar bem. — Sua resposta falou muito. Especialmente porque a expressão de coração partido em seu rosto dizia que ela estava tudo, menos bem.



Capítulo 29

EU SENTIA O CHEIRO DELA nos meus lençóis.

Uma variedade de sutiãs de renda pastel estava na minha gaveta superior ao lado de uma pilha de calcinhas de personagens de desenhos animados que vão desde Tartarugas Ninja até Hello Kitty.

Uma variedade de produtos específicos para cabelos cacheados cuidadosamente alinhados em um canto da minha penteadeira.

Seu hidratante ficou na minha mesa de cabeceira.

Sua presença estava em toda parte, especialmente em meus pensamentos.

Eu não dormia sozinho na minha cama há trinta e três dias.

Eu estava sentindo falta dela. Meu coração sentia falta dela.

E então me lembrei que ela mentiu.

Era uma mentira tão estúpida. Foi isso que fez com que minha lógica argumentasse que eu estava exagerando. Realmente era ridículo quando pensei sobre o assunto. Pelo menos uma dúzia de vezes desde que saí de seu apartamento, meu dedo pairou em seu número na tela do meu celular. E então aquela minha consciência incômoda instigava que se ela pudesse tocar uma história tão absurda, sobre o que mais ela poderia mentir?

Mas aquela não era Haven, e eu sabia disso melhor do que ninguém. Então, novamente, ela me fez de idiota por semanas.

Eu estava num impasse. A guerra entre querer perdoar e estar com tanta raiva que eu não conseguia enxergar direito durou a noite toda.

Eu duvidava que teria notícias dela. Aulas de manhã naquele dia significavam que ela chegaria só mais tarde á casa. Antes de Haven vir morar comigo, se ela soubesse que eu precisava de algo importante, enviaria um de seus e-mails irritantes e fofos. Depois que ela se mudou para cá, deixava um bilhete colado na máquina de café.

Às cinco da manhã, desisti de dormir e fui fazer café.

Nenhum bilhete.

Hoje, senti falta daquele maldito bilhete.

Senti falta dela.

Meu brilhante plano de dar um tempo e pensar nas coisas não parecia mais tão brilhante. Haven e eu nunca ficamos horas sem nos falar. Um de nós sempre forçava o outro a conversar. Geralmente era quem achava que tinha razão na discussão: *ela*. Seu silêncio agora me preocupava.

Eu me sentia como um peixe fora d'água. Se os outros me deixassem nervoso, ela era a primeira que eu ligava. Se um idiota a prejudicava, Haven me chamava. Ao longo dos anos, passei a depender cada vez menos dos meus outros amigos para obter conselhos. Na maioria das vezes, eles não tinham muita noção naquele departamento. Um processo natural de eliminação de ervas daninhas ocorre quando você encontra a única pessoa que te entende. Claro, a gente tinha amigos, a maioria deles na Califórnia, mas nenhum era considerado parte do nosso círculo íntimo.

No departamento de aconselhamento, ela era metade do meu círculo, e a outra metade era Lizzy. Mas se eu ligasse para Lizzy, eu sabia, sem dúvida, o que ela diria.

Fale com ela, Vaughn.

Eu não podia fazer isso ainda. Eu precisava ter certeza de que poderia superar a mentira. Principalmente porque eu sabia que, ao vê-la, meu desejo tomaria conta da lógica. Eu precisava ficar longe dela para pensar direito... longe de seu corpo curvilíneo e sensual... aqueles malditos cachos sensuais... sua voz rouca chamando meu nome quando eu deslizava em seu calor.

Porra.

Eu sentia falta dela.

Com meu café na mão, caminhei até minhas janelas e suspirei. Mesmo com sua ausência ontem à noite, abaixei as persianas porque ela preferia privacidade no “aquário” em que ela alegava que eu morava. Porra, ela ainda podia me influenciar, mesmo quando eu estava com tanta raiva dela.

Um botão do controle remoto fez com que minhas janelas se levantassem lentamente para revelar a escuridão que cobria a cidade. Ainda não havia muitas pessoas na rua. Enquanto eu estava lá, olhando para uma deserta e tranquila 64th Street, as horas do meu dia se estendiam tão ameaçadoramente quanto a minha visão.

Eu bebi o resto do meu café, reabasteci e liguei meu laptop. A ausência de um e-mail não deveria ter me surpreendido. Ela poderia ser tão teimosa quanto uma criança quando ficava zangada. Ah, eu não tinha dúvida de que ela estava com raiva. Eu a imaginei andando pelo apartamento, silenciosamente me amaldiçoando por ser tão inflexível, não entender o contexto, me concentrar apenas na mentira.

Eu entendi o contexto.

Entendi seus motivos.

Como eu admiti a ela na noite passada, era a continuação da mentira que não fazia sentido no meu cérebro pragmático. No papel de terapeuta, eu não deveria culpá-la por falta de lucidez. As decisões de Haven eram puramente com bases emocionais, assim como a da maioria das mulheres, o que fez disso meu problema. Inteiramente meu. O terapeuta em mim sabia que eu precisava encontrar uma maneira de passar por isso ou seguir em frente.

Essa última possibilidade apertou meu peito dolorosamente... no entanto, a lembrança fresca de como ela me decepcionou dominava minha mente.



— Boa noite, Estados Unidos. Esta noite, senhoras e senhores, não tenho tema algum. Então, meus amigos, estou entregando o programa para vocês. Tem algo a dizer, algo a confessar, algo sobre o qual você está curioso? Ligue, e vamos conversar.

Mesmo antes de Natalie ligar o *NO AR*, as chamadas já estavam de prontidão esperando para serem atendidas. Na maioria das noites, eu não

conseguia passar por metade delas antes que o tempo acabasse. Nesta noite, não foi diferente.

Natalie ficou um pouco surpresa com a minha falta de tema. Eu não podia culpá-la, já que não era meu estilo. Mas eles tiveram sorte de eu ter aparecido para o trabalho. Ouvir e tentar resolver problemas de estranhos não me atraía naquele momento. Eu tinha minha própria batalha para enfrentar, se descobrisse antes como fazer isso.

A primeira metade do programa seguiu com elogios dos ouvintes, histórias atrevidas destinadas a impressionar meu público e pedidos ocasionais de conselhos. O namorado de Nat ligou para nos cutucar da maneira habitual. Daryl se envolveu em uma briga adolescente com um ouvinte que alegou que ele era um profissional na punheta.

Nisso tudo, eu interagi quando necessário, caso contrário, permaneci em meu próprio mundo. Foi quando uma mulher chamada Peggy se destacou na minha lista de chamadas. O assunto listado que ela queria discutir era confiança. Normalmente, eu pularia a ligação dela. Esta noite, eu não conseguia decidir se queria navegar naquelas águas familiares. Eu a mantive em espera por dez minutos antes de decidir atender.

— Você está ao vivo com Vaughn. A que devo o prazer de sua ligação, Peggy?

— Oi, Vaughn. Eu amo o seu programa.

— Obrigado. — Mesmo sabendo por que ela ligou, perguntei: — O que você quer discutir esta noite?

Ela suspirou audivelmente ao telefone.

— Bem, alguns anos atrás, meu marido me traiu. Ele vai dizer que não. Mas flertar com outra mulher, enviar mensagens e fotos sugestivas é traição no meu vocabulário. Você não concorda?

— As relações emocionais se aventuram em um território muito perigoso. A maioria dos que se envolvem em uma acreditam que estão apenas se divertindo inocentemente. O fato é que se um homem ou uma mulher está se comunicando com alguém que não seja seu parceiro de uma maneira que cruza uma linha, tudo isso enquanto engana seu parceiro, então isso é de fato uma forma de traição.

— Concordo. Eles se comunicaram por meses sem o meu conhecimento e, quando descobri, eles provavelmente estavam a um passo de tornar a relação física. Isso quase arruinou nosso casamento. Eu não pude deixar de pensar: o que teria acontecido se eu não tivesse descoberto?

Suas palavras me bateram em cheio. Apesar do meu próprio cenário de “e se”, eu disse a ela:

— Você não pode viver a vida consumida com “e ses”.

— Concordo. E eu estou tentando olhar para frente e não para trás. Queríamos construir uma família, mas por causa do que aconteceu, estou com problemas de confiança. Meu marido disse que eu estava sendo ridícula, e aquilo não tinha significado nada para ele. Nós procuramos terapia e passamos por um longo caminho. O problema é que eu ainda não confio nele. Como posso passar por isso?

— Peggy, leva anos para construir confiança e segundos para destruí-la. Mas, dito isto, com trabalho, comunicação e paciência o relacionamento pode ser reconstruído — disse com pura convicção. — Se você ama seu marido, precisa trabalhar em reconstruir sua confiança.

— Eu amo.

— Então você sabe o que precisa fazer.

— Obrigado, Vaughn.

O resto das chamadas foi do mesmo jeito que a primeira metade do programa. Sem a minha personalidade encantadora, eles poderiam muito bem estar conversando com uma parede. O tempo passava em um ritmo excruciantemente lento, e quando o relógio marcou onze, e a mão de Daryl fez o gesto abaixo de seu queixo, eu não consegui conter meu suspiro de alívio.

— Obrigado por passar seu tempo comigo. Este é o Dr. Vaughn Lair. Lembre-se de foder com todo o seu coração, e foder como se sua vida dependesse disso. Boa noite.

Natalie girou a cadeira na minha direção.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Depois de uma longa pausa, ela estreitou os olhos. Sem me intimidar com sua abordagem CSI, sorri e disse: — Vou embora.

Antes que eu pudesse dar um passo, sua mão agarrou meu antebraço.

— É com a Haven?

— Nat, eu realmente não quero falar sobre isso. Te vejo amanhã.

Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu saía do estúdio. No piloto automático, chamei um táxi, entrei e dei o endereço de Haven. Quando ele chegou ao sinal vermelho na esquina, eu disse:

— Na verdade, você pode ir a 64th no Central Park West?

— Com certeza, cara — disse ele com um aceno de cabeça.

Aparecer a essa hora tardia sem ter a menor ideia do porquê tinha ido para lá não era a solução. Eu precisava de mais tempo.

Enquanto esperava que a viagem terminasse, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para ela.

Só para saber se você está bem.

Nenhuma resposta veio na hora, ou mesmo mais tarde.

O tempo definitivamente tinha um senso de humor. Respondendo ao meu desejo, as horas se passaram em um ritmo lamentável. Mesmo quando eu tomei banho correndo e escovei os dentes rapidamente porque onde quer que eu olhasse no meu banheiro me lembrava dela, o tempo continuava se arrastando. Não foi diferente quando rastejei para a cama, soquei meu travesseiro e olhei para o teto enquanto minha mente se recusava a se sossegar.

Tic... Tac... Tic... Tac.

Horas depois, eu murmurei: “Foda-se” e saí da cama. Entrei na minha sala de estar, encontrei meu livro favorito sobre por que os seres humanos precisam amar. Eu tinha lido esse maldito livro pelo menos uma dúzia de vezes na minha carreira profissional, mesmo assim o abri e comecei do início.

CAPÍTULO UM ~ O QUE É O AMOR?



Capítulo 30

TILINTAR DE TALHERES DE METAL, clientes tagarelando e *Piano Man* de Billy Joel se fundiam proporcionando um ruído branco aos meus pensamentos desordenados. Mesmo que tenha sido considerado cedo para o jantar, a multidão do happy hour saiu em massa para o Wednesday Wild Wing Night.

A porra das asas de frango não eram o motivo pelo qual eu estava sentado no meio do barulhento pub. Eu escolhi este lugar porque era perto do estúdio, e depois de cinco minutos lá, eu me arrependi profundamente. Mas com Lizzy e Evan saindo de férias no dia seguinte, e meu programa indo ao ar em poucas horas, era isso que eu tinha que fazer.

Lizzy não tinha ideia de por que eu precisava vê-la. A urgência na minha mensagem foi compreendida e, sem dúvida, ela aceitou meu convite para uma bebida rápida. Eu ainda não tinha falado sobre o que havia acontecido com Haven. Eu estava prestes a contar tudo esta noite. Apenas uma psicóloga poderia ajudar um psicólogo.

Foi quando sua mão acariciou meu ombro que percebi que ela estava de pé ao meu lado.

— Ah, oi, Liz — eu disse enquanto me levantava para lhe dar um abraço. Ela aceitou meu abraço e sentou-se assim que eu a libertei. — Obrigado por me encontrar tão rápido. Sei que o seu voo é amanhã cedo. Quanto tempo vocês vão ficar longe?

— Duas semanas. O pai da minha mãe não tem estado bem o suficiente para viajar, e ele e minha avó estão morrendo de vontade de ver Michael.

Adorariamos ficar mais tempo, mas precisamos voltar a tempo do Evan fazer os ensaios para o concerto beneficente.

— Ah, é. Esqueci disso. — No final do mês, a banda do meu primo Jack faria sua apresentação anual para a fundação de câncer infantil que ele e Leila começaram.

— Vai ser uma grande noite. Haven vai adorar. — Eu enrijei, sem saber se Haven estaria lá. Meses atrás, mesmo antes de ficarmos juntos, eu tinha comprado dois ingressos, querendo surpreendê-la. Ela sempre amou a banda do meu primo. Combinado com a causa, eu sabia que ela ficaria animada para ir... e isso agora pareceu bem distante da realidade.

Lizzy sentiu a tensão irradiando de mim em ondas. Seus olhos se inclinaram sobre meu rosto, preocupação franzindo sua testa.

— Algo aconteceu com Haven?

— Sim. Acho que fodi tudo.

Uma garçonete rapidamente apareceu para anotar as bebidas que queríamos. Uma vez que ela saiu da nossa mesa, Lizzy se inclinou para trás em sua cadeira e disse:

— Ok, o que aconteceu?

De uma maneira muito simples, contei todos os detalhes, desde encontrar o telefone contendo as mensagens até nossa última conversa antes de eu ir embora. Durante minha dissertação, minha cerveja e seu vinho foram entregues. Nem uma única vez Lizzy interrompeu... até que parei de falar.

— Então, basicamente, você não consegue superar a mentira?

— Basicamente, eu não consigo superar o fato de que ela *continuou* mentindo. Mesmo depois que nos tornamos um casal, isso continuou acontecendo. Eu amei cada minuto do tempo que passamos juntos, e agora sinto que está contaminado. Estou chateado com ela.

— Isso é compreensível. Especialmente porque ela nunca tinha mentido para você, nem você para ela. Mas todo mundo comete erros, e você sabe tão bem quanto eu que ninguém é perfeito. Ela não mentiu por malícia, para te enganar ou por falta de caráter. Haven é uma pessoa de bom coração. Ela provavelmente sentiu que era apenas uma mentira pequena com boas

intenções. Quanto mais tempo isso durava, mais ela tinha medo de como você reagiria.

— Ela admitiu esse fato. Estava com medo de que eu ficasse com raiva dela, e estava certa. Eu estou. Também estou confuso e magoado. Isso não significa que eu não sinta falta dela. — Tomei um gole da minha cerveja, antes de admitir: — Mande uma mensagem para ela, liguei duas vezes, ela não respondeu.

— Aposto que ela está tão confusa quanto você. Você já admitiu para mim que não pode viver sem ela. Você já disse isso para ela?

— Isso é parte do problema. Ela acha que meus sentimentos estão entrelaçados com o fato de que eu sempre precisei dela. E se ela estiver certa? E se for a Haven que é minha amiga, minha assistente, minha preservadora de vida que eu não consigo viver sem?

Um pequeno sorriso se espalhou por seus lábios.

— Fala sério, Vaughn. Você sabe que a incrível habilidade de organização de Haven não é a razão pela qual você está com ela. Liste-as.

— Listar o quê?

Ela revirou os olhos para cima.

— Todas as razões pelas quais você a ama. Eu não me importo com quão bobas elas sejam, me diga.

— Isso é necessário?

— Aparentemente, você esqueceu do porquê ama Haven. Então, vamos lembrar. Você ama... — Quando tudo o que ela encontrou foi silêncio, balançou a mão para solicitar minha resposta. — Você. Ama...

— As risadas dela. Amo as camisetas estúpidas de personagens. — *E como ela mistura sutiãs de renda com calcinhas de personagens bobos*, eu adicionei em minha mente. — Eu amo o cabelo dela, a maneira como ela tem um cheiro tropical, a maneira como ela suspira, a maneira como olha para os lados quando está irritada. — *A maneira como ela inspira pouco antes de expirar quando goza*. — Sua capacidade de entender minhas bobagens, prever o que estou pensando e terminar minhas frases. Devo continuar?

— Não, eu acho que você entendeu o que eu queria dizer — disse ela com ousadia. — Olha, é o fato de ela ter mentido que mais te irrita. Então, fique com raiva, Vaughn. Fala para ela, jogue merda no ventilador, tire isso de você... e depois faça as pazes. — Lizzy tomou um gole de seu vinho, olhando para mim com um sorriso presunçoso. — Você precisa perdoá-la.

Ela se sentou de volta, me permitindo absorver esse único e simples fato. Parecia uma bolinha de gude ricocheteando nas laterais de um jogo de pinball, enquanto outros obstáculos, como dúvida e confiança, continuavam tentando afastar a bola e conduzi-la para fora do jogo.

— Eu sei — eu finalmente disse. — Mas...

— Não tem mas. É simples. Você a ama e precisa perdoá-la — repetiu com convicção. — Nada mais importa.

Lizzy estava certa, eu sabia que tinha de fazê-lo, e eu sabia que iria. Quanto mais eu pensava sobre a vida sem Haven, mais meu coração se apertava no peito, com medo de perdê-la. E não foram apenas todas as coisas que ela fez por mim... era tudo.

De uma maneira doentia, eu amava até as coisas que sempre odiei nela. Como quão irritantemente organizada ela era em todos os aspectos da vida, ou como na maioria das vezes ela estava sempre certa. Eu amava como depois de uma briga, a raiva e as frustrações entre nós pareciam culminar em uma paixão ardente. Coisas que eu nunca tinha sentido na minha vida.

Amava tudo com Haven... o bem e o mal.

Como Lizzy disse, a decisão *foi* muito simples, e essa conclusão era tudo o que importava. Resumindo, eu a amava.

Lizzy bebeu o restante de seu vinho.

— Ok, meu trabalho está feito. Eu tenho que fazer as malas, e você tem um lugar para ir.

Olhei para o meu relógio surpreso que fosse mais tarde do que eu pensava.

— Merda, me desculpa. Tenho trinta minutos até... — Quando olhei para cima, a cabeça de Lizzy balançou para os lados. — O quê?

— Esquece o programa. Eles podem transmitir um segmento de melhores momentos. Vá vê-la, Vaughn. Agora.



Quando liguei para Natalie para informá-la de que uma emergência surgiu, deixei minha equipe com menos de meia hora para reunir material suficiente para fazer o programa. Não era impossível fazer, porque merdas aconteciam o tempo todo na rádio ao vivo. Foi o curto aviso que tornou compreensível o seu silêncio ao telefone. Sem dúvida, eu receberia críticas da empresa pelo furo de última hora, mas eu não poderia ligar menos.

Não muito tempo depois, eu estava no apartamento de Haven pronto para bater quando uma voz masculina preenchendo o corredor me parou. Antes que meus dedos atingissem a madeira, a porta se abriu e uma Haven de olhos arregalados olhou para mim.

— Vaughn — ela disse meu nome com um suspiro. Eu não sabia se ela estava feliz ou não em me ver. Ela parecia exausta e triste. A visão familiar de uma de suas camisetas de desenho animado, calças de ioga velhas e rabo de cavalo bagunçado despertou um impulso para puxá-la para meu corpo. Mas, em vez disso, enfiei as mãos nos bolsos para resistir ao desejo de tocá-la. — O que você está fazendo aqui? Você tem que estar no ar em breve.

— Precisamos conversar — respondi com os olhos fixos em Elliott, que estava atrás dela.

Ele inclinou a cabeça com um sorriso tenso.

— Oi, Vaughn.

— Oi.

— Tudo bem. Hm... Elliott já estava saindo.

Eu tive que morder a língua para não perguntar: *“Por que diabos ele estava aqui? Você estava contando a ele sobre nossa situação?”* Mas eu não queria começar com o pé errado. E com aquele imbecil parecendo tão presunçoso, eu tive de lutar muito para controlar o impulso de socá-lo na cara. Além disso, tê-la diante de mim depois de muitos dias separados me fez lembrar do quanto eu sentia falta dela e que eu precisava me comportar.

Os olhos de Haven encontraram os meus antes que ela se virasse e dissesse:

— Obrigada pela ajuda, Elliott. Eu agradeço muito.

Meus olhos se concentraram em sua mão segurando o ombro dela enquanto dizia:

— Disponha, Haive. Te vejo amanhã.

O caralho que você vai.

Ele passou por ela na porta e, em vez de ir para seu apartamento, subiu as escadas em um trote rápido.

— Posso entrar? — perguntei já que ela não tinha oferecido.

Com um aceno de cabeça, ela entrou no apartamento, me permitindo segui-la. As caixas que tinham sido embaladas há alguns dias permaneceram empilhadas ordenadamente no canto, com mais algumas adicionadas. Tomei isso como um bom sinal.

Tirei meu casaco, jogando-o em uma cadeira de cozinha. Sentei-me no sofá, e ela escolheu a poltrona de frente para mim. A tensão que saltava entre nós poderia ser cortada com uma faca.

— Você não respondeu minhas mensagens ou ligações — eu disse, sem me preocupar com conversa fiada. — Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

Ela me deu um sorriso triste.

— Não, Vaughn. Você queria ter certeza de que eu estava segura, o que eu estava.

Li imediatamente as entrelinhas da resposta dela.

— Mas você não está bem?

— Você está? — ela rebateu.

— Não. Eu não estou. Estou longe de estar bem, Haven. — Seu olhar permaneceu impassível, provocando um lampejo de raiva. Ao contrário de como eu pensei que ela reagiria, nenhuma resposta ardente veio por causa do meu tom grosseiro. Em vez disso, a tristeza continuou a emanar de cada parte dela... especialmente de seus olhos. — Você *entende* por que eu estava com raiva de você? — perguntei, amolecendo o tom.

— Claro que sim. Você estava certo em estar com raiva de mim. — De repente, ela se levantou e veio sentar-se ao meu lado. As lágrimas brotaram quando ela pegou uma das minhas mãos entre as duas dela. — Pensei muito

desde domingo. Você também estava certo sobre eu sempre ser a salvadora do seu mundo desorganizado. E como eu disse há alguns dias, eu gostava de ser sua salvadora. Isso me deu um propósito na sua vida. Mas isso me deu um propósito *doentio*, Vaughn. Trabalhar para você é um problema. Eu não posso estar sempre apagando incêndios para você.

Considerarei o que ela disse e não consegui encontrar um motivo para discordar. *Foi* um problema. Agora que estávamos romanticamente juntos, eu podia prever nosso relacionamento profissional fodendo as coisas para nós.

— Você está certa. Então, nesse caso, você está demitida. Problema resolvido.

Ela se levantou, caminhou até sua mesa e pegou um pedaço de papel dobrado.

— Eu ia deixar isso enquanto você estivesse no ar — disse ela se aproximando para entregá-lo a mim.

Eu desdobrei e meus olhos dançaram ao longo das palavras — *demissão... duas semanas de antecedência... substituição*.

— Aceito sua demissão. — Jogando a carta na mesa de centro, peguei sua mão e a puxei de volta para se sentar ao meu lado. — Você é mais do que uma assistente para mim, Haven. Se trabalhar para mim não é mais algo que você queira, não tem discussão. Eu quero que você seja feliz.

— Obrigada, mas esse não é o único problema, Vaughn. As coisas são diferentes entre nós agora, e a culpa é minha.

— Haven. Acabou, eu quero seguir em frente e esquecer que aconteceu.

— Eu também. Mas eu vejo em seus olhos algo que eu nunca vi antes. Você está cauteloso agora, e isso me mata, Vaughn. Há uma barreira em você causada por mim.

Eu não gostava de para onde isso estava indo. Eu a conhecia como um livro, e nos três dias em que estivemos separados, ela conseguiu chegar a alguma conclusão fodida por conta própria. Eu podia ver isso na maneira como ela olhava para mim. Faltava o calor em seus olhos castanhos. Hoje, eles pareciam ocos e sem vida. A energia em sua expressão foi embora, a provocação em seu sorriso também.

— Você está terminando comigo?

— Vaughn, você mesmo disse que eu era diferente para você agora... e esse é o problema número dois.

— Eu disse isso com raiva.

— Não, você disse isso do seu coração.

— Você está errada. Volte para casa comigo esta noite. Nós vamos dar um jeito. — Agarrei-a ao meu corpo, não me preocupando em esconder o desespero que sentia. Ela se empurrou para fora do meu aperto e engasgou um soluço. — O quê? Fala comigo.

— Acho que preciso voltar para a Califórnia. Não ficamos longe um do outro há dez anos.

— Não, Haven. Seu lugar é aqui, comigo.

— Vaughn, eu não tenho ideia de quem eu sou se não estiver com você.

— Você é minha melhor amiga, meu amor, meu coração. Haven, eu preciso de você.

Um pequeno sorriso tocou seus lábios, contradizendo as lágrimas que lentamente rolaram sobre suas bochechas.

— Viu, esse é o nosso maior problema, Vaughn. Nós dois sabemos disso, e você sempre diz que precisa de mim, mas você nunca, nem uma vez, disse que me quer.



Capítulo 31

SUAS PALAVRAS ME ATINGIRAM COMO um balde de água gelada.

— Que porra, Haven? Claro que eu quero você!

— Calma, Vaughn.

— Eu não vou me acalmar porra nenhuma. — Ela observou enquanto eu me levantava para andar ao redor de seu minúsculo apartamento, a raiva borbulhando para a superfície a cada passo que eu dava. O conselho de Lizzy para contar tudo a ela, jogar merda no ventilador e botar tudo para fora não poderia ser mais adequado no momento. — Você não pode me pintar de um jeito por causa de suas inseguranças, Haven.

— Não tem nada a ver com as minhas inseguranças. Você está confundindo necessidade com vontade.

— Não, eu não estou! — Essa mulher me enfurecia. Como ela podia não saber que eu a queria, mesmo depois de todo o tempo que passamos juntos? Com um arrastar frustrado da minha mão através do meu cabelo, eu tentei ganhar tempo para escolher minhas palavras com cuidado. Decidindo sobre a verdade crua, eu parei na sua frente, encarando-a com um olhar determinado. — Você não poderia estar mais errada, Haven. Como você pode duvidar de mim assim?

Nossos olhos se conectaram em um impasse emocional e silencioso. Seus olhos se encheram, mas ela rapidamente desviou o olhar, quebrando o contato antes de se levantar e passar por mim para pegar outro pedaço de papel da sua mesa.

— Eu escolhi três candidatos para você entrevistar na segunda-feira. As informações de contato, hora da entrevista e localização estão todas no seu calendário. Você não deve ter problemas para me substituir. Estes são os melhores. Alice Baker é, para mim, a melhor escolha com base em seu nível de TOC.

Olhei para o papel que ela estendeu em minha direção sem pegá-lo. Depois de uma breve pausa, ela o colocou na mesa de centro ao lado de sua carta de demissão.

— Na parte inferior da página tem login e senhas das suas contas de redes social, assim como do e-mail. Amanhã, vou fazer backup de todos os meus arquivos em uma unidade flash para você. Eu não vou te deixar para cuidar de si mesmo, ao longo das próximas duas semanas eu vou lentamente me afastando.

— Haven, para! — Aproximando-me, a agarrei pelos ombros. — Sim, eu preciso de você. Eu *preciso* que você me faça passar o dia, me mantenha com os pés no chão e me lembre de que eu não sou nada mais do que a porra de um idiota privilegiado e que teve uma grande vida entregue de bandeja. Você é a pessoa que eu *preciso* para me manter são. Você é a única com quem eu *preciso* rir e chorar. Você é a mulher que eu *preciso* amar. Eu *preciso* que você me ame de volta. Eu *preciso* que você esteja na minha vida, Haven. Eu não me arrependo da minha escolha de palavras, porque eu preciso de você. Se você precisar parar com isso, tudo bem, pare. Mas, independentemente disso, eu ainda preciso de você de outras formas.

Colocando minhas mãos em seu rosto, eu a forcei a olhar diretamente para a minha alma, antes de dizer o que ela *precisava* ouvir.

— As coisas que eu *quero* de você são completamente diferentes. Eu quero o seu coração. Quero te dar o meu, e quero que você o aceite. Eu quero cada centímetro do seu corpo pressionado contra o meu quando eu lhe mostrar o quanto eu te amo.

“Tem uma razão para as ações falarem mais alto do que as palavras, porque às vezes as palavras nos colocam em apuros. Elas são incompreendidas, assumidas ou simplesmente não são suficientes para se comunicar o que nós

queremos. Necessidade, desejo, querer – importa quais palavras eu uso quando não há dúvida que as três coisas são iguais para mim?”

Algumas de suas lágrimas rolaram, e eu as peguei com os polegares.

— Haven, sinto muito por não ter conseguido focar em nada além da mentira. Eu vim aqui esta noite para te dizer que eu entendo por que você mentiu para mim e por que foi tão difícil para você contar tudo à medida que o tempo passava. Eu te perdoo.

— Ah, Vaughn. — Ela enterrou o rosto no meu peito e soluçou baixinho, com os dedos segurando o tecido da minha camisa em um aperto desesperado. — Eu agradeço você dizer que me perdoo, mas eu não me perdoo.

— Isso é ridículo. Você precisa se perdoar. — Passei uma mão suave sobre seus cachos antes de beijar a sua cabeça. — Nós nunca vamos passar por isso se você não se perdoar, Haven.

— O que eu fiz com você *não* sou eu, Vaughn. Começou como uma pequena mentira inocente para ajudá-lo. Cresceu para uma enganação gigantesca só para evitar perdê-lo. Eu não sou uma mentirosa e não reconheço mais essa pessoa que me tornei. — Ela se afastou, indo para o sofá para se sentar. — Faz tanto tempo que realmente não sei quem eu sou sem você. Sinto como se fosse uma videira agarrada a uma árvore. Sem você, eu estaria no chão sem nenhum propósito.

O desespero que ela sentia era claro em seus olhos.

— Haven — eu comecei, mas não tinha ideia do que eu queria dizer. *Porra*. O que eu fiz com ela?

— Eu só preciso de algum tempo para pensar nas coisas.

— Ok, eu entendo. — Sentei-me ao lado dela e gentilmente peguei sua mão. — Mas, meu bem, saiba que eu apoio o que você quiser fazer. Se você quer se tornar uma patinadora de gelo profissional, eu vou comprar uma pista para você praticar. Se você sair de Nova York para treinar na Rússia, eu vou com você. Simples assim. Vou te dar tempo. Mas, por favor, me promete que você não tomará nenhuma decisão precipitada sem falar comigo primeiro.

— Tudo bem — ela concordou. — Eu prometo.

Ouvi suas palavras dizerem uma coisa, mas em seus olhos não vi nenhuma segurança. Seu olhar triste não desviou do meu, até que ela me ouviu sussurrar:

— Eu sou seu. Você está presa a mim.

Nisso, seus olhos se fecharam e seu corpo cedeu como se ela estivesse subitamente desossada. Eu a abracei, segurando-a junto de mim com força, esperando que seja lá o que ela estivesse procurando não a levasse de mim.



Prometi dar tempo a ela e, nas últimas duas semanas, cumpri minha promessa. Durante nosso tempo separados, conversamos muitas vezes por telefone ou mensagem. Na maior parte, nossas conversas giravam em torno de atualizações sobre a pessoa que a substituiria. Ela reduziu para duas e marcou entrevistas.

Nossas ligações nos últimos dias tomaram um rumo. Algumas duraram até a noite, nós dois deitados em nossas respectivas camas, recusando-nos a desligar enquanto relembávamos de alguns momentos. Finalmente sentindo que estava chegando até ela, continuei proferindo palavras de garantia de que sobreviveríamos a esse solavanco em nossa trajetória. Lembrei a ela que nosso relacionamento poderia ser o que quiséssemos, e nosso passado não deveria definir nosso futuro.

Ela admitiu algumas coisas que eu já sabia. O pensamento de me perder ou, em suas próprias palavras, ser abandonada novamente a perturbou. Tanto que ela sentiu que precisava controlar a separação em seus próprios termos. Eu falhei em entender a lógica dela. Ela tentou equipará-la à indução de um coma, a fim de reduzir o inchaço... Fazer uma pausa autoinduzida de mim agora poderia salvá-la mais tarde.

Eu esperava que a pausa que Haven precisava pudesse ser alcançada saindo da função de minha assistente, porque se ela precisasse se afastar de mim completamente, eu não poderia permitir isso. Agora que eu a tinha, teríamos de encontrar uma forma de ficarmos juntos de um jeito ou de outro... porque depois quatorze noites sem dormir direito, eu estava prestes a quebrar a minha promessa.

O tempo dela tinha acabado.

Depois do meu programa, o pessoal foi para o ponto de encontro normal de sexta-feira à noite, enquanto eu fui para o apartamento dela. Eu não me preocupei em ligar ou mesmo enviar mensagens. Eu apareci determinado a finalmente botar algum sentido naquela cabeça. Chega.

Algumas batidas sem resposta depois, usei minha chave e entrei, vendo seu apartamento completamente esvaziado. Nada foi deixado lá, nem suas roupas, móveis ou aquelas malditas fotos de praia que ela tanto amava. Tudo se foi. Eu tinha mandado mensagens para ela algumas vezes durante o dia, e ela não deixou transparecer que estava indo embora.

Fechei a porta atrás de mim e olhei para o apartamento do imbecil no final do corredor. Era tarde, não que eu me importasse com isso. O que me impediu de bater na porta dele foi a possibilidade de ele saber onde ela estava... e se Elliot soubesse quando eu não sabia, doeria pra caralho.

Minutos depois, eu estava em um táxi indo para a minha casa. Meu telefone não tinha chamadas perdidas ou mensagens novas. Eu disquei o número dela, mas foi direto para o correio de voz.

Não tinha como ela pegar um avião sem conversar comigo. Ela não fazia esse tipo de coisa. Tudo o que Haven fazia era planejado nos mínimos detalhes. Tinha de haver uma explicação lógica. Eu disquei o número de Lizzy, a culpa pelo horário quase me fez desligar antes que tocasse, mas a necessidade de saber se ela havia falado com Haven venceu.

Ela respondeu rapidamente.

— Oi.

— Por favor, diz que você estava acordada.

— Sim, estava. Você está bem?

— Você falou com Haven?

— Antes da nossa viagem. — Expliquei que fui ao apartamento dela depois do programa e o encontrei completamente vazio. — Você acha que ela está na sua casa?

Uma centelha de esperança se acendeu, transformando-se rapidamente num fogo furioso.

— Estou quase em casa. Vamos torcer.

— Dedos cruzados e, com alguma sorte, vejo você na próxima semana no concerto... *com* Haven.

— Esse é o plano. Boa noite, Liz.

O táxi mal parou quando eu passei uma nota de vinte através da divisória de acrílico e corri para dentro do meu prédio.

Antes mesmo de virar a chave na fechadura, eu sabia que ela estava lá. A voz de Adam Levine vinda de dentro do meu apartamento nunca soou tão bem para mim antes. Quando abri a porta, o volume estava alto, mas eu ainda podia ouvi-la cantarolando junto com ele.

Uma pequena pilha de caixas estava bem no canto da minha sala de estar, e ao vê-las, eu não tinha certeza se ela ia ficar ou só estava de passagem.

Ela estava de costas para mim, sentada no meu sofá olhando pelas minhas janelas. Dava para concluir que Haven estava lá há algum tempo pela taça de vinho vazio na mesa de centro. Seu cabelo estava preso, ela usava suas roupas confortáveis, e mesmo de costas, nunca esteve tão bonita.

— Haven?

Ela se virou e se levantou do sofá.

— Então, eu meio que me deixei entrar — disse ela com um adorável encolher de ombros. Um sorriso lento se espalhou por seus lindos lábios cheios. Ao vê-la, eu queria jogá-la por cima do meu ombro e amarrá-la à minha cama para garantir que nunca mais me deixasse.

Chaves, casaco e minha ansiedade caíram no chão enquanto eu andava até onde ela estava. Nós nos encontramos no meio do caminho, praticamente derrubando um ao outro pela força de nossa conexão. Instantaneamente, enterrei meus dedos em seus cabelos, segurei sua cabeça para trás e esmaguei meus lábios nos dela. Ela colocou a língua e devorou cada parte da minha boca. Seus quadris pressionaram os meus com o gemido mais sexy do mundo escapando da sua boca. Depois de mais alguns beijos quentes, ela inclinou a cabeça para trás para olhar nos meus olhos. Lá estava o calor que andava faltando naquelas lindas profundezas de chocolate.

— Eu te amo — ela disse, suspirando, quando nos separamos. — Você está certo, Vaughn. Amar você é a única coisa que importa. Preciso esquecer os rótulos aos quais me apeguei por dez anos, esquecer que sou sua melhor amiga,

sua funcionária, sua pé no saco. Porque todos eles são agrupados no que diz respeito à importância. Percebi que o que conta é quanto amor meu coração tem por você. Não importa o que eu acabe fazendo com a minha vida, eu sei sem dúvida que você precisa estar nela... e sendo muito mais do que apenas meu amigo.

— Acho que dá para ver o mesmo em meus olhos, Haven. Você não deve ter dúvida de por que eu te amo ou do quanto. — Peguei a mão dela e a coloquei sobre o meu coração. — Você pode sentir a cada batimento cardíaco. — Em um movimento lento e controlado, me curvei e rocei meus lábios nos dela. — Quando provar cada beijo. — Mantive minha boca perto da dela, inalando cada respiração sua. — Espero que você acredite que agora meu amor é maior do que aquele que eu sentia antes de ficarmos juntos. Eu preciso que você diga que acredita que eu te amo da mesma forma que você me ama.

Seus olhos examinaram meu rosto por alguns momentos antes de ela balançar a cabeça lentamente.

— Eu acredito. — Ela me deu um beijo casto. — Sinto muito pelo que eu fiz, pelo que eu disse. — Balancei a cabeça para os lados, mas ela pressionou as pontas dos dedos sobre a minha boca. — Me deixa terminar. Eu não conseguia imaginar você me querendo como eu queria você. Eu esperei e desejei por tanto tempo, que quando você sentiu o mesmo, eu achei que era bom demais para ser verdade. E aí, eu me preocupei se você não me odiaria por mentir para você. Mesmo depois que você se aproximou, no fundo eu não podia acreditar que você realmente me perdoou, me amou. Sinto muito por te machucar, por duvidar de você e, principalmente, por desistir de nós.

— Sinto muito também.

— Pelo quê?

— Não sei... por todas as vezes que eu te irritei ao longo dos anos.

— Tem muita coisa para lamentar, então — brincou ela.

Olhei em seus olhos e sorri enquanto passava o polegar sobre seu lábio inferior.

— Eu fui ao seu apartamento. Me assustou para caralho vê-lo vazio, ainda mais porque você não atendeu o telefone. Eu imaginei você atravessando o país em um avião.

— Eu decidi ontem que precisava de você.

— Precisava? — perguntei, contorcendo uma sobrancelha em desafio.

— Sim. *Precisava*. Eu sempre te quis, e agora percebi que eu precisava de você também. Uma vez que eu te tive, também percebi que somos uma combinação perfeita. Então, eu dei um jeito de colocar minhas coisas em sua unidade de armazenamento, e aqui estou eu.

— Eu tenho uma pergunta. — Ela esperou com expectativa. — Podemos fazer sexo de reconciliação agora?

— Você não acha que deveríamos ir devagar?

— Nós fomos devagar para caralho... por dez anos. Chega de levar as coisas devagar.

— Tudo bem. Mas você pode pedir uma pizza primeiro, porque eu estou morrendo de fome. Você não tem comida neste lugar. Você já fez o mercado?

— Não.

Eu conhecia aquele olhar, e geralmente ele me repreendia ou me prometia que Haven ia correr para o supermercado logo pela manhã.

Ela não o fez. Em vez disso, ela deu de ombros e disse de forma atípica:

— Nós vamos dar um jeito. — Estreitei os olhos, levando-a a acrescentar:
— O quê?

— Mesmo que eu saiba que minha geladeira vazia está te deixando louca agora, você está se conformando... e eu te amo por isso. Então, eu vou me conformar também. Vou pedir a pizza, fazer amor com você enquanto esperamos e depois vamos comer.



Capítulo 32

UMA HORA DEPOIS, ESTÁVAMOS SENTADOS no meu chão, praticamente nus, comendo pizza. Ela me informou sobre o que fez para se manter ocupada nas últimas semanas, Haven se matriculou em mais aulas e se candidatou a alguns empregos. Foi a primeira vez que o assunto surgiu, e eu a tranquilizei de que estava completamente de acordo com sua decisão de encontrar outro emprego.

Ela então passou para uma conversa que teve com um colega de classe sobre o formato do meu programa. Algo sobre sexo não pertencer ao rádio, e Haven ter dado um fora nele. Mas eu não estava prestando atenção. Desde que a vi no meu apartamento, eu estava duro como pedra por ela... e nós tínhamos acabado de fazer um sexo fantástico. Meu palpite era que meu pau sabia que tinha muito tempo para compensar. Portanto, o tesão não deixava que eu me concentrasse.

— Então eu não estava usando nada além de botas cano alto, meu short vermelho de renda e minha camiseta do Capitão América. Estava congelando, mas eu consegui ser pega alguns minutos depois de chegar na esquina. Graças a Deus, o calor na BMW dele aumentou...

— O quê? Ele quem? — Suas palavras de alguma forma me trouxeram de volta à realidade. — De que porra você está falando?

— Ah, então você está ouvindo? — ela perguntou com a testa franzida.

Quando percebi que ela estava me zoando, balancei a cabeça com uma carranca.

— Isso não foi engraçado.

— Achei que sim. Por que você se distraiu? Estou te entediando?

— Não, mas você deveria saber que lamber molho de pizza do lábio inferior me fez lembrar de outra coisa.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, eu tirei o prato das suas mãos e sua bunda estava no meu colo.

— Sente isso? — Seus olhos se arregalaram com a maneira como meu pau inchou sob ela, implorando para ser libertado. — Acho que preciso de você de novo. Consegue entender como eu senti sua falta? — Soltei seu rabo de cavalo e enfiei meus dedos em seus cabelos grossos e encaracolados, trazendo sua boca para a minha. Seus lábios macios e cheios se separaram para minha língua, e eu a deslizei em sua boca para reuni-la com a dela.

A atrevida se mexeu levemente contra a minha genitália, e o efeito foi imediato. Minha ereção respondeu à maneira como ela chupou minha língua antes de interromper o beijo. Ela se abaixou e pressionou a outra mão no tecido da minha cueca boxer.

— Eu também senti sua falta, Vaughn.

Mesmo com a bunda dela pressionando-o, de alguma forma meu pau conseguiu se contorcer, praticamente gritando por ela.

— Estou aqui, Haven. Chega de sentir falta. — Ela manteve seu olhar em mim quando eu me levantei e a carreguei de volta para o meu quarto... nosso quarto. A faísca em seus olhos não estava mais ausente, e eles agora ardiam esperando o que estava por vir.

Coloquei-a deitada em nossa cama sem interromper o contato visual enquanto me perguntava por onde eu começaria. As pulsadas torturantes no meu pau combinavam com o ritmo do meu coração, se movendo incansavelmente a cada batida. Por mais que eu a quisesse, precisasse dela, fiquei parado olhando para sua beleza absoluta.

E eu vi.

Deitada na minha cama, com base na expressão em seu rosto enquanto olhava nos meus olhos, eu sabia que ela sabia. Haven finalmente percebeu o que eu estava dizendo o tempo todo. Como a necessidade e o desejo que eu sentia por ela praticamente me colocavam de joelhos.

Finalmente... ela entendeu.

Com um sorriso pecaminoso, ela puxou a minha camiseta, que ela estava usando, e a jogou no chão, ficando só com uma calcinha de renda preta.

— Jesus Cristo, Haven.

Ela não respondeu. Em vez disso, abriu as pernas apenas alguns centímetros, mas o suficiente para acender uma fogueira em mim. Desci a cueca e agressivamente apertei meu pau enquanto continuava a olhar para ela.

Deus, ela era linda. A maneira como seus cabelos se espalhavam ao seu redor, seu corpo aberto e esperando para ser tomado. Até na expressão em seu rosto, cada parte dela implorava por cada parte de mim. Seu olhar se fixou no movimento da minha mão, e o meu estava vidrado na fome em seus olhos. Subi na cama para ficar entre suas pernas.

— Mais cedo foi uma foda necessária e urgente. Desta vez, vai durar horas.

Soltei meu pau, colocando uma mão em cada um de seus joelhos dobrados. Enquanto os afastava, meus olhos dançavam entre os seus e observar uma mão deslizando por sua coxa em direção ao pedaço de renda que mal cobria sua boceta. Enquanto eu a acariciava, sentindo seu calor na minha mão, vi seus olhos se fecharem e seus lábios se separarem. Eles permaneceram fechados quando encontrei seu clitóris sob a renda e circulei com um toque firme. Foi quando afastei a renda e deslizei um dedo para dentro dela que seus olhos se abriram e meu nome escapou em um sussurro ofegante.

Com os olhos fixos, através dessa conexão, eu fiz promessas de fazê-la gozar de todas as maneiras que pudesse. Adicionei outro dedo, gemendo alto pela maneira como ela se apertava em torno deles. A sensação era incrível, e eu me deliciava com o fato de que meu pau logo estaria desfrutando desse prazer quando eu me enterrasse nela.

Mas primeiro eu precisava prová-la. Então deitei entre suas pernas. Não me preocupando em tirar sua calcinha, mais uma vez deslizei o tecido para o lado e arrastei minha língua sobre ela, de baixo para cima, e até embaixo novamente.

Seus quadris subiam e desciam a cada volta que eu fazia. Ela estava cavalgando na minha boca, buscando sua satisfação. E, caralho, aquilo era sexy para caramba. Novamente agarrei meu pau com a mão livre, na tentativa de

acalmá-lo por mais alguns minutos. Ele não estava conseguindo se aquietar. Ele a queria e não a minha pobre substituição.

Lambida após lambida, acelerei meu ritmo antes de chupar com força seu clitóris. Seus dedos puxavam o edredom enquanto suas pernas tremiam de cada lado da minha cabeça. Soltei minha ereção rígida para segurá-la firmemente. Alguns minutos foram necessários para levá-la ao limite. Suas coxas se flexionaram, e suas costas arquearam para fora da cama, enquanto ela gozava por toda a minha boca. Uma vez feito, ela ficou imóvel e soltou um suspiro contente.

Quando levantei a cabeça, ela levantou a dela.

— Venha aqui, Vaughn.

Tentei transmitir uma sensação de calma enquanto beijava meu caminho pelo corpo dela, mas era mais fácil falar do que fazer. Chupei e mordi sua pele lisa, parando em cada seio antes de chegar no seu pescoço.

O menor movimento de seus quadris colocou meu pau exatamente onde ele precisava estar. Ela segurou meu rosto e me beijou apaixonadamente assim que eu deslizei ao máximo para dentro.

Interrompi o beijo para evitar gemer em sua boca. Ela era uma delícia.

— Ah, caralho, Haven — eu gemi quando sua boceta se apertou ao meu redor. O latejar que atormentava meu pau desde a nossa última vez foi substituído por uma sensação de pulsação quente. Começou na minha coluna e viajou direto para as minhas bolas.

— Que delícia, Vaughn. — Seus dedos arranhavam minhas costas, seus lábios cobriam meu pescoço, e quando lambeu minha orelha, eu não podia mais fingir estar no controle. Ela assumiu, possuiu cada parte de mim. Não foram minhas estocadas que provocaram um dos orgasmos mais fortes que eu já havia sentido.

Foi Haven.

Foi a maneira como seus lindos olhos castanhos se fecharam. Foi a maneira como seu corpo respondeu tão honestamente. Foi a maneira como ela disse meu nome assim que gozou.

Ou talvez eu tenha tido o orgasmo mais explosivo porque, pela primeira vez desde que levei nossa amizade a outro patamar, finalmente senti que ela estava na mesma sintonia que eu.

Melhores amigos, parceiros e amantes... o trio perfeito.



Depois de nos reunirmos há uma semana, Haven decidiu ligar para os pais e a irmã para informá-los de que estávamos juntos. Sua irmã, Ruby, alegou que sabia que era uma questão de tempo até assumirmos. A próxima ligação foi para os meus pais. Eles também ficaram emocionados e não ficaram surpresos. Eles nos imploraram para que voltássemos à Califórnia em breve para fazer uma visita e para comemorar adequadamente.

Mesmo com o pouco sono que conseguíamos todas as noites, eu ainda acordava todos os dias me sentindo completamente descansado, vivo e em paz com a minha vida. Eu finalmente senti que ela era minha em todos os sentidos — exceto um. Eu não tinha dúvida de que um dia ela seria minha esposa, e eu mal podia esperar para que esse dia chegasse.

Esse pensamento veio quando ela adormeceu em meus braços. Nunca mais queria ficar longe dela, Haven era a minha vida agora. Tudo o que era importante para mim estava de alguma forma ligado a Haven. Pela primeira vez, queria o que eu tinha evitado involuntariamente durante toda a minha vida adulta... um futuro com alguém.

Um zumbido baixo interrompeu um sonho muito bom. Como eu estava acordado há algum tempo, foi mais como uma reconstituição vívida do que tínhamos feito a noite toda. Preguiçosamente abri um olho e vi Haven na cama.

A pele nua e sedosa das suas costas estava voltada para mim — uma parte de uma bunda perfeita, um vislumbre da lateral de seu peito... lindo. Ela apontou o controle remoto para as persianas. Assim que se virou de volta para mim, fechei os olhos.

— Acorde, dorminhoco — ela sussurrou no meu ouvido antes de puxar meu lóbulo entre os lábios.

Eu cegamente estiquei o braço e me encostei em um de seus seios.

— Hmm, por que você não me acorda com essa sua boca talentosa? — Abri os olhos, esfregando o polegar sobre seu mamilo enrijecido.

Seus olhos se fecharam e depois foram abertos com um olhar determinado. Afastando-se, ela se encostou em meus quadris, pressionando minha ereção matinal entre sua boceta quente e meu abdômen.

— Vou fazer um acordo com você — disse ela, mordiscando minha mandíbula enquanto se esfregava no meu pau duro.

— Você tem três segundos para negociar antes que eu faça com minhas próprias mãos.

— Tudo bem. Eu vou acordá-lo criativamente, se você me disser para onde estamos indo esta noite.

Antes que ela soubesse o que a atingiu, agarrei seus quadris e nos virei, para que eu ficasse sobre seu corpo e meu pau estivesse pronto e apontado para sua entrada.

— Eu tenho uma ideia ainda melhor — eu disse assim que entrei nela. — Vou acordar e manter meu segredo.

Seus olhos se fecharam antes que ela declarasse:

— Isso não é justo.

— Não é? — Alguns movimentos lentos do meu pau para dentro e para fora acabaram com qualquer discussão. Em vez disso, ela levantou os quadris, combinando meu ritmo com o dela.

Haven gozou primeiro... rápido.

Gozei logo depois... Com força.

Ela gozou de novo... para balancear.

Minutos. Tudo levou minutos.

— Você ainda diz que isso não foi justo? — perguntei enquanto saía de dentro dela. — Você gozou duas vezes, e eu, só uma.

— Isso foi mais do que justo, obrigada. Mas ainda quero saber para onde vamos. Por favor? — Ela envolveu suas pernas e braços ao meu redor, botou os lábios no meu pescoço e me fez contar meu segredo.

— Vamos ver o Devil's Lair.

— Nós vamos? — Fui presenteado com beijos nas pálpebras, no nariz, nas bochechas, na mandíbula. — Uau, você cedeu rápido.

— Eu nunca vou admitir o fato de que você provavelmente conseguiria o que quisesse se me provocasse com esses lábios lindos.

— Não vai admitir, hein?

— Nunca.

Uma lenta lambida na mandíbula, uma mordida brincalhona do meu lábio inferior e um beijo explosivo não me deixaram dúvida de que Haven poderia me fazer confessar um assassinato que eu não cometi.



Capítulo 33

UMA VEZ QUE REVELEI QUE iríamos ver a Devil's Lair, ela me deixou louco... de uma forma adorável.

Devemos sair mais cedo caso tenha trânsito?

Não tenho nada para vestir.

Posso ver o ingresso?

Como devo fazer o cabelo?

Acho que devemos sair agora!

Essa declaração veio às três da tarde. O show era às 20h.

Ao longo do dia, ela andou pelo apartamento, colocou as músicas no som e balbuciou aleatoriamente.

Minha menina estava tão animada para este concerto, que estava se encaminhando para uma autocombustão em breve. Ela alegou que estava ansiosa demais para fazer sexo de limusine comigo. Quando chegamos à arena, ela recusou qualquer coisa para beber por medo de ter de fazer xixi durante o show.

Enquanto ela ia ao banheiro com Lizzy, comprei a camiseta #Lair Lover, mas não tinha nada a ver com meu primo estrela do rock. Ver meu nome em fonte branca em negrito sobre seus seios perfeitos mais tarde esta noite, enquanto eu comia sua boceta, foi minha verdadeira motivação.

Ela saiu do banheiro, e eu entreguei a camiseta preta para ela. Sem dizer nada, ela correu de volta para o banheiro. Poucos minutos depois, surgiu com

um sorriso largo e sua nova camiseta. Haven se aproximou, dando uma voltinha.

Porra.

Suas curvas sob o fino tecido de malha preta, a maneira como a calça jeans se moldava sobre sua bunda e suas pernas, a maneira como seus cachos davam um ar de “acabei de foder” quase me fizeram gozar nas calças.

Ela não tinha ideia do que estava fazendo comigo, e isso tornou as coisas ainda piores. Porque Haven não estava tentando ser sedutora ou sexy... ela só estava sendo *Haven*.

Eu não tinha certeza se foi porque fizemos as pazes ou porque vi quão feliz ela estava, mas meu apetite por ela estava insaciável.

Peguei sua mão e a levei em direção à nossa área. Quanto mais nos aproximávamos do palco, mais ela gritava. Uma vez em nossos assentos, se é que isso era possível, sua energia nervosa aumentou. Eu podia imaginar qual seria a reação dela quando descobrisse que estávamos participando do backstage de after-party. Eu planejei contar a ela somente depois do show.

Chegamos antes do meu primo e pegamos os dois primeiros lugares na fila. Eu joguei meu braço em torno de seu ombro e a puxei para mais perto.

— São bons os lugares?

— Você está brincando? Puta merda, Vaughn. — Ela apontou para o palco pouco mais de quatro metros à nossa frente. — Eles vão estar bem ali!

— Perto o suficiente para ver que ele não é tão gostoso quanto eu. — Eu me inclinei ainda mais para perto e beijei sua orelha. — A propósito, eu comprei essa camisa para você em vez daquela com o rosto de Jack porque eu quero que você use meu nome e nada mais enquanto eu entro em você mais tarde. — Mesmo com o barulho ao nosso redor, eu a ouvi engolir em seco. — Ver meu sobrenome esticado nos seus peitos está me deixando doido.

— Tudo te deixa doido.

— Nem tudo, apenas você. — Eu despreocupadamente segurei a mão dela na minha e a pressionei no meu pau.

— Ora, olá — disse ela, alongando os dedos sobre mim. — Você vai ser capaz de mantê-lo contido pelas próximas horas?

— Eu tenho escolha?

— Na verdade, não, porque eu não vou sair nem um minuto antes de as luzes se acenderem. — Ela baixou a voz, embora não houvesse como alguém nos ouvir. — Mas eu vou fazer valer a pena quando chegarmos em casa. Eu prometo.

Casa. Ouvi-la dizer isso era tão sexy quanto ela.

— Hmm... talvez depois de assistir Jack por algumas horas, eu não serei o Lair pelo qual você realmente estará molhada. Lembra de uma vez, quando você estava bêbada e me disse todas as coisas que fantasiava com ele?

— Ah, sim. Ele é meu afrodisíaco instantâneo — disse ela com um sorriso. Com a forma como minha boca se abriu, ela riu. Meu suspiro pesado e frustrado, combinado com um revirar de olhos exagerado, foi minha resposta. — Estou brincando. Eu prometo que não vou te deixar por ele. Leila é muito gentil. Eu nunca faria isso com ela.

— Bom saber. Você sabe que ele não é nada perto de mim. Você está com o melhor Lair.

Levantando as mãos até meu rosto, ela fez uma pausa para garantir que eu a olhasse nos olhos.

— Eu sei que estou — disse ela com total confiança. — Eu ganhei na loteria, Vaughn.

— Eu te amo — eu disse, beijando sua testa. Eu queria que Haven se divertisse esta noite. Eu queria mostrá-la para a minha família, para a imprensa... porra, para essa maldita arena cheia de gente.

Ela sorriu de forma adorável.

— Eu te amo também. — O zumbido da multidão desapareceu, fazendo-nos sentir como se estivéssemos sozinhos no lugar. Erguendo a cabeça, ela me beijou, para garantir que eu soubesse o quanto me amava.

Nesse momento, Lizzy, minha tia, meu tio e os pais de Leila e Evan chegaram. Nós nos cumprimentamos de forma confusa, já que estávamos alinhados e o barulho aumentava a cada minuto que passava. Logo, tornou-se impossível ouvir o outro falar por causa dos fãs gritando ao nosso redor.

Meus olhos examinaram as seções, começando a partir da nossa e chegando ao palco. O lugar estava lotado, e eu não pude deixar de me orgulhar do sucesso do meu primo. A última vez que fui a um show do Devil's Lair, foi em uma pequena arena em Los Angeles. Haven estava namorando um idiota na época e não foi comigo. Ela sempre se arrependeu de não ter ido e não conseguir ir a nenhuma outra apresentação desde então.

Esta seria a primeira vez que eu via a banda de Evan em turnê. Normalmente, as duas bandas faziam tours separadas. Quando começaram, os Cliffhangers abriam para o Devil's Lair, mas agora eram capazes de encher suas próprias arenas. Uma vez por ano, eles se reuniam para o show beneficente em Nova York. Este atraiu celebridades, políticos e esgotou em poucos minutos.

Havia gente da imprensa de toda parte, e a cobertura do evento estaria em todos os noticiários amanhã. Eu sabia que esta noite significaria muito para Haven. Além de amar todas as coisas de Jack Lair, que eu disse que precisava parar agora que estávamos namorando, ela adorava Leila e o trabalho filantrópico ao qual ela dedicou sua vida.

Lizzy mencionou que Leila estava precisando de uma nova assistente, porque a dela estava grávida e planejava não trabalhar mais. Haven se encaixaria perfeitamente no trabalho com Leila. Eu me encarreguei de mandar uma mensagem para Jack naquela manhã, informando que Haven estava procurando um novo emprego e se ele poderia passar a informação para Leila.

Sua resposta veio uma hora depois: ela foi contratada.

Ganhei mais uma coisa para surpreendê-la mais tarde.

As luzes se apagaram, fazendo com que a multidão ficasse louca. O chão sob nossos pés vibrou quando toda a arena começou a cantar para suas estrelas de rock favoritas. Ouvimos a voz de Jack se dirigindo à multidão antes de vê-los.

A mão de Haven segurou a minha, mas seus olhos permaneceram focados no palco escuro.

E meus olhos permaneceram focados nela.



As luzes do lugar inundaram o espaço com um brilho severo. Todos os fãs na arena estavam de pé, cantando alto cheios de adrenalina alimentada pela

melodia e pelas letras. Alguns gritaram o nome da banda novamente, na esperança de que eles saíssem para mais um bis. Se dependesse da multidão, o show continuaria a noite toda.

As pessoas à nossa direita começaram a sair junto com os outros sessenta mil ou mais. Eu me virei para Lizzy e pisquei. Ela acenou com a cabeça em compreensão e seguiu o restante em fila única em direção aos degraus de concreto.

— Isso foi incrível!— Haven gritou, me fazendo rir em voz alta. — Desculpa — acrescentou ela em um tom normal. — Meus ouvidos estão apitando.

— Você se divertiu?

Ela assentiu como uma garotinha que acabou de passar o dia com as princesas da Disney.

— Muito! — Mais uma vez ela exclamou um pouco mais alto do que precisava.

— Pronta para um pouco mais? — perguntei, puxando-a para meus braços com um sorriso tortuoso.

— Vamos fazer sexo de limusine de novo?

— Por mais tentador que isso pareça, precisa esperar até mais tarde. Temos uma festa para ir.

— Festa? — Ela inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos. — Que festa?

— Uma nos bastidores. É hora de conhecer seu crush.

Seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu e sua cabeça girou de um lado para o outro.

— Não. Não, não, é impossível.

— Sim, sim, é possível. — Fazia um minuto ou mais que o show tinha terminado, muitos já saíam do local, e a cada segundo que passava, ficava mais deserto. Ela olhou por cima do meu ombro, e então percebeu que o resto da nossa fila já havia desaparecido. — Venha — eu disse, pegando sua mão e puxando-a para trás de mim.

Dois passos foram tudo o que pude dar antes que nossos braços se esticassem entre nós. Haven ficou parada com uma expressão em pânico.

— Haven? Vamos lá.

— Não posso! Você está louco! Eu estou horrível. Estou toda suada. Meu cabelo está uma bagunça.

— Você está linda.

— Você diz isso por obrigação.

— Não, é verdade. Pare de ser ridícula.

— Não. Vaughn, é o Jack Lair... Jack Lair, *a estrela do rock*. Não.

— Ele é apenas um homem, Haven. — Voltei e me encostei nela. — Ele também é da família.

— Eu não o vejo dessa maneira.

— Você vai ter que conhecê-lo em algum momento. Como você vai se sentir amanhã quando se der conta de que deixou passar uma oportunidade de curtir com o Devil's Lair?

— Mas...

— Sem mas. Vamos lá.

— Vaughn!

— O quê? — perguntei por cima do ombro, me recusando a parar. Ela permitiu que eu a puxasse junto, seu gemido me fazendo rir. Depois de checarem nossos ingressos V.I.P., fomos levados para um corredor pouco iluminado. As vozes pareciam ainda mais amplificadas naquela caverna de concreto. Os dedos de Haven seguraram os meus com força. De vez em quando, ela diminuía a velocidade, me forçando a arrastá-la.

Pouco antes da última virada em direção à festa, ela disse:

— Espera!— Suas mãos afofaram os cachos, as pontas dos dedos limpavam maquiagem sob os olhos, e ela puxou um tubo de brilho labial, e aplicou nos lábios.

— Pronta?

— Não, mas eu não tenho escolha. — Eu balancei a cabeça, pegando sua mão novamente. — Espera!

— Que é agora?

— Não me deixa sozinha.

— Eu estarei ao seu lado o tempo todo. Eu não sou burro. Há estrelas do rock lá, algumas delas são solteiras. — Dei um beijo rápido em seus lábios e passei pela porta, sem me preocupar em limpar as evidências.

Algumas dezenas de pessoas estavam no local, a maioria segurando bebidas. A música chegava pelos alto-falantes, mas, com a conversa, era difícil até ouvir quem estava cantando. Haven se aproximou tanto de mim, que nossos braços ficaram esmagados entre nós. Eu nunca a tinha visto tão nervosa, então estava me esforçando para não rir.

Avistando meus primos perto do bar, eu a arrastei pela sala em direção a eles. Ofegante, Haven ficou repetindo:

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. — Sua cabeça virava de um lado para o outro e um suspiro escapava toda vez que ela reconhecia alguém.

Quanto mais nos aproximávamos, mais baixas ficavam as palavras que ela proferia. Uma vez que chegamos ao grupo, sua expressão de pânico instantaneamente se transformou em um sorriso completo. Iluminou seu rosto, seus olhos e todas as partes da sua postura.

Leila foi a primeira a nos notar.

— Vaughn, como vai? — Eu tentei soltar a mão de Haven para abraçá-la, mas Haven não deixou. Comicamente, meu braço ficou esticado atrás de mim ainda preso a ela enquanto eu dava um abraço de um braço só em Leila.

— E aí, mano? — Jack pegou o lugar de Leila quando ela deu um passo para trás, batendo em minhas costas em um abraço fraterno. — Como você tem ido?

— Bem. Muito bem. — Eu puxei meu braço, fazendo com que Haven tropeçasse em minhas costas e fizesse um “uff!”.

Ignorando-a, acrescentei:

— Vocês foram incríveis. Ótimo show.

— Obrigado. É sempre incrível tocar em Nova York. — Ele jogou um braço sobre o ombro de Leila e virou a cabeça para olhar ao meu redor. — Oi, Haven. Bela camisa — disse ele com um sorriso cheio de covinhas.

— Oi — ela disse tão baixinho, que eu mal conseguia ouvi-la. — Obrigada. Vaughn comprou para mim — ela sentiu necessidade de explicar. Pela maneira como seus dedos se apertavam entre os meus, o fato de ele chamá-la pelo nome estava a deixando doida.

— Meu nome fica ótimo em você.

— *Meu* nome fica ótimo nela — emendei. — Eu posso comprar uma dúzia delas apenas para manter *meu* nome em seu peito pelos próximos anos. — Olhei para Haven, que ainda estava impressionada com a presença de Jack. Provavelmente foi uma coisa boa que ela não estivesse prestando atenção, porque teria me dado um bom tapa pelo comentário.

Jack levantou uma sobrancelha para mim e riu.

— Saquei.

— Homens — disse Leila, revirando os olhos. Afastando-se de Jack, ela jogou os braços ao redor da minha garota e apertou carinhosamente. — Estávamos morrendo de vontade de conhecê-la.

— Você *estavam*? — Os olhos de Haven se arregalaram de surpresa.

— Desde que esse palhaço te contratou. — Jack se aproximou, abraçando-a da mesma forma que Leila havia feito ao acrescentar: — Qualquer um que possa organizar a bagunça dele merece uma medalha.

Um som ininteligível veio da boca de Haven — algo entre um grito e um gemido.

— Você vai ter que desculpá-la — eu intervi. — Ela está um pouco impressionada.

— Com a gente? — O sorriso de Leila iluminou seu rosto. — Vai por mim, somos tão normais quanto você está vendo. Eu sou apenas uma garota de Hoboken. E tenho certeza de que você sabe que os Lairs não são de forma alguma da realeza — brincou ela. Seus olhos âmbar encontraram os meus antes que ela piscasse.

Haven riu e balançou a cabeça.

— Ele acha que é.

Jack abraçou a cintura de Leila e disse em seu ouvido algo que soou como:

— *Vou te mostrar meu cajado real.*

— Jack! — ela exclamou e deu um empurrão. — Uma coisa é certa, vocês, homens Lair, só pensam em uma coisa.

— Culpado — Jack e eu dissemos ao mesmo tempo, e ficamos irritados com quão semelhantes somos.

— Enfim. Haven, eu quero te apresentar aos caras. Você já conhece Evan e Lizzy, é claro. Ah, e quando você conhecer Trey, ele definitivamente vai te contar uma piada. Ele acha que é engraçado, mas não importa o que você quiser fazer, não ria. Adoro sacanear ele. — Ela pegou a outra mão de Haven e a puxou para longe, gritando: — Já voltamos.

Haven olhou por cima do ombro para mim com um sorriso no rosto que eu queria ver em todos os dias das nossas vidas.



Capítulo 34

SAIR COM ESTRELAS DO ROCK tinha seus benefícios. Por um lado, isso deixou minha garota com tesão para caralho, e o sexo de limusine prometido prova isso. Finalmente tendo se soltado, com a ajuda de alguns martinis de limão, pelo resto da festa pós-festa nós bebemos, rimos e nos misturamos com a realza do rock & roll.

Os companheiros de banda de Jack faziam o maior tumulto, um bando de palhaços, com Leila como sua acompanhante. Trey, o baixista, nos fez rir a noite toda. A maioria das suas implicâncias bem-humoradas foram direcionadas a Hunter, o baterista, Scott, o guitarrista, e Leila. Conhecemos esposas, namoradas, a banda de Evan, empresários e até mesmo alguns outros roqueiros famosos que eram amigos deles. No geral, a experiência foi surreal para caralho.

Eu não tinha certeza se era o after-party em si, nossa brincadeira na limusine ou o convite de Leila que tinha deixado Haven no auge. Quando perguntei a ela enquanto entrava no elevador, ela me olhou e disse:

— É por sua causa, Bundão. Estou muito feliz.

Eu me senti da mesma forma. E completo. Essa seria a melhor maneira de descrever como eu estava me sentindo. Eu estava vivendo com metade da minha capacidade a maior parte da minha vida adulta. Haven preencheu o espaço vazio a ponto de transbordar. Sendo honesto, Haven me completou. Eu era metade de um homem antes dela, e a metade que ela trouxe à vida era a minha melhor parte.

Meu carro cheirava a ela. Coco... do jeito que férias em um país tropical seria. Suave. Sempre calmante.

Ela se sentou ao meu lado, cantarolando junto ao rádio enquanto eu nos levava para a casa do meu primo. O convite veio de Leila durante a after-party. Ela não chegou a passar tempo suficiente conosco e queria que a gente jantasse com eles no dia seguinte. Lizzy e Evan também estariam lá.

O clima estava excepcionalmente quente para abril, e por causa disso Haven usava um vestido azul-celeste que batia logo acima do joelho. Combinando com uma jaqueta jeans desbotada e tênis, ficou com um estilo casual que era muito ela.

O tráfego de Crosstown estava tranquilo para uma noite de domingo, permitindo que chegássemos na casa de Jack e Leila em apenas quinze minutos. Escolhi um estacionamento na rua deles e abri a porta de Haven assim que o atendente pegou minhas chaves.

— Eu tenho algo a lhe dizer — eu disse, entrelaçando seus dedos finos nos meus. Sua outra mão segurava a garrafa de vinho que ela insistiu que trouxéssemos. Ela também queria trazer uma sobremesa, mas eu garanti que não era necessário. — Eu queria te contar ontem à noite, mas depois da festa e do sexo na limusine, eu esqueci.

— O que é?

— Eu descobri que Leila precisava de assistente, e eu meio que mencionei que você estava procurando um emprego.

Ela parou de andar e olhou para mim.

— Vaughn.

— O quê? É perfeito para você até que se forme.

— Ela provavelmente só está me dando o emprego porque você é meu namorado.

— E se ela estiver? Quando você começar, ela verá quão talentosa você é em fazer malabarismos com um milhão de coisas ao mesmo tempo. Você é boa no que faz, Haven, e adora trabalhar assim. Pense nisso.

A expressão exasperada em seu rosto amoleceu.

— Tudo bem.

Eu parei de andar, e agora era a minha vez de olhar para ela.

— É isso? Você não vai discutir comigo?

— Não. — Ela voltou a andar, me puxando. — Obrigada por ser meu maior fã. Eu sei que você quer que eu seja feliz, e é uma grande virada para mim.

Eita, porra.

Apresentamo-nos ao porteiro, e uma vez no elevador, pressionei-a contra a parede lateral e beijei-a como se não a beijasse há anos.

— O que foi isso?

— Só queria beijar minha namorada. — Botei as mãos por baixo do vestido e apertei sua bunda.

— Eu gosto quando você me beija espontaneamente.

— Que bom, porque eu sou um cara espontâneo. Eu te amo, e eu *preciso de você*, e eu te *quero*, então eu te beijei.

— Ou você apenas me provocou porque vou passar uma noite com meu crush — ela disse sem expressão. Eu pisquei algumas vezes com a boca aberta antes que ela risse adoravelmente.

As portas do elevador se abriram, me forçando a esclarecer:

— Isso continua em breve... *comigo*.

Jack apareceu assim que caminhamos em direção ao apartamento deles.

— Oi — disse ele com um sorriso completo, revelando as covinhas que faziam as fãs desmaiarem. Os olhos de Haven se arregalaram infinitesimalmente, o suficiente para que eu notasse.

— Oi — ela respondeu em um sussurro. Quando um rubor coloriu as maçãs de seu rosto, eu me perguntei se ela se acostumaria a ficar na presença dele.

Vozes se aproximaram e ecoaram quando passamos pela porta. O apartamento deles era espaçoso, ainda maior que o meu. O teto abobadado alto, o piso de madeira e os cômodos grandes faziam você esquecer que estava em Manhattan. A vista deles também era do Central Park, mas do lado leste, e não do oeste, como meu apartamento.

Era impossível não se impressionar. O mobiliário gritava sofisticação e bom gosto, nada roqueiro. Leila deve ter tido um papel enorme na decoração. Pelo que me lembro do apartamento de solteiro de Jack anos atrás, ele e o baterista Hunter viviam como irmãos de fraternidade.

— Oi, pessoal. — Leila olhou para cima e abriu um sorriso quando entramos na sala. Lizzy e Evan já estavam lá, e o trio se levantou para nos abraçar quando nos aproximamos. Haven relaxou instantaneamente, sorrindo largo e retribuindo abraços com uma facilidade confortável.

— O que vocês querem beber? — Jack surgiu atrás de nós, colocando a mão no ombro de Haven. Como um truque de mágica, sua postura endureceu e seus olhos sorridentes se arregalaram em um estado de admiração.

Jack esperou alguns momentos, e quando ela ainda estava para falar, ele olhou para mim. Balancei a cabeça e revirei os olhos.

— Ela vai tomar um vinho branco. Vou tomar uma cerveja.

— Hum... isso — Haven finalmente falou.

Jack riu, bem-humorado, antes de caminhar em direção à cozinha.

— Estávamos falando sobre você agora — disse Lizzy enquanto Haven e eu arrumávamos um lugar para sentar na sala de estar. Música suave tocava ao fundo, e eu reconheci como uma da banda de Evan.

Haven corou, seus olhos cortando para mim antes de dizer:

— Oh-oh. Eu fiz papel de idiota ontem à noite?

— O quê? Claro que não. — Leila acenou com a mão para o comentário bobo da minha namorada. — Eu sei que você precisa de um emprego, e eu preciso de uma assistente. Quando você pode começar?

— Simples assim?

— Simples assim — ela repetiu com um aceno firme.

— Eu tenho que avisá-la, eu tenho um pouco de TOC e bumbum-presos.

— Alguém falou em bunda? — Jack disse, carregando minha cerveja e o vinho de Haven.

— Jack! — Leila soltou um suspiro muito pesado e balançou a cabeça, olhando para Lizzy como se fosse culpa dela.

— O quê? Você que escolheu ele.

— De qualquer forma, em relação ao TOC e ao bumbum-presos, eu também sou assim. Vamos nos dar muito bem.

— Ela realmente é desse jeito — Jack opinou. — Mas eu a amo mesmo assim.

Ele se sentou ao lado de Leila e beijou seu pescoço. Haven inconscientemente se inclinou para mim quando ele fez aquilo. E naquele momento eu sabia que Leila e Haven eram iguais, assim como Jack e eu. Nós dois amávamos nossas mulheres com TOC e tensas demais. A julgar pela sua expressão, sabia que seu mundo girava em torno de Leila, como o meu girava em torno de Haven. Vendo o sorriso em seu rosto, percebi que não havia dúvida de que Leila nunca seria um erro, pois, agora, eu sentia aquilo também.

Haven cometeu um erro, e eu reagi a ele, mas olhando para o passado, sabia que isso tinha acontecido por uma razão. Eu agora sabia que meu amor, minha necessidade e meu desejo por ela eram todos muito mais fortes do que eu pensava inicialmente. Sem dúvida, Haven era meu passado, meu presente e meu futuro.



Epílogo

AGOSTO

MINHA VIDA ESTAVA MAIS OCUPADA do que nunca. A audiência do meu programa estava incrível. A Galaxy planejava renovar meu contrato em dezembro, então parecia que ficaríamos em Nova York por um tempo. Estranhamente, eu estava lidando bem com isso. Graças a Haven, consegui perder meu ódio por Manhattan. Viver com ela, explorar e encontrar o nosso caminho juntos definitivamente foi a causa da minha mudança de opinião.

Somos oficialmente um casal há seis meses, o que, no tempo de Haven e Vaughn, equivalia a seis anos. Durante esse tempo, comecei com meu novo assistente, Brandon. Ele foi minha segunda contratação desde que Haven se demitiu. Ele era tão eficiente quanto Haven? Não. Mas, em sua defesa, ninguém era. O importante era que ele me mantinha organizado. Minha primeira assistente, Alice, foi um desastre. A mulher era muito organizada, mas tecnologicamente desafiadora. Depois de acabar com dois notebooks por conta de café e com um celular no banheiro, tive de demiti-la ou iria à falência.

Para comemorar os seis meses, embarcamos no jato particular da gravadora de Jack em Teterboro, Nova Jersey. Eu devia muito ao meu primo por me ajudar a organizar esta escapadela perfeita de fim de semana... é claro, *perfeita* entre aspas.

Eu devia à sua esposa também. Desde que Haven começou a trabalhar para ela, se tornaram grandes amigas. Eu precisava de toda a ajuda que pudesse, e

tanto Lizzy quanto Leila se aproximaram de mim. Foi necessária uma coordenação colossal para conseguir organizar tudo. Cada detalhe foi considerado.

Janelas fechadas desde a decolagem até o pouso, nenhuma menção de destino pela tripulação e uma venda assim que pousamos foram apenas alguns dos elementos necessários para mantê-la em suspense.

Foi um trabalho árduo surpreender Haven, mas valeu a pena. Eu antecipei que o olhar em seu rosto, uma vez que minha surpresa fosse revelada, seria comparado a olhar para o sol.

Por conta do nosso retiro dos namorados, eu criei um parâmetro exagerado e tracei o objetivo de continuar fazendo isso a cada marco que celebrarmos. Haven apreciou a breiguice, o que foi perfeito porque era isso que ela sempre teria ao ficar comigo.

Ela se sentou ao meu lado na limusine que nos levaria do aeroporto para a nossa próxima parada. Observar a maneira como ela virava a cabeça vendada de um lado para o outro enquanto tentava descobrir para onde estávamos indo me fez rir. Ao som da minha risada, seus lábios cheios se contorceram em um sorriso.

— Eu estou te divertindo, estou escutando.

— Sempre. — Eu beijei seu pescoço, acrescentando: — Eu te disse quão bonita você é?

Ela se virou para o meu rosto, seu sorriso crescendo.

— Sim, algumas vezes.

— Bem, é verdade. — Com seu rosto diretamente diante do meu, pressionei meus lábios contra os dela, sentindo sua plenitude suave antes de passar a morder um pouco seu pescoço.

A pele de seus braços se arrepiou, e um gemido suave escapou quando mordeu o lóbulo da sua orelha.

— Você está me deixando toda excitada — ela murmurou, sem fôlego. Minha atenção se concentrou na maneira como a carne rechonchuda de seus lábios tingidos de rosa se movia a cada palavra.

— Não vejo problema nisso.

— Eu já te disse que amo a sua voz?

Sua confissão me surpreendeu.

— Não, você não disse.

— Eu amo. Antes de ficarmos juntos, sempre que eu ouvia seu programa, sua voz me fazia fantasiar muita coisa. — Ela levantou as mãos, passando pela minha mandíbula, a barba por fazer e pela minha testa. Ao descer pela ponte do meu nariz, disse: — Mesmo que você não estivesse perto de mim, eu podia visualizar seu rosto enquanto você falava. Eu podia imaginar cada expressão que você fazia. Mesmo sem te ver, eu te tenho memorizado em todos os mais perfeitos detalhes.

Seu polegar deslizou sobre meus olhos fechados.

— Eu posso encontrar a cor cinza dos seus olhos em uma roda de cores em um minuto, assim como a cor exata das manchas mais escuras dentro deles. — Ela repetiu o movimento sobre meus cílios. — A maneira como eles são emoldurados por esses cílios pretos me tira o fôlego. — O mesmo polegar traçou as linhas do meu nariz. — Esse nariz, tão reto, tão másculo. E sua boca — acrescentou antes de passar o polegar sobre meu lábio superior e depois no inferior. — Sua boca me faz esquecer meu próprio nome. Antes que eu soubesse como era, imaginava que iria desmoronar se você me beijasse com essa boca magnífica.

Seus lábios se aproximaram e me beijaram por um breve momento.

— Então, quando essa boca magnífica realmente encostou em mim pela primeira vez, foi um milagre que eu tenha lembrado de respirar.

Cada declaração endureceu um pouco mais meu pau. Quando outro beijo veio, dessa vez mais intenso, mais firme e mais exigente, ele implorou por algum tipo de toque.

Quebrei o beijo. Era necessário.

— Talvez eu estivesse errado, de fato há um problema em fazer você ficar excitada agora. — Pressionei a mão dela no meu pau para provar o meu ponto.

— Eu posso ajudar com isso — disse ela com um aceno de cabeça ansioso.

— Guarde essa vontade. Nós chegamos, então teremos que continuar mais tarde. — Eu não esperei que ela respondesse e rapidamente abri a porta do

carro para ajudá-la a sair. O som de água correndo fez com que ela inclinasse a cabeça enquanto caminhávamos. — Pronta? — perguntei uma vez que a posicionei onde eu precisava que ela estivesse.

— Sim. — Seus dedos delicados agarraram a barreira de ferro diante de nós. Fiquei atrás dela e coloquei meus lábios em sua orelha.

— Haven, eu te amo mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa nesta terra. Esta viagem foi por duas razões. Primeiro, você está morrendo de vontade de vir aqui, e segundo, este lugar representa como você faz eu me sentir. O que você está prestes a ver é o que eu sinto por você quando olho em seus olhos, beijo você, faço amor com você. Eu quero que esse sentimento me consuma todos os dias pelo restante da minha vida. Eu quero que nunca acabe, que nunca pare... assim como essas cachoeiras. — Tirei a venda dos olhos dela e esperei um momento. — Brega o suficiente para você?

Ela ofegou e se inclinou para o meu corpo.

— É a quantidade perfeita de breguice, Vaughn.

— Eles dizem que esta é a Capital Mundial da Lua de Mel. — À menção da palavra lua de mel, ela ofegou novamente.

— Espere... vamos nos casar hoje?

— Não, hoje, não. Eu tenho outros planos bregas para isso, que podem ou não incluir um imitador de Elvis. Hoje estamos aqui para que eu possa pedir que você seja minha esposa. — Com a gente ainda de frente para a magnificência daquelas águas, peguei sua mão esquerda e coloquei um anel de noivado em seu dedo.

Ela se virou em meus braços, com os olhos arregalados e lacrimejantes.

— Você é minha, Haven. Cada parte de você pertence a mim... e cada parte de mim pertence a você. Case comigo, Haven. Seja minha esposa, minha parceira, minha melhor amiga para sempre.

Sem um segundo de atraso, sua cabeça balançou e sua voz suave disse:

— Sim.

Nossos olhos se conectaram, assim como nossos lábios.

Mal ouvimos os aplausos da multidão que observava o som volumoso da cachoeira. Estávamos completamente alheios a qualquer coisa ou a qualquer

pessoa ao nosso redor. Como nos beijamos da maneira apaixonada usual, tudo o que eu podia pensar era que a etiqueta social adequada fosse para o inferno, que me prendessem, se necessário... porque eu precisava beijar minha garota do jeito certo.

A.M. Madden





Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **TIKTOK:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>
- ✓ **YOUTUBE:** <https://www.youtube.com/@allbookeditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.

<https://www.allbookeditora.com/newsletter>